LIÇÕES DA UNIVERSIDADE DA VIDA

Do original: LESSONS FROM THE 'VARSITY OF LIFE, London: C. Arthur Pearson Ltd., 1933.

Robert Stephenson Smyth Baden-Powell of Gilwell

Versão para o português (Brasil) de Fernando Antônio Lucas Camargo

ESTA É UMA OBRA INDEPENDENTE; NÃO É UMA OBRA OFICIAL DA UNIÃO DOS ESCOTEIROS DO BRASIL OU POR ELA AUTORIZADA. ESTA TRADUÇÃO LIVRE FOI FEITA COMO EXERCÍCIO INTELECTUAL DE MANUTENÇÃO DA PROFICIÊNCIA NO IDIOMA, SEM FINS LUCRATIVOS DE QUALQUER NATUREZA.

“Ainda que grandes porções da Europa e muitas nações antigas e famosas tenham caído ou possam vir a cair nas garras da Gestapo e de todo o odioso aparato do regime nazista, nós não esmoreceremos nem falharemos. Continuaremos até o fim. Lutaremos na França, lutaremos nos mares e oceanos, lutaremos com crescente confiança e crescente poder aéreo; defenderemos nossa Ilha, custe o que custar. Lutaremos nas praias, lutaremos nos campos de pouso, lutaremos nos campos e nas ruas, lutaremos nas colinas. Jamais nos renderemos, e ainda que – no que nem por um momento creio – esta Ilha ou grande parte dela viesse a ser subjugada e posta à fome, então nosso Império do ultramar, armado e guarnecido pela Esquadra Britânica, continuaria a luta, até que, quando Deus considere propício, o Novo Mundo, com todo seu poderio, avance para o socorro e libertação do Velho”. (Winston Churchill, 04 de junho de 1940)

“Tenho certeza de que, se abrirmos uma disputa entre o passado e o presente, perderemos o futuro. (...) Toda a fúria e o poderio do inimigo devem muito em breve virar-se contra nós. Hitler sabe que terá de nos derrotar nesta Ilha ou perder a guerra. Se pudermos fazer-lhe frente, toda a Europa poderá ser livre, e a vida do mundo poderá seguir para campos amplos e ensolarados. Mas se fracassarmos, o mundo inteiro – incluindo os Estados Unidos, incluindo todos que conhecemos e com quem nos importamos – afundará no abismo de uma nova Idade das Trevas, tornada mais sinistra e talvez mais prolongada pelas luzes da ciência pervertida. Unamo-nos, portanto, para cumprir nossos deveres, e portemo-nos de tal modo que, se o Império Britânico e sua Comunidade chegarem a durar mil anos, os homens ainda dirão: ‘Essa foi sua mais bela hora’”. (Winston Churchill, 18 de junho de 1940)

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho aos historiadores e aos aficionados por História. E, uma vez mais, aos “Soldados Desconhecidos” de todos os tempos.

O TRADUTOR

Fernando Antônio Lucas Camargo ingressou no Movimento Escoteiro em 1983. Conquistou o Nível Avançado como Escotista (Ramo Pioneiro) em 1991, como Dirigente de Formação em 2007 e como Dirigente Institucional em 2012. Atua na Equipe Regional de Formação de Minas Gerais desde 1991, com direção e participação em cursos, elaboração e revisão de manuais de treinamento de recursos adultos. É graduado em Pedagogia (Universidade Federal de Minas Gerais, 1994), pós-graduado em Gestão de Recursos Humanos e Mestre em Educação. Credenciado no Exército Brasileiro como proficiente nos idiomas inglês e italiano. Habilitado pelo Exército Brasileiro como gestor de Comunicações militares, montanhista (11º Batalhão de Infantaria de Montanha – Guia de Cordada nº 1103) e em Assessoria ao Comando e Estado-Maior (U.S. Army Sergeants Major Academy, Turma 50). Integrou o 2º contingente do Batalhão Brasileiro (fevereiro a agosto de 1996) na Missão de Verificação das Nações Unidas em Angola (UNAVEM III). Verteu para a língua portuguesa: *The left handshake: the Boy Scout Movement during the War, 1939-1945*, de Hilary St. George Saunders; *The Scouts' book of heroes: a record of Scouts' work in the Great War*, de F. Haydn Dimmock; *The Chief: the life story of Robert Baden-Powell*, de Eileen K. Wade; *Adventures and accidents*, de Robert Baden-Powell; *Memories of India*, de Robert Baden-Powell; *Aids to scouting for NCOs & Men*, de Robert Baden-Powell; e a edição mesclada *The Chief of Pax* (*The Chief* + *The Piper of Pax*), de Eileen K. Wade.

Obras publicadas:

- **Um romancista em campanha**: Taunay na Guerra do Paraguai. São Paulo: Baraúna, 2010.
- **Jogando para a segurança**: jogos para treinamento em segurança do trabalho. São Paulo: Nelpa, 2010 (coautoria com Miguel Augusto Najar de Moraes).
- **Comida de aventura**: alimentação em atividades de campo. Rio de Janeiro: Livre expressão, 2012.

PREFÁCIO À EDIÇÃO BRASILEIRA

O tradutor desta obra, Fernando Camargo, é um grande estudioso do Movimento Escoteiro, como pudemos observar em outras traduções suas. Já por mais de quinze anos vimos trabalhando juntos na construção e aplicação de eventos formativos para os quadros adultos da União dos Escoteiros do Brasil, inclusive na elaboração e atualização de material de consulta.

Fervoroso leitor e pesquisador, o Chefe Camargo, com larga vivência da profissão militar e conhecimento de suas particularidades, e conhecendo de várias fontes a vida e obra de Baden-Powell, resolveu fazer uma "versão incrementada" da edição oficial da União dos Escoteiros do Brasil. Não como oposição, mas complemento, exigindo um esforço considerável para manter seu contexto original.

Baden-Powell, homem-garoto, irreverente, "menino atentado" mesmo já adulto, falava que que não queria escrever uma história sobre sua pessoa porque estaria fadada a ser uma repetição egoísta da palavra "eu", porém muita gente pediu a ele para contar suas aventuras, achando que seriam úteis aos jovens, auxiliando-os a dar um sentido a suas vidas. "Assim, é principalmente para eles – incluo tanto garotas quanto rapazes no termo "jovens" – que escrevo, considerando o que passei pela **universidade do mundo (ou da vida)**".

B-P foi um excelente contador de histórias. Mesmo os manuais militares que escreveu, incluindo o famoso *Aids to Scouting*, estavam recheados de "causos". Na presente obra, B-P narra os fatos marcantes da sua vida. Com muita riqueza de detalhes, auxiliados por mais de 600 observações de rodapé. Uma verdadeira obra acadêmica e para fins de consulta, características marcantes dos trabalhos do Chefe Camargo.

Os seres humanos aprendem por espelhar-se em referências. E Baden-Powell foi uma excelente referência. O jovem que passou pelo Movimento Escoteiro desenvolve atributos como: cuidar de si, conviver com os outros, trabalhar em equipe, ser moderado em suas

necessidades, “sorrir na adversidade”, base moral sólida e outras características.

B-P cita JANES, na “*Fishing Gazette*”: “Ninguém pode passar pela vida, assim como não percorre um campo, sem deixar vestígios, e esses vestígios podem, muitas vezes ser úteis àqueles que virão depois, ajudando-os a encontrar o caminho”.

Já Santo Agostinho dizia: “Mesmo que já tenha feito uma longa caminhada, sempre haverá mais um caminho a percorrer”.

E foram esses os caminhos deixados por Baden-Powell. A justificativa para aventurar a escrever seus relatos, segundo ele, era ter vivido uma DUPLA VIDA:

Na VIDA número 1 – como um oficial do Exército, tendo uma sorte extraordinária, amor pelo trabalho e rápida promoção pelos sucessivos postos.

Na VIDA número 2 – a idealização do Movimento Escoteiro. Ter a experiência extraordinária de ver o Movimento crescer, desde o acampamento na Ilha de Brownsea até tornar-se uma grande Fraternidade, abrangendo praticamente todos os países do mundo.

Essa Fraternidade encontra expressão até mesmo em situações extremas como as guerras. No Japão, há um monumento ao Soldado Escoteiro Desconhecido, cuja origem está na seguinte história: durante a batalha pela ilha de Okinawa, um fuzileiro norte-americano, ferido, perdeu os sentidos, e voltou a si a tempo de ver um soldado japonês. Quando o japonês o viu, aprontou-se para avançar com a baioneta e matá-lo. Devido à perda de sangue, o americano desmaiou novamente, já contando que não acordaria mais; por algum motivo, ao desmaiar, fez a saudação Escoteira. Quando voltou a si , seu ferimento fora tratado e protegido, havia água ao alcance, e em seu bolso tinha sido colocado um bilhete, que dizia mais ou menos o seguinte: “Eu sou o soldado que ia matá-lo. Mas você, antes de perder os sentidos, fez a saudação Escoteira. Eu fui Escoteiro, e assim, não poderia, conscientemente, matar um irmão Escoteiro. Tratei seu ferimento da melhor forma que pude. Boa sorte”. O americano sobreviveu à guerra e descobriu que o japonês havia morrido

nessa batalha. Mas esse gesto de fraternidade foi registrado de maneira imorredoura (www.wikipedia.org/wiki/list_of_scouting_memorials).

Em sua história mais que centenária, o Movimento Escoteiro continua a fazer o seu melhor possível para educar pessoas que sejam participantes ativas em prol do desenvolvimento de suas comunidades, promotoras da paz e do respeito entre os povos e os indivíduos. O Movimento sobreviveu a duas guerras mundiais, guerras ideológicas e religiosas, ascensões e quedas de regimes, descolonização, doenças antigas e novas, "limpezas étnicas", problemas internos de cada país, mostrando a validade de seus fundamentos.

O Movimento idealizado por Baden-Powell extrapola fronteiras mesmo em países em grandes conflitos. O Movimento prega a ***liberdade*** de pensar e escolher, a ***igualdade*** nos direitos fundamentais das pessoas em qualquer situação, e principalmente, a ***fraternidade,*** característica marcante nas nossas atividades e atitudes Escoteiras.

Segundo um autor desconhecido, "Na escola da vida não há férias". A autobiografia de B-P traz não apenas os "causos" de um indivíduo que deixou uma marca positiva no mundo, mas também lança luz sobre as origens de muitas das mazelas do mundo do século XXI. Portanto é uma obra para ser lida, refletida, assimilada porque reflete a realidade mundial em muitos aspectos.

Sempre Alerta!

Chefe IM4 Blair de Miranda Mendes – Região Escoteira de Minas Gerais

Geógrafo, Mestre em Ensino de Ciências e Matemática, professor, piloto privado e radioamador

LIÇÕES DA UNIVERSIDADE DA VIDA

INTRODUÇÃO À VERSÃO BRASILEIRA

A primeira fonte para conhecer o Fundador do Movimento Escoteiro é sua autobiografia, *Lessons from the 'varsity of life*, cuja primeira edição brasileira (1986) foi, por motivos de custos editoriais, simplificada; li-a em 1991. Quando li o texto original alguns anos depois, percebi quantas passagens saborosas haviam sido cortadas. Em 2009, finalmente publicou-se uma edição integral em português brasileiro. Essa versão foi um projeto do então Pioneiro Felipe Marinho Maciel, do 21º/MG Grupo Escoteiro Mangabeiras, para conquista da Insígnia de B-P (Distintivo Especial do Ramo Pioneiro).

Ainda nos anos 1990, pude ler a biografia escrita por Tim Jeal, que, complementando a autobiografia, ajudou a desmitificar o Fundador. Já me pediram para vertê-la para o português. É trabalho bastante alentado, não sei se darei conta de fazê-lo nesta encarnação. Quem sabe?

A excelente obra do Chefe Boulanger, *O Chapelão*, trouxe outras perspectivas desse personagem que levou a vida como um "homem-garoto".

Conheci *The Chief* (edição de 1975, revisão de *The Piper of Pax*), de sua secretária Eileen Wade, assim como algumas outras obras do e sobre o Fundador, ao garimpar na página *The Dump*, da Associação Escoteira do Canadá (www.thedump.scoutscan.com). Ótimo complemento para a autobiografia, ainda mais que a Sra. Wade, além da convivência muito próxima da família, obteve muito do que registrou nas próprias anotações pessoais de B-P; daí ter-me lançado ao esforço de traduzi-la.

A versão integral brasileira de *Lessons from the 'varsity of life* atende bem ao leitor, e foi oficializada pela UEB. Não obstante, notei algumas particularidades que poderiam ter maior precisão, mercê das referências adicionais de que disponho em relação ao tradutor da edição de 2009: vivência da profissão militar e conhecimento de suas peculiaridades (inclusive do jargão) e a experiência com expressões

típicas da época de B-P, adquirida ao traduzir outras obras dele ou sobre ele. Assim, propus-me, como exercício intelectual, fazer uma "versão incrementada" da edição oficial – não como oposição, mas como complemento. E, fiel ao meu hábito da "geração troglodita", faço a versão, a partir do original, "na unha" – isto é, sem usar tradutores automáticos. Isso faz que o processo seja um pouco mais demorado, mas empresta ao trabalho um caráter mais marcante de conquista pessoal.

Verter uma obra de um idioma para outro exige algum esforço. Há expressões idiomáticas, jogos de palavras e trocadilhos que por vezes podem ser perdidos, ou ficar sem graça fora do seu contexto original. Além disso, há expressões típicas do final do século XIX e primeira metade do XX, que podem ser dificilmente traduzíveis, e aquelas que são do jargão profissional[1]. O trabalho de versão para outro idioma demanda mais que substituir uma palavra por outra: é preciso entender toda a mensagem, o "espírito" de uma frase, ou até de um parágrafo inteiro, para, então, fazer a transposição (tive de fazer isso instantaneamente, ao trabalhar como intérprete, na Força de Paz em Angola, 1996). Fez-se a adaptação na medida do possível e, quando preciso, adicionaram-se notas explicativas – especialmente para contextualizar alguns dos episódios, ou para esclarecer alguma situação caracteristicamente militar ou peculiar ao período[2]. Para algumas das notas, usei, como o outro tradutor, a consulta a sítios de busca na internet, mas também fontes bibliográficas do meu próprio acervo – inclusive as outras obras de/sobre B-P, ou de história do Escotismo, que verti para o português.

Advirto ao leitor que pode encontrar ao longo do texto algumas expressões racistas, ou que possam ser entendidas como machistas ou

[1] Por exemplo, se B-P, num trecho de um escrito seu, diz "the boar turned about", não quer dizer que o javali virou sobre alguma coisa, mas sim, que ele fez meia-volta. O comando de ordem unida "meia-volta volver", em inglês, é "about turn", para os britânicos, e "about face", para os americanos (corruptela de "volte face", dos franceses).

[2] Sobre algumas percepções de B-P a respeito dos não-europeus, cabe lembrar que ele viveu no apogeu da Era dos Impérios, sob o ideário do "fardo civilizador do homem branco", e sob a moral vitoriana. E ainda assim, foi capaz de desenvolver ideias muito mais avançadas que a maioria de seus contemporâneos.

"de moral retrógrada", ou de saberes já refutados; por exemplo, em *Reminiscências da Índia*, B-P relata que fazia inspeções em seu Esquadrão para verificar se os homens estavam com o "cinturão de cólera" – uma faixa abdominal de lã usada sob o uniforme para, mantendo o abdômen aquecido, evitar o contágio pela cólera-morbo; ainda não era de amplo conhecimento ser a doença causada pelo *Vibrio cholerae* e não ter nada a ver com o uso de tais adereços. Essas noções faziam parte da visão de mundo de um homem europeu de meados do século XIX e começo do XX, quando se dava credibilidade a coisas como eugenia, hierarquia entre as "raças (atribuindo legitimidade à missão civilizadora do homem branco para superar a indolência e atraso produzidos pelos climas quentes)", fisiognomonia e estereótipos construídos em uma sociedade machista e patriarcal. E para fazer desta uma versão integral, não censurei nenhum trecho do texto original. Cuidei, sim, de explicar o que possa causar estranheza ou desconforto nas notas de rodapé (o que não significa justificar ou compartilhar tal ideário – entender não é necessariamente apoiar).

Iniciei este trabalho em 04 de junho de 2020, 80º aniversário da conclusão do resgate das tropas anglo-francesas cercadas em Dunquerque, na Segunda Guerra Mundial. A data é significativa: foi o momento de maior vulnerabilidade da Grã-Bretanha diante da ameaça das forças de Hitler, e o dia em que Winston Churchill proferiu seu arrebatador discurso "*We shall fight on the beaches*" – cujo trecho final pus na epígrafe. Dei-o por terminado em 11 de novembro de 2023, dia do Armistício da Primeira Guerra Mundial (1918), Dia do Soldado Desconhecido, Dia da Lembrança, dia em que se homenageiam os mortos de todas as guerras, inclusive Escoteiros, que em nome do cumprimento do dever foram até o último sacrifício. Obscuro e anônimo soldado que também sou, apenas um número substituível entre os que pagam o preço dos caprichos dos grandes, presto com meu trabalho minha respeitosa continência aos irmãos de armas que já "foram para oeste".

Nestes inícios do século XXI, em vários países crescem os ataques à "bagunça democrática", a recusa ao diálogo leva à radicalização, e a

tentação dos "regimes de força" mostra sua carantonha na forma da hipótese do "Estado pós-democrático[3]"; a par disso, há um processo de fragmentação do tecido social (tendência apontada por Hobsbawm, em sua *Era dos extremos*) em vários microgrupos, cada qual excluindo, quando não hostilizando os "outros" e inclinando-se para a violência e o autoritarismo; um "renascimento religioso" provindo da descrença na capacidade humana de enfrentar suas mazelas induz níveis de ignorância, intolerância e ódio que se pensava poderem ser contidos pelo conhecimento científico e pelo Estado democrático de direito.

As datas de início e término deste trabalho são propícias para lembrar que a formação Escoteira é incompatível com regimes autoritários (de direita, de esquerda ou de qualquer motivação) e com o segregacionismo ("racial", sexista, religioso ou outros). Uniformizados ou não, pegando em armas ou não, os Escoteiros, ao longo de seus quase 120 anos de história, vêm fazendo o seu melhor possível para que o mundo não afunde no "abismo de uma nova Idade das Trevas, tornada mais sinistra, e talvez mais prolongada, pelas luzes da ciência pervertida", como disse Churchill em seu discurso *Their finest hour* (18 de junho de 1940 – também na epígrafe). Que os princípios propostos pelo "Toalha de Banho" nos ajudem a superar os recifes que o século XXI traz diante de nossa canoa.

Vamos à leitura?

[3] Tendência indicada por autores como Rubens Casara, David Runciman ou Steven Levitsky & Daniel Ziblatt. Um apregoado "excesso de direitos dados a quem não os merece" ou o "aproveitamento das brechas democráticas" por criminosos, terroristas ou intolerantes abre as portas para regimes de arbítrio, sejam de fundo religioso ou temporal.

DEDICATÓRIA DO AUTOR

Dedico àquela que me trouxe o sucesso – isto é, a felicidade: MINHA ESPOSA.

MINHAS ESCUSAS

Quão boa é a vida do homem – o simples fato de viver.
(Robert Browning)

Este mundo em que vivemos
É bem difícil de bater:
Claro que há espinhos em toda rosa,
Mas – como são doces as rosas!
(Frank L. Stanton)

Ninguém pode passar pela vida, assim como por um trecho de terreno, sem deixar rastros atrás de si, e esses rastros frequentemente podem ser úteis a quem vem depois para achar seu caminho.

Sempre me lembro das palavras de despedida do meu velho diretor de escola: "Meu jovem, nunca..." Não vou escrevê-las. Como tolo, desconsiderei-as – e paguei bem caro por isso; tivesse eu um filho, eu as martelaria em sua cabeça incessantemente. Que idiotas somos quando jovens! Admiramos a nós mesmos como sabichões, esquecendo que os "com mais tempo de juventude" já se graduaram na universidade do mundo, a maior universidade de todas, e a cada dia deveríamos aprender com eles.
(Janes, em *Fishing Gazette*)

Eu não queria escrever esta narrativa sobre mim mesmo; uma autobiografia tende a ser uma egocêntrica repetição do pronome "eu"; mas várias pessoas me pediram para apresentar por escrito algumas das minhas experiências, porque poderiam ser úteis aos mais jovens para darem sentido a suas vidas.

Assim, é principalmente para eles – incluo tanto garotas quanto rapazes no termo "jovens" – que escrevo, considerando-se que passei pela universidade do mundo (ou da vida), mencionada acima.

Não pretendo fazer uma biografia formal, começando como bebê e seguindo progressivamente pelos anos de minha vida. Será mais uma espécie de "mexidão" ou "pudim de ameixas", apesar de eu temer que as ameixas sejam poucas e que vocês tenham de pinçá-las da mistura por si mesmos.

COMO ENRIQUECER

Atentem que minha jornada na terra foi tão divertida quanto a de qualquer outro homem, então posso falar com algum conhecimento de causa.

Um redator do *Manchester Guardian*[4], que por sinal me é desconhecido, descreveu-me recentemente como "o homem mais rico do mundo". Parece um bocado exagerado, mas quando penso sobre isso, acredito que ele não está muito errado.

Um homem rico não é necessariamente alguém que tem um pote cheio de dinheiro, mas sim um homem que é verdadeiramente feliz. E isso eu certamente sou.

Conheci muitos milionários que não eram realmente felizes; eles não haviam conseguido tudo o que queriam e, portanto, deixaram de alcançar o sucesso na vida. Um provérbio cingalês[5] diz: "Aquele que é feliz é rico, mas isso não quer dizer que aquele que é rico seja feliz".

O homem realmente rico é aquele que tem menos necessidades.

Quase toda biografia apresentará sugestões úteis para obter sucesso na vida, mas nenhuma é melhor ou mais infalível que a biografia de Cristo[6].

Se vocês leram *Rovering to success*[7], terão notado que minha noção de sucesso na vida é Felicidade. A felicidade, como diz Sir Henry Newbolt[8], é em grande parte conseguida "espalhando felicidade".

Algo que muitos jovens parecem não perceber de início é que o sucesso depende de cada um a fazer por si, e não de uma sorte generosa ou do interesse de amigos poderosos.

---

[4] Jornal britânico.

[5] Oriundo do Sri Lanka, antigo Ceilão.

[6] Não nos esqueçamos: Baden-Powell era filho de um reverendo anglicano – ainda que o Professor Powell tivesse algumas ideias em desacordo com alguns dogmas.

[7] Publicado no Brasil como *Caminho para o sucesso*. Quando B-P mencionar algum título de livro, usarei o original no corpo do texto.

[8] Poeta, romancista e historiador inglês (1862-1938). Foi diretor na Agência de Propaganda de Guerra, durante a Primeira Guerra Mundial, coordenando o trabalho (e a censura) dos correspondentes de guerra junto às forças britânicas (www.wikipedia.org).

Repetidas vezes tenho explicado que o propósito do Movimento Escoteiro e das Guias[9] é desenvolver homens e mulheres como cidadãos dotados dos três atributos[10]: Saúde, Felicidade e Prestatividade. O homem ou mulher que tenha conseguido desenvolver esses três atributos assegurou-se os principais caminhos para ser bem-sucedido na vida.

Outro dia, foi-me perguntado se eu poderia definir, em poucas palavras, qual o melhor passo a dar na vida. Respondi que poderia fazer isso em três palavras: UM CASAMENTO FELIZ, significando que aquele que consegue conquistar a duradoura afeição de um bom cônjuge deu seu melhor passo na vida.

Por um casamento feliz, não me refiro apenas a uma alegre lua-de-mel de algumas semanas ou meses, seguida de tolerância mútua, mas sim a uma lua-de-mel que perdure por anos. *Experto crede*[11]!

Entretanto, há ainda mais uma coisa que é necessária para o sucesso completo, e essa coisa é prestar serviços a outros na comunidade. Sem isso, a mera satisfação do desejo egoísta não levará à plena felicidade.

MINHA DUPLA VIDA

Outra justificativa para eu me aventurar a escrever este relato é que tive a experiência quase única de ter vivido uma dupla vida.

Não quero dizer exatamente o que vocês poderiam pensar disso!

Vida número 1 – Não, o que quero dizer é que comecei na vida, depois de deixar a escola, como um jovem oficial no Exército e, por uma feliz combinação de uma sorte extraordinária com um imensurável amor pelo meu trabalho, obtive rápida promoção pelos sucessivos postos.

Nessa vida, havia o romantismo de ver países estrangeiros por conta do meu governo, servindo sucessivamente na Índia, Afeganistão,

---

[9] Cabe lembrar que quando B-P escreveu esse livro, havia dois Movimentos gêmeos: o Escotismo era para os rapazes e o Guidismo, para as garotas.

[10] No original, os três "H's": *Health, Happiness and Helpfulness*. *Helpfulness* é a prontidão para ajudar, para servir ("ajudar o próximo em toda e qualquer ocasião"), que traduzi como "Prestatividade".

[11] Latim no original: "Creiam no mais experiente"!

África do Sul, África Ocidental e Egito. Havia as campanhas, o esporte[12], a camaradagem; havia durezas, doenças e despedidas, sombras que permitiam apreciar melhor a luz do sol.

Couberam-me tarefas grandes e pequenas; como Ajudante[13], como Comandante de Esquadrão e, finalmente, como Coronel comandando meu Regimento, eu tive o que creio ser a parte mais divertida das responsabilidades que podem recair sobre alguém, na qual eu tinha contato estreito com meus subordinados.

Mas eu ainda recebi encargos maiores, sobre os quais falarei em outro capítulo mais adiante, como, por exemplo, recrutar um contingente de batedores nativos para a Expedição Ashanti, servir como Chefe do Estado-Maior na Campanha da Matabelelândia[14], comandar aquele esplêndido grupo de homens e mulheres que defenderam Mafeking na Guerra dos Bôeres[15], e o maior de todos, organizar a Força Policial Sul-Africana (*South African Constabulary – SAC*) para a pacificação daquele território após a campanha.

Por fim, alcancei o topo da carreira em minha especialidade no Exército, como Inspetor-Geral da Cavalaria[16], com suas inspiradoras oportunidades de preparar nossos cavalarianos para a Grande Guerra que se aproximava.

---

[12] Ao falar de "esporte", B-P se refere principalmente à caça (ao javali, com lança, e a outros animais, com arma de fogo) e ao polo.

[13] Encarregado da Administração de Pessoal da Unidade (escala de serviços, controle de efetivos, apresentações e movimentações, pagamento, etc.)

[14] Porção sul e oeste do atual Zimbabwe, sendo Bulawayo a principal cidade. Bulawayo é atualmente a segunda cidade do Zimbabwe. A porção norte e nordeste é a Mashonalândia, onde fica a capital Harare (antes chamada Salisbury). O lado leste é a Manikalândia, o sudeste é Masvingo e há as Midlands, área central do país.

[15] B-P refere-se à Segunda Guerra Anglo-Bôer (1899-1902). A Primeira é pouco lembrada, por ter sido bem mais curta (dezembro 1880 a março de 1881) e terminada com vitória dos bôeres.

[16] Era a comissão considerada a "Faixa Azul" na carreira do oficial de Cavalaria.

Assim, com a idade relativamente baixa de quarenta e dois anos, eu era um Major-General[17], e aos cinquenta e três, após uma maravilhosa sucessão de golpes de sorte, concluí minha carreira militar e passei para a Reserva Remunerada.

Vida número 2 – Então comecei na minha segunda vida, totalmente nova, em plano diverso, mas, como na número 1, envolvendo a Exploração[18].

Casei-me com aquela que seria meu braço direito em fazer crescer não apenas nossas próprias crianças, mas também a vasta família de Escoteiros e Guias, quando as organizações vieram a existir.

Deleitamo-nos na experiência extraordinária de ver o Movimento crescer desde a pequena bolota do acampamento de vinte e cinco garotos[19] na ilha de Brownsea, para tornar-se uma Fraternidade que abrange quase todo país civilizado no mundo, com um censo, neste ano [1933], de dois milhões e novecentos mil membros.

Este foi um breve esboço de minha vida. Apresentei-o apenas como um resumo, para que vocês possam ver a forma geral em que este livro tratará de alguns dos seus detalhes.

---

[17] Correspondente a General-de-Divisão no Exército Brasileiro.

[18] Exploração, Reconhecimento: missão da Cavalaria, executada pelo Esclarecedor, Explorador, Batedor (Scout). No original, a ligação entre as "duas vidas" de B-P é o *Scouting*, que em português deu dois termos distintos: Exploração e Escotismo.

[19] Na verdade, vinte e um. Os vinte das quatro Patrulhas e seu "ordenança", Donald Baden-Powell (à época com 9 anos), filho do irmão George.

CAPÍTULO I
MINHA EDUCAÇÃO

Qual foi meu preparo para a vida? Qual foi minha educação?

Alguns de vocês poderão pensar: "Sim, muito bem, mas o senhor (ou seja, eu) provavelmente teve um bom começo, com muito dinheiro e carradas de sorte".

Por certo, tive um bocado de sorte. Mas a sorte é algo como a coragem, você vem com alguma, mas a maior parte você conquista por si mesmo.

Mas o que é ainda mais certo é que dinheiro eu não tinha. Quando seu pai é um clérigo com quatorze filhos, e você é o antepenúltimo deles, não se pode dizer que haja muito dinheiro disponível para você[20].

Do meu pai, obtive pouco na educação, pois ele morreu quando eu tinha três anos de idade[21]. Foi uma grande perda para mim, pois ele era um homem de muitos talentos[22].

---

[20] Inclusive, quando de sua aprovação no concurso para o Exército, B-P optou por fazer a formação no corpo de tropa, servindo no Império (no caso, o 13º de Hussardos, para o qual foi designado, estava na Índia). É possível que houvesse algum adicional pelo serviço no ultramar (não houve como verificar essa possibilidade); mas o serviço nas colônias era "mais barato" que na Metrópole, principalmente devido ao custeio de fardamento, moradia e alimentação, fora os eventos sociais. Fardamento e equipamento são custeados pelo próprio militar; no caso da Cavalaria, o equipamento do cavalo também. São vários uniformes para diversas situações. E não basta ter, é preciso ter sempre com boa apresentação. Na Inglaterra, B-P passaria muito aperto com seus vencimentos de Aspirante, Tenente e Capitão, mas na Índia podia até dar-se ao luxo de ter empregados domésticos.

[21] O Reverendo (e Professor) Powell, nascido em 1796, morreu em junho de 1860, quando o filho caçula, Baden Fletcher (futuro oficial de Artilharia no Exército), tinha um mês de idade. Dona Henrietta foi a terceira esposa, sendo o Reverendo viúvo dos dois casamentos anteriores. Foi casado com Eliza Rivaz (1821-1836, sem filhos), Charlottte Pope (1837-1844, 4 filhos) e Henrietta Grace Smyth (1846-1860, 10 filhos) (www.wikipedia.org).

[22] O Professor Powell, matemático, tinha uma grande variedade de áreas de interesse, mas era especialmente orientado para a educação, ciência e filosofia. Foi um dos colaboradores numa coletânea de ensaios sobre cristianismo e ciência. Defensor da teoria da evolução das espécies; era amigo dos principais escritores e cientistas de seu tempo (www.wikipedia.org).

Para minha sorte, uns nove anos depois da morte de meu pai, sua memória foi alvo de ataques pelo Dr. Pusey[23], que escreveu tão graves acusações contra a sua forma de expressar a fé cristã, que gerou um coro de indignação e de refutações por aqueles que o haviam conhecido e admiravam suas ideias animadas de uma mente aberta. Se elas eram avançadas para seu tempo (pois ele era tanto um cientista quanto um pregador religioso), eram percepções que hoje em dia são livremente discutidas e geralmente aceitas. Não fosse por essa defesa feita em seu favor, eu poderia jamais ter sabido de suas qualidades.

MINHA MÃE[24]

Todo o segredo do meu sucesso está em minha mãe. Não sei como essa mulher maravilhosa deu jeito de nos criar todos de modo a nenhum de nós fracassar, e por que modo ela não sucumbiu à ansiedade e às tensões de toda ordem, é coisa que meu entendimento não alcança.

Não apenas ela, uma pobre viúva, conseguiu nos alimentar, vestir e educar, mas ainda achou tempo para fazer outros trabalhos no mundo, particularmente como uma das fundadoras do Movimento das Escolas Secundárias Femininas, que tanto fez pelas mulheres de hoje. Foi sua influência que me guiou pela vida, mais que quaisquer preceitos ou disciplina que eu tenha aprendido na escola.

PRIMEIRAS AMBIÇÕES

Quando criança, claro que eu queria ser maquinista de trem[25], como era, assim o creio, a ambição de 99% dos garotos[26].

---

[23] Edward Pusey (1800-1882), sacerdote anglicano e Professor Régio de Hebreu na Universidade Christchurch, em Oxford (www.wikipedia.org).

[24] Henrietta Grace Smyth Powell, depois Baden-Powell (1824-1914).

[25] Como, no século XX, ser aviador ou astronauta.

[26] Pelo menos em uma ocasião ele deve ter se sentido satisfeito nessa aspiração. Em *Memories of India* (capítulo V), B-P relata que, quando seu Regimento foi designado para a missão na fronteira da Bechuanalândia, em 1884, o deslocamento para o porto de embarque foi por trem e que, num trecho da viagem, convenceu o maquinista a deixá-lo pilotar "só um pouquinho", e que obteve do trem velocidade considerável (110 km/h) no trecho em que o conduziu.

Mas eu tinha um motivo a mais para tal ambição, haja vista que meu padrinho era Robert Stephenson[27], o engenheiro.

É engraçado pensar que no tempo de uma vida humana a ideia de transporte ferroviário fosse alvo de gozação! O Stephenson pai tinha que explicar que a vaca é que levaria a pior se viesse a trombar com uma locomotiva. John Leech[28] caricaturou a máquina a vapor como um brinquedo para garotos.

Quando tinha oito anos tornei-me um reformador, e um fervoroso socialista. Escrevi as *Leis para mim mesmo quando for mais velho*. Coisas como: "Farei que os pobres sejam tão ricos quanto nós (o que não era dizer muito). Elas também têm o direito de ser tão felizes quanto nós somos. Todos que passam pelos cruzamentos devem dar aos pobres andarilhos algum dinheiro, e deve-se agradecer a Deus pelo que Ele nos deu. Ele fez os pobres para serem pobres, e os ricos para serem ricos, e posso dizer como ser bom. Vou explicar. É preciso orar a Deus sempre que puder, mas não se pode ser bom apenas pela prece. É preciso se esforçar de verdade para ser bom. 26 de fevereiro de 1865".

Sobre isso, meu avô, Almirante Smyth[29], escreveu: "Quanto à sua Lei – oh, Lei! Uma lei não é como uma dança de quadrilha, na qual as pessoas são guiadas saltitando para lá e para cá até não se aguentarem mais nas pernas, como diz Milton[30]. A lei é como remédio; os que menos

---

[27] George Stephenson (1781-1848) foi quem aperfeiçoou a locomotiva a vapor (o inventor foi Richard Trevithick) e sua operação – construiu sua primeira locomotiva em 1814. O filho, Robert Stephenson (1803-1859), padrinho de B-P, incrementou o sistema ferroviário inglês, e é considerado um dos grandes engenheiros do século XIX (www.wikipedia.org).

[28] John Leech (1817-1864), caricaturista e ilustrador britânico. Trabalhou para o periódico satírico *Punch*; educou-se em Charterhouse, tendo sido colega de William M. Thackeray (www.wikipedia.org).

[29] Almirante William Henry Smyth (1788-1865), astrônomo, hidrógrafo e escritor. Ingressou na Marinha Mercante em 1802 e, em 1805, na Royal Navy; nas Guerras Napoleônicas, participou da defesa de Cádiz e na vigilância da costa espanhola e da Sicília. Fez levantamentos hidrográficos das costas da Sicília, Itália, Grécia e África mediterrânica. Dedicou-se à astronomia a partir de 1825, tendo feito várias publicações sobre suas observações dos corpos celestes (www.wikipedia.org).

[30] John Milton (1608-1674), poeta, intelectual e funcionário público britânico. Sua obra mais conhecida é o poema *Paraíso perdido*. Seus escritos políticos – foi um ardoroso partidário da república, ao tempo da

tomam são os que passam melhor. No entanto, fica claro que sua intenção de 'quando for grande' fazer que ricos e pobres tenham peso semelhante em suas bolsas, apenas segue na esteira de Jack Cade[31], que abriu caminho cortando a cabeça de todos os advogados. Esse cavalheiro decretou, quando tomou a Ponte de Londres, que dali por diante todos receberiam tratamento igual, o que de fato aconteceu, uma vez que ele perdeu a própria cabeça, e assim seu decreto foi rigorosamente cumprido".

CHARTERHOUSE[32]

Quando fiz treze anos, fui a Edimburgo e candidatei-me a uma bolsa de estudos para a "Fettes College[33]". Tive sorte suficiente para obter a bolsa como um dos bolsistas fundadores.

Revolução Gloriosa – foram forte inspiração para o ideário da Revolução Americana de 1776 (www.wikipedia.org).

[31] Jack Cade (c.1420 – 1450) liderou uma rebelião de pequenos proprietários de Kent (abril-julho de 1450), contra impostos e preços abusivos, bem como funcionários corruptos; emitiu um manifesto exigindo a remoção de alguns ministros e a entronização de Richard of York, pleiteando o trono contra Henry VI. Suas forças derrotaram um exército real em 18 de junho de 1450, em Sevenoaks (Kent) e entraram em Londres em 3 de julho, prendendo, "julgando" e decapitando o Lorde Tesoureiro e seu genro. A má conduta dos rebeldes (pilhagens e bebedeiras) alienou o apoio dos londrinos, que venceram os rebeldes na Ponte de Londres e os expulsaram da cidade; vários desertaram diante da oferta de perdão pelo governo. Cade continuou a resistir com um grupo bem menor; ferido em combate e capturado em Lewes (Sussex), em 12 de julho, morreu dos ferimentos no caminho para Londres. O cadáver passou por um "julgamento" e foi decapitado e esquartejado, com os pedaços expostos em vários lugares de Kent como advertência contra outras rebeliões. Essa rebelião contribuiu para o questionamento da autoridade real que acabou por levar ao conflito dinástico conhecido como a Guerra das Duas Rosas (www.britannica.com).

[32] Charterhouse tinha esse nome por ter sido, originalmente, um mosteiro dos monges cartuxos (*Ordo Carthusiensis*, um ramo franciscano fundado em Grenoble Chartreuse). O mosteiro foi confiscado por Henrique VIII, quando instituiu a Igreja Anglicana. A escola foi fundada em 1611 por Sir Thomas Sutton (www.wikipedia.org, e também WADE, 1924).

[33] Escola privada sediada em Edimburgo, fundada em 1870, cuja primeira turma teve 53 matriculados, dos quais 40 bolsistas (www.wikipedia.org). Portanto, se B-P tivesse ido para lá, teria sido da turma fundadora, como ele disse.

Mas no fim das contas, não usufruí esse benefício, pois minha sorte foi um pouco além. Apenas uma semana ou duas mais tarde, foi-me concedida matrícula como bolsista[34] em Charterhouse. Aceitei-a.

Eu não era um garoto dos mais brilhantes, nem era, lamento dizer, tão dedicado quanto deveria ser. De acordo com os registros escolares, eu comecei portando-me bem, mas fui piorando com o passar do tempo.

Um dia desses, eu queria inspirar meu filho, Peter, para se esforçar mais nos estudos e melhorar seus resultados nos boletins de seus professores, então saquei meus velhos registros escolares e convidei-o a examiná-los. "Agora, veja isto" – disse eu – "hum... éééé... bem, talvez não esse" (nesse, Monsieur Buisson disse a meu respeito: "Razoável; podia comportar-se melhor"). "Bem, então este – não" (nesse, o Professor Doone registrou-me como "Insuficiente", e meu professor dos Clássicos[35] como "tendo muito pouco interesse nos deveres").

Quando, a despeito dessas observações pouco lisonjeiras, eu tive êxito em alcançar o sexto ano, meu professor dos Clássicos, Dr. T. E. Page, com grande generosidade registrou-me como "satisfatório em todos os aspectos", mas o de Matemática deu o contravapor, dizendo que eu "parecia, para todos os fins, ter desistido de estudar Matemática"; e depois ainda foi relatado que em Francês eu "poderia ir bem, se não tivesse ficado preguiçoso, frequentemente dormindo na aula", e em Ciências Naturais, que eu "não prestava a mínima atenção".

Assim, meus mestres, de um modo geral, pareciam não ter uma opinião das mais elevadas sobre minhas qualidades. Mas o Diretor, o Dr. Haig-Brown[36], um educador de grande personalidade, lidou com isso por,

---

[34] *Gownboy foundationer*. Charterhouse tinha obrigação estatutária de acolher um número determinado de alunos bolsistas – e B-P teve a felicidade de ser incluído nesse número. As escolas "públicas" na Grã-Bretanha, nesse tempo, eram pagas, e era preciso ter uma condição financeira que permitisse arcar com esses custos. A família de B-P entrava na categoria, digamos assim, de "remediada"; a condição de bolsista foi o que permitiu a B-P continuar a escolarizar-se.

[35] Grego, Latim, História Antiga e Arqueologia Clássica.

[36] William Haig-Brown (1823-1907) foi diretor de Charterhouse de 1863 a 1897, continuando lá como professor até sua morte em janeiro de 1907. Considerado um dos quatro grandes reformadores das escolas públicas da era vitoriana (www.wikipedia.org).

apesar das críticas, ver-me de alguma forma como promissor, e registrou que "minhas capacidades eram maiores do que o mostrado em meus registros acadêmicos, e estava plenamente satisfeito com minha conduta".

Essa centelha de encorajamento, devidamente abanada, tornou-se uma chama de energia, quando mais tarde descobri que era realmente necessário pôr-me ao trabalho.

GREGO ERA GREGO PARA MIM

Para mim, foi muito consolador descobrir que homens de maior valor que eu também demonstraram não serem gênios nos assuntos escolares[37]. Winston Churchill[38], em seu encantador livro *My early life* [*Minha mocidade*], confessa que não conseguia aprender nem os Clássicos nem a Matemática quando estava cursando a escola.

John Collier[39] admite que sua educação clássica em Eton[40] não lhe rendeu nada, e Lord Darling[41] recentemente opinou que "nosso país se meteu em infinitos problemas no Oriente simplesmente porque Grego é matéria obrigatória nas escolas públicas. Por isso, muitas pessoas que de outro modo seriam mais sensatas, especialmente o falecido Sr. Gladstone[42], foram levadas a envolver seu país num sem-fim de

[37] Tim Jeal, em sua biografia de B-P, traz uma interessante consideração: que numa escola, aparecer como aluno dedicado (o nosso CDF, ou "nerd") era contraproducente perante os colegas e, além disso, no imaginário da época, não era considerado próprio de cavalheiros esforçar-se. Bons resultados deviam ser vistos como devidos ao talento, dado por graça divina ou pelo "bom nascimento".

[38] Primeiro-Ministro britânico de 1940 a 1945, e de 1951 a 1955. B-P teve seu primeiro contato com Churchill quando este era tenente no 4º de Hussardos e B-P, comandante do 5º de Dragões, num torneio inter-regimental de polo, na Índia. Ao tempo em que B-P escreveu este livro, Churchill estava no seu "limbo político"; entre 1934 e 1939, seria a "voz clamante no deserto" a alertar contra o crescente perigo representado por Hitler.

[39] John Collier (1850-1934), pintor britânico (www.wikipedia.org).

[40] Tradicional escola britânica.

[41] Charles John Darling (1849-1936), barão. Advogado, político e juiz (www.wikipedia.org).

[42] Sir William Ewart Gladstone (1809-1898), político britânico, rival político de Benjamin Disraeli, foi Primeiro-MInistro em quatro períodos (www.wikipedia.org).

compromissos por amor aos gregos[43], tudo porque leram sobre Helena e Ulisses[44], que, a meu ver, tinham uma reputação nada admirável".

Lord Darling, assim como o Sr. Winston Churchill, sente-se feliz "por não ter desperdiçado tempo aprendendo grego, mas tê-lo aproveitado no propósito bem mais útil de aprender inglês[45]".

Do mesmo modo, o finado Lord Birkenhead[46], dotado de brilhante intelecto, confessou-me sua completa ignorância sobre os Clássicos.

Lord Balfour[47], em sua autobiografia, poderia estar falando por mim quando escreveu: "Sabe, quando olho minha vida em retrospecto, fico apavorado em ver quão pouco mudei em setenta anos. Se eu tiver que escrever sobre mim mesmo, terei de expor às pessoas o que sou: um homem preguiçoso, que sempre teve um trabalho nas mãos. Não sou erudito, mas tenho um verniz de inúmeros conhecimentos... Não é por culpa de meus professores que não consegui dominar nem o grego nem o latim; não é minha culpa que nenhuma outra língua jamais me tenha sido ensinada".

---

[43] Começando pela guerra de independência da Grécia (1821-29) e outras disputas. Na Primeira Guerra Mundial, havia uma frente ao sul da antiga Iugoslávia, tendo Salônica como quartel-general. Quando da expedição aos Dardanelos, em 1915, as forças britânicas fizeram sua concentração na ilha de Lemnos. Na Segunda Guerra Mundial (já depois do falecimento de B-P), os britânicos engajaram-se na defesa da Grécia quando da invasão pelos alemães (abril-maio de 1941), e na guerra civil grega do imediato pós-guerra (1945-49).

[44] Personagens da Guerra de Troia, relatada por Homero na *Ilíada*. O rapto de Helena, rainha de Esparta, por Páris, príncipe troiano, foi o que deflagrou a guerra. Ulisses foi quem teve a ideia de infiltrar um grupo de combatentes em Troia dentro de um cavalo de madeira. A "reputação nada admirável" a que Lord Darling se refere deve-se a, segundo a história, Helena ter fugido com Páris, simulando o rapto, e a Ulisses ser considerado o mais astucioso dos comandantes gregos (portanto, por ser hábil em enganar).

[45] Churchill, de fato, mostrou ter aprendido muito bem o uso do idioma inglês. Especialmente seus discursos da época da Segunda Guerra Mundial tiveram o poder de esclarecer e inspirar. Como disse um contemporâneo: "Ele mobilizou a língua inglesa e mandou-a ao combate".

[46] Frederick Edwin Smith, Barão de Birkenhead (1872-1930), politico e advogado britânico (www.wikipedia.org).

[47] Lord Arthur James Balfour (1848-1930) foi Primeiro-Ministro de 1902 a 1905. Quando Ministro do Exterior, emitiu, em 1917, a "Declaração de Balfour", manifestando apoio do governo britânico às aspirações sionistas da criação de um Estado judeu na Palestina (www.wikipedia.org).

O Marechal-de-Campo Sir Henry Wilson[48] foi reprovado duas vezes no exame de admissão para o Exército!

Meu conhecimento clássico não era melhor que o de matemática, mas não consigo enxergar nem onde nem como me teria sido útil mais tarde na vida[49]. Mas consigo ver várias circunstâncias em que teria sido de valor inestimável o real conhecimento de um ou dois idiomas estrangeiros, tanto quanto de inglês, de ciências, de contabilidade, de história geral e geografia, ou, de todo modo, algum método para adquirir esses conhecimentos e praticá-los.

Impor gramática latina e grega a meninos sem interesse nenhum no assunto parece-me um desperdício de tempo tão estúpido quanto fazer meninas sem pendor musical gastarem horas sem fim aprendendo a tocar escalas [solfejar] no piano.

Sei que, ao dizer isso, estou expondo minha ignorância sobre a ciência e teoria da educação, mas estou apenas falando dos resultados que vi no mundo à minha volta.

Alguém disse, com franqueza rude, que "a principal vantagem da instrução dada nas escolas públicas britânicas é que desenvolve bom senso, boas maneiras e tenacidade, mesmo que não transmita muitos conhecimentos[50]".

---

[48] Henry Hughes Wilson (1864-1922), militar e politico britânico (www.wikipedia.org). Não confundir com o também Marechal-de-Campo Henry Maitland (Jumbo) Wilson (1881-1964), que serviu na Guerra Anglo-Bôer e nas duas Guerras Mundiais.

[49] A Sra. Wade, em *The Chief*, relata que B-P anotou: "Muitas coisas boas me atraíam quando eu estava no colégio. De fato, penso que a maioria delas era atraente à sua própria maneira. Mas Grego simplesmente não era uma delas. Eu odiava Grego. Sei que isso soa imoral, mas é inútil fazer qualquer fingimento sobre isso. Eu verdadeiramente detestava. E isso continuou até o último período na escola, e então, bem tarde, é fato, mas antes tarde do que nunca, o Sr T. E. Page me deu um novo olhar sobre o idioma ao demonstrar as possibilidades dramáticas e belezas que se escondiam sob as entonações e acentos". Talvez ele tivesse menos aversão ao Grego se tivesse sabido mais cedo que podia usar no teatro (WADE, 1975). Não é raro que o desinteresse (ou mesmo aversão) por certos conhecimentos escolares derive simplesmente de não se mostrar ao aluno "para que serve aquilo". B-P, como se vê, não foi um grande defensor do academicismo – se bem que, diga-se em seu favor, nunca apoiou o obscurantismo.

[50] Na mesma linha da frase atribuída ao Duque de Wellington: "A batalha de Waterloo foi vencida nos campos esportivos de Eton".

De todo modo, esse sistema educacional mostrou que pode produzir homens infensos à corrupção e ao suborno, capazes de usar a iniciativa, terem autodisciplina e assumir responsabilidades, e, como disse o Sr. Roxburgh[51] em *Eleutheros*[52], "homens aceitáveis num salão de baile e inestimáveis num naufrágio".

Claro, minhas críticas são descabidas hoje em dia. Houve grande progresso na educação e aperfeiçoamento dos métodos ao longo do meio século decorrido do meu tempo de escola, mas os métodos tradicionais custam a morrer, e falham em produzir tantos líderes capazes ou pessoas socialmente engajadas quanto deveriam, dentre os milhares de jovens que as escolas soltam no mundo a cada ano.

Há ainda muitos zangões em nossas colmeias[53], persiste ainda um enorme desperdício daquele material humano, que, especialmente na atual conjuntura[54], seria inestimável para o país se fosse adequadamente educado para a alegria e a aventura de, energicamente, SERVIR.

EXPLORAÇÃO[55]

---

[51] John Fergusson Roxburgh (1888-1954), diretor escolar britânico. Foi aluno de Charterhouse. Serviu no Corpo de Sinaleiros na Primeira Guerra Mundial, mencionado em despachos por atuação em combate em 1918. Em 1923, foi nomeado como o primeiro diretor da Escola Stowe (aí permanecendo até aposentar-se em 1949), estabelecendo altos padrões acadêmicos. Um dos seus alunos foi o ator David Niven. Descreveu seus presentes de aposentadoria de forma irônica: "um relógio para me dizer que meu tempo passou, um carro para eu ir embora, e um cheque com dinheiro suficiente para mandar-me aos antípodas" (www.wikipedia.org).

[52] *Eleutheros, or the future of public schools*, livro publicado em 1930, que discute a educação dos jovens britânicos (www.wikipedia.org).

[53] Porque na colmeia a única função do zangão é a de reprodutor – e ainda por cima, apenas um é selecionado pela abelha-rainha para isso.

[54] 1933, com os regimes totalitários de direita e esquerda florescendo nos anos da Depressão.

[55] No original, *Scouting*. Conforme nota 17. Pouco antes de seguir para a África do Sul em 1899, Baden-Powell pôs a publicar *Aids to Scouting for NCOs and Men*, algo como *Dicas para reconhecimento e exploração para Graduados e Praças*, um manual destinado aos militares de Cavalaria. Já apresentava jogos e simulações como recursos de treinamento para pequenas equipes e indivíduos. Antes de *Aids to Scouting*, B-P publicara outro manual desse tipo, *Reconnaisance and Scouting*. O *Scout* é o esclarecedor, que vai à frente ver "onde está o inimigo e o que ele está fazendo"; deve ser capaz de permanecer longos períodos isolado e sem depender da sua cadeia de suprimento, infiltrar-se, observar sem ser visto, exfiltrar-se e retornar em condições de prestar as informações mais completas; tem de ser um militar inteligente e astuto, observador atento e de excelente condição física. Quando B-P ficou famoso

Ao longo de minha carreira no exército, correu sempre um veio – uma mania, ou o nome que lhe queiram dar – que sempre me obcecou, e que, ao mesmo tempo que me fazia vibrar com o meu trabalho, mostrou-se muito útil ao serviço.

Mais tarde, provou ser o elo que conectou minhas duas vidas, tão pouco similares sob outros aspectos.

Esse elo foi a Exploração.

A Exploração abrange uma faixa bem ampla de atividades. Em poucas palavras, é a arte ou a ciência de obter informações. Antes ou durante uma guerra, é essencial e vital para um comandante, se quer ser bem-sucedido no combate, dispor de informações sobre os preparativos do inimigo, seu efetivo, suas intenções, o terreno, suas circunstâncias, seus movimentos, etc. Portanto, o inimigo, por sua vez, naturalmente buscará manter esses detalhes tão secretos quanto possível.

Assim, a missão que recai sobre quem deve buscar esses conhecimentos é difícil e arriscada. Se trabalhar sob disfarce, é chamado de espião e passível de ser fuzilado, enquanto, se estiver uniformizado, fica mais facilmente identificável como Esclarecedor, igualmente arriscando-se a ser morto.

Para desempenhar-se eficazmente como Esclarecedor, é preciso ter um bom conhecimento de táticas e organização militares[56]. Exige também, em alto grau, atributos de iniciativa e criatividade, bem como

---

pela defesa de Mafeking, o livro virou *best-seller*, porque juntava duas características: uma, servia aos garotos como um guia para suas brincadeiras (observação de indícios, infiltração, emboscadas, campismo, etc.); e outra, era de autoria de um herói de carne e osso, ainda vivo, o de Mafeking. Instado por Sir William Smith, da *Boys' Brigade*, B-P adaptou-o como ferramenta educacional para jovens: *Scouting for boys*. O termo *Boy Scout*, que deu em "Escoteiro", seria o "Jovem Explorador/Esclarecedor", porque o termo *Scout* transmitia ao seu público-alvo a ideia aventurosa das missões de reconhecimento e exploração. Usarei, em substituição a *Scout*, indistintamente, Esclarecedor, Explorador e Batedor; e, em substituição a *Scouting*, usarei Exploração e Reconhecimento, indistintamente e, no devido contexto, Escotismo.

[56] Para ser capaz de informar se o que se viu é um pelotão, um esquadrão/companhia, um batalhão/regimento, uma brigada, o que está em cada posição no terreno (postos de vigilância, cozinha, paióis, postos de comando, espaldões para armas coletivas), que tipo de armamento, etc.

os quatro atributos que noutro lugar eu disse serem necessários ao bom soldado: coragem, bom senso, astúcia e cooperação com bom humor[57].

Não entram em campo considerações sobre si próprio, conforto ou segurança pessoais.

A Exploração é, com toda certeza, um jogo fascinante para quem o joga e faz valer a pena todo o risco que se corre, devido ao imenso valor que tem para o seu lado[58].

Em acréscimo ao que aprendi na minha escolarização – que não foi nada de muito impressionante – houve muito que aprendi no ambiente escolar, fora da sala de aula, que foi de real validade para mim. Aprendi ainda mais durante os períodos de férias, com meus irmãos.

Essas fontes suplementares de educação foram: Teatro, Natureza, Marinharia. Mais tarde, obtive aprendizagem mais avançada, por meio de Viagens ao Estrangeiro, Caça de Grande Porte, e Serviço em Campanha.

Agora, antes de continuar, peço permissão para dizer que pensei em chamar a este livro *Bombas de minha vida*. Minha razão para isso é que muitos dos passos importantes em minha carreira vieram a mim inesperadamente, pela sorte ou por fatores externos.

TEATRO

A primeira bomba que caiu sobre mim foi quando garoto, em Charterhouse. Subitamente vi-me solicitado a representar o papel principal, de Bob Nettles[59], numa comédia chamada *Aos pais e responsáveis*.

O Dr. Haig-Brown[60], que tinha ideias bem avançadas, considerava a representação teatral como uma útil ferramenta educativa para alguns

---

[57] No original, os "4 C's": *Courage, Commonsense, Cunning, Cheerful co-operation* (ou *Cheerfulness*, como aparece em *Aids to Scouting for NCOs & Men*).

[58] Baden-Powell, em seus escritos, enfatiza muito o "jogar em proveito da equipe" em lugar de "jogar para sua glória pessoal", ou de "cantar com o coral" como mais gratificante que "ser a *prima-donna*".

[59] Bob Nettles é um garoto arteiro, personagem principal da peça teatral *To parents and guardians*, de Tom Taylor (1817-1880), sucesso na Inglaterra vitoriana.

[60] Baden-Powell, estando em Charterhouse de 1870 a 1876, viveu a mudança da escola (1869-72), de Smithfield, no centro urbano de Londres, para Godalming, na periferia, onde ainda está. Do tempo de Smithfield, B-P relata, no capítulo I de *Adventures and accidents*, que o Dr. Haig-Brown deu-lhe sua

tipos de menino, e por isso ele encorajava, quase determinava, a prática da dramatização entre nós.

Assim, eu estava entre os sortudos requisitados para essas atividades[61], e sempre fui grato por esse ponto de partida, que acabou me propiciando um treinamento muito útil para falar em público e facilidade de expressar-me, mas ainda mais especialmente na eficiência em espionagem, por desenvolver a habilidade essencial de mudar o jeito de ser, a voz e a aparência para cada ocasião.

O BOSQUE

Quando eu era menino, em Charterhouse, logo além dos muros havia o "Bosque", uma grande extensão de terreno arborizado na encosta de uma colina, estendendo-se por uma milha, ou coisa assim, ao redor dos campos de jogos.

Era aí que eu costumava imaginar-me como um mateiro, caçador e batedor. Eu me esgueirava cuidadosamente, procurando por rastros e tentando observar de perto coelhos, esquilos, ratos e passarinhos.

Como caçador, eu montava minhas armadilhas, e quando pegava um coelho ou lebre (o que não era frequente), ia aprendendo pela penosa experiência a esfolar, limpar e cozinhar minha caça. Mas, sabendo que os peles-vermelhas andavam por ali, na forma de professores à caça de gazeteiros fora das instalações, eu tinha de fazer uma fogueira bem pequena e de pouca fumaça, para não denunciar minha localização.

Aliás, acabei obtendo astúcia suficiente para esconder-me em cima de árvores quando esse tipo de perigo se manifestava, pois a experiência me havia ensinado que professores à caça de alunos raramente olham para cima. Os gregos deram um fora quando chamaram ao homem

---

primeira aula de Tática numa das brigas usuais entre os garotos de Smithfield e os alunos da escola. O que ele relata sobre o "Bosque" já se refere a Godalming.

[61] Outras atividades extraclasse a que B-P se dedicou em Charterhouse (gazear aula não se inclui entre elas) foram o futebol e o tiro com fuzil. No tiro, foi dele a única "mosca" numa competição entre escolas. No futebol, jogava como goleiro, e os colegas gostavam de ficar perto do seu gol para ouvir as coisas engraçadas que dizia no decorrer do jogo. O apelido de B-P em Charterhouse era "Toalha de Banho", por ser um trocadilho eufônico com o nome: Baden-Powell/Bathing-Towel.

anthropos, “aquele que olha para cima”, uma vez que, na prática, geralmente ele deixa de olhar acima de seu próprio nível.

Isso mostrou ser não apenas de grande ajuda na caça de grandes animais e também na prática da Exploração, como também incidentalmente despertou-me o hábito de notar pequenos detalhes, ou “indícios”, e juntar isto com aquilo, para obter um resultado da interpretação dessa leitura – em outras palavras, o inestimável hábito da Observação e Dedução.

“ESCOTISMO DO MAR”

Apesar de ter-me faltado a referência de um pai, eu, como o sétimo[62] filho, tive um bom treinamento pelas mãos de meus irmãos mais velhos, por ocasião das férias. Todos eles tinham um instinto esportivo muito bem desenvolvido e eram bons camaradas quando juntos, excelentes como nadadores, jogadores de futebol, remadores, etc. todos eram bons em projetar e construir coisas que não tivessem condições de comprar, chegando mesmo a construir um barco.

Construíamos nossas cabanas, fazíamos nossas próprias redes para armadilhar lebres, aves e peixes, e assim pegávamos e cozinhávamos nossa própria comida para satisfazer nossos corações e nossos estômagos.

Em tudo isso, eu, como mais novo, tinha de assumir minha parcela de trabalho, especialmente aquela parte que normalmente seria delegada ao irmão mais novo, coisas como eviscerar peixes e coelhos (trabalhinho realmente nojento!), ajudar a cozinhar[63], e muito da lavagem dos utensílios.

Mas tudo isso me fez um bem enorme.

---

[62] Na verdade, oitavo. Dos 10 filhos do Prof Powell com dona Henrietta, um morreu na adolescência (Augustus, 1849-1863) e três, ainda na infância (Henrietta, 1851-1854; John Penrose, 1851-1855; e Jessie, 1855-1856). Os sobreviventes foram Warington (1847-1921), George (1847-1898), Frank (1850-1933), Robert (1857-1941), Agnes (1858-1945) e Baden Fletcher (1860-1937) (www.wikipedia.org).

[63] Em *The Chief* (ou em *The piper of Pax*), Eileen Wade transcreve o relato de B-P sobre sua desastrosa primeira experiência como cozinheiro, no barco familiar sob o comando de Warington.

Quando entrou algum dinheiro, pudemos comprar um barco desmontável, no qual três de nós, entre outras expedições, fazíamos a viagem desde Londres subindo o Tâmisa[64] até praticamente chegar à nascente; dali, carregamos o bote através de algumas colinas e descemos o Avon[65], via Bristol, atravessamos o Severn[66] e subimos o Wye[67] até nossa casinha no País de Gales. Uma jornada bem aventurosa, especialmente ao atravessar as sete milhas do Severn na nossa casquinha de noz, mas ao mesmo tempo extremamente educativa para mim.

Um dia, quando nosso dinheiro tornou isso possível, nós nos tornamos proprietários de um cúter[68] de dez toneladas, construído segundo projeto de meu irmão Warington, e nele nos divertimos à farta, cruzando as costas da Escócia e Inglaterra em todas as estações do ano. Muitas vezes nos vimos em apuros e escapamos por pouco, ganhando assim muita experiência de grande utilidade.

Contarei algumas delas mais adiante, mas, do ponto de vista educacional, a disciplina, a tenacidade para encarar as dificuldades e os perigos encarados nesses cruzeiros foram um aprendizado de valor duradouro em nosso treinamento para a vida.

VIAGENS E ESPORTE

---

[64] Rio inglês (346 km de extensão) que passa pela cidade de Londres, nasce em Kemble e deságua no Mar do Norte.

[65] Rio do sudoeste da Inglaterra (121 km de extensão), nasce em Acton Turville e deságua no estuário do Severn, em Bristol. A cidade de Stratford-upon-Avon, à sua margem, é a terra natal de William Shakespeare.

[66] Maior (354 km) e mais caudaloso rio inglês, nasce em Plynlimon (País de Gales) e deságua no canal de Bristol.

[67] O rio Wye (215 km de extensão) nasce em Plynlimon (perto do Severn) e deságua no estuário do Severn; em alguns trechos faz a fronteira entre Inglaterra e Gales.

[68] Também chamado chalupa, é uma embarcação pequena de um só mastro, com duas ou três velas latinas (triangulares). Dez toneladas é o deslocamento (quanto de água ele desloca, flutuando). Calcula-se multiplicando o volume imerso pela densidade da água.

As restantes escolas por que passei vieram depois, depois que meus dias escolares ficaram para trás – a saber, Viagens, Caça de Grande Porte e Serviço Ativo no Exército.

Por meio das Viagens, tive a oportunidade de ver como outros povos vivem e comparar sua maneira de viver com a nossa, em nosso país.

Mais particularmente, eu ganhei, das pessoas que conheci em minhas viagens, novas visões, novas experiências e horizontes ampliados, coisas que eram muito necessárias em minha educação.

Então, pelas caçadas na selva eu me aproximei da Natureza, que é uma experiência de expansão da alma, e, de quebra, adquiri prática em rastrear e tocaiar, assim como em técnica de campismo e em enfrentar riscos, tudo isso de incalculável valia para ter sucesso na Exploração.

E então, no Serviço Ativo do Exército, completei minha educação pela prática com a realidade.

EXPLORAÇÃO PARA A GUERRA

Se vocês olharem para trás em sua vida, que parte dela lhes é mais atraente?

No que tange a mim, apesar de minha vida ter sido em larga medida uma série de momentos divertidos, quando me pergunto que parte dela foi a melhor, a memória, sem hesitação, voa até o sol ofuscante numa planície quente, esturricada e cheia de espinheiros na Rodésia[69], onde a única sombra para proteger daquele calor abrasador era dada pelo seu casaco pendurado por cima dum pequeno arbusto, onde as roupas ficavam em farrapos, a comida era uma pequena porção de carne de cavalo e um par de mãozadas de farinha (que, por falta de tempo, costumávamos misturar com água e beber tudo junto[70]), e onde estávamos cansados e desgastados por constantemente mover-nos à noite contra um inimigo selvagem e ardiloso. Ulcerações devidas à longa

[69] Nome dado nos tempos coloniais ao território ao norte da África do Sul. O nome vem de Cecil Rhodes, que obteve direito de mineração na região para sua empresa (British South Africa Company) em 1888. Em 1910, dividiu-se em Rodésia do Norte (atual Zâmbia) e Rodésia do Sul (atual Zimbabwe).

[70] No sertão brasileiro, isso é conhecido como jacuba. Farinha de mandioca misturada com água; se houver, pode levar também açúcar ou mel, e às vezes um pouco de cachaça.

permanência no *veldt*[71], grosseiramente cobertas com uma dedada de graxa tirada duma roda de carroça, adornavam nossos rostos e mãos. Nossos cavalos eram tristes sacos de ossos e estavam cansados, muito cansados. E ainda assim, estávamos em boa forma e rijos, havia novas aventuras, novos interesses e novas ansiedades todos os dias, e éramos um grupo já experiente de bons companheiros. Era tudo uma maravilhosa aventura livre de preocupações.

E as noites, então! Aquelas noites claras, frias, com uma abóbada escura, com as estrelas grandes e brilhantes, piscando zombeteiras e vigiando você enquanto se esgueira, silencioso e astuto, para espreitar o inimigo (com toda a possibilidade de você estar ao mesmo tempo sendo espreitado).

Você tateia seu caminho na escuridão implacável, desconfiando de cada pedra ou arbusto, com todos os seus sentidos em alerta, olhos, ouvidos, nariz, para captar qualquer vista, som ou cheiro do inimigo.

Você continua, rastejando, deitando, parando; rastejando novamente, com mortal paciência, num jogo de esconde-esconde com os olhos vendados. Você está sozinho, dependendo completamente de sua habilidade de explorador para se conduzir, para sua segurança, para manter-se vivo, mas acima de tudo para não retornar da missão de mãos abanando.

Riscos? Claro que há riscos. São eles o sal que dá sabor a isso tudo. Meu coração quis sair pela boca na primeira vez que os matabeles[72] me viram a pé por entre os rochedos esparsos de uma encosta.

Mas quando constatei que, com minhas botas com solas de borracha, eu conseguia correr mais rápido do que eles a me perseguir, a aventura ficou mais animadora, e em nove diferentes ocasiões dei-me ao luxo de escapar dessa maneira.

---

[71] Grandes espaços abertos na África do Sul, geralmente correspondendo a savanas (cerrados) e campos.

[72] Ou ndebeles.

Mas, de fato, me deu "uma certa emoção[73]", como diriam os franceses, quando eles vieram no meu encalço, soltando gritos, como uma matilha que avistou a caça.

O ameaçador apelo do Chefe aos seus guerreiros – "Não atirem nele, capturem-no vivo" – foi um estímulo, se é que algum era necessário. Bastava um passo em falso ou uma torção de tornozelo para me levar ao mesmo resultado: uma longa e protelada tortura antes que o golpe final me trouxesse a misericordiosa morte[74].

Mas não havia espaço para tais pensamentos na excitação do momento. O que sei é que a memória me leva de volta até lá, com a exaltação e o sentimento de que a vida do explorador valia a pena.

Era *trabalho de homem*, e eu adorava fazê-lo.

EXPLORAÇÃO NA PAZ

Tendo falado da Exploração para a Guerra, seus riscos e suas alegrias, devo agora explicar que há também algo semelhante na Exploração na Paz, igualmente cercado de durezas e alegrias.

Assim como um Esclarecedor militar vai adiante de seu exército para descobrir o caminho, para obter informações e para clarear a situação para o avanço, o Esclarecedor da Paz vai adiante em regiões inexploradas a fim de obter informações e de abrir caminho em novos territórios para o avanço da civilização[75].

Tais figuras são os exploradores, bandeirantes, pioneiros, missionários, caçadores e patrulheiros de fronteira. Esses homens têm de ser corajosos, rijos, criativos, confiantes em suas próprias capacidades

---

[73] B-P fala de "emoção" também na prática do esporte da caça ao javali. Relata, em *Adventures and accidents*, que teve "um bocado de emoção" numa caçada em que, a pé e armado com a lança, enfrentou um javali ferido. Este episódio do javali ocorreu quando de sua chegada, como novo Comandante, ao 5º de Dragões da Guarda, na Índia. Ele falará deste caso no capítulo III.

[74] Esse episódio também é relatado em *Adventures and accidents*. Segundo B-P, além do calçado, a habilidade de mover os pés com rapidez e colocá-los no lugar certo foi desenvolvida pela prática de danças folclóricas quando mais novo, e contribuiu para evitar sua captura.

[75] É preciso lembrar que B-P viveu no período que Hobsbawm chamou "Era dos impérios (1875-1914)", da expansão colonialista pós-Revolução Industrial, quando se acreditava em eugenia, em "hierarquia racial" e na "missão civilizadora do homem branco".

para fazer seu caminho sem precisar da ajuda alheia. Eles têm de ser capazes de aguentar tenazmente quando a situação ficar ruim, e de estar prontos para prosseguir com sua missão no momento em que a oportunidade se apresente.

Têm de manter uma atitude de animação e esperança, mesmo quando as coisas lhes parecerem mais tenebrosas, e têm de ser homens em quem se pode confiar para cumprir a missão longe de qualquer supervisão ou aplauso.

Na prática, observa-se que esses homens da fronteira estão sempre prontos para ajudar outros quando surge algum perigo ou dificuldade.

Em toda parte do mundo, vi esses Esclarecedores da Paz britânicos em ação, seja em suas escunas entre as ilhas dos Mares do Sul ou os icebergs da Terra Nova, ou domando rios no longínquo sertão canadense para fornecer energia à população que vai chegar; iniciando e dobrando a produção de milho onde ninguém plantara antes no Quênia; fazendo prospecção de carvão e ferro para o futuro na Rodésia; conquistando os desertos da Austrália e da África do Sul; ou trazendo paz e educação para os nativos da Nigéria ou do Sudão.

Esses Exploradores avançam o tempo todo, sem darem na vista, sem receberem louvores, mas persistindo sempre.

Os atributos necessários aos Esclarecedores da Guerra são amplamente essenciais aos Esclarecedores da Paz nos sertões, a saber: energia, autoconfiança, coragem, confiabilidade e a capacidade de sacrificar-se com bom ânimo no serviço.

Mas essas qualidades são igualmente desejáveis em nossos cidadãos comuns nos lugares civilizados.

Não são, entretanto, atributos que possam ser ensinados a uma turma em sala de aula; eles têm de ser identificados e desenvolvidos pelo próprio indivíduo. Não é possível levar cada menino ou menina para grandes regiões solitárias a fim de ensiná-los, mas é possível trazer um pouco delas para o seu alcance, como estamos fazendo por meio dos Movimentos Escoteiro e Guia.

E é assim que minhas duas vidas, número 1 militar, número 2 civil, estão interligadas pelo laço comum da Exploração, da qual ambas estavam imbuídas.

CAPÍTULO II
ARTE: REPRESENTAÇÃO

EM CHARTERHOUSE

Tenho convicção de que a representação teatral, que era tão encorajada entre nós, garotos, por aquele Diretor visionário e de mente aberta que era o Dr. Haig-Brown, foi-nos de grande valia na vida posteriormente.

O VALOR EDUCACIONAL DA DRAMATIZAÇÃO

Apesar de não ser necessariamente com a pretensão de levar-nos a ser profissionais do palco que o Diretor nos encorajava a representar[76], ele antes considerava essa atividade como uma parte bastante útil da educação geral.

Por exemplo, isso fez com que nós, garotos, pela primeira vez pudéssemos apreciar alguma coisa do valor e da beleza da expressão poética. Ensinou-nos a memorizar as falas, a expressar-nos sem ficarmos encabulados perante uma audiência, a articular as palavras com clareza, a usar frases de efeito de maneira a modular a voz e adequar a gesticulação para captar e manter a atenção da plateia, mas, ainda mais, ensinou-nos aquela crucial capacidade de avaliar, na hora, a reação da plateia, em verdade tudo que viria a ser útil mais tarde para falar em público.

ALGUMAS EXPERIÊNCIAS DE REPRESENTAÇÃO

[76] Ao tempo de B-P, dizia-se: "Uma atriz é mais que uma mulher, e um ator é menos que um homem". Não era considerada, como se vê, uma profissão "respeitável". E podemos lembrar que na maioria dos ambientes exclusivamente ou predominantemente masculinos em que B-P viveu (colégio interno, quartel), não era raro que os papéis femininos nas peças fossem representados por homens (como no tempo de Shakespeare e, mais tarde, na Primeira Guerra Mundial, nas unidades no *front*).

Olhando em minhas lembranças, vejo que o falecido Lord Grenfell[77], que era Major no Estado-Maior da Brigada em Shorncliffe[78], escalou-me para dar uma série de palestras à guarnição, que incluíam temas como os seguintes:

"Realejos dos antigos romanos".

"Motores a vapor de todos os tipos".

"Cavalos mortos e similares".

Então, evidentemente, esperava-se que eu tivesse um conhecimento de grande amplitude.

Um velho folheto de programa teatral recorda-me que fiz o papel do Capitão O'Scuttle, em *Poor Pillicoddy*[79]. Era uma peça posta a encenar pela família Carr Glyn em Hanford, perto de Blandford[80], propriedade que estava então ocupada por Lord Wolverton[81] (dono daquela belíssima malta de cães que costumava caçar no Vale de Blackmore[82]).

---

[77] Marechal-de-Campo Francis Wallace Grenfell (1841-1925). Combateu na Guerra Anglo-Zulu (1879), na Guerra Anglo-Egípcia (1882), na Guerra Mahdista (1888-89). Foi Inspetor-Geral das Forças Auxiliares, Governador de Malta. Deixou o serviço ativo do Exército em 1908 (www.wikipedia.org).

[78] Grande aquartelamento perto de Cheriton, Kent. Funcionando desde 1794, serviu nas duas Guerras Mundiais como campo de trânsito para as tropas que iam embarcar para combater no continente. Local de parada dos *Royal Gurkha Rifles* (www.wikipedia.org).

[79] Farsa (peça teatral cômica) em um ato,de autoria de John M. Morton, muito popular na era vitoriana, que estreou em 1879. Seus personagens principais, Sr. e Sra. Pillicoddy, Capitão O'Scuttle, sua esposa Susan e Sarah Blunt, eram bem conhecidos (www.wikipedia.org).

[80] Hanford: cidade inglesa no condado de Staffordshire; Blandford: cidade no condado de Dorset (www.wikipedia.org).

[81] Lord Wolverton: a linhagem de barões de Wolverton começou em 1869 com Lord George Carr Glyn (1797-1873); B-P se refere nesta época a Frederick Glyn, 4º Barão de Wolverton, banqueiro e político (www.wikipedia.org).

[82] Vale na região de North Dorset, sul da Inglaterra (www.wikipedia.org).

Cox and Box[83], a imortal opereta de Burnand e Sullivan, é uma em que acredito ter atuado em vinte e seis ocasiões diferentes, a mais notável delas no Castelo[84], na Cidade do Cabo[85].

Fiz um desenho para o programa que foi impresso para a ocasião, que mostra o Tipógrafo dentro de casa, enquanto o Chapeleiro está do lado de fora, e o Sargento Bouncer no meio, mantendo o equilíbrio entre eles. Ao fundo, mostra-se o antigo portão do Castelo.

Quando as garotas de hoje olham com ar de superioridade para suas predecessoras vitorianas, acham ridícula sua exagerada e afetada modéstia; entretanto, esse imaginário pode ser falso.

Eu poderia, se quisesse, mas não o farei, contar-lhes algumas coisas sobre essas garotas vitorianas que poderiam fazê-las mudar de opinião!

Mas se as jovens de hoje [1933] pensam que são as primeiras a ter a "coragem" de usar cabelo curto e fumar cigarros, posso assegurar-lhes que, num tempo tão recuado como 1876, uma dama veio participar de apresentações teatrais em Charterhouse, e ela usava o cabelo curto, e fumava – não uns cigarrinhos mixurucas, mas grandes e honestos charutos. Ela se alojou no Pavilhão Girdlestone, e quando um dos

---

[83] A opereta de F. C. Burnand e Arthur Sullivan chama-se *The Long-lost brothers*, foi adaptada da farsa em um ato *Box and Cox*, de John Maddison Morton (o mesmo de *Poor Pillicoddy*). Estreou em 1866. Na peça de Morton, um dos personagens era a Sra. Bouncer; Burnand substituiu-a pelo Sgt Bouncer. No enredo, Bouncer aluga um quarto para James John Cox, chapeleiro, que trabalha de dia, e para John James Box, tipógrafo, que trabalha à noite, e ocupam o quarto alternadamente sem saber da existência um do outro. Quando Cox é surpreendido com um dia livre dado pelo patrão, volta para casa e depara com Box, instaurando-se a confusão (www.wikipedia.org).

[84] Castelo da Boa Esperança, fortaleza construída no século XVII pelos holandeses. Durante a Guerra Anglo-Bôer, parte do Castelo serviu como prisão. Monumento histórico desde 1936, atualmente abriga um museu militar e instalações cerimoniais. Sedia, ainda, uma unidade mecanizada do Exército Sul-africano, o *Cape Town Highlanders Regiment* (www.wikipedia.org).

[85] Atual capital administrativa da África do Sul. Os holandeses fundaram a Colônia do Cabo em 1652. O primeiro europeu a ultrapassar o Cabo da Boa Esperança foi Bartolomeu Dias, em 1487 (batizou-o Cabo das Tormentas, e o rei Dom João III rebatizou em 1488), quando descobriu também o Cabo das Agulhas e mapeou boa parte da costa africana até lá. Bartolomeu Dias acompanhou a expedição de Vasco da Gama em 1497 e a de Cabral em 1500; esta foi sua última viagem, pois naufragou em 29 de maio, numa tormenta no Cabo que transpusera (www.wikipedia.org).

meninos, irrompendo no estúdio com uma mensagem para o professor, deparou com esse exemplar da moderna feminilidade, só conseguiu balbuciar: "Desculpe, senhor – digo, senhora – senhor – senhora – digo...", e bateu em retirada sem dizer o que pretendia, e espalhando que havia um "*thermandidote*[86]" no pavilhão.

Se era ou não pelo prazer do exibicionismo, não sei dizer, mas eu sem dúvida me divertia muito quando se tratava de atuar, pelo próprio gosto de fazê-lo, e essa ocupação me levou a muitas experiências novas e interessantes.

Certa vez, juntei-me a uma trupe ambulante, composta por amadores e profissionais, sob a direção de Sir Charles Young[87], o roteirista, com Lady Monkton como a estrela feminina. Foi como trazer *Good companions*[88] para a vida real.

Ali pude conhecer as durezas da vida dos atores profissionais. Nossos ensaios eram rigorosos, e logo se percebia por que tantos amadores, bons para uma ou duas apresentações, falham como profissionais quando se faz necessário que mantenham o espírito de seus papéis noite após noite, semana após semana, por meses a fio.

UM EXPERIMENTO EM *CASTE*

Noutra ocasião, eu ia fazer o papel de Sam Gerridge, o encanador, na peça *Caste*[89]. Era notável, pelo fato de os atores desempenharem

---

[86] Aparelho que servia como "antídoto térmico", fazendo a circulação e refrescamento do ar; consistia de uma roda giratória encaixada numa janela com as pás (raios) em estruturas semelhantes a pequenas pipas tipo caixa, molhadas. Ancestral do ventilador com umidificador (www.merriam-webster.com). Talvez o apavorado aluno tenha querido dizer "*hermaphrodite*".

[87] Sir Charles Young (1837-1887), Barão de North Dean, escreveu várias peças teatrais de sucesso; a mais famosa, *Jim, the penman*, estreou em 1886 na Austrália (www.wikipedia.org).

[88] Romance de 1929 de J. B. Priestley, tornado peça teatral em 1931 e filme em 1933 e 1957; teve versões para musical de teatro, e uma versão como série de TV em 1980 (www.wikipedia.org).

[89] Peça de Thomas William Robertson, que estreou em 1867. Tratava do tema da hierarquização social. Inovadora para a época, com as pessoas representando papéis da vida real, com equipamentos reais. Personagens: Cap George d'Alroy, Cap Hawtree, Eccles e suas filhas Polly e Esther, a Marquesa de St Maur (mãe de George) e Sam Gerridge. O enredo envolve casamento entre pessoas de níveis sociais diferentes (www.wikipedia.org).

papéis que eram as suas profissões na vida real, com exceção do Major Lacey, que fez o papel do velho beberrão Eccles, e de mim, como o encanador.

Rosina Vokes[90] fez o papel da bailarina Polly Eccles, e os dois oficiais de Cavalaria eram oficiais de Cavalaria na vida real. Lacey prometeu que faria seu melhor esforço na preparação para o personagem, pela ingestão metódica de bebida alcoólica, e para mim não havia opção senão aprender o ofício de encanador.

Pus-me confiantemente nas mãos do Sr Greenburg, o alfaiate dos trabalhadores de Chelsea[91], que me arranjou uma roupa usada para o serviço e uma domingueira[92]. O folheto de propaganda do Sr Greenburg, que ainda tenho, dava uma ideia da qualidade da sua mercadoria quando anunciava:

> Roupas bacanas. Conheça a loja de C. Greenburg. White Lion Street, Chelsea, para ficar bem-vestido num instante. O 'campeão da tesoura' alerta seus clientes que conseguiu uma partida de tecido de ótima qualidade para uso imediato. Poderá fornecer calções de corte moderno e caimento perfeito, a partir de dez *shillings*. Coletes na última moda, de corte elegante, fechados ou deixando aparecer o peito, a partir de nove *shillings*.

Completei minha caracterização deixando crescer uma barbicha e dando à minha mão esquerda um período de abstinência de água e sabão. Enfaixei a mão direita e coloquei-a numa tipoia. Isso foi feito em parte para ser uma explicação de eu não estar trabalhando, e em parte como desculpa para não entrar em brigas, na eventualidade de situações nas quais a "etiqueta" exigisse que se apoiasse um camarada.

---

[90] Rosina Vokes (1854-1894), comediante inglesa, de uma família de artistas bastante conhecida na era vitoriana (www.wikipedia.org).

[91] Bairro de Londres.

[92] Domingo era dia de se vestir com mais apuro, para ir à missa/culto, momento de encontro, além de com Deus, social.

Poucos dias depois, lá estava eu a estudar meus modelos nas oficinas e bares na vizinhança da Commercial Road[93].

Numa bela manhã, eu fazia parte da multidão junto aos portões do Palácio de Buckingham[94], para assistir à chegada dos figurões convidados a um evento oficial.

Perto de mim, estavam duas moças respeitáveis, bonitas e bem vestidas.

Enquanto elas comentavam, com admiração, sobre um vestido que haviam visto, um valentão sujo e meio bêbado, enfiou-se no meio delas, acotovelando-as a fim de obter um bom lugar para ver o espetáculo, empurrando uma delas para a sarjeta, dizendo: “Chega pra lá, dona Maria, saia da frente”.

No instante seguinte, apesar de eu não ter a intenção de fazê-lo tropeçar, ele estava caído de costas no meio da rua. Ele levantou-se rapidamente e, de uma distância segura, começou a lançar expressões não muito polidas enquanto procurava por alguma pedra para enfatizar suas palavras.

Mas antes que ele pudesse fazer algo mais contundente, a polícia chegou em cima e, passando-o de mão em mão, como no jogo da “batata quente”, sumiu com ele.

Enquanto isso, as garotas estavam me agradecendo como se eu tivesse salvado suas vidas, e esperavam que meu braço enfaixado não tivesse sofrido dano por causa delas.

Tendo assim quebrado o gelo, logo estávamos em termos amigáveis, e eu tinha condições de informar-lhes quem era quem entre os figurões que iam chegando.

Quando, findo o evento, estávamos indo embora cada qual para seu lado e nos havíamos despedido, eu mal dera uma dúzia de passos

---

[93] Área comercial no centro de Londres.

[94] Residência oficial dos monarcas britânicos. Foi construído em 1703 para John Sheffield, Duque de Buckingham, e adquirido em 1761 pelo rei George III como morada para a rainha Charlotte. Tornou-se a residência real principal em 1837, com a ascensão de Victoria ao trono (www.wikipedia.org).

quando elas vieram correndo atrás de mim, acompanhadas de um rapaz bastante simpático. Ele me foi apresentado como Jim Bates, carpinteiro e futuro marido de Kate, e fui descrito a ele de forma largamente elogiosa, como um herói.

Jim Bates não era homem de meias medidas, e fui conduzido compulsoriamente para tomar chá com eles na casa da mãe de Jim, numa ruela em Westminster[95], e desde então eu fui admitido no círculo da família. Tornei-me companheiro constante de Jim em seu trabalho e diversões, e me afeiçoei a ele, vendo nele o trabalhador inglês modelar.

Sob suas instruções capazes e honestas, não demorei a obter o desejado conhecimento dos maneirismos e costumes de sua classe, e de uma forma muito mais prazerosa do que eu jamais poderia ter previsto.

Eu era conhecido na família como Charlie, e tinha interia liberdade para entrar e sair de sua casa à vontade.

Quando a peça foi à cena, naturalmente minhas visitas a Jim cessaram, e eu não soube mais nada dele até alguns anos mais tarde.

Foi na Parada do Jubileu[96], em Aldershot[97], quando eu ia a galope em meu uniforme de hussardo, cumprindo alguma incumbência do Estado-Maior, que quase atropelei um rapaz afogueado que carregava uma criança no colo e trazia junto sua esposa.

“Olá, Jim! Como vai, Sra. Bates? Não se lembram de mim? É o Charlie! Tome, mostre este cartão no portão da arquibancada e poderão ver melhor o desfile. Adeus”!

E foi a última vez que vi Jim Bates. Mas sempre tenho um sentimento de gratidão a ele por ter involuntariamente me ajudado a desempenhar o papel de Sam Gerridge.

IMPROVISANDO

[95] Bairro nas imediações da abadia homônima e do conjunto do Parlamento.

[96] Jubileu do reinado da Rainha Victoria, em 1887. Entre as comemorações, aconteceu uma grande revista de tropas. Nessa época, B-P era capitão (promovido em 1883).

[97] Cidade inglesa onde há um centro de treinamento do Exército britânico.

Certa vez, fui chamado por uma companhia profissional itinerante para fazer o papel da sentinela em *Iolanthe*[98], substituindo um membro do elenco que caíra doente.

O tempo não permitia ensaios, mas o papel do Soldado Willis, a sentinela, era um particularmente fácil, já que ele apenas tem que cantar sua canção ("*When all night long a chap remains*") e ficar de guarda, sem dialogar com os outros personagens.

Eu tinha terminado a canção e dado a deixa para a entrada da protagonista, e marchava de um lado para o outro fazendo a ronda do meu posto; quando, nesse percurso, cheguei perto do ponto[99], ele sussurrou: "Ela não está pronta. Improvise por uns minutos".

E eu improvisei. Olhei cautelosamente em volta para assegurar-me de que nenhum oficial estava por perto, pousei o fuzil no chão e senteime relaxando, e fiz um monólogo dando minha opinião sobre o serviço de sentinela do ponto de vista do soldado, aludindo geralmente a vários métodos pelos quais um soldado "safo[100]" podia acochambrar[101] as tarefas da guarda em relativo conforto sem ser detectado.

Com uma plateia cheia de militares (entre os quais Sua Alteza Real, o Duque de Connaught[102]), minhas considerações encontraram ouvidos

---

[98] Opereta cômica de W. S. Gilbert e A. Sullivan, que estreou em 1882. No enredo, a fada Iolanthe foi banida da terra das fadas por ter se casado com um mortal. Satiriza vários aspectos da sociedade, das leis e do governo britânicos. Os personagens são Iolanthe, seu filho Strephon (pastor arcadiano), Phyllis (pastora arcadiana), a Rainha das Fadas, o Lorde Chanceler, os Condes Mountararat e Tolloller, o Soldado Willis (dos Grenadier Guards), as fadas Celia, Leila e Fleta, e os coros de nobres e de fadas.

[99] No teatro, é o auxiliar de cena, que ficava oculto próximo da cena, geralmente num buraco no centro do palco, para ir "assoprando" para os atores as falas e as deixas. O ponto continua a existir, só que agora dá as dicas por meio de um radiorreceptor. Os que não conheciam o porquê do nome do aparelhinho que, enfiado no ouvido do artista, faz esse trabalho de "espírito santo de orelha", agora sabem a origem da expressão "ponto eletrônico".

[100] Astuto, esperto, macetoso.

[101] Fazer sem rigor.

[102] Título dado a filho do monarca britânico. O primeiro filho é tradicionalmente Duque de Cornwall e de Rothesay, sendo depois tornado Príncipe de Gales; o segundo é o Duque de York; o terceiro era feito Duque de Connaught enquanto a Irlanda fez parte do Reino Unido (até 1922). No caso, refere-se ao

receptivos; de fato, fizeram tanto sucesso, que o diretor insistiu em que na minha atuação na noite seguinte eu repetisse toda a palestra improvisada sobre o serviço de sentinela.

Em situações comuns, teria sido difícil, para mim, falar de supetão, sem alguma meditação prévia sobre o tema, mas repetidas vezes constatei que quando toda sua atenção está concentrada no presente problema, como acontece quando se está no palco, as ideias apropriadas saltam da cabeça de maneira surpreendente[103].

O improviso, apesar de ser comumente considerado um vício, é de certa forma uma virtude. Fora de qualquer dúvida, ele desenvolve a presença de espírito para falar em público, o que é particularmente útil se você for um Membro do Parlamento e tiver de responder a um adversário num discurso.

Pode ser que esta anedota seja muito conhecida, mas vale ser contada como um exemplo de presença de espírito no improviso. O falecido Sir George Reid, Alto Comissário da Austrália, ao discursar numa campanha política, era seguidamente interrompido por um homem na audiência que gritava: "O senhor é um vilão de duas caras". Ele olhou para seu oponente por um décimo de segundo e disse: "Bem, já é mais do que o senhor, pois do contrário teria deixado em casa a que está usando".

TRAQUINAGEM

Eu tinha acabado de desembarcar em Malta[104], retornando de uma visita à Sicília. Enquanto estive lá, comprei, como curiosidade, uma daquelas selas ornamentadas com bronze, com as quais os nativos enfeitam seus cavalos e mulas.

---

terceiro filho da Rainha Victoria, Arthur William Patrick Albert (1850-1942), que foi padrinho de batismo do primogênito de B-P.

[103] Claro, desde que você tenha algumas ideias associáveis à situação para sacar.

[104] Malta: ilha no Mediterrâneo, atualmente república independente. Sua localização no meio do Mediterrâneo deu-lhe grande importância estratégica ao longo da história. Ficou sob governo britânico de 1800 até 1964 (www.wikipedia.org). B-P serviu lá quando capitão e major, como ajudante-de-ordens do General Smyth, em sua nomeação como Governador de Malta.

Nela havia uma fileira de botões de bronze apostos numa espécie de espigão que ficava na parte frontal, e que era encimado por um par de bandeirolas de bronze. Dos lados também havia botões, maiores e mais aparentes.

Um amigo, ao ver-me com esse estranho aparato, perguntou: “Que é isso, um instrumento musical”?

E eu respondi: “O que mais poderia ser”?

Então ele pediu, acreditando piamente, que eu tocasse esse instrumento num recital que aconteceria na semana seguinte.

E assim o fiz.

Combinei com a orquestra de tocar um noturno[105] clássico, no qual eu faria o solo com o “selafone”. Nesse entretempo, prendi uma correia no “instrumento”, de modo a poder pendurá-lo no pescoço e apoiá-lo no peito, e prendi um pente coberto com papel na posição diante da minha boca. Quando da apresentação, eu “cantei” através do pente num falsete, “afinando o instrumento” pelas bandeirolas, “tocando as notas” nos botões da frente, e modulando os efeitos de forte e brando mexendo nos botões laterais.

Ninguém se deu conta de não se tratar de um instrumento musical de verdade.

Tenho até medo de dizer quantos incidentes deste tipo coloriram meu passado, mas o mais destacado e que mais me divertiu foi o ocorrido em Simla.

A FARSA DE SIMLA[106]

[105] Composição musical que evoca ou é inspirada pela noite. Mais comumente é uma peça com solo de piano.

[106] Simla, ou Shimla, capital do estado de Himachal Pradesh, noroeste da Índia. Uma das icônicas estações de montanha da Índia, foi declarada a capital de verão da Índia britânica em 1864.

O Capitão Quentin Agnew[107], Ajudante-de-Ordens do Comandante-em-Chefe, Sir George White[108], era um sujeito que deveria ter mais juízo, mas vivia me atraindo para suas traquinagens[109].

Tínhamos conseguido um camarote no teatro para um grupo de amigos nossos, e encomendado uma ceia no Clube para arrematar a noite. Enquanto nos vestíamos para os eventos, ele veio com a ideia de nos disfarçarmos e ficar entre nossos amigos como desconhecidos. Nem bem foi pensado, já estava feito.

Ele se disfarçou, assumindo o papel de correspondente de um jornal inglês, e eu, o de um conde italiano e representante do jornal italiano *Roma*. Acabáramos de chegar da Europa, a caminho da iminente guerra na fronteira afegã.

Conseguimos que outro ajudante-de-ordens do Comandante-em-Chefe nos acompanhasse ao teatro e nos apresentasse a nossos amigos, que já haviam ocupado o camarote. Ele explicou que nós, estrangeiros, viéramos com cartas de apresentação para o Comandante-em-Chefe, e que o Cap Agnew e o Cel Baden-Powell não tinham podido vir, por estarem jantando com o Comandante-em-Chefe. Por isso, poderiam os nossos gentis amigos entreter os visitantes durante nossa ausência?

Naturalmente, esperávamos ser descobertos em poucos minutos, mas por alguma espécie maravilhosa de sorte, nossos amigos pareceram

---

[107] Depois Coronel Quentin Charles Graham Kinnaird Agnew (1861-1937), combateu na Índia em 1885-86 e 1897-98, tendo servido como oficial de Estado-Maior encarregado de Transportes e como Ajudante-de-Ordens do Comandante-em-Chefe; combateu na Guerra Anglo-Bôer, de 1899 a 1902, tendo participado do levantamento dos cercos de Ladysmith e Mafeking; foi Secretário Militar do Governador de Gibraltar de 1902 a 1905. Na Primeira Guerra Mundial, combateu na França e na campanha de Galípoli (www.wikitree.com).

[108] Marechal-de-Campo Sir George Stuart White (1835-1912). Combateu no Motim dos Sipaios (1857-58) e na Guerra Anglo-Afegã em 1879-80. Comandou as forças em Natal no começo da Segunda Guerra Anglo-Bôer, e a guarnição de Ladysmith durante o cerco. Foi Comandante-em-Chefe das forças britânicas na Índia de abril de 1893 a outubro de 1898.

[109] Em *Memories of India*, B-P diz que a Índia é o paraíso dos trotes, todo mundo vive aprontando alguma "arte" para cima dos outros; diz ainda que, devido à sua natureza simplória, ele era um alvo preferido. Como se ele não o fizesse aos outros... Diz muito da "inocência" do sujeito a traquinagem feita na primeira noite a bordo do *Serapis*, navegando para a Índia: B-P e "Tommy" Dimond, recém-incorporados ao Exército, saíram à meia-noite balançando as redes dos colegas para fazê-los enjoar.

não ter a menor desconfiança, e nosso empreendimento foi tão bem-sucedido que, ao final do primeiro ato, fomos levados pelo teatro para sermos apresentados a outros amigos que lá estavam.

Em momento algum foram levantadas suspeitas sobre nossa identidade; na verdade, muito pelo contrário. Teve gente fazendo confidências aos estranhos que jamais fariam entre seus próprios amigos.

Constatando, ao fim do espetáculo, que ainda não tínhamos sido descobertos, tivemos a ideia de continuar e ir como convidados à própria ceia na qual éramos os anfitriões.

Mandei um breve bilhete a um jovem oficial do meu Regimento que estava por lá em licença e pedi-lhe que fosse ao Clube e lá servisse como anfitrião em meu lugar, recebendo nossos convidados, uma vez que eu estava no jantar do Comandante-em-Chefe.

Num *post-scriptum,* acrescentei que entre os convidados estavam dois correspondentes de guerra, não familiarizados com o lugar, e que deveriam receber atenção especial, sendo um deles um conde italiano.

Quando chegamos ao Clube, lá estava meu fiel subalterno à espera para receber-nos, mas quando, por não saber italiano, ele se pôs a falar comigo num francês execrável, eu quase não pude conter o riso.

Nessa situação, apesar de eu conseguir contrair os músculos da face mantendo-os sob controle, meus olhos lacrimejaram, e ele, ansioso, perguntou: "*est-ce-que vous êtes lade aux yeux?"*, ao que repliquei com sotaque capenga: "*I am a leetle sick ze eyes"*.

Essa frase tornou-se um bordão em Simla por meses depois disso. Quando alguém perguntava a outro "Como vai?", invariavelmente a resposta era "Estou com os olhos um pouco irritados".

Foi mais para o final da ceia que o desfecho revelador aconteceu. Pelo canto do olho eu percebi que uma das convidadas passou por trás de Agnew e, reconhecendo suas costas, veio falar com ele. Para sua

surpresa, ela deu de cara com um homem barbudo com sotaque *cockney*[110].

Ela se afastou e segredou suas suspeitas a um amigo. Percebi que alguma medida desesperada tinha de ser tomada. Assim, dei sinais de ter bebido mais vinho do que o conveniente, o que levou as damas nas imediações a sentirem que era tempo de se afastarem, e quando me pus de pé insistindo em acompanhá-las, o cavalheiro mais próximo prontamente me fez tropeçar e cair.

Mas levantei-me e continuei, seguindo as damas que se apressavam a ir para a sala vizinha, até que elas pareceram estar verdadeiramente alarmadas; então, arranquei minha peruca e mostrei-lhes que estava tudo bem.

Tudo bem para elas, mas não para mim, pois prontamente meus companheiros deram o bote, enrolaram-me no tapete e sentaram-se em cima de mim.

No dia seguinte, eu me apresentei, a serviço, ao General-Ajudante[111], e a primeira pergunta que ele me fez, em tom muito severo, foi: "Você é o oficial em comando do 5º de Dragões da Guarda[112]?". Entretanto, julguei ter percebido um brilho maroto no seu olhar, e, corajosamente, respondi: "Não, senhor, não aqui. Meu Regimento está em Meerut[113]".

Então, ele riu e disse: "Porque você não foi até o meu camarote no teatro ontem à noite?"

---

[110] Jeito de falar das classes trabalhadoras de Londres.

[111] O *Adjutant-General* é um oficial-general, Chefe do Estado-Maior do Comandante-em-Chefe e encarregado do pessoal para todas as forças britânicas no território sob sua responsabilidade (no caso, Índia) (www.wikipedia.org).

[112] Cabe lembrar que B-P fez esta traquinagem, não como um jovem oficial subalterno, mas quando já era Tenente-Coronel comandante de um regimento. A resposta de B-P "Não aqui, por estar o regimento em Meerut", quer dizer que, como ele (o comandante, titular) estava no momento em Simla, o subcomandante estava respondendo pela função no regimento.

[113] Meerut, ou Mirat, é uma cidade localizada no estado de Uttar Pradesh, norte da Índia, a 70 km de Nova Délhi. O Motim dos Sipaios de 1857 começou no acantonamento militar de Meerut.

E eu respondi, com brandura: “General, há um limite, eu costumo parar antes de chegar aos generais”.

Atribuo a esse evento o fato de ter caído nas suas boas graças, e pouco depois fui enviado para o serviço ativo[114].

Logros, peças[115], farsas, embustes, trotes, mistificações, como quer que sejam chamados, tudo isso é bem divertido, mas, assim como com as caricaturas, apesar de divertir o artista e os espectadores, envolve o risco de magoar o “alvo[116]”.

Desde que se tomem providências para evitar isso, fazer papel de bobo é um derivativo muito salutar para um espírito juvenil. A dificuldade é que não raro os jovens deixam de ter o senso para perceber onde estabelecer o limite que não deve ser ultrapassado. Muitas vezes, o gozador leva a brincadeira longe demais e chega ao excesso, transformando-a em confusão e incômodo.

Fazer-se passar por outra pessoa tem sua utilidade; pode ser educativo em certos caminhos da vida. A habilidade em se disfarçar para

---

[114] De volta ao comando de seu regimento. Na maioria das vezes em que, em seus escritos, B-P se refere a “active service” ou “active duty”, refere-se ao serviço em campanha, em operações de guerra ou de repressão a rebeliões (guerras contra os afegãos ou os bôeres, rebeliões dos zulus, matabeles ou ashantis).

[115] Em *Memories of India*, B-P relata a divertida brincadeira que, com alguns colegas imbuídos do mesmo espírito humanitário, praticava quando na Escola de Tiro, em Hythe (portanto, por volta de 1879-80, quando fez o curso de Instrutor de Tiro de Armas Longas): constituíam uma “equipe de bombeiros” que, inadvertidamente, agarrava algum incauto, imobilizava-o e, simulando um resgate num incêndio, lançava-o por uma janela para ser aparado pelos colegas embaixo. Numa ocasião, B-P, que era um dos mais entusiasmados “bombeiros”, foi apanhado nesse trote, sendo imobilizado numa tábua, coberto com um lençol e levado ao Corpo da Guarda. E nesse mesmo livro, linhas abaixo, fala do interessantíssimo jogo dos “irmãos saltadores do Bósforo”, a que se referirá em *Rovering to success*: regras simples, mas com uma etiqueta a observar; o participante vinha correndo do outro lado da sala, executava sobre uma mesa/escrivaninha algo como o “salto sobre o cavalo” olímpico, e, feita a cambalhota, aterrissava de costas sobre os móveis empilhados atrás da mesa.

[116] Em *Memories of India*, B-P relata que deu muita sorte certa ocasião, quando em sua formação como oficial, na Índia. O General comandante da guarnição de Lucknow tinha em seu poder inumeráveis rascunhos e esboços de caricaturas feitos por B-P (como é típico, retratando seus superiores, inclusive o General, de forma satírica), coletados dos papéis jogados fora. O General levou tudo isso na esportiva e riu muito, mas advertiu B-P de que nem todos podem encarar com bom humor o se verem caricaturados; B-P diz que por esse sábio conselho é que não se dedicou mais profundamente à caricatura.

dar a impressão de ser você outra pessoa, e levar isso adiante com êxito sem se trair, é um dom que pode ser inestimável na atividade de Inteligência[117].

Mas é preciso ter uma boa dose de presença de espírito e autoconfiança para levar a bom termo esse tipo de trabalho quando sua vida pode depender disso; então, é desejável ter considerável prática nesse tipo de brincadeiras e trotes entre amigos como treino preliminar (como os oficiais superiores me hão de ser gratos, por dar este tipo de sugestão aos seus subalternos!).

ESPIONAGEM

Após certo tempo em serviço, coube-me fazer trabalho de Inteligência em países estrangeiros, e foi aí que minha experiência, no ponto em que estava, em representar, disfarçar-me e enganar os outros foi-me de grande valia. Em meu livro *The adventures of a spy*, relatei alguns incidentes desse tipo de trabalho, e em muitos deles o sucesso dependeu inteiramente da capacidade de representar um papel, com vestimentas, maneirismos, jeito de falar, e por aí vai.

Claro, a pessoa precisa modificar "seu jeito de ser" de acordo com as condições locais, mas geralmente o que dava melhores resultados era assumir a atitude mais abobada possível. Às vezes, quase doía o esforço de reprimir o riso exultante que brotava em mim, e de não demonstrar nem por um lampejo do olhar quando, digamos, um oficial ruritariano[118] tentava fazer entender os esquemas estratégicos secretos que eram a informação que se precisava obter na missão. Quanto mais obtuso eu me mostrava, mais insistente ele ficava tentando fazer-me entender os detalhes.

---

[117] Inteligência, com maiúscula, é a informação processada e analisada que permite orientar a tomada de decisões. O ciclo da Inteligência tem as seguintes fases: planejamento e direção (o que se quer buscar, para quê, como, quando, solicitação); coleta (obtenção dos dados); processamento (ordenamento, tradução, cruzamento de dados, priorização); análise (qual a aplicação); difusão; e retroavaliação.

[118] Nacionalidade fictícia, querendo dizer "de alguma potência que poderia ser inimiga".

A menor curiosidade que eu manifestasse o teria colocado em guarda, enquanto, por outro lado, se eu mostrasse absoluto desinteresse, poderia fazê-lo desanimar. Era uma linha bem tênue entre as duas atitudes, e eu só conseguiria segui-la por meio de cuidadosa simulação e finura. Era delicioso.

ALEGRANDO OUTROS[119]

Representar traz outro tipo de alegria, uma que me foi apresentada por Sir Baker Russell[120], meu comandante; é a alegria de proporcionar diversão aos outros. E esse é um bom esporte, como tantos outros na vida, especialmente em ocasiões em que a cólera[121] ou a febre tifoide campeia e o medo da morte pesa sobre os homens.

---

[119] Sobre "espalhar alegria", o seguinte extrato de *The piper of Pax* (WADE, 1924) dá uma ideia do talento de B-P como palhaço. O fato relatado deu-se por ocasião da movimentação do 13º de Hussardos para a expedição de Sir Charles Warren à Bechuanalândia, em 1884.

> O General Sir Charles Callwell, em suas *Reminiscências*, refere-se da seguinte forma ao seu primeiro encontro com B-P:
>
> *Fiquei retido em Deolalee [onde funcionava um acampamento de trânsito do Exército Britânico na Índia] por uns três ou quatro dias, e durante esse tempo o 13º de Hussardos chegou, em sua mudança da Índia para a África do Sul. Baden-Powell, cujo nome eu já ouvira com frequência, era o Ajudante, e na noite que eles passaram na localidade, aconteceu de ele sentar-se em frente a mim no jantar. Ele estava na sua disposição mais absurda, fazendo todos os tipos de macaquices, imitando os vários instrumentistas de uma orquestra, e por aí adiante, e ele desencadeava no homem ao meu lado e em mim mesmo tais acessos de riso, que quando o jantar chegou ao fim, nós descobrimos que praticamente não comêramos nada. Tivemos de voltar clandestinamente depois que o salão se esvaziou, para pedir uns ovos cozidos, de modo a manter alma e corpo unidos até amanhecer.*

[120] O General Sir Baker Creed Russell (1837-1911) foi comandante do 13º de Hussardos ao tempo em que B-P lá serviu como oficial subalterno e intermediário. Combateu no Motim dos Sipaios (1857-59), participou da Guerra Anglo-Ashanti (1873) e da Guerra Anglo-Zulu (1879). Comandou uma Brigada de Cavalaria na Guerra Anglo-Egípcia (1882) (www.wikipedia.org).

[121] Entre os amigos que B-P perdeu para a cólera-morbo, destaca-se Frederick Stevens (vulgo Tommy) Dimond (1856-1892), seu companheiro desde o ingresso no serviço do Exército. Quando da promoção a Capitão, em 1884, "Tommy" Dimond foi movimentado para o 3º Regimento de Dragões da Guarda (www.worthpoint.com/worthpedia/letters-lt-frederick-dimond-13th-465296885, obtido em 07/04/2021, e em https://digital.nls.uk). B-P fala da morte de Dimond em seu *Memories of India*, mas sem especificar a época. Pela data na fonte indicada, Dimond morreu quando B-P estava em Malta.

Um dos maiores sucessos foi o lugar conhecido em Malta como a "Cataplasma". Quando servi lá, no Estado-Maior[122], eu tinha a intenção de prover algum local que servisse para a recreação dos soldados fora do aquartelamento, e eu pretendia fazê-lo tão diferente da caserna quanto possível.

Apoderamo-nos de um hospital abandonado da cidade e o transformamos num grande e magnífico Clube, com seu teatro, salão de baile, bilhares, salas de leitura e escrita, ginásio, restaurante e casa de chá (onde era permitido servir vinho, cerveja e destilados), banheiros e uns quarenta quartos para hospedar.

Um prédio anexo foi transformado num clube para as esposas e filhos dos militares, onde podiam ter descanso e pequenas refeições.

A instituição deu bom retorno desde o começo, não só sob o ponto de vista financeiro, mas também do ponto de vista moral. Era gerido inteiramente pelos próprios soldados, com responsáveis escolhidos diariamente dentre eles para terem a atribuição de manter a boa ordem do local.

Entretanto, houve vozes de protesto que se levantaram contra o projeto, alguns por parte dos proprietários dos botequins locais, o que consideramos um precioso elogio, mas também por parte de alguns dos capelães. Então, reuni-me com os capelães num conclave, a fim de ouvir suas críticas.

Sua principal objeção era que o clube se situava na pior parte da cidade, entre os botequins e casas de má reputação.

Com ar de completa inocência, eu então lhes perguntei: "Muito bem, se os senhores tivessem uma inflamação, onde poriam a cataplasma?"

Houve alguns momentos de silêncio, eles perceberam que o argumento fazia sentido, e as nuvens se desfizeram entre gargalhadas, e daí por diante eles apoiaram o esquema com a maior boa vontade.

[122] Como ajudante-de-ordens do General Smyth, seu tio, designado Governador de Malta, 1890-93.

O nome, porém, pegou, e o meu belo clube ficou universalmente conhecido como “a Cataplasma”.

ENTRE ATORES

Tendo sido colega de escola de tantos atores, acabei construindo muitas calorosas e sólidas amizades nesse meio encantador.

Entre outras coisas, fui padrinho de casamento de Cyril Maude[123] há alguns anos, o que foi muito generoso de minha parte, considerando que em sua encantadora autobiografia ele lançou uma torpe calúnia a meu respeito – que, quando fui submetido a um exame de Religião, o examinador me teria perguntado: “O que Eliseu disse ao ver Elias subir ao Céu num carro de fogo[124]?” E a minha resposta: “Nunca vi algo assim”.

Ainda hoje tenho minhas suspeitas de que ele teria dito algo parecido, mas essa resposta não foi considerada correta pelo examinador.

Um dia desses, fui convidado para almoçar em casa de Sir Squire Bancroft[125], e quando cheguei à sua porta, lá estava uma dama minha conhecida, tocando a campainha.

Então, perguntei a ela o que fazia por ali. Ela “ia almoçar com os Bancrofts”.

“Nossa, então, por favor, leve-me para dentro e me apresente”, supliquei.

“Desculpe, mas não posso fazer isso agora. Veja, eu fui convidada para almoçar com eles”.

Mas eu não aceitei um “não” como resposta, e assim que a porta abriu eu entrei junto com ela.

Ela protestou, mas eu insisti. Ela foi subindo a escada e eu atrás, por mais que ela me implorasse para ir embora.

---

[123] Cyril Francis Maude (1862-1951), ator inglês. Estudou em Charterhouse, como B-P. O casamento mencionado foi em 1888 (www.wikipedia.org).

[124] Da Bíblia: 2º livro de Reis, capítulo 2, versículos 9 a 14. A resposta correta seria: “Meu Pai! Meu Pai! Carro de Israel e seus condutores!”

[125] Nascido Squire White Butterfield (1841-1926), ator britânico. Ele e sua esposa, Effie Bancroft, são considerados modelares de um tipo de peça batizado “comédia de escritório” ou “drama de xícara e pires”, devido ao realismo dos cenários. Squire foi feito cavaleiro em 1897 (www.wikipedia.org).

Ela entrou no escritório, já furiosa, comigo ainda no seu encalço.

Mas não pôde evitar cair na gargalhada, com alívio, quando descobriu, afinal, que eu também havia sido convidado.

Em uma das animadas ceias de Beerbohm Tree[126], ele me posicionou ao lado de Nat Goodwin, o ator americano, dizendo: "Você vai achá-lo uma figura bem divertida".

Mas Nat permaneceu calado por algum tempo, e eu comecei a achá-lo bem sem graça. De repente, ele se virou para mim e perguntou: "Você já viu a ascensão de um balão?"

"Bem... sim", respondi.

"Mas já viu uma quando estivesse com torcicolo?"

"Não, ainda não".

"Pois bem, eu já". E prosseguiu, dando-nos uma maravilhosa representação de como viu tudo acontecer pelos olhos dos outros espectadores, sem poder levantar a cabeça para olhar e tendo que julgar o caráter das pessoas pelos seus calçados antes de fazer-lhes perguntas sobre o progresso do balão.

Nessa ocasião, Weedon Grossmith[127] deu-nos um comovente recitativo sobre os *Yeomen*[128] convocados para a Guerra[129]. Isso imediatamente atiçou nosso fervor patriótico. Levou-nos ao campo de batalha; tocou-nos profundamente com o sofrimento, e por fim arrematou levando-nos a uma explosão de leal entusiasmo – e tudo isso sem emitir uma única associação coerente de palavras. Não, não quero dizer que Weedon tivesse bebido demais; de forma alguma. Ele simplesmente imitou um declamador apresentando sua articulação pedante e entonação exagerada.

---

[126] Herbert Beerbohm Tree (1852-1917), ator inglês (www.wikipedia.org).

[127] Walter Weedon Grossmith (1854-1919) foi um autor teatral, ator e pintor inglês. Como ator, especializou-se em papéis cômicos.

[128] Homens da Guarda Real. Mais usualmente empenhados na guarda da Torre de Londres. Noutra acepção, soldados de batalhões territoriais.

[129] Para a Grande Guerra (1914-18).

O falecido Sir Herbert Tree[130] contou-me certa vez que deparou com uma de suas filhas vestindo roupas de menino. Quando chamada a se explicar, ela disse: "Andei estudando História, e peguei três personagens de cada sexo para analisar. Descobri que as mulheres não prestam, ao passo que os homens são esplêndidos; por isso, daqui por diante não quero mais ser menina. Serei homem".

O pai, então, perguntou gentilmente se ele podia saber quais os homens que, em especial, a haviam levado a essa absurda conclusão.

Ela deu como exemplo Ricardo Coração de Leão[131] com toda sua conduta cavalheiresca; e então, após citar as virtudes de Saul[132], ela acrescentou: "E tem *você*, Papai".

Foi quanto bastou para ele capitular.

"Mas onde você conseguiu essas roupas de menino?"

"Ah, eu as comprei de Johhny Smiles, nosso vizinho, por dezoito pence. Ele está com escarlatina[133] e não vai precisar delas enquanto estiver de cama".

DESENHO

Acredito que um dos desejos mais comuns a qualquer ser humano é o de expressar-se por alguma forma de arte: escrita, poesia, música, dramatização, desenho ou escultura.

---

[130] O mesmo Herbert Beerbohm Tree já mencionado. Teve três filhas no casamento com Helen Maud Holt (1863-1937): Viola, Felicity (atrizes) e Iris (poetisa). Dentre os filhos ilegítimos, destaca-se Peter Reed, pai do ator britânico Oliver Reed (www.wikipedia.org).

[131] Richard I Plantagenet (1157-1199), rei da Inglaterra de 1189 até sua morte, recebeu o apelido por suas virtudes de guerreiro corajoso e leal. Participou da Terceira Cruzada. Morreu pelo envenenamento (possivelmente infecção) oriundo de um ferimento por flecha sofrido em combate (www.wikipedia.org).

[132] Primeiro rei de Israel segundo a Bíblia, período provável século XI a.C. Sucedido por Davi.

[133] Doença infectocontagiosa que pode atingir crianças e adolescentes, caracterizada por uma infecção na garganta, acompanhada de manchas vermelho-vivo na pele. Causada pela bactéria *Streptococcus pyogenes*, a mesma que causa a amigdalite. A diferença é que na escarlatina, uma toxina produzida pelo estreptococo causa as manchas cutâneas. A transmissão se dá por contato direto, mais precisamente por inalação de secreções respiratórias, como as gotículas de tosse. Era considerada perigosa antes que se desenvolvesse um tratamento eficaz, hoje baseado na penicilina (www.fleury.com.br/manual-de-doencas/escarlatina).

Pessoalmente, eu encontro muita diversão ao praticar experiências rudimentares em todas essas que mencionei.

Eu gosto de me arriscar no desenho. Para mim, desenhar uma imagem é uma aventura excitante, pois nunca sei ao certo no que vai dar ao final.

Nunca aprendi a desenhar na escola, porque era uma matéria extra-curricular e não tínhamos condições de pagar por ela, mas procurei aprender por mim mesmo, estudando e copiando quadros de artistas e prestando atenção em como eles obtinham os efeitos. Cheguei a pegar algumas ideias a partir de pinturas rupestres dos homens primitivos; se eles eram toscos e singelos, conseguiam transmitir em grau notável a noção de vida e movimento.

Durante a maior parte de minha vida, fiz questão de escrever para casa semanalmente onde quer que me encontrasse, e eu sabia que minhas cartas eram ainda mais bem recebidas quando ilustradas com esboços e pinturas; então, quando eu estava em viagem eu as redigia em cadernos de desenho, na forma de um diário ilustrado. Por isso, tenho agora uma bela coleção deles, que são para mim um registro útil e uma recordação de bons momentos de meu passado.

Provavelmente meus desenhos seriam bem melhores se eu tivesse feito um curso, mas sempre foi difícil achar tempo para isso[134].

Entretanto, tive um pouco do melhor em treinamento prático desde que o *London Sketch Club*[135] me elegeu membro honorário.

Isso foi há muitos anos, e eles por fim me permitiram ingressar como sócio efetivo. Então, quando eu ia às suas sessões de sexta à noite, recebia a mais gentil ajuda e as críticas dos outros sócios, e o inestimável privilégio de observá-los em ação e prestar atenção em seus métodos. Os

[134] Lembrando que B-P era ambidestro: capaz de escrever e desenhar (bem) com qualquer das mãos. E, segundo ele conta em *Memories of India*, chegou certa vez a pintar um cenário para uma peça teatral sentado numa tábua entre dois cavaletes, usando ambas as mãos e ambos os pés.

[135] Clube inglês de artistas gráficos, fundado em 1898 e ainda existente, localizado em Chelsea, Londres (www.wikipedia.org).

sócios incluíam John Hassall[136], Dudley Hardy[137], Lawson Wood[138], Heath Robinson[139], Harry Rowntree[140], Starr Wood[141], Rene Bull[142], F. Shepherd[143], e muitos outros. Que grupo inteligente, brilhante e jovial eles eram – e ainda são, benza-os Deus.

Minha prática de desenhar, do jeito que é, além de me proporcionar um registro em álbum de minhas viagens e até um dinheirinho, ensinou-me a reconhecer belezas na natureza que doutra forma me teriam escapado.

Pouco após minha chegada à Índia, o jornal *The Graphic*[144] ofereceu-me remuneração por desenhos interessantes do *front*[145], então arrisquei-me em fazê-lo e, para minha surpresa e satisfação, recebi um cheque de seis guinéus[146] pela primeira remessa.

Não demorei a enviar mais esboços, e foi o início de uma longa e feliz ligação com o periódico. Passei a ter contato pessoal e amizade com

---

[136] Artista inglês (1868-1948), estudou na França e Bélgica.

[137] Artista inglês (1867-1922), muito popular por seus pôsteres.

[138] Artista inglês (1878-1957), teve muitos desenhos publicados na famosa revista *The Graphic*.

[139] William Heath Robinson (1872-1944), cartunista e ilustrador inglês.

[140] Artista neozelandês (1878-1950), destacou-se como ilustrador infantil; foi presidente do *London Sketch Club*.

[141] Desenhista e caricaturista inglês (1870-1944).

[142] Ilustrador e fotógrafo irlandês (1872-1942). Cobriu as campanhas contra os Dervixes (1898) e dos Bôeres até 1900 (foi ferido e mandado para casa). Ilustrou grandes obras da literatura.

[143] Talvez Ernest H. Shepard (1879-1976), artista e ilustrador britânico conhecido especialmente pelas figuras de animais antropomórficos em obras literárias.

[144] Jornal semanal ilustrado inglês, que começou a ser publicado em fins de 1869 e durou até 1932. Foi fundado como oposição ao *Illustrated London News*. Publicava notícias de todo o Império e dava grande destaque a literatura, artes, ciências e esporte. Entre os que escreviam para o jornal estavam H. Rider Haggard e Thomas Hardy. B-P vendia regularmente seus trabalhos para a revista (www.wikipedia.org).

[145] Provavelmente por volta de 1881, época em que B-P foi para o Afeganistão e fez o mapa da Batalha de Maiwand e assistiu ao combate no Passo Tungi, relatado em *Adventures and accidents*. Época em que também realizou a proeza de dar um tiro de revólver no próprio pé.

[146] Guinéu: antiga moeda em ouro; valor correspondente a cerca de 1,05 libra.

o Sr Carmichael Thomas[147], que era o proprietário e editor. Essa ligação trouxe-me também um acréscimo muito bem-vindo aos meus modestos vencimentos de oficial subalterno, que acabou me fazendo capaz de custear minhas práticas de polo e caça ao javali, o que, sem esse reforço financeiro, teria sido impossível.

SIR HARRY JOHNSTON

Outro que contribuía para o *Graphic* nessa época era Sir Harry Johnston[148], cujos desenhos o Sr Thomas tem na mais alta conta. Sir Harry era uma espécie de *Admirable Crichton*[149], pois, além de suas qualidades de explorador e administrador, era conhecido por seu apuro no vestir, por suas pesquisas sobre religiões, por seus conhecimentos como naturalista e por seu talento como artista realista.

Suas ilustrações eram admiráveis, não só pelas cores e pela qualidade do desenho, mas também por sua extraordinária exatidão nos detalhes. Um dos seus trabalhos mais notáveis foi a figura de um guerreiro masai[150] morto em combate. Para obter um efeito realista, ele convenceu um masai a fingir-se de morto no chão do seu ateliê, e um

---

[147] Filho de William Luson Thomas (1830-1900), Carmichael Thomas (1856-1942) assumiu a gestão do *The Graphic* com a morte do pai (www.wikipedia.org). Pela época a que se refere, em que era oficial subalterno, provavelmente B-P quis dizer que a ligação com o *The Graphic* vinha do tempo de W. L. Thomas e prosseguiu com o filho, pois quando Carmichael assumiu, B-P já era general.

[148] Sir Henry (Harry) Hamilton Johnston (1858-1927) foi um explorador britânico, botânico, linguista e administrador colonial. Publicou 40 livros sobre temas africanos e foi um dos principais atores na "corrida para a África" dos impérios coloniais do final do século XIX.

[149] *The admirable Crichton* é uma comédia teatral de 1902, de J. M. Barrie (sim, o mesmo autor de *Peter Pan*), que virou filme em 1918 (mudo) e em 1957 (pode ser encontrado no YouTube). No enredo, Crichton é o mordomo do Conde de Loam. Loam, sua família e amigos e, de quebra, Crichton, naufragam e vão parar numa ilha tropical deserta. Crichton é o único do grupo com conhecimentos práticos, capazes de assegurar a sobrevivência. Consequentemente, vira o "líder natural" e, com o tempo, acaba sendo o "governador" da ilha. Um navio finalmente os resgata, e Crichton volta à sua velha função. A situação desconfortável na casa pela alteração hierárquica leva, por fim, Crichton a deixar o serviço (www.wikipedia.org). A peça põe em xeque as relações de classe na sociedade britânica da virada do século. B-P quer dizer que Sir Harry era um "homem dos sete instrumentos", de tudo sabia fazer alguma coisa.

[150] Masai: grupo étnico seminômade localizado no Quênia e no norte da Tanzânia (www.wikipedia.org).

galão de sangue de carneiro foi despejado para acrescentar realismo à cena.

Enquanto ele estava absorto, pintando, anunciou-se a chegada de uma delegação de chefes tribais, que, sem quaisquer cerimônias, foi entrando pelo estúdio. A horrenda cena que se lhes apresentou era demais para eles, e fugiram em todas as direções, espalhando a notícia de que, quando o "Chefão Baixinho" queria pintar um homem morto, imediatamente matava o mais próximo.

Outra coisa valiosa que obtenho do desenho é que todos os tipos de imagens me interessam, e isso me dá mais prazer do que o faria se eu não desenhasse, e assim posso apreciar melhor a inspiração e a mensagem que eles trazem.

Desenhar, nestes dias de crescente pressa, ruído e materialismo, tem a vantagem adicional de me afastar do ruído e agitação dos lugares com muita gente, para a calma atmosfera da natureza, fazendo-me mergulhar nas belezas e maravilhas que Deus colocou no mundo para desfrutarmos.

ESCULTURA

Cheguei até a me aventurar na escultura.

Quando estive lotado em Malta, muitos anos atrás, um escultor veio da Itália para entalhar um monumento para a Catedral, e ele me permitiu observá-lo em seu trabalho.

Um dia, cheguei ao ateliê quando ele estava fora, e para passar o tempo peguei um bloco de argila e dei-lhe a forma da cabeça e ombros de um marinheiro fumando cachimbo. E prendi a peça na parede, para diversão de seus dois ou três aprendizes.

Quando ele chegou e notou a presença dessa obra de arte, perguntou quem a fizera e, então, disse-me para voltar no dia seguinte e começar a modelar a partir de modelos vivos.

Ele me arranjou um modelo vivo, um patético negro velho meio cego da Núbia[151]. Com suas feições bem marcadas, não foi difícil copiá-lo e,

[151] Região centro-africana onde ficam as nascentes do Nilo, em território correspondente ao Sudão.

por incrível que pareça, o busto que fiz dele ficou bastante bom, tanto que, ao ser exposto mais tarde, recebeu menções bem favoráveis dos críticos.

O CAPITÃO JOHN SMITH

Esse resultado me acendeu o fogo do entusiasmo, e depois, quando voltei à Inglaterra, dei início a um projeto mais ambicioso, o de fazer um busto do meu herói, o Capitão John Smith, da Virgínia[152].

Eu não tinha dinheiro para contratar um modelo vivo, nem podia alocar tempo para isso durante o dia. Portanto, dediquei-me a esse trabalho na hora de dormir.

Usando um espelho de barbear dobrável de três faces, foi-me possível usar minha própria cabeça, orelhas e nuca como modelo. Esculpi suas feições a partir de minha imaginação, procurando indicar nelas o quanto pudesse de seu caráter variado e forte[153].

John Smith foi um soldado de alguma fama, e um navegador muito experiente, além de geógrafo, explorador e governador colonial.

Combateu contra os turcos com destacada bravura no exército de Sigismundo da Transilvânia, ocasião em que, tendo derrotado três de seus campeões em combate singular, foi-lhe concedido colocar em seu brasão de armas três cabeças de turcos.

---

[152] Capitão John Smith (1580-1631), explorador inglês. Desempenhou importante papel no estabelecimento da primeira povoação perene de colonos ingleses na América, Jamestown, na Virgínia. Explorou e mapeou rios da Virgínia e a baía de Chesapeake. Serviu como mercenário no exército de Henrique IV da França na guerra de independência da Holanda; serviu no exército austro-húngaro, combatendo os otomanos – segundo consta, matou três oponentes turcos em combate singular, o que lhe valeu ter três cabeças de turco em seu brasão de armas (no brasão, há o dístico "*vincere est vivere*". Em 1602, ferido numa escaramuça, foi aprisionado e tornado escravo. Após fugir, viajou pela Europa e África do Norte, retornando à Inglaterra em 1604. Em 1607, chegou com os colonos à Virgínia, nomeado como um de seus líderes. Teve de haver-se com a escassez de alimentos. Foi aprisionado pelos índios powhatans, tendo a vida salva por Pocahontas, filha do chefe. Em 1609, Smith feriu-se nuam explosão de pólvora e foi tratar-se na Inglaterra. Em 1614, retornou à América, percorrendo a costa dos atuais Maine e Massachusetts, da qual publicou um mapa (em 1616), batizando a região como Nova Inglaterra. Escreveu textos comparando os diversos regimes de administração colonial (franceses, espanhóis, etc.). Depois de 1615, não voltou mais à América e faleceu em Londres (www.wikipedia.org).

[153] No tempo de Baden-Powell, muitos acreditavam na fisiognomonia, pseudociência segundo a qual pode-se inferir o caráter de uma pessoa pelos seus traços faciais e posturais.

Depois, foi enviado numa expedição de três navios para explorar as costas da América; mas, como ele considerou que esses navios eram inadequados para a finalidade, adotou um expediente bastante simples: navegou para a França, e lá combateu e capturou três navios maiores.

Então, levou um grupo de colonos para a Virgínia e instalou-os numa povoação junto ao rio James[154].

Certa feita, ele saiu para, por conta própria, fazer um reconhecimento e aproveitar para caçar patos selvagens, levando um nativo como guia. Como precaução para que o guia não desertasse, prendeu-se a ele com uma liga.

Eles foram atacados por índios hostis, e no esforço para fugir o guia caiu num pântano, arrastando com ele John Smith. Capturado e levado perante o chefe Powhatan, só foi salvo da morte pela intercessão da filha do chefe, Pocahontas. Vieram a tornar-se grandes amigos. Pocahontas converteu-se ao cristianismo e veio a casar-se com Rolfe[155], de uma antiga família de Norfolk e lugar-tenente de Smith.

Smith ficou bastante ferido numa explosão e voltou à Inglaterra, onde durou alguns anos, vindo, por fim, a falecer por sequelas de seus ferimentos.

Mas até o fim da vida ele foi o mais bem-humorado dos mortais, e enquanto ditava sua autobiografia, ria tanto ao recordar-se de alguns dos seus maiores infortúnios, que seu secretário confessou que só conseguiu registrá-los meio vagamente.

Pode-se ver que, por essa história, essa cabeça era muito interessante para esculpir, e por sorte o resultado me deu tanta satisfação que mandei reproduzi-la em bronze.

---

[154] Rio que corta o estado americano da Virgínia; tem 547 km de comprimento (www.wikipedia.org).

[155] John Rolfe (1585-1622). Credita-se a ele a primeira plantação bem-sucedida de tabaco para exportação na colônia da Virgínia. Foi para a América na expedição de 1609, chegando à Virgínia como viúvo em maio de 1610 (a esposa e a filhinha morreram na viagem). O casamento de Rolfe com Pocahontas (1614) trouxe vários anos de paz entre os colonos e os nativos ao redor de Jamestown (www.wikipedia.org).

Pouco tempo depois, fui convidado a mandar alguns de meus trabalhos para uma exposição de obras de arte feitas por oficiais do Exército e da Marinha, então enviei o velho John Smith.

O administrador da galeria de arte, em lugar de colocar o busto nessa exposição, achou que ele merecia coisa melhor e encaminhou-o para a Academia Real, que nesse dia estava recebendo esculturas e, para minha surpresa, foi aceito.

Outra bomba em minha vida!

Depois dessa, parecia que nada poderia me deter na carreira de escultor; mas, como aconteceu de os meus deveres militares coincidentemente terem aumentado bem nessa época, eu não tinha como me dedicar ao aprofundamento na arte. E também, refleti que era melhor não ficar tentando muito a sorte, e que seria mais sábio repousar sobre os lauréis conquistados. Fiz isso e, salvo por uma ou duas estatuetas que esculpi, continuei nesse repouso até hoje.

Mas o que esse papo sobre arte tem a ver com a Exploração?

Simplesmente por isso: uma vez que você pratique a modelagem de cabeças, você descobrirá que passa a olhar sob outro ponto de vista para toda pessoa que encontrar. Você prestará atenção na posição assumida usualmente pela cabeça sobre o pescoço, a forma das feições e as expressões faciais, a um nível de detalhamento que nunca atingiu antes.

Simplesmente você não consegue evitar. Seus dedos coçam de vontade de pegar num punhado de argila e modelar aquele nariz ou testa.

Por meio desse tipo de prática, você gravará na memória os rostos de pessoas assim que as vir, e essa, tanto para um detetive quanto para um Explorador, é uma aptidão muito valiosa.

Quando você se torna capaz de modelar um rosto ou silhueta de memória, você pode fazer as melhores caricaturas. Naquela agradável hora entre o chá e o jantar após um dia de caçada, fiz muitas estatuetas caricaturando personagens, homens e cavalos, vistos no campo ao longo do dia.

DANÇA

Sou, também, um sujeito que tem firme fé na dança, e mantenho a crença de que a prática que adquiri aprendendo a dançar foi grandemente responsável pela relativa facilidade com que mais tarde eu consegui ganhar distância sobre meus perseguidores, quando os guerreiros matabeles me caçavam no terreno rochoso dos montes Matopo[156], na Rodésia.

Essa prática me deu equilíbrio e comando sobre meus pés e pernas, de modo que eu conseguia saltar com precisão de uma pedra para outra, enquanto os matabeles, homens da planície e pouco acostumados ao terreno acidentado, escalavam e tropeçavam custosamente atrás de mim[157].

Assim, até mesmo a dança veio à cena como um treinamento útil para a Exploração.

MÚSICA INSTRUMENTAL NA ESCOLA

Quando estava em Charterhouse, eu me havia juntado ao Corpo de Cadetes como corneteiro; tocava também o corne inglês na banda, e o violino na orquestra.

Tínhamos na orquestra um sistema muito bom, no qual um garoto de cada vez assumia como regente.

Esse treinamento trouxe dois resultados bem úteis quando me incorporei ao meu regimento. Por ter essa experiência com música de banda, fui feito presidente da Banda de Música, e, em consequência, sem dúvida devo ter sido uma grande fonte de aborrecimento para o Mestre da Banda. E, de quebra, quando ele saía em férias, eu era capacitado para assumir seu lugar e reger nossa orquestra regimental.

Também, por estar habituado a tocar corneta, eu era capaz de dar eu mesmo os toques de comando (talvez vocês achem que neste livro eu

[156] Ou Matobo. Cecil Rhodes foi sepultado nos montes Matobo, perto do rei Mzilikazi.

[157] Conforme ele relata em *Adventures and accidents*, e no capítulo I, páginas acima.

continue tocando a trombeta em meu próprio favor), sem o retardo usual de mandar o corneteiro dar este ou aquele toque[158].

Assim, meus esforços elementares em música vocal e instrumental demonstraram sua utilidade posteriormente em minha carreira.

LAR, DOCE LAR

John Hullah[159] era nosso maestro do coral em Charterhouse[160]. Logo no primeiro dia por lá, ele descobriu que – tal como ele – eu tinha capacidade de cantar em falsete[161].

Já que falei sobre John Hullah e seu canto, outro músico famoso, Paolo Tosti[162], costumava frequentemente vir à nossa casa[163], e era um prazer ouvi-lo cantar seu *Adeus*, se bem que sua voz, até onde me recordo, não estava à altura do sentimento que ele punha no canto.

Creio que fui um dos últimos a ouvir Adeline Patti[164] em sua incomparável interpretação de *Home, sweet home*. Foi logo após um jantar de acesso restrito em sua casa, quando já fazia um bom tempo que ela deixara de cantar em público, que nós conseguimos persuadi-la a cantar. Sua voz talvez já não fosse tão boa para cantar em recitais, mas,

---

[158]Quando a tropa é numerosa ou está numa área grande, usa-se dar as vozes de comando por corneta. O comandante diz ao corneteiro que toque dar, e ele toca para que a tropa execute o movimento de ordem unida determinado.

[159] John Pyke Hullah (1812-1884) foi compositor, professor de Música e membro da Academia Real de Música. Foi responsável pela popularização da educação musical (www.wikipedia.org).

[160] Baden-Powell exalta o canto coral acima do solista ou lírico (individual), por considerá-lo uma expressão de "jogar pelo ,time, mais que por si mesmo".

[161] Falsete: quando se imita um registro vocal, geralmente mais agudo que o seu próprio. Como um tenor ou barítono que imita um soprano.

[162] Francesco Paolo Tosti (1846-1916), compositor e professor de Música italiano. Estabeleceu-se em Londres em 1875, tendo sido nomeado, em 1880, Chefe de Canto da Família Real. Naturalizado britânico em 1906 e feito cavaleiro em 1908.

[163] Segundo Tim Jeal, dona Henrietta costumava dar jantares em sua residência para fomentar os contatos com gente influente, que pudesse ser útil em suas pretensões como alpinista social.

[164] Adela (Adelina) Juana Maria Patti (1843-1919), italiana nascida na Espanha, foi uma das mais famosas cantoras de ópera (soprano) no século XIX. Sua primeira apresentação operística aconteceu em 1859, nos Estados Unidos, e a última, em 1914 (www.wikipedia.org).

apesar de menos potente, em sua sala de visitas pareceu simplesmente perfeita, e ela nos manteve enfeitiçados de uma maneira sem igual. Ficamos em silêncio ainda por algum tempo depois que ela terminou o canto.

E quão poucas pessoas se lembram do autor dessa canção. Visitei sua sepultura mais de uma vez. Fica num pequeno e lotado cemitério numa travessa em Túnis, onde ele, Payne[165], era auxiliar de secretaria no Consulado Americano.

Ele morreu na obscuridade, mas sua canção perdurou.

O ritmo coordena algo mais que o mundo em si; coordena o universo, mas nesta era de ruído e velocidade ele corria o risco de ser afogado e perdido neste mundo, até que o *jazz* aparecesse e o reafirmasse com sua percussão. Então, até no *jazz* há alguma coisa de bom em algum lugar – se você souber procurar.

O PERCUSSIONISTA DE MELBA

Por falar em tambores, um dia desses almocei com Melba[166] em sua encantadora casa australiana, e entre outras experiências interessantes, inspecionei a Tropa de Escoteiros pela qual ela era responsável. Entre eles havia um que, ela me disse, tocava o tambor como um anjo. Até então eu imaginava que o negócio dos anjos era mais com harpas. Mas quando o garoto começou a tocar, eu percebi pela primeira vez que havia algo mais que uma mera marcação de tempo, mais do que apenas ritmo, que havia verdadeiramente música num tambor caixa-de-guerra bem tocado.

DILETANTISMO NAS ARTES TEM SUA UTILIDADE

Temo que vocês achem, pelo que venho dizendo, que apesar de eu incursionar pelas artes, essas minhas incursões não eram de um padrão lá muito maravilhoso. E estarão certos!

---

[165] John Howard Payne (1791-1852), ator e escritor norte-americano. Conhecido pela autoria da canção *Home, sweet home*, escrita em 1822. Era a tabuleta posta na casa em que morou em New York (www.wikipedia.org).

[166] Helen Porter Mitchell (1861-1931), soprano australiana cujo nome artístico, Nellie Melba, vem do apelido (Nellie) e da sua cidade natal, Melbourne.

Vocês hão de me considerar como uma espécie de saltimbanco por advogar, como o fiz, o papel de cantor cômico, ator ou dançarino. Vão sentir-se inclinados a dizer: "O senhor não tem *nenhum* senso de dignidade?", e coisas nesse estilo.

Mas não me arrependo, e em meu apoio invoco a autoridade de Horace Walpole[167], que disse: "Uma canção descuidada com um pouco de *nonsense*, de vez em quando, não é inapropriada nem para um monarca".

Então, aí está!

Vocês me perdoarão por fazer-lhes total e aberta confissão dos meus gostos, bons ou maus, e da minha formação, de como me prepararam para a carreira que percorri plenamente no serviço militar, na Exploração, e em aproveitar as alegrias da vida.

Como eu já disse antes, a felicidade não resulta apenas do gozo das boas coisas da vida e das belezas e maravilhas da natureza, mas também vem, em larga medida, da prática de alegrar os outros.

Muito do que pode lhes parecer diletantismo frívolo nas artes, de minha parte tiveram bastante utilidade em levar alegria a outrem – e, por vezes, no momento em que mais precisavam disso.

[167] Horatio Walpole (1717-1797) foi um aristocrata (4º Conde de Orford) e escritor inglês. Inaugurou um estilo literário, o romance gótico, com a obra *O castelo de Otranto*.

CAPÍTULO III
ESPORTE

Num tempo tão recuado como 1570, Roger Ascham recomendou a prática da equitação, natação e esportes ao ar livre como complementos necessários à educação.

Jogos de equipe, como futebol, hóquei, polo e outros, promovem a disciplina pela necessidade de obediência às regras e ao capitão da equipe, jogo limpo, apoio aos companheiros e jogar com empenho pela equipe mais do que por si mesmo ou pela glória pessoal[168].

Claro que vocês já sabem tudo isso, mas o que quero dizer é que isso se aplica não apenas ao futebol e aos outros jogos, mas igualmente para o maior de todos os jogos, que é a vida, quando se joga como cidadão em seu lugar no time da sociedade.

MARINHARIA

No primeiro capítulo, eu falei do quanto devo ao meu treinamento em marinharia quando jovem. Um dos grandes méritos da vida embarcado é que ela dá a um garoto a chance de enfrentar o perigo e acostumar-se a isso, de tal modo que quando ocorrer uma crise, ou ele estiver no seu limiar, a própria proximidade da morte não o fará entrar em pânico.

Constatei isso quando estive no Canadá, onde a maioria das nossas viagens e práticas esportivas tinham de ser feitas em canoa.

Também numa embarcação maior, em casa, na qual nós irmãos constituíamos a tripulação, enfrentamos mais riscos que aqueles normalmente envolvidos na prática do iatismo, em parte porque nosso irmão mais velho, oficial de marinha e nosso comandante, tinha a delirante noção de que se algum dia fôssemos capazes de encontrar um navio em apuros e conseguíssemos ajudar a salvá-lo, não apenas

[168] Em 1900, B-P publicou um livro, *Sport in war*, ressaltando o valor do esporte (no caso, a caça) como ferramenta educativa e instrumental para a eficácia do homem na guerra.

estaríamos praticando uma boa ação, mas também, quem sabe, poderíamos obter um bom dinheiro pela salvatagem. Grande ideia!

Nós, irmãos mais novos, rezávamos para que não houvesse nenhuma pobre embarcação em apuros, se bem que não era só no navio que estávamos pensando.

Um dia, o chamado veio, quando estávamos fundeados no porto de Harwich[169]. Harwich é um lugar adorável, exceto quando há ventania do leste, que o torna horrível.

Nessa ocasião, veio um vendaval do leste daqueles bem desagradáveis. O barco de resgate partiu em resposta a sinais de embarcação em perigo, e nós, colocando a vela de tempestade tão rapidamente quanto possível, zarpamos por outro canal, por entre os bancos de areia, para um mar amarelado e horrivelmente agitado. Uma vez fora da barra, as nuvens grossas se moviam com rapidez, e as ondas eram tão grandes que logo perdemos de vista o barco de resgate, e passamos um tempo miserável.

Ainda assim, fomos em frente – na verdade, não tínhamos escolha – aos trancos e barrancos, com unhas e dentes, hora após hora, sem conseguir avistar nada.

Nosso capitão estava em glória o tempo todo e, quando a noite vinha caindo, apenas observou: “Ah, isso é bom! No escuro, será bem mais fácil localizarmos a embarcação pelos foguetes de sinalização”.

Mas não tivemos melhor êxito nisso, e quando finalmente reentramos no porto, descobrimos que o barco de resgate também não havia conseguido localizar a embarcação em perigo, que, nesse meio tempo, havia sido apanhada por um rebocador e já se encontrava em segurança no porto.

Assim, apesar de termos perdido o salvamento, havíamos ganhado experiência. E tivemos muitas outras desse tipo nos anos em que

[169] Cidade e porto no condado de Essex, leste da Inglaterra. Fica nos estuários dos rios Stour e Orwell, e é o único fundeadouro seguro entre o Tâmisa e o Humber, emprestando-lhe grande importância marítima. Instalou-se ali uma base naval em 1657. Teve papel importante nas Guerras Napoleônicas e nas duas Guerras Mundiais. (www.wikipedia.org).

praticamos. Apesar de termos adquirido prática em aguentar firme e correr riscos, nunca conseguimos fazer um resgate[170]!

Passamos maus bocados noutra ocasião quando percorríamos o Canal da Mancha contra um vendaval que se levantou do sudoeste. Tentamos chegar a Dartmouth[171], mas as correntes e marés estavam muito fortes para nós, rompendo nosso cabresto[172], forçando nosso gurupés[173] e arrebentando nossa claraboia[174].

Precisávamos aprestar o barco e correr à frente da ventania; um momento muito tenso, de fazer a volta com o barco num mar encapelado, com toda possibilidade de a embarcação adernar em cima de você. Ugh!

Foi uma viagem terrível por toda a noite, um verdadeiro pesadelo, com grandes ondas escuras a se agigantar atrás de nós, tentando alcançar-nos e desmantelar-nos. Hora após hora, atados como macacos aos nossos postos, apenas com comprimento de cabo suficiente para permitir a cada um fazer sua parte na manobra na sua vizinhança imediata, com cordas úmidas, duras como aço para puxar com as mãos cheias de bolhas, encharcadas de água salgada e meio congeladas.

Estivemos perto de dar-nos por acabados mais de uma vez, até que finalmente conseguíssemos contornar a península de Portland Bill[175] para colocar-nos ao abrigo do vento.

Mas, no fim das contas, foi uma excelente lição.

---

[170] B-P relata essas experiências marinheiras no capítulo I de *Adventures and accidents*.

[171] Cidade e porto no condado de Devon. Porto de partida para as Cruzadas de 1147 (Segunda) e 1190 (Terceira). Sofreu saques duas vezes durante a Guerra dos Cem Anos. Na Segunda Guerra Mundial, foi base para forças norte-americanas, e um dos portos de partida das forças que desembarcaram em Utah Beach no Dia D da Operação Overlord (www.wikipedia.org).

[172] *Bobstay* ou cabresto: estai que serve como compensador para neutralizar a tensão ascendente no gurupés.

[173] Espécie de mastro que se prolonga horizontalmente da proa de um veleiro, no qual muitas vezes se prende uma ou mais velas.

[174] Abertura superior numa cabine, para iluminação.

[175] Promontório estreito a partir da ilha de Portland, Inglaterra, onde há três faróis (www.wikipedia.org).

Aprendemos a disciplina imediata e a atitude de prontidão, mantendo a concentração sobre o perigo, e trabalho em equipe, cada qual valendo-se de sua presença de espírito e do melhor esforço para garantir a segurança da coletividade.

PESCARIA

Falar no Canadá e em canoas traz lembranças de pescaria de trutas e robalos naqueles encantadores lagos e rios entre as florestas de coníferas do Canadá.

Ah, como era bom!

Tive um mateiro franco-canadense como guia. Ele era um perfeito artista com o machado, demonstrando a mesma mestria tanto em cortar uma árvore quanto em apontar um lápis, um camarada grande e pesadão com mãos enormes, que se vangloriava de poder carregar uma carga de 150 kg, e ainda assim mostrava-se leve como uma pena ao saltar para dentro de uma canoa e capaz de atar uma isca delicada e pequena para pegar um peixe.

Em seu inglês peculiar e estropiado, ele era cheio de histórias interessantes sobre as florestas e seus mistérios.

Ele me contou como, numa noite enluarada, ele acordou em sua barraca ao ver uma sombra projetada do exterior sobre ela. Tinha a forma exata de seu camarada, que naquele dia não havia voltado da pescaria.

Pareceu-lhe que o homem estava lá com os braços abertos sobre a lona, e que estava tentando olhar através da lona para dentro da barraca. Chamou-o para entrar, mas não teve resposta.

Então, um súbito terror apoderou-se dele. Ele não podia mais aguentar. Pulou para fora dos cobertores e a sombra desapareceu.

Saiu da barraca e, na manhã seguinte, bem mais adiante rio abaixo, encontrou seu amigo – morto – esmagado num amontoado de troncos, com os braços abertos e o rosto para baixo, do mesmo jeito que o havia visto sobre a lateral da barraca.

Na África do Sul, tive pescarias maravilhosas em meio a paisagens deslumbrantes, naqueles adoráveis córregos, que descem do

Drakensberg[176], e as trutas arco-íris que eles contêm proporcionam um belo esporte.

A Nova Zelândia, com suas enormes trutas, agora encontra rival na Austália, especialmente na Tasmânia. Só cheguei a Launceston no último dia da temporada de pesca, mas viajei mais de 110 km de carro e alcancei o Grande Lago ao pôr-do-sol, numa ventania feroz e melancólica, com intensa chuva. Mas saí assim mesmo e, quando escurecia, peguei uma grande truta. Nunca encontrei um diabinho tão vivo e determinado. Foi uma boa luta, e acabei por pegá-la. Mas ela me deixou com uma vontade imensa de voltar à Tasmânia[177] ainda uma vez antes de morrer.

O que é melhor pescar, salmão ou truta? Não sei.

Eles são tão diferentes, e, de minha parte, só posso dizer que gosto de ambos. Pescar salmão é trabalho do tipo mais pesado, duro e exasperante , mas quando, depois de horas e dias de esforço baldado, você subitamente sente um puxão na linha, e sente que o fisgou (e não há palavras melhores para expressar isso), é bom não ter coração fraco, porque esse órgão certamente recebe um impacto e uma emoção que é difícil de controlar.

Por outro lado, pescar trutas exige mais habilidade e astúcia, e é uma arte delicada, que, apesar de menos excitante, é mais divertida.

Alguns anos atrás, perguntaram-me o que eu gostaria de receber em retribuição por fazer uma visita de inspeção a alguns Escoteiros no País de Gales e, conhecendo os gostos de meu anfitrião (o falecido Lord Glanusk), eu respondi que meu pagamento seria um dia de pescaria. Ao que ele prontamente acedeu e convidou-me a acompanhá-lo ao seu encantador chalé junto ao Wye.

Na manhã seguinte à minha chegada, que aconteceu de ser um domingo, sua filha levou-me até o rio lá embaixo, para dar uma olhada

---

[176] Montanha de mais de 3.000 m de altitude, situada na região que na época de Baden-Powell era chamada Zululândia (www.wikipedia.org).

[177] Ilha ao sul da Austrália. Seu primeiro avistamento registrado foi pelo navegador holandês Abel Tasman, em 1642. Há várias espécies de animais que só existem ali, como o carnívoro diabo-da-tasmânia (www.wikipedia.org).

antes de ir à igreja. A tentação era grande demais. Peguei uma vara de pescar do suporte só para experimentar um lançamento naquela adorável piscina natural. Só um lançamento. Bem, só mais um. Mas – oh! Fisguei um peixe, e era dos grandes. Por uns poucos minutos ele nadou gentilmente ao redor da piscina, puxando com firmeza, e então partiu velozmente rio acima, com meu molinete gritando seu alarme.

Eu tive de segui-lo, mas a barranca foi ficando rochosa, e ficou evidente que eu teria de entrar na água, apesar de não me haver preparado para isso. Minha galante anfitriã advertiu para os perigos de andar por dentro d'água, uma vez que no meio das pedras podia haver buracos com até seis metros de fundura; então, usando o gancho de puxar peixes como um bastão, ele entrou na água até a cintura e, dizendo-me para apoiar-me nela com uma das mãos quando eu pudesse soltá-la da vara, ela me guiou na perseguição do nosso peixe enquanto ele disparava rio acima.

Nós o seguimos por uma longa distância, até que ele chegou a um longo trecho aberto e profundo, onde era impossível irmos mais adiante, e ele já havia puxado toda a minha linha. Tinha chegado a hora em que deveria acontecer de eu mantê-lo ou ele me vencer.

Aguentei firme como se minha vida dependesse disso, esperando a cada minuto que a linha rompesse, mas ela aguentou. Súbito, ele fez a volta e veio a toda a velocidade descendo o rio em nossa direção. Recuperando a linha tão rápido quanto me era possível, eu estive com a linha frouxa por um tempo agourentamente longo. Pensei que ele tivesse escapado, mas para meu alívio, voltei a ter a tensão sobre ele. Então, ele nos arrastou rio abaixo, pelas pedras, e de volta à piscina original, onde, por fim, conseguimos pegá-lo; um maravilhoso peixe de doze quilos.

Quando o puxamos para terra, explodiram aclamações atrás de nós, e para nossa surpresa descobrimos que uma pequena multidão havia se juntado, vindo da estrada principal que passava ali perto, e que se regozijaram em ver o final bem-sucedido da peleja.

Mas não foi a última coisa que eu ainda ouviria sobre isso, pois essas pessoas espalharam a notícia, que acabou chegando aos jornais locais.

Uma semana depois, recebi um documento em gaélico[178] e inglês, vindo de uma congregação religiosa, no qual dizia que nenhum rapaz ou garota da congregação deveria entrar para os Escoteiros ou Guias, porque eu era culpado de pescar no dia santificado do *sabbath*.

A *Jock Scott*[179] é a melhor isca artificial para pescar salmão. Seu nome deriva de um famoso guia de pesca de Makerstoun[180] nos velhos tempos, e ele confeccionou esse tipo especial de isca para a então Duquesa de Roxburgh[181], para que ela a levasse consigo à Noruega, e depois disso tornou-se uma das mais populares iscas conhecidas.

Outro guia de pesca famoso em Makerstoun foi Rob o' the Trows. Aparentemente, se o que se conta sobre ele é verdade, ele era um tipo bem esquisito; consta que um dia ele estava servindo de guia para certo nobre, quando esse cavalheiro pegou e puxou para terra um salmão. Então, o nobre tomou um trago de seu frasco de bolso para se recompor, e voltou a guardá-lo.

Rob olhou para o frasco com alguma esperança de que fosse observado o tradicional costume de oferecer um gole ao guia.

Depois, o cavalheiro pegou outro salmão, e novamente bebeu, e de novo Rob esperou em vão.

---

[178] Língua falada no País de Gales, ao lado do inglês.

[179] John Scott criou essa isca, vivamente colorida, em 1845, numa viagem de pesca entre a Noruega e a Escócia, acompanhando o nobre e homônimo Sir John Scott; foi uma quebra de paradigma, pois os pescadores de salmão acreditavam que iscas eficazes deveriam ter a cor apagada dos insetos verdadeiros que eram presas dos salmões (www.moscofilia.com).

[180] Vilarejo escocês junto ao rio Tweed, na fronteira com a Inglaterra, distante 6 km de Roxbughshire (www.wikipedia.org).

[181] Antiga comunidade em Roxburghshire, sítio histórico escocês que na Idade Média foi um importante centro comercial. As terras ao redor do castelo de Roxburgh (destruído em 1460) pertencem aos Duques de Roxburgh (www.wikipedia.org).

Aconteceu por uma terceira vez, e então Rob saltou para o bote e pôs-se a remar, tomando o rumo de casa.

O pescador então chamou-o: "Aonde você vai?", e Rob simplesmente rosnou: "Quem bebe sozinho pode pescar sozinho", e foi para casa.

Como educação para a paciência, a pesca é, *par excellence*, a melhor das escolas. Apaixona homens de todos os tipos.

Como podem todos aqueles sujeitos ir e permanecer o dia todo numa chalana[182] no Tâmisa, ou seiscentos deles ficar alinhados na barranca do Trent, em competição, por horas a fio? Mas fazem isso com o maior gosto. Pergunte a qualquer deles se se divertiu. "Sim, um bocado", ele responderá, mesmo que seu samburá[183] esteja vazio.

Eles vão lá para *pescar*, não meramente *pegar peixe*.

Você aprende ainda mais sobre paciência quando vai pescar com isca artificial num dia ventoso e a sua delicada isca se prende num emaranhado de linha que você tem que desembolar. Isso já é suficientemente ruim na Inglaterra, mas é dez vezes pior quando lhe acontece, como aconteceu comigo, na Austrália, com uma *kookaburra*[184] empoleirada numa árvore próxima e caçoando de você a cada vez que a linha se emaranhava ou ficava presa a algum arbusto.

De alguma forma, a ausência da civilização ao seu redor adiciona sabor à sua pescaria, quer seja entre as charnecas[185] irregulares de

[182] Barco fluvial de fundo chato.

[183] Cesto de transportar pescado.

[184] Ave típica da Austrália e Nova Guiné (*Dacelo novaeguineae*, *Dacelo leachii)*, com 28-42 cm de comprimento, parecida com o martim-pescador, apesar de raramente comer peixes. É uma ave carnívora, que se alimenta de camundongos, pequenos répteis, insetos, cobras e filhotes de outras aves. Seu canto assemelha-se a uma gargalhada (www.wikipedia.org).

[185] Terrenos áridos e pedregosos cobertos por vegetação rasteira, como a urze (www.wikipedia.org).

Galway[186], quer seja nas montanhas de Natal[187], ou nas florestas do Canadá, ou na Tasmânia, o ambiente selvagem tem seus encantos.

Ao mesmo tempo, há uma doce atração nas águas perto de casa, onde, nos exuberantes prados de Hampshire[188], com o gado no meio dos botões-de-ouro até a altura dos joelhos e a narceja[189] com seu canto tamborilado acima de nossas cabeças, as gralhas grasnando sonolentamente entre os imponentes olmos[190], você vagueia devagar, tocaiando a truta em meio à infinita quietude e solidão, longe da enlouquecedora multidão e longe do ruído e correria da vida moderna nas cidades, um companheiro entre os pássaros e ratos-d'água[191].

A pesca de trutas é o melhor repouso curativo que há no mundo.

Nestas ocasiões, um guia de pesca estraga toda a diversão. Um homem que não consiga trazer um peixe para terra por si mesmo não é um pescador.

CAÇA COM ARMA DE FOGO[192]

---

[186] Cidade e porto da costa ocidental da Irlanda, capital do condado homônimo e quarta cidade mais populosa do país, surgida a o redor de uma fortaleza construída em 1124 (www.wikipedia.org).

[187] Província na África do Sul.

[188] Condado no sudeste da Inglaterra, que já foi conhecido como Southamptonshire e Hamptonshire. Suas duas maiores cidades são os portos de Southampton e Portsmouth (ww.wikipedia.org).

[189] Ave típica de alagadiços, da família *Scolopacidae*. Os dois gêneros mais comuns são *Gallinago* (encontradiço quase no mundo todo) e *Lymnocryptes* (Europa e Ásia). Quando a narceja voa, é um alvo difícil, pois seu voo é errático. Daí ter-se dado o nome *sniper* ao atirador de escol (www.wikipedia.org).

[190] O olmo, ou olmeiro, é uma grande árvore nativa do Hemisfério Norte, pertencente ao gênero *Ulmus*. Sua madeira é usada para diversos fins, principalmente fabricação de móveis e pequenas obras de marcenaria (www.wikipedia.org).

[191] *Arvicola amphibius*, roedor semiaquático encontradiço em quase toda a Europa e Ásia Ocidental. Alimentam-se principalmente de capim e outras plantas à beira-d'água, mas, se tiverem oportunidade, enriquecem sua dieta com frutos, bulbos, brotos e raízes (www.wikipwdia.org).

[192] É preciso lembrar que, à época em que B-P viveu, a caça, "mantendo vivas as práticas dos ancestrais", era um esporte muito valorizado, por desenvolver no homem atributos como vigor, aptidão física, disciplina, planejamento, coragem e astúcia.

Falando sobre caça com arma de fogo, alguém disse ontem que "caçar galinholas[193] é o esporte mais perigoso do mundo".

Bem, de fato é um bocado arriscado, quando você está caçando em tocaias na Inglaterra e o pilantra voa baixinho, esquivando-se aqui e ali e todas as armas que o tenham à vista arriscam um tiro.

Mas em seu próprio território, a Albânia[194], onde ele não é uma raridade, você pode atirar com mais calma, mais cuidado, e com melhor eficácia.

Lá era um excelente país para caçar com arma de fogo. Agora está ficando civilizado demais, mas alguns anos atrás, quando fui lá num iate (a única maneira de chegar lá), fundeamos numa perfeita enseada cercada de terra, e íamos todos os dias a terra para caçar.

A lei lá era que você tinha de levar um soldado com você, como acompanhante. Seu pagamento era seis *pence* por dia, e cigarros ilimitados. Então você conseguia alguns moradores das aldeias próximas e seus cães, para irem com você como batedores. Formavam um bando de desordeiros de aparência pitoresca, o que era natural, pois sua outra ocupação era a de bandoleiros, pelos quais você podia ser sequestrado e levado para extorsão de resgate, a menos que estivesse sob proteção do governo, o que era evidenciado pelo seu soldado acompanhante.

Mas como batedores eles eram excelentes, guardas duros e bem-humorados, e bons caçadores.

Os cães daquele país eram um atrativo especial no cenário. Eram treinados para atacar estranhos, com a intenção de prevenir o furto de ovelhas. Se alguém visse um rebanho de ovelhas pastando numa encosta de morro, o melhor a fazer era passar bem ao largo dele, porque cada rebanho era guardado por três ou quatro cães. Os danados ficam

---

[193] Ave aquática do gênero *Scolopax*, parentes das narcejas do gênero *Gallinago*. Habitam áreas florestais, alimentando-se geralmente ao anoitecer/à noite (www.wikipedia.org).

[194] País balcânico (sudeste europeu), que faz fronteira com Montenegro, Kosovo, Macedônia do Norte e Grécia. É um dos países menos desenvolvidos da Europa. Independente desde 1912, invadido pelos italianos em 1939, comunista no pós-guerra, "redemocratizando-se" a partir de 1992 e pleiteando ingresso na Comunidade Econômica Europeia (www.wikipedia.org).

deitados por perto enquanto as ovelhas pastam, mas se um homem estranho aparece, o cachorro mais próximo avança contra ele, alertando os demais para o ataque, e eles não se satisfazem enquanto não tiverem abatido o sujeito.

Havia uma lei bastante rígida quanto a atirar num cachorro, mesmo que em defesa própria, e ela impunha penalidades bem pesadas a quem o fizesse, mas você podia apunhalá-lo se ele se aproximasse o suficiente para estar ao seu alcance.

Quando desembarcamos, levamos alguns dos nossos tripulantes para servirem de batedores, e os armamos com piques de abordagem, que serviam tanto como porretes, quanto como lanças para defenderem-se contra os cães.

Um conhecido desportista de Essex[195], que andou caçando na Albânia, contou-me que havia sofrido um ataque por um desses cães e que, em autodefesa, abateu-o a tiro.

Então, lembrando-se da lei, prontamente pôs-se ao trabalho para enterrar o cão antes que alguém o visse.

Quando estava no meio da operação, o dono do cão apareceu!

"Meu Deus!", eu disse. "E o que você fez então?".

"Oh, não havia outro jeito. Enterrei-o também".

EM MALTA

Afirmou-se, num livro sobre caça no Mediterrâneo, que eu marquei um recorde de abates de galinholas em Malta. Já esqueci o que se dizia de tal recorde, mas não deve ter sido lá grande coisa, pois acredito nunca ter conseguido mais que uma meia dúzia numa mesma temporada de caça.

Quando as galinholas vinham em sua migração anual, davam preferência aos laranjais pertencentes ao palácio de campo do Governador, em Verdala[196]. Cuidar dessa residência era uma das minhas

[195] Condado no leste da Inglaterra. Sua principal cidade é Chelmsford (www.wikipedia.org).

[196] Palácio em Siggiewi, sudoeste da ilha de Malta, construído no século XVI, atualmente serve de residência de verão do Presidente de Malta (13 km a sudoeste de Valletta). Durante as Guerras Napoleônicas, serviu como prisão para militares franceses capturados. Deixado descuidado, foi

incumbências, e combinei com o jardineiro-chefe que, quando alguma galinhola fosse avistada por lá, ele deveria içar uma bandeirola amarela na torre. Ela era visível para mim desde o meu escritório, 13 km distante, em Valetta[197]. Quando eu via a bandeirola ao vento, eu pulava em minha charrete e dirigia até Verdala, e nesse meio tempo o jardineiro convocava alguns batedores, e lá íamos nós caçar.

Entretanto, caçar em Malta era um esporte um tanto perigoso, pois os campos lá são minúsculos cercamentos rodeados por muros de pedra de 1,5 m, e quando havia aves por perto, havia um esportista com uma arma em quase todo campo.

Eles atiravam em qualquer direção, e quando os disparos atingiam os muros, ricocheteavam em todos os ângulos. Eu era um sujeito bem cauteloso e, vendo o perigo, tomei a precaução de fazer um seguro, especialmente para meus olhos, contra acidentes[198]. Descobri, entretanto, que meu seguro se pagou inúmeras vezes pelos vários pequenos danos acidentais que sofri jogando polo.

O campo de polo em Marsa[199] era de rocha sólida na sua maior parte, o que fazia a bola voar com incrível força para atingir você no rosto; e se você caísse, como vez por outra acontecia, podia causar-lhe uns cortes e contusões bem feios, se não ocorresse de quebrar seus ossos.

NA ÁFRICA DO SUL

---

recuperado nos anos 1850 e, desde então, usado pelos governantes de Malta como residência de verão. Durante a Segunda Guerra Mundial, obras de arte do Museu Nacional britânico foram guardadas lá, para proteção contra os bombardeios. Não confundir com a Verdala International School, instalada no Forte Pembroke, na face nordeste da ilha (8 km a noroeste de Valletta), nem com o Forte Verdala (Verdala Barracks), em Cospicua, onde funciona uma escola. Cospicua fica também na face nordeste da ilha, mais a sudeste de Pembroke e de Valletta (1, 5 km de Valletta em linha reta; 9,5 km por terra) (www.wikipedia.org).

[197] Capital de Malta.

[198] Possibilidade de ser atingido por fragmentos oriundos do ricochete: lascas, ou *splinters*.

[199] Cidade no sul da ilha de Malta.

Tive um grande amigo bôer[200] na África do Sul que, quando fazia a colheita do seu milho, deixava estreitas faixas dele em pé para que as codornas o usassem como abrigo. Assim, era fácil surpreendê-las. No primeiro dia em que cacei em suas terras, ele me acompanhou, levando refrescos em sua charrete.

Quando abati minha primeira codorna, ele gritou de admiração, mas quando pouco depois eu abati sucessivamente uma à direita e uma à esquerda e as ensaquei, seu entusiasmo não teve limites. Ele disse que nunca vira algo assim antes, e era motivo para comemoração. Por isso, a garrafa de cerâmica com *brandy* foi devidamente desarrolhada e oferecidas as competentes libações.

Ele então examinou minha arma com grande curiosidade e admiração. Acontece que ele nunca tinha visto uma espingarda e havia pensado o tempo todo que eu estivera atirando naquelas avezinhas com um fuzil[201]!

NA TUNÍSIA

O destino levou-me a mais oportunidades de caçar codornas no Egito, no Sudão e na Índia, e também aquela magnífica ave, o cortiçol[202], sem falar na fartura de narcejas e patos.

---

[200] Descendente dos colonos holandeses da África do Sul.

[201] Espingardas, carabinas e fuzis são armas de fogo longas. O fuzil (em inglês, *rifle*) e a carabina têm alma raiada, e a espingarda tem alma lisa. Isso quer dizer que no fuzil e na carabina a alma (interior do cano) tem sulcos em espiral, que imprimem ao projétil um movimento de rotação, que lhe dá estabilidade e lhe permite alcançar maiores distâncias. O cartucho de munição dos fuzis e carabinas tem um projétil único, de formato cilíndrico ou ogival. Já a espingarda dispara cartuchos com múltiplos projéteis de chumbo granulado, geralmente esféricos, variando a granulação, empurrados por uma bucha até deixarem o cano; o espalhamento desses grãos permite aumentar as chances de atingir, por exemplo, uma ave em voo. O calibre de uma espingarda é indicado pela quantidade de projéteis que tenham o diâmetro do cano e que, somados, dão uma libra de chumbo; por isso é que uma espingarda 12 (12 projéteis para uma libra de chumbo) é de calibre maior que uma 24 ou 32 (24 ou 32 projéteis por libra).

[202] Em inglês, *sandgrouse*. São as aves da família *Pteroclididae*, de pequeno-médio porte, habitantes de zonas de planície e savana em climas desérticos e semidesérticos da África, Europa, Oriente Médio e Ásia. São gregárias e alimentam-se principalmente de sementes (www.wikipedia.org).

Esses também cacei na Tunísia em condições um tanto românticas. Eu tinha um amigo por lá, um fazendeiro inglês[203] que se havia estabelecido por lá já por muitos anos, num distrito encantador para a prática do esporte. Ele me apresentou a um árabe educado, que se tornou meu companheiro constante, e meu anfitrião em algumas ocasiões em que aconteceu de eu passar um tempo naquele território[204].

Tive uma noite encantadora em seu acampamento em Sidi Salem El Owain, "o túmulo do homenzinho manco". Ele preparou uma ceia de *khus-khus*[205] para mim, na forma de uma tigela com arroz, frango e cabrito cozidos juntos, com outros condimentos, resultando num prato muito saboroso, do qual nos servimos com as mãos; e também *murga*[206], comido com *milowee*[207], semelhantes a chapatis[208] em tiras finas.

Então, sentamo-nos ao redor de um fogo flamejante – pois as noites eram frias –, sob a luz brilhante das estrelas, conversando e ouvindo seus homens a cantar suas estranhas canções, noite adentro. E quando nos recolhemos para dormir, nós o fizemos juntos, sob seu único cobertor.

Por todas as formas, ele era um anfitrião encantador e um perfeito cavalheiro árabe[209]. Mais tarde, vim a descobrir que ele era um árabe

---

[203] Em *Adventures and accidents*, B-P refere-se ao fazendeiro como Brown, e diz ter estado várias vezes na Tunísia.

[204] À época de Baden-Powell, a Tunísia era um protetorado francês (de 1881 até a independência, em 1956), como o era a Argélia, sua vizinha ocidental. A atual Líbia (Tripolitânia e Cirenaica), vizinha ao sul e a leste, era colônia italiana (www.wikipedia.org).

[205] Cuscuz, ou *couscous*: prato berbere, típico do norte africano. Consiste em uma espécie de farinha feita à base de sêmola de trigo, que demanda considerável tempo para sua preparação. Usado em todos os momentos, pode ser servido com carnes ou vegetais, comido puro, temperado ou não, quente ou frio (www.wikipedia.org).

[206] Curry de frango, prato típico indiano.

[207] O meloui é uma espécie de panqueca enrolada (crepe) típica marroquina; ao enrolar, fica como se fosse um rocambole com massa de panqueca fininha (www.tasteofmaroc.com).

[208] Chapati: pão achatado ou panqueca típico indiano.

[209] Neste livro, B-P se refere a ele como Hadj Amor (ou Amur); em *Adventures and accidents*, como Hadj Ano. Cabe lembrar que Hadj não é nome, é o título que os muçulmanos que fazem a peregrinação a Meca podem agregar ao nome. Nesse livro, B-P relata ter ido à Tunísia mais de uma vez, e mais de uma

argelino, chefe de uma tribo, e seu verdadeiro nome era Cherif[210] Ben Ali Sed Kaoui. Conforme o tradicional costume de seu povo, ele havia matado um adversário num feudo de sangue[211]. Por esse motivo, ele foi julgado pelas autoridades francesas, condenado e levado a Caiena[212], uma colônia penal no além-mar. Depois de ter passado lá uns dois ou três anos, ele conseguiu escapar e retornar à Tunísia, onde agora vivia guardado por seus homens contra a possibilidade de ser recapturado.

Daí sua relutância em ter contato com oficiais e funcionários franceses.

Poucos meses depois, li num jornal francês que seu esconderijo tinha sido descoberto, cercado pela polícia, e ele mesmo foi capturado e fuzilado.

Por seu intermédio, fiz muitos amigos entre os beduínos[213], cuja hospitalidade e espírito esportivo apreciei plenamente. Esses filhos do deserto têm muitos atributos notáveis.

Um belo costume deles é que, tão logo você adentre o perímetro dos espeques[214] das suas barracas, você é um hóspede, e nenhum mal lhe pode ser feito[215]. Como prova de suas intenções hospitaleiras, eles

---

vez ter sido hóspede de Hadj Ano, que trabalhava como capataz para o inglês Brown como forma de permanecer na Tunísia fora das vistas das autoridades francesas.

[210] Cherif, ou Sharif/Xarife é, na verdade, um título; um xarife é um chefe de clã/tribo.

[211] Guerra de famílias, com vinganças mútuas pela morte de membros; o que na Itália Meridional se conhece como *vendetta*.

[212] Caiena, ou Cayenne, é a capital da Guiana Francesa, departamento ultramarino da França na América do Sul. No tempo de B-P, criminosos eram degredados para a Guiana, onde o clima equatorial, as doenças tropicais e os trabalhos forçados davam cabo de muitos. A Ilha do Diabo, onde foram degredados o Cap Alfred Dreyfus (injustamente acusado de traição, em fins do século XIX) e Henri Charriére (vulgo Papillon) no século XX, fica no litoral da Guiana, e era dificílimo escapar de lá.

[213] Povo nômade que habita os desertos do Magreb (Norte da África) e Oriente Médio.

[214] Estacas por meio das quais se fixa a barraca e seus estais ao solo.

[215] A preservação da incolumidade do hóspede é sagrada; em contrapartida, o hóspede jamais pode trair a confiança dos que o acolheram sob seu teto.

plantam os espeques bem distanciados das tendas, de modo a, digamos assim, capturar um hóspede.

Nessa mesma vizinhança, fiz amizade com um jovem fazendeiro francês, que me convidou a caçar narcejas num brejo em sua fazenda.

Ele me contou que muita gente já havia caçado ali, mas consideravam o local um pântano mal-assombrado, porque nunca conseguiram abater mais nem menos que dezoito aves. Quando cacei lá, pensei ter batido o recorde quando abati minha décima-nona ave, mas apesar de ela ter caído em terreno perfeitamente aberto, nunca conseguimos encontrá-la, e assim em meu bornal totalizou-se a costumeira soma de dezoito!

Um macete interessante de primeiros socorros que aprendi com eles foi que mutucas[216], quando capturadas, agarram-se a qualquer coisa que consigam morder com a tenacidade de um buldogue, e os árabes as usam do mesmo modo que usamos pinças para sacar espinhos de cacto de si mesmos.

Mostraram-me também uma sepultura na qual um jovem árabe tinha sido recentemente enterrado; ele tinha sido apanhado por um marido ciumento quando rondava sua barraca. O ciumento o capturou e, tendo amarrado suas mãos atrás das costas, matou-o a tiros.

Como esse feito foi considerado excessivo, mesmo pelos padrões da lei árabe, o marido foi preso e agora estava sob custódia das autoridades, sob sentença de execução. Esta será levada a cabo por estrangulamento, processo pelo qual um homem passa um nó de correr por baixo da cabeça do condenado e puxa para apertá-la, enquanto um segundo homem passa outra corda semelhante e puxa para a direção oposta, até que a infortunada vítima morra.

Um jeito bem espirituoso de fazer as coisas.

NA INGLATERRA

[216] Espécie de mosca hematófaga.

Nunca fui adepto de fazer caça em grande quantidade. Via de regra, caço apenas o suficiente, exceto, claro, quando saio para caça de tocaia na Inglaterra.

Aqui, houve uma ocasião em que bati todos os recordes.

Meu resultado, numa única espera, foi algo como cinquenta aves quando eu só havia disparado vinte cartuchos[217]!

Meu anfitrião havia contratado os serviços dos Escoteiros locais para servirem como batedores, e designou um Escoteiro para ficar junto a cada atirador, para marcar e recolher as aves que ele abatesse.

Ao fim da batida, quando me virei deixar minha posição, descobri um monte de aves a meu crédito. Constatei que, por trás da linha de atiradores, os garotos haviam sub-repticiamente passado alguns dos pássaros abatidos pelos outros caçadores como contribuições à minha pilha!

A que ponto chega o *esprit de corps*[218] entre os Escoteiros!

Por algum motivo, a caça de espera (tocaia) não tem para mim o mesmo apelo que caçar ao ar livre, em regiões selvagens. Uma razão possível é aquela que o Major Powell Cotton[219], famoso caçador de animais de grande porte, me disse ser a de ele se abster da caça de tocaia: “Eu sou ruim de mira pra danar”.

CAÇA DE ANTÍLOPES AFRICANOS

[217] Sim, poderia ocorrer, lembrando que na caça de aves costuma-se usar espingardas, disparando cartuchos de chumbo granulado; com o espalhamento (nuvem) dos grãos, mais de uma ave pode ser atingida num mesmo disparo. Mas pelo relato de B-P, parece que os Escoteiros contribuíram para esse resultado.

[218] Espírito de corpo, identidade de grupo. Especialmente valorizado no meio militar, enfatizando a camaradagem, o “não decepcionar os companheiros” e o “não enfear o nome da unidade”.

[219] Percy Powell-Cotton (1866-1940) foi um explorador, caçador e conservacionista inglês. Instalou em sua casa em Kent o Museu Powell-Cotton, com um enorme acervo etnográfico e de animais abatidos em suas andanças pela África. Não obstante, foi um dos primeiros conservacionistas, contribuindo para a classificação de grande número de espécies animais ao redor do mundo (www.wikipedia.org).

Por falar em caça, tenho uma lembrança muito feliz de quando me alojei com um bôer, Bertie Van der Byl, em Bredasdorp[220], lá perto do Cabo das Agulhas[221]. Ele tinha lá uma grande fazenda de avestruzes, na qual havia grande variedade de caça, e chegamos a tentar "espetar porco[222]" com os descendentes de porcos domésticos que se haviam asselvajado.

Nessa fazenda, ele havia preservado um rebanho de bontebok[223]. Estes são uma variedade de blesbok[224], que praticamente se havia extinguido na Colônia do Cabo. Meu anfitrião autorizou-me a abater um, como exemplar. Foi uma oportunidade única, não apenas pela raridade da espécie, mas também pela maneira como caçamos.

Van der Byl levou-me em uma charrete do Cabo, de duas rodas, com quatro mulas, pelo *veldt*[225] adentro, até avistarmos a manada. Quando nos viram, os antílopes fugiram a galope a toda a velocidade. *Crack*, *crack*, fez o chicote, e partimos num galope longo atrás deles. Foi uma perseguição emocionante, na qual sacolejamos pelo terreno irregular, ora numa roda, ora em nenhuma, e eu me agarrando ao carro pelo amor à minha vida, e o condutor, entusiasmado e excitado como um garoto, urgindo as mulas para fazerem o melhor que pudessem.

Por algum tempo pareceu uma perseguição sem esperança, mas quando o rebanho mudava de direção e fazia um círculo, nós conseguíamos atalhar e, pouco a pouco, aproximar-nos deles.

---

[220] Cidade na Província do Cabo, África do Sul (160 km a sudeste da Cidade do Cabo), onde fica o Parque Nacional de Heuningberg e o Museu dos Naufrágios (www.wikipedia.org).

[221] Extremo sul do continente africano, considerado o divisor de águas entre os oceanos Atlântico e Índico (www.wikipedia.org).

[222] Esporte de que B-P era adepto apaixonado quando serviu na Índia, a caça ao javali com lança, a cavalo. Escreveu e publicou um livro sobre o assunto (*Pigsticking, or Hoghunting*).

[223] *Damaliscus pygargus pygargus*, encontrado na África do Sul, Lesoto e Namíbia (www.wikipedia.org).

[224] *Damaliscus pygargus phillipsi*, encontrado no *veldt* de altitude, na África do Sul. Extinto em seu habitat original, atualmente o blesbok é criado (semelhantemente ao gado) para a prática da caça esportiva (www.wikipedia.org).

[225] Savana, cerrado.

Duas colinas de tamanho razoável surgiam à nossa frente, lado a lado, e, enquanto o rebanho ia para a da direita, Van der Byl conduziu a charrete para a da esquerda, e quando nos aproximamos do espaço entre elas, ele gritou para mim: “Agora!” –, puxou as rédeas, e eu saltei para fora no tempo exato para dar um tiro em movimento quando os antílopes passavam pelo espaço aberto entre as duas elevações.

Por uma enorme sorte, meu tiro atingiu um bom macho no pescoço, e ele caiu numa cambalhota, morto. Por sorte, era um belo espécime.

Alguns anos mais tarde, Van der Byl mudou-se para outra fazenda, no meio do Transvaal[226], levando o rebanho consigo, e lá passaram a viver num grande pasto.

Quando veio a Guerra dos Bôeres, as tropas britânicas invadiram o território e, ao chegarem à sua fazenda, abateram o rebanho inteiro, para aproveitar a oportunidade de obter boa carne.

Temo que atualmente o bontebok esteja praticamente extinto[227].

CAÇA À RAPOSA[228]

Tive muitos outros bons esportistas entre meus amigos holandeses no Cabo. Por algum tempo, eu fui Mestre dos Caçadores de Raposa do Cabo, e tínhamos alguns adeptos desse esporte muito entusiasmados, ainda que meio esquisitos.

Registrei alguns de seus feitos em *Sport in war*[229]. Isso foi há muito tempo, antes da desgraça da Guerra Bôer. Tenho certeza que, se tivesse sido permitida a continuidade do vínculo que unia bôeres e britânicos no campo de caça como acontecia, existiria hoje um sentimento muito mais forte de amizade, se não uma fusão dos dois povos naquelas regiões.

---

[226] Antes da Guerra Anglo-Bôer, era uma província da República Sul-Africana, que ocupava toda a parte norte da África do Sul, desde o rio Vaal até o rio Limpopo.

[227] Chegou, de fato, a números ínfimos, mas ao longo do século XX os rebanhos puderam ser preservados e voltar a crescer em ambientes reservados.

[228] Esporte tradicional inglês, no qual a raposa é caçada usando-se cavalos de montaria e cães. Há notícias de sua prática desde o século VI, até 2005, quando o Parlamento inglês baniu esse esporte, considerado cruel (www.wikipedia.org).

[229] Livro publicado por B-P em 1900.

A CAÇA À RAPOSA COMO ESCOLA

A caça à raposa, quando se para a pensar sobre ela, é realmente uma instituição maravilhosa. Apesar de ter-se tornado um esporte um tanto artificial em países totalmente civilizados, continua a ser praticada em toda parte da Inglaterra, a despeito da Grande Guerra, a despeito do declínio na criação de cavalos, e a despeito dos impostos pesados e dos custos elevados. É uma das poucas velhas instituições sobreviventes que ainda hoje nos mantêm em contato com as tradições e o espírito da Velha Inglaterra.

Há mais um ponto sobre isso. Tendo observado a maior parte das Cavalarias do mundo, não tenho dúvidas quanto sobre qual é a mais eficaz em seu trabalho na guerra, e igualmente não tenho dúvidas que a caça à raposa é, em grande medida, responsável por tal eficácia.

Nossa nação realmente deve muito à caça à raposa, pelo que ela produziu como efeito em nossa Cavalaria, compensando sua pequena quantidade pela excelente qualidade, e sem ônus extra para o pagador de impostos – pelo menos por uma vez!

O ex-Kaiser[230] reconheceu isso plenamente, mesmo antes de ter experimentado sua qualidade na Grande Guerra, e estabeleceu em Hanover uma matilha de cães de caça como parte das dependências da Escola de Cavalaria[231] de lá. Obviamente, era militarizada, tendo um Capitão como Mestre[232], um Sargento-Mor como caçador-chefe[233], um

[230] Wilhem II (1859-1941), Kaiser (imperador) da Alemanha de 1888 a 1918. Abdicou em 1918, no turbilhão da derrota alemã na Primeira Guerra Mundial, e viveu exilado na Holanda até a morte.

[231] A Escola de Cavalaria permaneceu em Hanover até 1937, quando foi movimentada para Krampnitz (Potsdam), onde funcionou até o final da Segunda Guerra Mundial (www.wikipedia.org).

[232] O Mestre coordena a prática do esporte, é responsável pelos canis e pelas finanças, e é quem dá a última palavra sobre quaisquer questões no campo (www.wikipedia.org).

[233] No original, *huntsman*. Responsável por dar a direção aos cães. Geralmente, porta uma trompa, para transmitir sinais aos demais participantes (www.wikipedia.org).

Sargento como disciplinário[234], e assim por diante descendo na hierarquia.

Sem dúvida, a caça à raposa provou ser uma escola para treinar homens para cavalgar destemidamente através de todos os tipos de campo; ensinou-lhes a prática do domínio sobre o cavalo, a economia de forças com o animal, e a julgar quando tratá-lo e quando deixá-lo ir.

Treinou-os também para aquele atributo inestimável, "o olho para o terreno", e não por áridas palestras ou maçantes dias de campo, mas por meio de um esporte que apela ao seu entusiasmo e lhes dá ao mesmo tempo saúde e diversão.

POLO

Igualando-se à caça à raposa como esporte vem o polo, pelo menos para oficiais de Cavalaria, e novamente sem ônus para o contribuinte – se bem que seja meio pesado no bolso do praticante.

WINSTON CHURCHILL SOBRE O POLO

Winston Churchill, em sua recente autobiografia[235], omite o fato de ter proferido, num banquete de uma competição de polo, um dos mais belos discursos já feitos sobre esse tema.

Com eloquência, ele apresentou-nos o assunto, e gradualmente expôs o fato de não apenas ser o polo o maior e melhor jogo do mundo, mas também a mais heroica e esportiva aventura no universo. Ante sua peroração, não podíamos mais conter nosso entusiasmo e saudamos a conclusão com uma rodada de aclamações.

Depois disso, alguém disse que "já tivemos o bastante de Winston por hoje", o que foi aceito com apenas uma opinião divergente, e Winston foi enfiado sob um sofá virado, a fim de ser retido ali pelo resto da noite, com um subalterno grandalhão sentado por cima.

---

[234] No original, *first whip* (primeiro-chicote). É o encarregado de manter a ordem na matilha, de impedir que se voltem para outras "oportunidades de caça" que não a raposa (www.wikipedia.org).

[235] *My early life*, autobiografia de Churchill compreendendo o período de 1874 (seu nascimento) até 1904, publicada em 1930 (www.wikipedia.org).

Mas não demorou muito para que ele emergisse do ângulo entre o braço e o encosto do sofá, com o que poderia ser tomado como uma frase histórica: “Não adianta sentar em cima de mim, sou de borracha da Índia[236]”.

ESPETAR O PORCO

O JAVALI

Uma vez, pedi insistentemente ao Sr Rudyard Kipling[237] para acrescentar aos seus contos sobre a jângal alguma coisa sobre os dois maiores personagens da vida selvagem, que até então sentiam ter sua existência ignorada em seus livros sobre a selva. Eram o Javali[238] e o Pato-real[239], ambos criaturas de forte caráter.

O Javali, que merece ter o nome em maiúscula sempre que for mencionado, é o Rei da Selva. É o único animal que nenhum outro encara, exceto possivelmente o velho e desajeitado rinoceronte. Quando ele desce para beber no poço, todos os outros, inclusive o tigre e o búfalo e o elefante (especialmente o elefante) se afastam, e acreditam que afinal

---

[236] B-P relata este episódio em *Memories of India*. Churchill, por esse tempo, era Tenente no 4º de Hussardos, e B-P, Comandante do 5º de Dragões da Guarda. Pouco tempo depois, em 1898, participaria de sua primeira ação de combate real, no Sudão, na Batalha de Omdurman. Incluiu B-P em seu livro *Great contemporaries*, no qual apresentou vinte e cinco breves biografias de homens considerados notáveis, entre os quais figuram também Adolf Hitler, Leon Trotski, Lord Fisher, Franklin D. Roosevelt, Bernard Shaw, Lawrence da Arábia, o Kaiser Wilhelm II, os Marechais Ferdinand Foch, Douglas Haig e John French.

[237] Joseph Rudyard Kipling (1865-1936), ganhador do Prêmio Nobel de Literatura, autor de numerosas obras, entre as quais se podem destacar *The jungle books* (que contêm as histórias de Mowgli, o menino-lobo), *Just so stories* e *The man who would be king* (coletâneas de contos). Grande propagandista do imperialismo britânico. Foi amigo pessoal de Baden-Powell, a quem autorizou a usar *The jungle books* como fundo de cena para o Ramo Lobinho.

[238] *Sus scrofa*, o javali indiano, é um suíno selvagem que difere do europeu por ser ligeiramente mais alto e menos peludo, e apresentar uma juba ou crista (www.wikipedia.org).

[239] *Anas platyrhynchos*, ave que habita regiões temperadas e subtropicais da América do Norte, Europa e Ásia. Alimenta-se de plantas aquáticas e pequenos animais. Prefere áreas com vegetação aquática com profundidades inferiores a 1 metro, e pode ser encontrada nos mais variados habitats de água doce ou salgada: pequenas lagoas, rios, lagos e estuários, pequenas enseadas e trechos de mar aberto próximos à costa (www.wikipedia.org).

não estavam com tanta sede assim, ou pensam em buscar outro lugar para beber.

Não é que ele cheire mal ou babe, mas ele é tão desagradável com suas presas. Ele é o único animal que avançará para cima de você sem ter sido provocado, porque ele é o único animal que é habitualmente rabugento.

Um velho búfalo africano, ou um bisão canadense tem, é claro, seus rompantes de mau humor, o que é bem desagradável, mas o Javali está *sempre* invocado com alguma coisa ou outra.

Ele é valente e durão, veloz como um cavalo, e é capaz de pular onde um cavalo não consegue. Pode ter até a altura de uma mesa, tem pernas longas e muito musculosas. Ele não hesita em nadar num rio, mesmo que seja habitado por crocodilos; ele parece pensar que as plantações cultivadas pelos nativos, de melões, cana-de-açúcar, cereais, etc., são para ele devorar, o que faz extensivamente, e se algum nativo ousa objetar, ele o derruba e tenta estripá-lo com suas mortíferas presas.

Bem, esse é o sujeito que caçamos na Índia, montados a cavalo e com lanças, e não há esporte que se aproxime da caça ao Javali em excitação ou valioso treinamento.

A CAÇADA

Três ou quatro cavaleiros formam o grupo. Os batedores conduzem o porco para fora de seu esconderijo na selva, e o grupo então corre em sua perseguição, mas pelos primeiros três quartos de milha ele geralmente consegue manter um passo mais rápido que o dos cavalos.

As honras vão para o primeiro homem que conseguir alcançá-lo e lanceá-lo. Mas tão logo o Javali se vê em perigo de ser alcançado, ele ou “desguia”, isto é, dispara para o lado, ou faz a volta e avança contra seu perseguidor.

Um lançaço, se não atingir algum ponto vital, tem pouco efeito além de torná-lo mais furioso, e então vem uma boa sequência de ataques de ambos os lados, e nem sempre é o Javali que acaba como o segundo melhor na briga.

Ele tem uma espantosa capacidade de fazer uso rápido e eficaz de suas presas, e muitos cavalos bons já foram fatalmente retalhados pelo animal que caçavam.

Entre os príncipes indianos e líderes de Cavalaria, há muitos bons "espetadores de porco", e é graças a esse terreno comum do esporte que nossos oficiais, tanto dos regimentos britânicos quanto dos indianos, partilham tão boa amizade.

Um grande homem na caça ao javali foi Lord William Beresford[240], nesse tempo Secretário Militar do Vice-Rei. E lembro-me dele levando um tombo, daqueles que matariam qualquer homem comum, quando perseguindo um javali na Stud Farm, em Saharunpur[241].

Ali, os pastos eram separados por cercas resistentes de mourões e travessas, com portões de madeira. Seu javali, em lugar de saltar a cerca, investiu contra o portão, arrebentando a barra inferior, o que o fez subir e liberar-se do trinco, de modo que quando o cavalo de Beresford elevou-se para saltar, o portão se escancarou debaixo dele e, aterrissando em cima do portão, ele caiu pesadamente no duro piso da estrada.

Mas Beresford era um irlandês, e não sofreu maiores danos.

TESTADO EM ESPETAR PORCO

Fiz a maior parte de minhas caças ao javali quando estava com meu Regimento[242], durante três maravilhosos anos em Muttra[243]. Eu

---

[240] William Leslie de La Poer Beresford (1847-1900), irlandês de nascimento, ingressou no Exército Britânico em 1867. Em 1879, quando Capitão, na batalha de Ulundi (Guerra Anglo-Zulu), fez-se merecedor da Victoria Cross ao resgatar um companheiro que seria trucidado pelos zulus. Fez questão de que só a receberia se ela também fosse outorgada ao Sargento Edmund O'Toole, que o ajudara na ação, e assim aconteceu. Progrediu até o posto de Tenente-Coronel. Casou-se em 1895, tendo um filho (que morreu em 1919). Não confundir com William Carr Beresford (1768-1854), general no Exército Britânico e Marechal-de-Campo no Exército Português ao tempo das Guerras Napoleônicas (www.wikipedia.org).

[241] Cidade localizada no estado de Uttar Pradesh, norte da Índia.

[242] No caso, o 13º Regimento de Hussardos.

[243] Muttra, ou Mathura, cidade indiana no estado de Uttar Pradesh, norte do país. Esse período é a segunda parte de seu primeiro *tour* de serviço na Índia, de 1880 a 1885. Segundo Tim Jeal (1991), o primeiro período, de 1876 a 1878, foi meio pesado para B-P, fazendo seu processo formativo, tendo eventuais ataques de "banzo" e chegando a adoecer. Em 1878, foi para a Inglaterra em licença-saúde, mas conseguindo aproveitar o tempo para fazer o curso de Instrutor de Tiro de Armas Longas. Voltou à

nunca aproveitei para tirar a costumeira licença nas montanhas na estação quente porque não conseguia me afastar do esporte[244].

Uns quatorze anos depois, depois de ter servido na África do Sul e na metrópole, retornei à Índia para assumir o comando do 5º Regimento de Dragões da Guarda[245].

Poucos dias após ter-me juntado ao Regimento, os oficiais perguntaram-me polidamente se não poderíamos tirar um dia para caça ao javali. Senti em meus ossos que havia alguma coisa por trás dessa pergunta, e que aqueles jovens estavam ansiosos por colocar seu Coronel à prova no campo de caça, para ver de que estofo era feito.

Foi um momento de ansiedade para mim. Eu não estava bem certo se meus nervos para o jogo haviam sobrevivido aos anos de abstinência do esporte que já haviam decorrido (e esse esporte exige de fato um bocado de nervos).

No entanto, assim que se levantou um porco, todas as minhas dúvidas se desvaneceram. Tivemos uma bela corrida, na qual o javali acabou entrando numa grande faixa isolada e densa de mata de arbustos.

Galopei para a extremidade distante, para ver se ele havia saído por lá, enquanto os outros vigiavam as laterais. Constatando que ele estava lá dentro, chamamos os batedores, e eles percorreram essa cobertura de uma ponta à outra. Nem sinal dele!

Então, desmontei do meu cavalo e entrei junto com os batedores, levando minha lança, para assegurar-me de que o lugar fora

---

Índia em 1880, indo encontrar o regimento no Afeganistão; nessa viagem, travou conhecimento com um oficial recém-designado para o regimento, com cara de menino apesar de já ter seus vinte e poucos anos: Kenneth McLaren, "The Boy (1860-1924)", que seria seu grande amigo por muitos anos.

[244] B-P refere-se ao tempo em que serviu no 13º, pois, como relata em *Memories of India*, ele tirou um *leave* (licença) quando comandava o 5º de Dragões, ocasião em que fez sua expedição à Caxemira, da qual contou ter visto paisagens maravilhosas – algumas das quais retratou em aquarelas.

[245] Os dragões, diferentemente dos hussardos, eram como uma infantaria montada. Deslocavam-se a cavalo, mas combatiam preferencialmente a pé. Eram armados com mosquetes (ou carabinas) e espadas retas. Seu uso mais comum era em operações de patrulhamento e, no século XIX, eram algo entre a Cavalaria Ligeira (Hussardos) e a Pesada (Couraceiros), e, em combate, eram empregados para o choque. Essa designação para comandar outro regimento decorreu, também, do fato de B-P ser mais antigo que o comandante nomeado no 13º de Hussardos.

completamente verificado. Enquanto avançávamos entrando na mata pela terceira vez, reparei que os batedores no centro da linha afastavam-se para o lado quando se aproximavam de um trecho de mato particularmente denso.

Forcei o avanço em sua direção, urgindo-os para chegarem perto e forçarem o velho pilantra a sair. Mas minhas exortações foram pouco necessárias, pois ele saiu por sua própria iniciativa, não apenas por vontade própria, mas com muita sanha, e direto para cima de mim.

Tive apenas o tempo de baixar a lança enquanto ele se lançava sobre ela, e ela penetrou profundamente em seu peito. Mas a força do impacto me derrubou de costas e, enquanto eu agarrava firmemente a haste da lança, ele estava bem em cima de mim, tentando pegar-me com suas presas, mas sendo mantido suficientemente fora de alcance pela lança enterrada nele.

Os nativos, bravos camaradas, imediatamente saíram da mata, com altos brados para os cavaleiros lá fora, dizendo em hindustani: "Tudo certo, o porco está lá, ele foi morto pelo Coronel Sahib"!

Em poucos instantes, eles haviam apeado dos cavalos e vinham a toda pressa em meu socorro. Um oficial baixinho, em sua impetuosidade, correu para o porco com sua lança, mas errou o golpe e caiu por cima dele. Entretanto, esforços melhores prevaleceram, e o javali foi prontamente despachado.

Então veio a pergunta dos surpresos circunstantes: "O senhor sempre termina a pé, Coronel?". E, em minha autodefesa, eu tive de responder: "Claro, por que não?".

Mas isso acabou por envolver-me em frequentes repetições desse feito, e acabamos por adotá-lo como hábito, dando uma emoção a mais à caçada. Certamente, adicionou um bocado de sabor[246].

[246] Esse episódio é também relatado em *Adventures and accidents*, capítulo XV, e em *Memories of India*. B-P conta que essa caçada realmente "tinha dado muita emoção", mas quando falou dos batedores dando no pé, contou que o que eles haviam relatado era que o javali havia matado o Coronel Sahib, o que motivou a apressada acorrida dos oficiais em seu socorro. B-P, inclusive, conjecturou sobre o que diriam caso ele tivesse levado a pior (coisas do tipo "Que pena. Acredito que com o tempo ele poderia

A TAÇA KADIR

Todos os anos, realizava-se uma competição de caça ao javali na Floresta de Kadir, próximo a Meerut. Desportistas de todas as partes da Índia reuniam-se ali para corridas de caça ao javali eliminatórias, até a final, que decidiria quem levaria a Taça.

Esta competição é conhecida como a Taça dos Caçadores de Javali.

O Príncipe de Gales[247], durante sua visita à Índia, veio ao acampamento para testemunhar a disputa final pela Taça Kadir, e então disse que gostaria de participar concorrer à Taça dos Caçadores de Javali. Mas como essa disputa era limitada àqueles que participaram do torneio todo, foi-lhe dito que não seria possível, e isso foi-lhe apresentado com bastante ênfase, pois ninguém estava a fim de vê-lo a galopar por aqueles campos onde os tombos são a regra, e frequentemente, tombos bem ruins.

No entanto, Sua Alteza Real insistiu em participar, colocando a condição de ser desclassificado. Ele foi um dos pouquíssimos que não sofreram quedas e, apesar de ser totalmente estranho a esse tipo de terreno, ele venceu a corrida[248] e foi desclassificado. Um belo desempenho.

Sendo eu um aficionado da caça ao javali, era simplesmente natural que eu inscrevesse cavalos tão bons como os que eu tinha para a Taça Kadir, e fiz isso em três ocasiões diferentes. A última foi quando eu estava no 5º Regimento de Dragões da Guarda. Os outros dois homens sorteados para a minha rodada, coincidentemente, eram do meu Regimento.

Galopamos, alternando-nos em estar à frente, no encalço de um porco. Pouco depois de começar, um deles caiu, e a corrida prosseguiu entre mim e o outro homem. Íamos a toda, cabeça a cabeça, quando de

---

colocar-se à altura do Regimento"). Diz, ainda, que a pergunta sobre acabar o javali a pé foi feita não ali, no local, mas mais tarde, já no *Mess* (refeitório dos oficiais), de volta ao quartel.

[247] No caso, o futuro Edward VII (1841-1910).

[248] Quer dizer, conseguiu ser o primeiro do grupo a lancear o javali.

repente meu rival caiu, numa cambalhota, e eu fui deixado com um porco cansado logo à minha frente.

Tudo que eu precisava fazer era avançar mai um pouco, lancear o porco e vencer. MAS – eu dei uma olhada de relance para trás para ver como meu rival caído, Dunbar, estava, e vi que tanto o cavalo quanto o cavaleiro estavam atordoados, e que Dunbar estava deitado com a cabeça perto demais dos cascos do cavalo para estar seguro. Então, dando adeus ao porco, retornei e puxei o rapaz para afastá-lo do perigo. Depois de dar-lhe um tempo de repouso, o árbitro deu-nos nova largada, atrás de outro javali, e nisso Dunbar, duma forma que considero muito pouco delicada, ultrapassou-me rapidamente e lanceou o porco de imediato e, assim, ganhou a partida. Isso o levou à final, que ele acabou vencendo, e de todo modo trazendo a Taça para o Regimento. E isso era o que realmente importava.

Nas duas ocasiões anteriores em que concorri, consegui chegar à final, e uma delas trouxe-me uma das bombas de minha vida, na forma da Taça Kadir.

Eu havia vencido todas as partidas preliminares com os dois cavalos que havia inscrito, *Hagarene* e *Patience*. Assim, ambos teriam de participar da corrida final contra um terceiro competidor.

Cavalguei *Hagarene*, minha favorita, e Ding MacDougall[249], um companheiro oficial do 13º, cavalgou *Patience* para mim. *Hagarene* não demorou a deixar os rivais para trás, e tinha um considerável avanço, quando o javali mergulhou através de uma espessa linha de arbustos semelhante a uma sebe.

Quando *Hagarene* saltou por cima, descobri que não havia onde aterrissar do outro lado, mas sim uma queda dentro do rio. Ali mergulhamos, quase em cima do javali, que se virou e rastejou para fora pelo mesmo caminho por onde viera, e enquanto eu saía da água por um

[249] Donald (Ding) MacDougall, contemporâneo de B-P no 13º de Hussardos, porém mais moderno, provavelmente comissionado entre 1878 e 1880, promovido a Capitão em 1886, quando foi movimentado para o 7º Regimento de Dragões (https://digital.nls.uk).

lado e *Hagarene* pelo outro, o javali deu de cara com MacDougall, vindo com *Patience*, e foi prontamente lanceado.

Assim, ganhei a Taça pelas mãos de MacDougall.

UM ESPORTE BRUTAL

Você, sentado em sua casa, naturalmente condenará esse tipo de esporte. Mas uma vez mais eu digo, como o beberrão ao pastor, experimente antes de julgar.

Veja como o cavalo gosta disso, veja como o próprio javali, enlouquecido de fúria, avança com todo o empenho no combate, veja como você, com o temperamento agitado, goza a oportunidade de extravasar ao máximo.

Sim, a caça ao javali é um esporte brutal – e ainda assim eu a adorava, e adorava também o bom velho camarada contra quem lutei. Não posso fingir que não sou inconsistente. Mas serão muitos de nós inteiramente consistentes? Façamos o que quisermos ou digamos o que nos aprouver, apesar de termos um verniz de civilização, os instintos do homem primitivo ainda estão bem perto da superfície. O assassinato acaba por vir à tona. Não presenciamos isso, em todo o seu horror, na Grande Guerra?

Mas aparentemente as Igrejas reconheceram esse fato; de todo modo, não há como lembrar que elas tenham feito qualquer tentativa de impedir-nos de matar nossos companheiros humanos, nossos irmãos cristãos.

Até que nossa educação alcance um melhor fundamento espiritual, em lugar de contentar-se com a mera instrução acadêmica, mais treinamento do caráter que padrões de conhecimento, continuaremos a ter apenas o verniz de civilização.

CAÇA A ANIMAIS DE GRANDE PORTE

Para além da caça ao javali ou à raposa, você geralmente não caça montado a cavalo.

Uma vez, tive uma bela caçada a um lobo com alguns outros homens montados, perto de Kandahar. Via de regra, um lobo consegue percorrer uma distância maior que um cavalo comum, mas nesta ocasião

ele pegou um caminho errado, e provavelmente tinha acabado de almoçar. De todo modo, após um bom galope nós o encurralamos na vala de um forte, e o matamos com as lanças.

Também cavalguei em perseguição de uma hiena com alguns árabes, uma das caçadas mais alarmantes de que já participei, pois o plano era persegui-la a galope e cercá-la, e então cada homem mandaria fogo nela com seu fuzil. Como estávamos num círculo, estávamos assim atirando para o centro e na direção uns dos outros; mas, felizmente, estando nós montados, as armas eram apontadas para baixo, e os vários projéteis que erraram a hiena enterraram-se na areia.

Com o auxílio de cães, também já cavalguei em perseguição a um kobo na África do Sul, e matei-o com uma azagaia[250], e doutra feita abati um antílope-negro na Índia com minha pistola.

Eu estava na coluna de marcha com o Regimento para o qual fora recentemente designado, quando vi um belo antílope-negro, com chifres admiravelmente grandes, correndo excitado pela planície. Notei um pilar de alvenaria perto de onde ele finalmente parou, e então, movendo-me até que o pilar ficasse entre mim e o antílope, galopei através da planície até que alcancei o pilar, ouvido mas não visto por ele.

Disparei um tiro rápido contra ele com minha pistola Mauser[251] quando ele se virou e se pôs a galope em fuga. Ele pulou por cima de um muro de barro alguns metros adiante, e então desapareceu de vista.

Ouvi um “oh!” de desapontamento vindo das fileiras do Regimento, enquanto eu galopava atrás dele. Olhando por cima do muro de barro

[250] Lança curta, de lâmina larga, muito usada pelos zulus e outros grupos da África do Sul.

[251] De fabricação alemã, a pistola Mauser C-95/C-96 foi usada por muitos oficiais britânicos no final do século XIX, inclusive na Guerra Anglo-Bôer (Winston Churchill foi um dos seus usuários). Era uma boa arma, nos calibres 7,63 mm ou 9 mm, com um carregador para 10 cartuchos. Tinha um coldre de madeira que podia ser usado como coronha, de modo a funcionar como uma pequena carabina. Foi usada nas duas Guerras Mundiais – na Primeira, dividindo espaço com a Luger, e na Segunda mais raramente, pois já havia perdido espaço para armas mais modernas, como a excelente Walther P-38. Outra arma fabricada fora da Grã-Bretanha que B-P usou foi a carabina norte-americana Colt-Burgess modelo 1883, que levou consigo na expedição Ashanti e na rebelião matabele. Era uma arma de repetição com sistema de alavanca (como a Winchester, mais famosa), em calibre .44-40 e com um carregador tubular sob o cano com capacidade para doze cartuchos.

para o campo aberto adiante, ele não estava visível em parte alguma, mas aqui estava ele, caído, morto, ao pé do muro. Ele havia sido atingido no coração, e o salto por cima do muro fora seu último espasmo de esforço.

Na Índia, não é raro encontrar panteras quando se está caçando javali, e apesar de eu próprio nunca ter tido a sorte de o fazer, há muitos casos de caçadores que atropelaram uma pantera e a mataram com um lançaço. Mas é um jogo dos mais perigosos, uma vez que a pele dura e frouxa da pantera dificulta fazer-lhe um ferimento mortal, e ela é bem capaz, quando perseguida, de subitamente encolher-se, deixar homem e cavalo ultrapassá-la e, então, saltar para a traseira do cavalo e mastigar o cavaleiro por trás.

As únicas duas panteras que peguei foram um filhote que capturei vivo e mantive como bicho de estimação, e outra que abati na floresta em Knysna, na África do Sul.

Nessa ocasião, estávamos em licença, numa expedição de caça na floresta, que era belíssima com um cenário selvagem de montanhas. Nas profundezas da mata fizemos nosso acampamento, e começamos a percorrer a área atrás de elefantes.

A julgar pelo relato dos habitantes, o perigo maior era os elefantes baterem o terreno atrás de nós!

Um lenhador italiano, por exemplo, disse que a maneira mais simples de se aproximar dos bichos era fingir ser um lenhador e começar a dar machadadas numa árvore. Eles imediatamente viriam correndo. Ele contou que então era a hora em que ele sempre “dava no pé, rápido como uma centelha” e trepava na árvore mais próxima.

Um velho fazendeiro holandês também contou-nos que havia fartura desses animais, mas acrescentou, de forma bem característica: “Se o elefante não der passagem, eu volto para casa”.

E, no entanto, não fomos importunados pelos animais. Andamos milhas e milhas sem ver nenhum. Estávamos numa apavorante selva com samambaias arbóreas emaranhadas por cima de nossas cabeças, com uma grande densidade de trepadeiras, samambaias suspensas e

arbustos espinhosos, formando um labirinto regular de trilhas de elefante estreitas e gastas em todas as direções.

Algum tempo depois, o grande caçador de elefantes, Selous[252], visitou o local, e quando viu a selva quase indevassável, fez o caminho de volta para sair de lá o mais rápido que pôde, dando graças a Deus por ter conseguido se safar de um ponto tão desesperadoramente perigoso antes de ser descoberto por algum elefante.

Nós, sendo perfeitamente ignorantes dos elefantes e seus costumes, entramos corajosamente onde até mesmo um anjo teria temido pisar!

Por fim, do topo de uma pequena colina vimos uma manda de elefantes alimentando-se no mato baixo na encosta oposta, seus grandes dorsos redondos e orelhas a abanar, brilhando ao sol.

Rastejamos e forcejamos por uma hora atravessando a densa vegetação de samambaias. Por fim, chegamos perto o suficiente para ouvi-los a arrancar ramos, bufando e gorgolejando.

Gradualmente, o ruído de quebra de galhos e derrubada de troncos foi aumentando de volume à medida que os animais ficavam mais próximos, até que o som indicava estarem bem perto e à nossa volta; mas devido à vegetação densa, não conseguíamos ver nem sinal deles.

De repente, houve um movimento no mato acima do lugar onde eu os procurava. Um galho foi subitamente arrastado, com uma tromba cor de ardósia enroscada ao seu redor, e então, por um segundo apareceram duas grandes presas brancas e as enormes cabeça e orelhas de um elefante selvagem. Num instante ele estava escondido novamente pelas ramagens que se agitavam.

---

[252] Frederick Courteney Selous (1851-1917), explorador, caçador, conservacionista e oficial britânico. Amigo de Baden-Powell, com quem operou durante a Rebelião Matabele (1896-97). Seu nome foi dado a um grupo de forças especiais contra-insurreições do Exército da Rodésia (atual Zimbabwe), os *Selous Scouts*, que operaram de 1973 a 1980 (foram extintos quando o Zimbabwe se tornou independente). Selous foi morto em combate contra as forças alemãs em Behobeho, Tanzânia, na Primeira Guerra Mundial (www.wikipedia.org). Há uma estátua sua no Museu de História Natural, em Londres, próximo à de Charles Darwin.

Dois outros elefantes estavam próximos de mim, um de cada lado, mas invisíveis, exceto quando se moviam. E ainda assim era difícil distingui-los das árvores nas sombras escuras ao seu redor.

Eu não conseguia ver o suficiente para atirar, e mesmo que conseguisse, tenho minhas dúvidas se teria sido capaz de abrir fogo. Não era nem por algum motivo de precaução, mas porque eu estava absolutamente fascinado em observá-los e, bem, eu sempre senti que, se é que se pode dizer assim, um elefante é algo grande demais e sagrado demais para ser morto por um mísero humano.

E eles prosseguiram, derrubando, mascando, retumbando e rangendo. Então, de repente, fez-se um completo e tenso silêncio. Nenhum som. Imaginei que eles nos tivessem farejado ou ouvido, e estivessem em alerta.

Mas o silêncio foi rompido por meu rastreador, que disse: “Eles foram embora”. E de fato, assim era. Eles se esgueiraram para longe sem um barulho, sem quebrar um graveto, na ponta dos dedos, por assim dizer.

Se elefantes selvagens são interessantes para se observar, eles são ainda mais interessantes quando domados.

Em Moulmein, na Birmânia[253], era possível vê-los fazendo seu serviço diário de empilhar toras de teca e trabalhar nas serrarias, com uma inteligência que era quase maior que a humana.

Apenas como exemplo, vi um elefante a carregar uma grande tora com a tromba para trazê-la à serraria, onde ele tinha de enfiar-se por uma passagem estreita entre duas lâminas que giravam e gritavam, com motores a zumbir.

Mas ele teve o senso para girar a cabeça virando a tora de lado para por fim colocá-la sobre a plataforma de serragem e ajustá-la, polegada por polegada, no lugar apropriado, com um empurrãozinho final aqui e ali, com a tromba, até que estivesse perfeitamente alinhada. Então, ao sair, ele apanhou um maço de aparas de madeira sobrada para levar para

[253] Cidade atualmente chamada Mawlamyaing, em Myanmar (antiga Birmânia).

a pilha de lixo. Ele passou por três homens que tentavam puxar um pesado tronco que ficara preso em algum impedimento. Percebendo essa situação pelo canto do olho e sem que lho mandassem, ele deu um animado empurrão nesse tronco com sua pata traseira quando passou por ele, fazendo-o superar o obstáculo – tudo isso por um arraigado espírito de cooperação.

Então, ao passar por uma bica d'água e sentindo que queria tomar um gole, ele abriu a torneira com a ponta da tromba e bebeu até se satisfazer, e então seguiu seu caminho, deixando a água a correr. Seu dono disse que esse era seu único mau hábito. Ele sempre se esquecia de voltar a fechar a torneira!

Tive outras experiências da maravilhosa inteligência e docilidade dos elefantes quando tive uma aliá designada para mim em Terai[254], para uso na caça. Seu nome indiano soava parecido com *Dandelion*[255], então era assim que nós a chamávamos. Ela era uma montaria confortável, diferentemente de muitos elefantes, que batem o pé e chacoalham cada osso do seu corpo a cada passo que dão.

E atravessando os capinzais, com sua altura de uns dois metros, quando ela ia balançando-se fazendo seu caminho no ruído sibilante do mato que esmagava, dava para sentir-se exatamente como se estando em um barco no mar.

E essa impressão não cessava quando fazíamos alto, pois *Dandelion* nunca ficava em pé imóvel, mas continuava a balouçar-se suavemente de um lado para outro, num embalo soporífero. Mas ela era rápida como um perdigueiro em farejar caça, e quer fosse uma perdiz ou um tigre, ela se imobilizava como uma pedra no momento em que a caça era levantada.

---

[254] Região de florestas, savanas e pântanos, com altitudes entre 60 e 300 m, entre a Planície Indo-Gangética e os montes Sivalik (parte sul do Himalaia), em território pertencente à Índia, Nepal e Butão (www.wikipedia.org).

[255] Dente-de-leão (aquela florzinha que libera as sementes a voar quando a assopramos), em inglês.

Repetidas vezes ela me dava esse alerta antes que eu próprio avistasse alguma coisa em que atirar.

Houve uma ocasião em que estávamos escalando para sair de uma profunda ravina na floresta; quando ela estava fazendo tudo que podia para suspender eu corpanzil pela borda, subitamente "congelou". Havia caça à mão.

Olhei em volta, e por um momento não consegui ver nada. Então, delineado no horizonte acima de nós, pude ver algumas polegadas do peludo costado de um grande urso negro[256].

Um rápido tiro por reflexo acertou-o através da espinha, e ele desceu rolando às cambalhotas, passando bem ao lado de *Dandelion*, mas ela não se afastou nem um centímetro, e deixou-o continuar a cair até o fundo da ravina.

Claro, nem sempre os elefantes são tão bem-comportados. Um elefante cargueiro, vinculado ao meu regimento, estava transportando uma carga de barracas através de um rio, quando meteu os pés em areia movediça. Imediatamente ele agarrou com a tromba, um após outro, três *coolies* que estavam junto dele, e puxou-os para baixo de si a fim de ganhar um apoio para os pés.

Foi inteligente da parte dele, mas não é o tipo de coisa que se faz nos melhores círculos elefantinos e, em consequência, o infeliz foi condenado a usar pesados grilhões em cada pata pelo resto da vida.

Uma vez, quando tínhamos vinte elefantes num acampamento, um deles desenvolveu rancor contra seu *mahout*[257] e, vendo-o adormecido na hora da sesta do meio-dia, levantou uma das patas para esmagá-lo, mas errou o golpe e só foi capaz de esmagar-lhe a coxa.

Houve um enorme alvoroço, e o elefante ofensor foi levado pelos outros *mahouts* e amarrado a uma árvore. Os dezenove restantes foram

---

[256] Este episódio é relatado também em *Memories of India*, cap. XI. Nesse livro, B-P diz que deu esse primeiro tiro e um outro, que acertou o pescoço do urso, e então ele veio rolando encosta abaixo. Deu um terceiro, que errou, e um quarto tiro que finalizou o serviço.

[257] Condutor.

postos em forma e solenemente informados do crime cometido pelo Número Vinte, e convidados a aplicar-lhe um castigo. E procederam de acordo. Cada elefante, pegando com a tromba um pedaço de corrente, pôs-se em marcha, coluna por um à retaguarda do transgressor e, ao passar por ele, dava-lhe uma tremenda lambada com a corrente em sua parte traseira.

HIPOPÓTAMOS

Não me incomodo em confessar que tenho um fraco por hipopótamos. Se eu fosse manter um mascote, creio que, apesar de ele não se prestar exatamente a ser um bichinho de estimação, seguramente eu gostaria de ter um hipopótamo.

Claro, ele não é exatamente aquilo que chamaríamos bonito, mas ei-lo – não é, de forma alguma, um bicho comum, ele é pitoresco. Vá ao zoológico e estude-o. Posso observá-lo por horas a fio... e achá-lo adorável!

Falando em zoológico, uma vez um hipopótamo escapou de lá.

Era de manhã cedo, antes dos visitantes serem recebidos nos jardins. Os tratadores estavam com um baita problema quanto a fazê-lo voltar ao seu viveiro. Tentaram-no com maços de feno suculento, mas ele simplesmente comeu o feno e se afastou mais ainda pelo campo.

O que fazer? Então, ocorreu uma brilhante ideia ao Gerente, Mr. Bartlett. Ele se lembrou de que *Obash* – esse era o nome do animal – tinha uma especial ojeriza por um dos tratadores, chamado Scott, e costumava correr contra ele cada vez que o avistava.

Então Mr. Bartlett mandou chamar Scott , pôs um cheque em suas mãos e disse: “Agora vá e mostre-se ao *Obash*, e quando ele vier em sua perseguição, corra como um raio para o viveiro e safe-se pelas grades do outro lado”.

Scott, que era um sujeito com bom espírito esportivo, não hesitou. Foi em direção ao hipopótamo e gritou para ele: “Ei, você, *Obash*! Você mesmo, seu bicho feioso!”.

Surpreso, *Obash* levantou o olhar de sua refeição e então, vendo de quem se tratava, deixou cair o bocado de feno com que se ocupava, virou-se e avançou contra Scott num tremendo acelerado.

Scott não perdeu tempo. Não havia por que se delongar, e ele correu com tudo que podia para dentro do viveiro, com o velho *Obash* atravancando o terreno em seu encalço.

Ele conseguiu alcançar as grades do fundo e escalá-las para o outro lado bem a tempo de escapar à investida da poderosa fera, que, assim, foi novamente enjaulada com segurança em seu próprio viveiro.

Incapaz de satisfazer meu desejo de ter um hipopótamo como mascote numa residência inglesa, tive de contentar-me com o que seria mais próximo disso – o crânio de um como lembrança – e eis como obtive o danado[258].

Um amigo e eu estávamos acampando próximo a um lago no qual havia montes de hipopótamos, e as aldeias nativas da área estavam numa condição beirando a fome, e queriam carne. Mas os hipopótamos eram muito astutos. Eles não se mostravam acima da água enquanto estivéssemos por perto, então era difícil acertá-los com um tiro.

Um dia, fomos a uma parte mais distante na margem para tocaiá-los. Hipopótamos podem passar um longo tempo sob a água, mas de tempos em tempos têm de vir à tona para respirar. Quando o fazem, têm o cuidado de só pôr as narinas acima da superfície; sopram um pequeno chafariz de água e mergulham novamente. Assim, tudo que você pode ver deles são seis pontinhos pretos – os pares de narinas, olhos e orelhas – e aparecendo por apenas uns três segundos.

Mas eles sempre vêm à tona no mesmo lugar, então o que se deve fazer é ter o fuzil pronto, com a pontaria "amarrada" para aquele lugar e, no momento em que os olhos aparecerem, puxar o gatilho antes que a fera submerja novamente.

---

[258] Este episódio do hipopótamo, com a subsequente caça ao leão, é também relatado em *Adventures and accidents*, cap. V.

Meu amigo e eu apostamos para ver quem conseguiria matar um hipopótamo graúdo que se portava dessa maneira em frente ao lugar em que estávamos. Deitei-me de costas, de modo a obter uma pontaria mais estável. Foi essa situação de deitar de costas que inspirou os nativos a dar-me o apelido *M'hlala-panzi*, que significa "aquele que se deita para atirar" e, em uma segunda interpretação, "aquele que assenta os planos cuidadosamente antes de lançá-los à prática".

E esse apelido pegou em mim para sempre entre os nativos e os nossos caçadores.

Alinhei minha linha de visada[259] cuidadosamente para o olho do pilantra quando ele apareceu, e mantive o fuzil firmemente apontado para aquele ponto enquanto ele estava submerso, e quando ele emergiu novamente eu estava pronto para recepcioná-lo, e abri fogo.

O monstro elevou-se com meio corpo acima da água com um tremendo ronco, e então mergulhou em meio a uma fonte de água e borrifos, e não o vimos mais.

Um outro apareceu, não muito distante; meu amigo deu-lhe um tiro e o fez saltar também.

Quando um hipopótamo é abatido, geralmente ele desce até o fundo, mas quatro ou cinco horas depois, devido à formação de gases em seu interior, ele se eleva à superfície.

Nossos nativos estavam bem vigilantes, portanto, pelos corpos dos dois hipopótamos, e ao cair da noite um mensageiro, excitado, entrou no acampamento para contar-nos que um deles estava flutuando, morto.

Corremos ao local para examiná-lo, e lá estava ele, um grande monstro gordo deitado de lado, encalhado junto às taboas.

Não conseguíamos encontrar sinal de ferimento, até que levantamos sua pálpebra, e descobrimos que o olho tinha sido esmagado, e a bala tinha ido direto ao alvo e penetrado no cérebro.

Claro que cada um de nós reclamava o mérito do abate para si.

---

[259] No procedimento de pontaria, a linha de mira é o alinhamento da alça de mira com a massa de mira, e a linha de visada é a extensão da linha de mira até o alvo.

Eu tinha usado um fuzil governamental, enquanto meu amigo usou um "*Express*[260]". Quando sacamos o projétil, ele tinha uma flecha larga gravada na base[261]. Era um projétil do padrão usado pelo governo, portanto o hipopótamo era meu.

Vocês tinham de ver nossos nativos e o que eles fizeram daquele hipopótamo. Como primeiro passo, cortaram uma abertura quadrada no seu flanco, de tamanho suficiente para a passagem de um homem, e, desse modo, um homem entrou com uma faca e foi tirando todo tipo de bocadinhos, como pedaços de fígado, coração, etc., que ele repassou aos seus amigos.

De todas as visões horrendas que vocês possam imaginar, aquele negro sorridente, literalmente coberto de sangue da cabeça aos pés, era a mais completa imagem. Estávamos em um território bem deserto, onde parecia haver poucos, se é que havia, habitantes. Mas ao cair da noite quase uma centena de nativos havia se reunido ao redor da carcaça, e para essa gente um bloco de carne crua dá quase tanta alegria quanto um pudim de ameixa inteiro daria a um garoto no Natal, especialmente considerando que eles estavam quase no ponto de inanição.

Nessa noite, nosso acampamento foi o cenário de banquetes e comemorações. Cada homem acendia sua própria fogueira e, depois de espetar grandes nacos de carne em suas azagaias, plantava-as ao redor do fogo. Então ele se sentava e punha-se ao solene trabalho de comer toda a etapa.

Não dava tempo de a carne assar completamente. Ele simplesmente a comia crua ou meio aquecida.

Por toda a noite, a qualquer hora que acordássemos, podíamos ouvir os homens mastigando sua refeição.

LEÕES

[260] Fuzil de caça, capaz de disparar munição de alta velocidade.

[261] A munição recebe marcações convencionais, que dão informações como fabricante, lote e a quem se destina.

Seriam umas quatro da manhã. Dormíamos pacificamente, as fogueiras com os fogos baixos, e até os mais esfomeados dos nossos rapazes estavam cabeceando de sono; um dos cães me despertou com seu contínuo rosnar e inquietação; então, a perturbação ganhou reforço com uma cabra nas proximidades assustando a noite com um estridente balido de alarme; num instante houve uma súbita correria, como se fosse o vento, e um estrondo, e o confuso estrupido de cascos em fuga, quando nosso rebanho de quatro bois arrebentou o curral e estourou para os matos ao redor.

Num segundo, todos estavam de pé e se movimentando. Corri para fora de minha barraca, com a lança de caçar javali em punho, para encontrar todos os rapazes num não desejado estado de excitação, com uma única palavra nos lábios: “N’gonyama (leões)”.

Ao que parecia, atraídos pelo cheiro de hipopótamo assado e de nosso gado e pôneis – para um leão, um pônei é uma iguaria tão apreciada quanto uma sopa de tartaruga para um vereador – um bando nômade de leões fizera uma surtida em nosso acampamento, e o gado, em consequência, debandou, seguido pelos agressores.

Enquanto discutíamos a situação, um agudo mugido de dor ecoou pelo mato, não muito longe do acampamento, contando-nos do destino de uma das nossas pobres reses.

Assim que começou a alvorecer, nós os seguimos e acabamos por encontrá-los. Lá estava o leão mais velho tomando seu desjejum no pobre boi morto, enquanto um grupo de quatro leões jovens estava sentado em volta, esperando até que o mais velho terminasse sua refeição e chegasse sua vez de comer.

Entretanto, seus planos foram estragados por nossa aparição na cena, e todos eles deram no pé tão rápido quanto podiam; e nós seguimos o grandão pelos seus rastros na areia.

Nós o rastreamos por horas, tentando alcançá-lo, mas ele sempre se esquivava por farejar-nos antes que o avistássemos, até que, por fim, ele teve de atravessar uma clareira na floresta, onde o vimos mergulhar para dentro de um denso espinheiro, a fim de se ocultar.

Viemos tão depressa quanto pudemos e cercamos o capão de mato, prontos para alvejá-lo por qualquer lado em que ele saísse. Mas ele não saiu. Então, foi feito um plano, por sugestão de nosso rastreador-chefe, que era um velho guerreiro zulu, pelo qual teríamos a certeza de pegá-lo.

Esse capão era algo como uma grande moita de tojo[262], que se pode ver com facilidade em lugares comuns, bem densa e espinhenta em cima, mas com alguns túneis na parte de baixo.

O plano era que eu fosse engatinhando por um dos túneis, com meu fuzil, e o zulu me seguiria de perto. Assim que eu visse o leão, deveria atirar nele e aplastar-me no chão. O zulu então cobriria a nós ambos com seu grande escudo e, quando o leão nos atacasse, ele o espetaria na barriga com a azagaia.

Achei o plano ótimo, exceto pela parte em que eu entrava! E não me agradava nadinha essa brincadeira de engatinhar. Meu cabelo quase ficou em pé ao pensar nisso. Mas, quando menino, eu tinha aprendido a Lei do Lobinho, pela qual eu não devia priorizar meus próprios sentimentos ou desejos, e sempre procurei cumpri-la.

Nesse momento, eu me sentia terrivelmente inclinado a romper a lei e priorizar a mim mesmo. Mas fico feliz em dizer que aguentei firme e rastejei para dentro do túnel. À medida que nos aprofundávamos nele, meus cabelos cada vez mais se dispunham a ficar em pé, até que, ao fazer uma curva no túnel, vi à minha frente... a luz do dia na outra extremidade! Então minha audácia retornou; o leão não estava lá, e rastejei para o terreno aberto do outro lado sentindo-me um perfeito herói.

O leão tinha escapulido sem que o notássemos.

Assim, vocês podem ver que um leão nem sempre é tão corajoso como o pintam. Ao mesmo tempo, doutra feita tive um encontro com um que estava um tanto hostil quando me viu, e – bem, para encurtar uma história longa, eu ainda estou vivo, e sua cabeça (empalhada) e pele hoje adornam minha sala.

---

[262] Planta da mesma família da pêra, na qual as folhas evoluíram para tornar-se espinhos.

MASCOTES

Eu já disse que amo meus inimigos, que é uma linha de ação frequentemente proposta, mas raramente praticada. Neste caso, ao falar de inimigo, refiro-me ao javali.

Tive a sorte de capturar na selva um "guinchador" bem jovem (é como os filhotes de javali são apelidados). Levei-o para casa e mantive-o por um bom tempo, e achei-o um camaradinha interessante e encantador. Ele vivia solto no meu bloco do aquartelamento e conservou sua natureza selvagem, escondendo-se nos arbustos quando algum estranho aparecia.

Consegui que ele viesse a mim quando eu o chamava para dar comida, e ele também faria isso para o faxineiro se ele lhe oferecesse comida. Mas ele invariavelmente atacava o faxineiro com suas pequenas presas, demonstrando-lhe que queria a comida, mas dispensava sua companhia.

Havia um velho toco de árvore no jardim, ao redor do qual *Algernon* (esse era o seu nome) nunca se cansava de galopar. Ele costumava praticar correr no formato de um "8" em torno do toco, dando-lhe cortes com suas pequenas presas cada vez que passava por ele, alternando direita e esquerda, treinando dessa forma para os combates que haveriam de vir.

Eu tinha também uma velha égua inglesa solta no setor, que, sendo uma ávida caçadora de javalis, costumava avançar sobre *Algernon* toda vez que o avistava, e o malandrinho positivamente deliciava-se em provocá-la até que ela disparasse atrás dele, com as orelhas para trás, ansiosa por atropelá-lo ou dar-lhe um coice, se apenas o alcançasse.

Infelizmente, um dia alguns cães que estavam por ali viram essa perseguição acontecendo e entraram nela, e logo alcançaram o pobre *Algernon*, e o morderam e feriram tão gravemente que ele precisou ser morto[263]. O abate foi feito com lança, como era devido à sua nobreza.

[263] Episódio relatado também em *Memories of India*, cap.XIII.

O outro único animal de estimação selvagem que tive foi uma pequena pantera, chamada *Squirks*[264]. Eu tinha ouvido dizer que havia uma pantera por perto, em certa parte de Kadir, e saí num elefante para procurá-la.

Espiando para baixo no capinzal pelo qual atravessávamos, vi o que pensei ser a pata de uma pantera aparecendo de trás de uma moita de capim. Então, atirei onde julguei que o corpo do animal estaria.

Isso assustou a pata, e quando ela se moveu, vi que era de fato uma pantera completa, mas em pequena escala. Então desci, apanhei-a e levei-a comigo para o acampamento.

Nessa noite, eu estava dormindo ao ar livre num estrado nativo com meu cachorrinho e essa nova aquisição junto a mim. No meio da noite, ele começou a gritar em linguagem de pantera, mas logo acalmou-se novamente junto do cãozinho, com quem já tinha feito amizade.

Na manhã seguinte encontramos as pegadas de uma pantera que teria rodeado minha cama, evidentemente em conexão com os gritos – possivelmente a mãe, mas ela não conseguiu reunir coragem suficiente para resgatar sua cria.

Assim, *Squirks* viveu comigo por quase um ano, e era um camaradinha animado e matreiro, dócil como um cão, mas de forma alguma confiável.

Quando eu estava para partir da Índia, muita gente se candidatou a ficar com *Squirks*. Dei-lhes uma experiência de 24 horas com ele, mas em todas as ocasiões ele foi devolvido com agradecimentos. Ele era muito forte e muito travesso, então eu acabei por passá-lo para Jamrach[265].

Claro, tive incontáveis cavalos e cães, nem sempre bonitos, mas nunca pouco amados. Acredito que dificilmente tenha existido algum pônei mais feio que *Hercules*, mas ele foi o primeiro cavalo de minha propriedade, e eu o comprei bem barato de um capinador indiano, que o usava para transportar forragem para o mercado.

---

[264] Também relatado em *Memories of India*, cap. XIII.

[265] Charles Jamrach (1815-1891), famoso comerciante de animais exóticos em Londres.

Com bons cuidados e alimentação, ele se mostrou um animal da maior utilidade, um grande saltador para o jogo de "cães e lebres[266]", e uma montaria manejável e sensível para o jogo de polo.

Desde *Boswell's Life of Johnson*, um cãozinho que morreu por comer demais quando eu era jovem[267], até *Shawgm* de hoje [1933], raramente fiquei sem um cachorro – ou dois – ou três.

Shawgm, um belo labrador, com pelo reluzente e grandes e solenes olhos castanhos, foi-me presenteado por ocasião de um Encontro Escoteiro de cinco condados – Shropshire, Herefordshire,
Worcestershire, Gloucestershire e Monmouth. Daí o seu nome, feito tomando-se as iniciais dos nomes dos condados.

Esse cão tem uma mente e um entendimento perfeitamente humanos.

Li recentemente que a diferença entre o mundo humano e o das demais criaturas é que o homem tem senso de humor e os animais, não.

É bem provável que o autor dessa observação nunca tenha tido um cão.

TOCAIA

Por colocar em confronto a astúcia de alguém contra a de sua presa, a prática da tocaia me fascina tremendamente, mesmo que seja apenas para esgueirar-se para chegar próximo de um pássaro ou coelho e "congelar" como um toco para não ser notado enquanto se observa cada movimento do animalzinho bem de perto.

Ainda mais excitante, é claro, é tocaiar animais selvagens de grande porte em terreno difícil, tal como o íbex[268] no Himalaia, ou o cervo

---

[266] "Paper chase" no original. Também conhecido como "hare and hounds", um jogo de perseguição através campo, no qual as "lebres" saem alguns minutos antes, deixando pistas que os "cães" devem usar para persegui-las (www.britannica.com).

[267] B-P menciona esse cãozinho em *Memories of India*, cap. II. O nome refere-se a uma obra do biógrafo e jurista James Boswell (1740-1795): a biografia de Samuel Johnson (1709-1784), ensaísta, biógrafo, crítico literário, poeta, lexicógrafo e moralista inglês.

[268] Espécie de caprino de regiões de alta montanha.

na Escócia, ou, ainda melhor, alguma fera que tenha a energia para avançar contra você.

Ao mencionar a tocaia de cervo, não me referi a isso da forma como é entendido na Escócia – a saber, esgueirar-se por aí sob a direção de um mateiro até que ele lhe mostre seu alvo e lhe entregue um fuzil.

A hora do fuzil é, para mim, o momento em que acaba o prazer da tocaia. É verdade que resta a você a excitação de ver se acerta ou erra, e se seu tiro mata ou apenas aleija a presa.

De qualquer forma, para mim, apesar de Deus saber que eu já deveria estar bem calejado, acertar a presa sempre traz um arrependimento. Odeio ver o belo olhar de uma gazela perguntando, com suavidade, “Que mal lhe fiz, para você atirar em mim?”, e apagando-se na morte.

Em todos os anos decorridos desde então, nunca me recuperei por completo do remorso que senti quando, ainda menino, matei meu primeiro pássaro.

Mas, como já disse antes, sou completamente inconsistente; há uma tremenda satisfação em abater com precisão um faisão a voar alto e rápido, ou um tetraz vindo de cara, assim como em derrubar um gamo em disparada ou um animal perigoso.

Por outro lado, matar um grande e venerável elefante seria para mim uma impertinência tão grande quanto explodir uma parte da Torre de Londres; mas espreitá-lo com uma câmera seria uma situação bem diferente – o melhor esporte possível.

TOCAIAR CERVO ESCOCÊS

Pratiquei muito pouco este esporte, e por isso sou pouco qualificado para falar dele – mas já fiz o suficiente para saber que não é do meu agrado. Já tocaiei muitos tipos de cervos e de outras caças grossas em diversos climas, mas quando passou se tratar de ser conduzido por um guia através da charneca na Escócia, perdi todo o interesse. Na minha forma de pensar, toda a diversão da caçada está em você mesmo achar o veado, planejar e levar a efeito sua aproximação. Se você tem sucesso em chegar dentro do alcance, é tudo o que você quer

(especialmente se for dentro do alcance de uma câmera de longa distância). No que me concerne, qualquer outra pessoa pode fazer o abate.

Eu detestava ter alguém a levar meu fuzil para mim, dentro de seu estojo. Em minha primeira visita às colinas, quando se procedeu desta forma, eu manifestei minha objeção: “Suponhamos que deparemos com um veado inesperadamente”.

“Ah, isso não vai acontecer”, foi a resposta, e, na próxima curva do caminho, aconteceu exatamente isso. Foi aquela correria para sacar o fuzil de sua capa, carregá-lo e passá-lo para mim, e nesse meio tempo o veado já estava fora de vista, bem longe vale acima. Quando, por fim, nos esgueiramos até quase ao alcance de tiro de um outro, ele pegou nosso cheiro no vento e trotou rodeando um pequeno capão de árvores. De fuzil nas mãos, atravanquei pelo mato para cortar-lhe a passagem – com o guia atrás de mim, e objetando que não era desse jeito que se fazia! Evidentemente, eu devia estar transgredindo alguma regra da etiqueta de caça.

Mas, com efeito, lá vinha o veado a meio-galope, cruzando minha mira a uns 145 metros (medidos em passos), e com minha infernal boa sorte mandei-lhe um tiro que o acertou no pescoço e ele rolou, morto.

O guia era só observações bajulatórias, mas o tempo todo eu pensei que elas encobriam um certo desprazer pelo meu comportamento. Mais tarde, ele viria a realmente ter motivo para não gostar de mim.

Eu estava caminhando colina acima com uma senhora que era uma famosa caçadora. Ela insistiu em levar ela mesma seu fuzil para o caso de alguma surpresa. De repente, um veado apareceu bem diante de nós, e ela deu-lhe um tiro por reflexo, quando ele disparou a correr e mergulhou na densa vegetação rasteira, na ravina. Não conseguíamos ver nada dele, mas um cachorro que acompanhava nosso grupo correu para lá e estava a plenos pulmões seguindo o rastro ravina acima. Partimos em disparada atrás dele, mas eu ainda não estava satisfeito com essa situação e continuei a procurar por rastros no chão.

Quase imediatamente encontrei a pista, uma gota ou duas de sangue, depois uma marca de casco – e outras mais – que acabaram por levar-me ravina abaixo, na direção oposta à que os caçadores seguiam. Só precisei andar uns cinquenta a cem metros até encontrar o veado caído, morto. O cão estava seguindo a trilha por onde o cervo tinha vindo ao nosso encontro.

TOCAIANDO COM UMA CÂMERA

Fotografar caça grossa está tomando o lugar de atirar em caça grossa como esporte reconhecido. Onde caçadores de animais de grande porte costumavam comparar anotações sobre seus fuzis, eles agora o fazem com não menor interesse sobre suas câmeras. Isso implica um trabalho de tocaia mais elaborado, e exigindo coragem e habilidade como nunca.

Os prêmios, especialmente se obtidos com uma câmera filmadora, formam, tanto para você quanto para seus amigos, um registro muito mais excitante do que peles e chifres mortos.

Essa prática está tendendo a fazer do caçador de animais grandes muito mais um naturalista que um matador, e deixa a fauna intacta para que nossos filhos possam por sua vez ir atrás dela, no mesmo estilo, e assim aprender as inestimáveis lições que se obtém na escola da selva.

MONTANHISMO

Há ainda outro tipo de esporte que eu teria gostado de incluir em minha vida, e é a escalada de montanhas.

Já me diverti com bastante liberdade subindo e descendo elevações menores do Himalaia, dos Andes[269] e das Montanhas Rochosas, mas apesar de ter contemplado com espanto e admiração suas poderosas neves, nunca fui muito adiante para invadir essas alturas sublimes.

[269] Em *Adventures anda accidents*, B-P conta, no capítulo XX, de uma saída sozinho, na região fronteiriça de Argentina e Chile, para assistir ao amanhecer – "um intruso minúsculo naqueles solenes domínios". Encantado, maravilhado, extático, continuou a caminhar até deparar com o Cristo dos Andes, bela estátua num ponto elevado a marcar a fronteira – "naquele lugar, um elo tangível entre o ser humano e o divino – a ligação que o Cristo, em Seu tempo, veio ao mundo para fazer".

Para mim, há algo de sagrado nesse calmo isolamento lá, bem acima do mundo, onde seria muita presunção de um minúsculo homem querer deixar suas pegadas.

O montanhismo me atrai, não apenas pelo esporte de tocaiar o íbex ou de escalar pelo prazer da escalada, mas porque há algo espiritual e elevado nisso, tão bom para a alma quanto o exercício o é para o corpo.

Recentemente, li em algum lugar:

> O homem se torna um iogue nas montanhas, onde você só pode andar, dormir e pensar.
>
> Não sei por quê, mas nove em cada dez pessoas que moram em lugares a mais de 500 metros montanha acima são budistas. É quase como se as montanhas convencessem você a isso. Na quietude da noite você ouve suas vozes, você é atraído para a meditativa intensidade à sua volta. Então, como se o atoleiro das preocupações e cuidados imediatos escorresse para longe, o espírito se expande e círculos mais amplos de consciência se abrem.
>
> Nas cidades quentes, onde os homens se aglomeram, é preciso ter algo a que se agarrar: um Salvador pessoal, uma lanterna numa mão segura e gentil, vozes reconfortantes na escuridão.
>
> Mas aqui, você não procura – você *sabe*. A individualidade se esvanece. Há um propósito místico na Natureza, com o qual você se relaciona – remotamente, não individualmente.
>
> Você pode sonhar independentemente, mas você é um só com todas as sementes de capim e os pequenos seixos redondos, sem privilégios.

A ESCOLA DA SELVA

Essas lições da vida selvagem são indispensáveis para a Exploração, seja para fins pacíficos de descobertas e coisas do gênero, seja para fins militares de obtenção de informações de valor militar.

Elas desenvolvem as qualidades de observação e dedução, rusticidade, coragem, paciência, criatividade, autoconfiança, nervos, e uma visão treinada para o campo, como nenhum outro treinamento o faria.

Mas, a par dessas vantagens, ganha-se uma concepção mais ampla da Fraternidade humana, onde as durezas e perigos são partilhados por nativos fiéis, ainda que menos civilizados.

E então, por meio da vida em contato prolongado com a Natureza, consegue-se desenvolver um reconhecimento mais completo e mais elevado da sua ordem e do seu Criador.

CAPÍTULO IV
ESPIONAGEM E EXPLORAÇÃO

Venho agora a tratar da missão mais interessante que há entre os deveres de um Oficial do Exército, e que constitui a base das minhas atividades tanto em minha primeira vida quanto na segunda; a saber, Exploração.

Conexa à Exploração está a Espionagem.

Espionar é obter secretamente informações de valor militar em tempo de paz, em preparação para eventualidades. Espiões são como fantasmas. As pessoas parecem ter uma sensação de poderem existir coisas desse tipo, mas ao mesmo tempo sem acreditar nelas porque nunca as viram.

No entanto, espiões existem de fato, em grande quantidade, não apenas na Inglaterra, mas em toda parte da Europa. Um espião não é necessariamente o sujeito vil e desprezível que o termo dá a entender; invariavelmente ele é inteligente e corajoso.

O espião alemão Carl Lody[270], quando foi capturado e julgado pela Corte Marcial em Londres durante a Guerra, disse que "não pediria misericórdia. Não se envergonhava por nada que tinha feito; por compromisso de honra, ele não daria os nomes daqueles que o haviam empenhado naquela missão; não foi pago por isso, tendo-o feito visando o bem de sua pátria, e ele sabia que tinha posto sua vida em jogo ao cumprir a missão".

Ele foi fuzilado como espião, mas mesmo na nossa Câmara dos Comuns referiram-se a ele como "um patriota que morreu por seu país do mesmo modo que qualquer soldado tombado no campo de batalha".

---

[270] Carl Hans Lody (1877-1914) foi um oficial da Marinha Alemã, que deixou o serviço ativo por motivo de doença. Em 1914, foi chamado para o Serviço de Inteligência Naval. No final de agosto de 1914, foi para o Reino Unido, fazendo-se passar por cidadão americano (Charles Inglis), observando defesas e bases navais na Escócia. Em outubro, foi capturado, julgado e condenado. Foi executado por um pelotão de fuzilamento na Torre de Londres em 6 de novembro de 1914. Foi a primeira pessoa a ser lá executada depois de um intervalo de 167 anos (www.wikipedia.org).

Exploração, por outro lado, é a obtenção de informações durante operações militares em campanha.

MEU COMEÇO NA EXPLORAÇÃO

Fazia pouco tempo que eu estava com meu Regimento[271] após deixar a escola, quando fomos designados para ir para o Afeganistão, e, enquanto estávamos acampados lá, uma súbita tempestade de vento e chuva derrubou metade de nossas barracas, e levou aos céus um grande toldo, que acabou por cair no meio dos cavalos que estavam presos a estacas em suas linhas. Naturalmente, os animais se apavoraram, romperam as sogas e estouraram em correria para todo lado.

No dia seguinte, quando clareou, o Regimento estava atarefado em reunir de volta a cavalhada, até que, por fim, apenas um ficou faltando – o melhor cavalo do Regimento, A-44, montado pelo *Sergeant-Major* Regimental.

Isso causou considerável excitação, especialmente porque o Coronel estava bem irritado com essa perda.

Então parti por conta própria, e descobri os rastros de um cavalo, que segui por algumas milhas desde o acampamento, até que se dirigissem às montanhas; tirando meus olhos dos rastros e olhando para cima, descobri o fujão lá em cima, destacado contra o horizonte, no topo de uma pequena montanha. Deixando meu cavalo no sopé, escalei a encosta e, por fim, tive êxito em trazer o A-44 a salvo de volta ao acampamento.

---

[271] 13º de Hussardos. Cavalaria ligeira, destinada a missões de reconhecimento. Ao tempo de B-P, os hussardos usualmente se armavam com carabina, sabre e, segundo a situação o exigisse, lança. O 13º foi constituído em 1715. Entre as principais ações em que tomou parte estão a Campanha Peninsular de 1810, a batalha de Waterloo, a Guerra da Crimeia, a Guerra dos Bôeres e a Primeira Guerra Mundial. Em 1922, foi juntado ao 18º, tornando-se o 13º/18º Regimento Real de Hussardos. Na Segunda Guerra Mundial, combateu na Batalha da França (1940) e na Normandia (1944). Atuou na Irlanda do Norte, fez parte das forças da OTAN na Alemanha Ocidental, forneceu esquadrões para a Força de Paz das Nações Unidas em Chipre. Em dezembro de 1992, o regimento foi fundido com o 15º/19º Real de Hussardos, constituindo os Dragões Ligeiros (*Light Dragoons*). Atualmente, os *Light Dragoons* constituem o único Regimento de Cavalaria Ligeira do Reino Unido. Como já se mencionou, B-P conheceu Kenneth McLaren a caminho de encontrar-se com o 13º nessa expedição. Foi também a ocasião (certamente após o resgate do A-44) em que, ao ser dado o alarme em (mais) uma incursão afegã ao acampamento, B-P deu um tiro de revólver na própria perna.

Por suas consequências, este pequeno episódio acabou sendo um grande passo para mim.

Quando estávamos sediados no Baluchistão[272], perto de Quetta, o General no comando das manobras fez instalar uma linha de postos avançados e desafiou a Cavalaria a obter informações sobre o que estivesse ocorrendo atrás dessa linha. Era missão para levar a noite inteira, e, por sinal, era uma noite muito escura e fria.

Eu, entre outros, recebi ordem de tentar encontrar onde o inimigo estava postado e, se possível, atravessar sua linha e relatar tudo que conseguisse descobrir.

Então, uma vez mais a prática de pacientemente esgueirar-me, adquirida no bosque na escola, foi-me útil, e bem devagarinho eu fui rastejando em meu caminho por entre os postos, e por fim descobri onde estavam seus postos de apoio e suas reservas. Tendo ido tão longe quanto pude, marquei o local enfiando uma varinha no chão e colocando em cima dela uma de minhas luvas, e então rastejei para sair dali e retornar à minha força.

No dia seguinte, na conclusão das operações, nós, oficiais, tínhamos de dar ao General nossas respectivas versões do que havíamos feito.

Expliquei onde tinha estado, e o Oficial Comandante dos postos avançados disse que o que eu dizia tinha algo de Ananias[273] – ou algo nesse sentido –, uma vez que teria sido impossível para qualquer um ter chegado onde eu disse que estivera.

Então, contei-lhes da minha luva, que foi encontrada exatamente no local que eu havia indicado.

---

[272] Região localizada no Planalto Iraniano, dividida entre Irã, Paquistão e Afeganistão. O pedaço que é província paquistanesa tem Quetta como sua capital.

[273] Ou seja, que estaria mentindo. O Ananias da referência, segundo a Bíblia, foi denunciado pelo profeta Jeremias por profetizar falsamente sobre o fim do cativeiro dos hebreus na Babilônia, ao tempo de Nabucodonosor (Bíblia: Jeremias, 28).

Da Índia, o Regimento foi movimentado para a África do Sul, onde uma expedição sob o comando de Sir Charles Warren[274] estava sendo formada contra alguns aventureiros bôeres, que estavam se esforçando para anexar parte do território ao norte da Colônia do Cabo, na Bechuanalândia.

Fomos enviados às pressas de Bombaim[275], sem nossos cavalos, e ao chegarmos a Natal[276], foram-nos fornecidos animais de remonta que ainda não haviam sido domados. Aqui, novamente, uma noite houve um estouro da cavalhada, e muitos dos assustados animais fugiram e não foram encontrados por um bom par de dias.

O Coronel, para me arreliar, mandou-me fazer meu jogo costumeiro e encontrar esses cavalos.

Então, valendo-me da experiência anterior, apesar de não haver neve ou lama onde observar os rastros, uma vez que o território era montanhoso e coberto de capim, busquei terreno alto o tempo todo, procurando-os nos topos das montanhas.

Os únicos seres vivos que consegui encontrar após um dia inteiro de buscas foram reses num rebanho, lá em cima na encosta. Observei-os com meu binóculo, e aconteceu de eu descobrir que um dos animais tinha uma cor amarela bem peculiar. Então, avistei outro bicho amarelo, e logo reconheci que eram cavalos que tinham acompanhado o gado e ainda estavam vestindo suas mantas regimentais amarelas.

---

[274] General inglês (1840-1927), oriundo de Engenharia, um dos primeiros arqueólogos europeus a operar na Terra Santa (1867-70) De 1880 a 1884, foi instrutor de Levantamento Topográfico. Em dezembro de 1884, foi mandado à Bechuanalândia (atual Botswana), para reafirmar a soberania britânica sobre territórios nos quais alemães e bôeres estavam tentando se instalar. Sua expedição foi a primeira força britânica a usar balões de observação em campanha. A expedição alcançou seus objetivos sem derramamento de sangue. De 1886 a 1888, chefiou a Polícia Metropolitana, e em sua gestão introduziu significativas melhorias; entretanto, as críticas devidas principalmente a não se solucionar os assassinatos de "Jack, o Estripador" levaram-no a renunciar. De 1889 a 1895, serviu em Cingapura. Em 1899-1900, os desastres na Guerra Anglo-Bôer levaram à sua remoção para a Inglaterra. Foi um dos que colaboraram com Baden-Powell em 1908, nos primeiros momentos de construção do Movimento Escoteiro (www.wikipedia.org).

[275] Atual Mumbai, maior cidade da Índia.

[276] Província oriental da África do Sul, atualmente chamada KwaZulu-Natal (www.wikipedia.org).

Então, alegremente, subi e capturei os dois que havia encontrado, e trouxe-os de volta ao acampamento.

Outro tapinha nas costas dado pelo Coronel.

Fui sortudo por ser capaz de enxergar longe, o que me permitia ver coisas a uma distância em que muitos outros precisavam de binóculos. Meu Coronel também tinha uma visão de alcance notável, e divertia-se identificando coisas que os demais não conseguiam ver. Um dia, quando estávamos no estande de tiro de fuzil, o Coronel de repente me inquiriu, em seu tom mais áspero: "Que raios aquele homem está fazendo lá?"

Eu sabia que ele ficaria furioso se eu perguntasse que homem e onde, então dei uma rápida olhada em volta para ver o que ele queria dizer e, por sorte, identifiquei a cabeça de um homem aparecendo logo atrás da crista de uma colina vizinha.

Percebendo a direção que ele tomava, que era rumo a uma grande fazenda onde eu sabia que os sargentos obtinham vegetais para o rancho[277], arrisquei um palpite e disse: "É o Sargento Russell, Coronel, o aprovisionador do rancho dos sargentos, indo comprar hortaliças".

Ele rugiu "Bobagem", e mandou seu ordenança a galope para alcançar o homem lá longe e descobrir quem era.

O ordenança retornou com a informação: "Coronel, é o Sargento Russell, indo comprar hortaliças".

O Coronel foi embora sem dizer uma palavra, mas pouquíssimo tempo depois ele me selecionou para uma importante missão de reconhecimento, que foi uma das mais interessantes que já cumpri.

MINHA PRIMEIRA EXPEDIÇÃO DE ESPIONAGEM

Perdoem-me por citar estas singelas historietas sob um título tão importante como "espionagem", mas creio que servem bem para ver que coisas maiores podem crescer de pequenos começos.

Pouco depois dessa recuperação dos cavalos extraviados, etc., o Coronel jogou-me no colo outra bomba, quando mandou-me chamar certa manhã e disse que ia formar uma coluna volante de tropas

[277] Rancho: refeitório e instalações correlatas.

montadas e canhões, que deveria estar pronta para mover-se através campo e entrar em território bôer, no caso de a expedição de Sir Charles Warren defrontar-se com resistência na Bechuanalândia.

Como medida preliminar, ele queria informações precisas sobre os possíveis passos[278] através dos quais ele poderia deslocar-se pelas Montanhas Drakensberg, que formavam a fronteira entre Natal e as províncias bôeres do Estado Livre de Orange e Transvaal; e EU DEVIA IR E OBTER ESSAS INFORMAÇÕES. E tinha de ser feito no mais absoluto sigilo.

Havia dois passos bem conhecidos, através dos quais corriam estradas para o Transvaal e o Estado Livre de Orange, respectivamente. Naturalmente, nossos adversários os ocupariam.

Nos velhos tempos, havia outras passagens pelas montanhas, mas elas foram propositalmente explodidas e destruídas pelos nossos engenheiros, com vistas a evitar que os nativos da Basutolândia[279] fizessem incursões em Natal.

Eu tinha de ser capaz de descobrir se alguma delas poderia ser prontamente tornada disponível em caso de emergência.

Minha expedição levou um mês, envolvendo um percurso de cavalgada de seiscentas milhas. Eu montava um cavalo e guiava outro, que levava meus cobertores e víveres. Deixei crescer uma barba desgrenhada, e devo ter ficado parecendo um vagabundo bem mal-ajambrado. De qualquer forma, meu disfarce evidentemente funcionou, pois um dia aconteceu de eu encontrar o Major do meu Regimento[280] numa cidade pela qual passei, e que ele estava visitando durante uma licença. Era um freguês bem rabugento.

---

[278] Passagens em terreno montanhoso, por onde se consegue trafegar em trilhas ou estradas. São considerados acidentes topográficos críticos no planejamento militar, pois afetam grandemente a mobilidade terrestre.

[279] Atual Lesoto.

[280] O Subcomandante, provavelmente.

Esquecendo-me de minha aparência, cumprimentei-o com o costumeiro "Bom dia, Major[281]". Ele se virou e olhou para mim por um momento e, aparentemente julgando ser eu algum vagabundo tentando obter dinheiro, rosnou selvagemente: "Caia fora", e seguiu seu caminho e eu o meu, com a satisfação de sentir que era pouco provável que eu fosse identificável como um oficial britânico.

Geralmente eu me alojava em fazendas em cujas imediações eu estivesse ao cair da noite, e meu pretexto costumeiro para estar circulando por aí naquela situação era ser eu um correspondente de jornal buscando informações sobre a região, com o propósito de fazer recomendações para imigrantes, e assim pude conhecer muitos fazendeiros, tanto bôeres quanto britânicos, e as várias opiniões que tinham uns sobre os outros e sobre as perspectivas que o território oferecia.

Descobri que o mapa que eu levara comigo para orientar-me era muito impreciso e, por isso, atribuí-me a tarefa adicional de fazer um pouco de levantamento cartográfico, e fiz grande número de correções que seriam úteis do ponto de vista militar.

Uma delas, de qualquer forma, não recebeu atenção por parte das autoridades a quem meu relatório foi posteriormente remetido, pois quando começou a Guerra Bôer e Redvers Buller combateu na batalha de Colenso[282], ele acreditava que uma certa montanha estivesse do outro lado do rio Tugela, como mostrava o velho mapa, quando eu havia constatado e registrado que estava na margem próxima.

Aparentemente, esse erro não tinha sido corrigido no mapa emitido pelo Governo, apesar de eu haver indicado isso.

---

[281] É obrigação regulamentar o subordinado cumprimentar o superior hierárquico quando o encontra fora do quartel.

[282] Batalha ocorrida em dezembro de 1899, numa tentativa de levantar o cerco de Ladysmith. Num assalto frontal, sem pontos próprios para cruzar o Tugela, as forças comandadas por Redvers Buller sofreram dura derrota. Semanas depois, outra tentativa malograda aconteceu, com a batalha de Spion Kop, envolvendo a força comandada por Sir Charles Warren. Somente em fevereiro de 1900 conseguiu-se levantar o cerco de Ladysmith.

Além disso, eu disse expressamente em meu relatório que, no caso de nossa coluna vindo de Natal ser obrigada a retroceder em seu esforço para avançar rumo ao norte, deveria recuar ao sul do Tugela, e não tentar manter Ladysmith.

Se essa linha de ação tivesse sido adotada na Guerra Bôer, creio que a divisão de Sir George White[283] não teria sido retida pelos bôeres por mais de quatro meses, como o foi.

Frequentemente apresentam-me à discussão que os zulus são capazes de fazer marchas mais longas que o soldado britânico comum. Claro, este último tem as limitações trazidas pelo peso do fardamento e equipamento, mas mesmo sem estes, e sem o treinamento, duvido muito que ele conseguisse se sustentar numa caminhada com um zulu comum.

Num dia em particular durante minha expedição, parti de Greytown na mesma hora que um saudável jovem zulu e sua noiva. Fui no meu costumeiro meio-galope inicial, e fiz alto após mais ou menos uma hora, para tirar a sela, escovar os cavalos e comer alguma coisa. Não demorou para aparecer o casal zulu numa andadura rápida, e me ultrapassaram. Mais tarde eu os alcancei, seguindo alegremente, e quando fiz alto novamente, eles uma vez mais me ultrapassaram.

E foi desse jeito ao longo de todo o dia, e quando por fim alcancei meu destino, quarenta milhas distante do meu ponto de partida[284], lá estavam eles, bem animados, e provavelmente prontos para prosseguir no dia seguinte no mesmo ritmo.

Encontrei muitos personagens interessantes ao longo da minha jornada, entre os colonos e os membros da polícia, muitos dos quais eram membros de famílias bem conhecidas.

Um comerciante com quem repousei uma noite, apontou para um incêndio no capim lá longe, no *veldt*, que ele disse lembrar-lhe as luzes

[283] Sir George White (1835-1912) era o comandante da guarnição em Ladysmith ao tempo do cerco, como B-P o foi em Mafeking.

[284] 40 milhas: aproximadamente 64 km.

de Ryde[285], na Ilha de Wight. Ele provou ser um iatista apaixonado, que a cada dois anos, ou perto disso, ia para a Inglaterra usando a poupança que acumulava com a loja, e sua única extravagância era contratar um iate para a temporada, e divertir-se navegando pelo Solent[286].

Ele havia se casado com uma nativa muito competente, que cuidava da casa para ele, e tocava a loja quando ele estava ausente em Cowes[287].

Descobri que eu havia chegado num dia ruim, pois houvera um funeral na família. Ele contou que seu filhinho tinha morrido na noite anterior, e que o haviam enterrado naquele dia. Não dispondo de um caixão "como manda o figurino", sepultaram-no num caixote de embalagem de vinhos, com a etiqueta *Heidsiech Dry Monopole*, o que ele considerou singularmente apropriado, dado que o nome da criança era Bacchus[288].

ESPIONAGEM EM PAÍSES ESTRANGEIROS

Meu primeiro ensaio em espionagem foi tão interessante, que procurei repetir a experiência tão logo tivesse oportunidade. E o desejo cresceu em mim tão fortemente quanto o desejo de beber se agiganta em algumas pessoas; então, quando estava aquartelado na Inglaterra, aproveitei cada oportunidade que pude para viajar ao exterior e aprender tudo o que pudesse sobre exércitos estrangeiros e seus procedimentos.

Compareci a manobras em qualquer lugar em que me fosse possível, como um turista comum zanzando pelo país, até que, por fim, fui designado para esse tipo de missão.

---

[285] Segunda maior cidade dessa ilha, situada em sua costa nordeste. A ilha de Wight é muito apreciada pelos ingleses para veranear (www.wikipedia.org).

[286] Estreito que separa a ilha de Wight da Grã-Bretanha.

[287] Porto na ilha de Wight, ao sul de Southampton (www.wikipedia.org).

[288] Baco era o deus do vinho dos romanos (Dioniso para os gregos).

Então, visitei os Dardanelos[289] num navio mercante sem rota fixa, que transportava grãos de Odessa[290], uma embarcação muito confortável com um encantador velho capitão escocês, e sua ainda mais encantadora velha esposa, que era uma excelente cozinheira e uma anfitriã maternal.

O capitão entrou de todo no meu plano, e quando chegávamos diante de alguma fortificação na qual eu pudesse ter algum interesse especial, ele fundeava e lançava um bote para eu ir "pescar".

Várias vezes ele foi visitado por barcos-patrulha vindos dos fortes, mandando-o dar o fora. Ele desviava então a atenção dos militares para o forte ruído de marteladas vindo das entranhas do navio, informando-os que os motores tinham dado defeito, e que tão logo estivessem consertados ele, com muita alegria, voltaria a pôr-se a caminho; enquanto isso, será que eles poderiam dar alguma dica ao seu sobrinho, ali no bote, sobre qual a isca mais adequada para ele usar? Nesse meio tempo, o "sobrinho", ocupado com "pescaria" em outro sentido, tomava nota dos ângulos dos bastiões e facetas dos fortes.

Corria a fama de que algumas dessas fortificações estavam armadas com canhões de um tipo novinho em folha, sobre os quais havia muitas questões. Consegui chegar ao fundo disto graças a uma amiga minha, uma dama que morava em Constantinopla[291] e estava em relações

---

[289] O estreito de Dardanelos é a passagem entre o mar Egeu e o mar de Mármara; tem 68 km de comprimento e 1,2 km de largura. Numa de suas extremidades ficam as ruínas de Troia (sudeste, na atual Çannakale) e na outra (noroeste), Galípoli (Gelubau). Unindo o mar de Mármara ao mar Negro, fica o estreito do Bósforo (ou de Istambul). Desde meados do século XIX, os Estreitos Turcos são considerados uma região sensível, pois são as rotas de acesso marítimo da Rússia para o Mediterrâneo. Em abril de 1916, forças britânicas desembarcaram em Galípoli, tentando obter comandamento sobre o estreito e tirar a Turquia (aliada da Alemanha na guerra) do conflito. A má condução das operações levou a pesadas baixas e à retirada britânica em dezembro. Foi a primeira operação em que foram empregadas em larga escala tropas australianas e neozelandesas, o ANZAC (*Australia – New Zealand Army Corps*), e 25 de abril, dia do desembarque, é desde então comemorado como o *Anzac Day*.

[290] Cidade na península da Crimeia (atualmente na Ucrânia) e importante porto do mar Negro.

[291] Conhecida como Istambul desde 1930. Foi feita capital do Império Romano do Oriente em 330, pelo imperador Constantino I. Também conhecida como Bizâncio (daí o império ser também chamado Bizantino). Teve papel importante em várias ocasiões nas Cruzadas (sendo inclusive atacada pelos próprios cruzados, mesmo sendo cidade cristã), e foi por fim tomada pelos turcos em 1453. A queda de

amigáveis com o comandante turco de uma das mais importantes dessas obras defensivas.

Ela o persuadiu a convidá-la a tomar chá em seus aposentos, e a levar-me com ela.

Passeando pelo forte após o chá, tive a atenção atraída para um desses misteriosos canhões cobertos com lona, e ele, rindo, explicou, enquanto levantava uma ponta da cobertura: "São as mesmas velhas armas que estão aqui há anos, mas achamos recomendável, tendo em vista algumas ações de uma certa potência vizinha[292], fazê-los pensar que nos rearmamos com algo muito novo e formidável".

Conforme registrei em meu livro *The adventures of a spy*, noutra ocasião fiz-me passar por um artista, quando estava reunindo informações concernentes à qualidade das tropas de montanha em uma fronteira problemática.

Travei conhecimento com um desses soldados, que, ao longo da conversa, falou que a força a que pertencia, consistindo de Infantaria e Artilharia, estava lá nas alturas nevadas conduzindo manobras de campanha contra uma força similar[293] que operava a partir de outro vale, e ele me apontou mais ou menos onde tal força estava bivacada – perto de um alto pico denominado "Dente do Lobo".

Constantinopla é usada pelos historiadores como o marco referencial da passagem da Idade Média para a Moderna.

[292] Mais provavelmente a Rússia, desde longa data considerada uma ameaça pela Turquia; nesse tempo (entre 1885 e 87), os interesses britânicos no Oriente Médio ainda não eram tão fortes, exceto no que dizia respeito a preservar o acesso à Índia e a livre passagem pelo canal de Suez, e impedir o acesso da Rússia ao Mediterrâneo.

[293] Em manobras que simulam o combate, costuma-se usar uma força que representa o seu próprio exército e outra que simula a força oponente (OPFOR, em inglês), frequentemente designadas por cores (azul X vermelho, por exemplo). Na manobra no Baluchistão, referida páginas atrás, contando o caso de quando se infiltrou nas linhas "adversárias" e marcou seu ponto de máximo avanço com a luva, ou noutra na Irlanda, quando fez seu Esquadrão arrastar galhos para, pela poeira levantada, dar a impressão de uma força numerosa, o 13º de Hussardos estava no papel de OPFOR.

Incidentalmente, ele deixou escapar que as manobras estavam sendo mantidas em grande sigilo e que as trilhas que levavam em sua direção estavam vigiadas pela polícia militar[294].

Naquela noite, depois que escureceu, deixei minha pousada – discretamente – e, descobrindo meu caminho perlongando uma queda-d'água, escalei, ficando longe das mulateiras[295], simplesmente tendo por alvo o Dente do Lobo, cuja silhueta eu avistava recortada contra as estrelas.

Era uma subida árdua, trabalhosa, e me tomou praticamente a noite toda, mas cheguei lá ao alvorecer, e quando alcancei o topo da crista tive uma das mais espantosamente belas vistas de minha vida – o nascer do sol numa grande montanha acima de mim.

Aqui, eu realmente representei meu papel de estar numa excursão para desenhar, e fiz um rápido desenho em aquarela do cenário, e então fui colhido por uma invasão de oficiais de Estado-Maior que dirigiam as manobras.

Descobrindo ser eu nada mais que um inofensivo artista, ele se mostraram bem amigáveis, e mostraram-me seus mapas e explicaram os procedimentos, e eu passei um dia cheio de interesse a assistir à forma engenhosa como eles superavam as dificuldades das operações em montanha com seus canhões e muares, e em ultrapassar geleiras e trechos cobertos de neve com os homens encordados.

Foi a minha ação de desenhar que me salvou de cair em algo pior que a suspeita.

Doutra feita, tive um tempo emocionante a esquivar-me de policiais num novo estaleiro naval onde eu não deveria estar. Também este caso,

---

[294] MP: tipo de unidade militar de finalidade específica, destinada a executar as ações de polícia no âmbito militar, com a repressão a delitos praticados por militares, balizamento de rotas, controle de trânsito, guarda de prisioneiros de guerra, etc. No Brasil, é a chamada PE (Polícia do Exército).

[295] Caminhos para tropas de mulas.

com um croqui da perseguição, está relatado em *The adventures of a spy*[296].

Eu consegui penetrar no estaleiro acompanhando uma carroça que estava entrando, usando-a para cobrir-me da visão do guarda nº 1; mas quando a carroça, mais adiante, virou à direita perto do guarda nº 2, o nº 1 me viu e me chamou. Fiz que não era comigo e continuei a andar até ficar atrás da Casa de Força [cabana do gerador], então em construção. Uma vez fora das vistas, eu me pus a correr, e ao virar a esquina mais afastada, subi por uma escada que conduzia aos andaimes.

Eu estava a meio da subida quando, virando a esquina, veio um dos guardas. Imediatamente eu me imobilizei. Eu estava a um cinco metros acima do nível do mar e a menos de vinte metros dele. Como aprendi da experiência com os professores em Charterhouse[297], os humanos raramente olham para cima, a menos que tenham essa intenção, e esperei, sem respirar, que esse camarada seguisse o padrão.

Ele parou, em pé, indeciso, com as pernas abertas, curvando-se e espiando de um lado para outro em todas as direções para ver onde eu tinha ido, muito ansioso e agitado.

Eu estava igualmente ansioso, mas imóvel.

Em seguida, ele chegou mais para perto da minha escada e, por estranho que possa parecer, eu me senti mais seguro quando ele chegou abaixo de mim, e passou por baixo de onde eu estava olhando para dentro das aberturas das portas do prédio inacabado.

Então, duvidoso, ele se virou e olhou para a cabana atrás de mim, pensando que eu poderia ter entrado ali, e por fim ele partiu a correr virando a esquina do prédio.

No instante em que ele saiu de vista, eu terminei de subir a escada e alcancei em segurança a plataforma do andaime, rapidamente

---

[296] Episódio relatado também em *Adventures and accidents*, capítulo XII.

[297] Quando matando aula no bosque, B-P constatou que os professores e disciplinários, quando patrulhavam por lá em busca de gazeteiros, raramente olhavam para cima. Portanto, bastava ficar quietinho em cima de uma árvore acima de sua linha de visada. Já mencionado páginas atrás, no capítulo I.

procurando outra escada como rota de fuga, pois é sempre bom ter uma saída de emergência quando você está em um reconhecimento.

Encontrei uma escada curta, mas ela só levava do meu andaime para uma plataforma abaixo, e não diretamente para o chão. Espiando bem quietinho por cima do andaime, vi meu amigo policial logo abaixo, ainda sem resolver seu problema, então eu me sentei para tomar nota do que havia ao meu redor e juntar toda informação que pudesse a partir deste ponto de observação particularmente bem situado.

Percebi que eu estava em cima da nova Casa de Força, de onde tinha uma excelente visão do estaleiro, e a uns trinta metros de mim estava a escavação para a nova doca, cujas dimensões pude facilmente estimar.

Com minha bússola prismática, tomei as direções de pontos mais notáveis das colinas circunvizinhas, e assim estabeleci a posição da Casa de Força, de modo a poder ser marcada num mapa de escala maior, a fim de ser bombardeada se isso viesse a se fazer necessário.

Através de uma fenda entre duas tábuas do piso, eu observava meu perseguidor confabulando com seu camarada. Logo eles foram examinar uma cabana de depósito ali perto, um entrando enquanto o outro esperava do lado de fora para ver se me pegava quando eu saísse, mas por casualidade ele permaneceu perto do pé da minha escada.

Enquanto eles estavam assim atarefados, deixaram o portão principal desguarnecido, e percebi que agora era a minha chance de dar o fora, se pudesse.

Então, movi-me silenciosamente pelos andaimes, até chegar à escada curta, desci para o nível inferior, e então rapidamente deixei-me escorregar por um dos pilares do andaime, chegando ao solo justamente fora do campo de visão do guarda que estava junto à escada, e, mantendo o canto do prédio entre mim e ele, esgueirei-me portão afora sem ter sido visto.

Devido ao descuido causado pelo excesso de confiança, houve uma ocasião em que de fato fui capturado. Foi no começo da minha carreira – na Rússia.

Eu havia passado mais ou menos uma semana assistindo a manobras noturnas que envolviam interessantes experimentos com holofotes, e acabei familiarizando-me com eles e sua operação por ir realmente ao forte onde se fazia a sua demonstração.

Era a última noite da manobra, quando o Tzar em pessoa estaria presente.

Eu já havia, na verdade, reunido todas as informações que queria, mas como esta prometia ser uma demonstração especialíssima, fui uma vez mais a campo para ver alguma coisa dela.

Meu irmão[298] estava operando comigo nessa ocasião, e ele concordou em ir com as tropas que atacariam o forte, enquanto eu observaria do lado dos defensores. Ao adentrar o local, descobri que esta ocasião especial havia atraído um número adicional tão grande de oficiais de Estado-Maior e policiais, que achei mais sábio dar o fora – o que tratei de fazer.

Quando eu vinha caminhando de volta seguindo a estrada no escuro, vi as luzes de muitas carruagens do séquito do Tzar vindo para o forte. Quando o primeiro veículo passou por mim, fiz algo estúpido: baixei a cabeça para evitar ser reconhecido.

Isso despertou suspeitas nos ocupantes da carruagem. Eles eram oficiais do Estado-Maior.

Pararam a carruagem, prontamente me agarraram e jogaram dentro do veículo e seguiram em frente sem uma só palavra, de modo a não prejudicar o andamento dos demais.

Então eles me interrogaram sobre quem eu era e por que estava lá, e finalmente, ao chegar ao forte, entregaram-me a alguns oficiais da guarnição.

Com a maior franqueza, eu disse a eles que era inglês, que tinha estado a assistir às manobras como espectador e havia me perdido no caminho para a estação, e que ficaria muito feliz se eles pudessem me orientar sobre como chegar lá.

---

[298] O caçula Baden Fletcher.

Fizeram isso enviando-me de volta aos cuidados de um oficial, que deveria entregar-me à polícia e retirar-me da capital.

Ao chegar ali, fui posto em prisão aberta, isto é, eu podia ficar alojado em um hotel, mas não me era permitido sair da cidade. Lá, fiz amizade com um oficial alemão, que estava trabalhando como garçom no hotel por motivos que ele próprio sabia, e gentilmente ele me informou qual dos frequentadores do hotel era o detetive designado especialmente para me vigiar.

Recebi aviso de que faria bem em fugir o quanto antes, já que as acusações contra mim significariam cinco anos de prisão sem julgamento, e já haviam sido feitos arranjos com o capitão de um navio inglês, que partiria de um porto próximo, para que levasse meu irmão e eu como membros de sua tripulação.

Consegui escapar da atenção do vigilante detetive, e fizemos um caminho cheio de desvios, de modo a fazer qualquer perseguidor perder o rastro, e fomos bem-sucedidos em chegar a bordo do navio, onde fomos aprovados quando da verificação dos passaportes, entrando em forma junto aos demais tripulantes.[299]

Não tenho mais nada a acrescentar sobre espionagem, porque aparentemente eu acabei sendo apanhado e fuzilado como espião durante a Grande Guerra[300].

Eis o relato completo de minha morte, como apareceu na imprensa americana. A primeira referência a respeito foi o seguinte telegrama:

> Jornais de domingo informam que Baden-Powell foi fuzilado na Torre de Londres como espião alemão quando retornou da Alemanha.

[299] No capítulo II de *The left handshake*, conta-se que no último momento a partida foi atrasada pelo irmão de Baden-Powell, que entrara numa feroz discussão com o barqueiro que os conduzira ao navio, porque, segundo ele, estava cobrando uma tarifa abusiva. Desconsiderando os protestos de Robert, Baden continuou discutindo até convencer o homem a aceitar um preço mais justo. Quando finalmente estavam embarcados em segurança e o navio a caminho, Baden explicou que agira como seria de se esperar de um marinheiro retornando ao seu navio após uma noite de gandaia, na qual ele teria presumivelmente gasto a maior parte do seu dinheiro – para não despertar suspeitas no barqueiro, se viesse a ser inquirido pelas autoridades.

[300] Quando Baden-Powell fala da Grande Guerra, ou se refere à Guerra em maiúscula, trata-se da Primeira Guerra Mundial (1914-18).

Foi capturado com mapas de fortificações, que tentava encaminhar ao inimigo. O Sr Walterbury, retornando para Pittsburgh, conta que a informação acima transpirou do irmão, oficial britânico que estava presente ao julgamento e o viu ser morto a tiros.

O relato da imprensa sobre o infeliz episódio foi o seguinte:

BADEN-POWELL FUZILADO COMO ESPIÃO

Pittsburgh, Pennsylvania, 15 de janeiro de 1916.

Fuzilado por soldados ingleses, como espião alemão, ao retornar à Inglaterra.

Foi o que aconteceu ao Major-General Robert Stephenson Smyth Baden-Powell, herói da defesa de Mafeking na Guerra Bôer e organizador dos Escoteiros, quando retornou a Londres e foi capturado com documentos em seu poder, mostrando mapas das fortificações da Grã-Bretanha, os quais se diz que ele teria vendido aos inimigos da Inglaterra. – Esta afirmação é feita por um homem que diz ser britânico e que a execução foi testemunhada por seu irmão.

"Minha história é verdadeira", declarou ele esta noite. "Não posso contar-lhes mais nada. Meu irmão viu a execução com seus próprios olhos. Meu irmão contou que Baden-Powell marchou para o local da execução sem um tremor e, quando a venda estava sendo posta sobre seus olhos, disse apenas estas palavras: 'Que Deus tenha misericórdia'. Se o que se conta for verdade, e tenho certeza que meu irmão é confiável, a Inglaterra mandou para o repouso final um dos soldados mais corajosos que já lideraram seus exércitos em solo estrangeiro".

Realmente, valeu a pena ser fuzilado como espião para ganhar um epitáfio tão doce como esse.

A propósito dessa ligeira confusão sobre minha nacionalidade, esse caso está mais ou menos em pé de igualdade com o de quando fui queimado em efígie pelas funcionárias de uma fábrica numa cidade escocesa na noite do levantamento do cerco de Mafeking – simplesmente

uma estranha e ligeira confusão de identidade entre mim e o Presidente Kruger[301].

Entretanto, em tempos mais recentes, recebi uma possível explicação disso pelo General Smuts[302], que me disse que depois da Guerra Bôer, um velho caipira bôer do fundo do *veldt* em Rustenburg disse que ficava um pouco confuso com a relação entre "Oom Pole (Kruger)" e um sujeito chamado "Baden Pole[303]".

Não aconteceu de eu ter estado na Alemanha durante a Guerra, apesar de já ter sido assegurado por muitas respeitáveis autoridades que eu estive lá.

Um oficial de Marinha, por exemplo, contou-me recentemente que me havia escoltado de volta à Inglaterra durante a Guerra, quando eu retornava da Noruega. Ele sabia o nome do navio em que eu havia viajado (um do qual eu próprio nunca tinha ouvido falar), e seu barco-patrulha tomou cuidados especiais para evitar que eu fosse capturado ou torpedeado durante o trajeto.

O Estado-Maior alemão também sabia que eu estava na Alemanha e emitiu ordens especiais para minha captura.

Acho que o fundamento desses rumores provavelmente estava em nosso Ministério da Guerra, onde por vezes descobriu-se ser útil levantar

---

[301] "Oom (tio)" Paul Kruger (1825-1904), presidente da República Sul-Africana ao tempo da Guerra Anglo-Bôer.

[302] Marechal-de-Campo Jan Christian Smuts (1870-1950). Combateu na Guerra Anglo-Bôer, foi um dos negociadores do Tratado de Vereeniging, que pôs fim à guerra. Participou da elaboração da Constituição sul-africana. Combateu na campanha da África Oriental em 1916. Foi Primeiro-Ministro em várias ocasiões, inclusive em 1939, quando levou a África do Sul a entrar na Segunda Guerra Mundial. Esteve fortemente envolvido na constituição dos dois grandes organismos internacionais, a Liga das Nações e a ONU. Em 1945, foi um dos signatários da Carta das Nações Unidas – o único que foi também signatário do Tratado de Versalhes. Tem uma estátua em sua homenagem na Praça do Parlamento, em Londres, onde divide espaço com Churchill, Lloyd George, Gandhi e Mandela.

[303] É que, segundo B-P, a pronúncia de seu sobrenome não seria "Bêiden-Páuel", mas sim "Bêiden-Pôuel" – *"Baden as in maiden (mêi-den), Powell as in Noel (nô-el)*". Se bem que seu apelido em Charterhouse, *Bathing-Towel* (Toalha de Banho), indica que muitas vezes as pessoas acabavam pronunciando "Páuel", mesmo.

alguma lebre para ver se e quão longe poderiam vazar informações confidenciais.

Espiões não são empregados apenas em tempo de paz: em tempo de guerra, em campanha, também o são. Durante a Grande Guerra, todas as frentes pululavam de espiões, de ambos os lados.

Tenho uma relíquia interessante pendurada na minha parede, na forma de uma tabuleta, tendo escrito, em três idiomas (francês, inglês e flamengo), a história do seu dono, um aleijado: "Bondosos amigos... Fiquei imerso em água gelada e resgatei uma criança que se afogava, e não consigo usar os membros. Ajudem-me"...

Ele ficava sentado num carrinho de mão em Ypres[304], durante a Guerra, e as pessoas, por pena, ocasionalmente lançavam-lhe alguma nota de um franco. Um dia, uma dessas cédulas foi levada pelo vento, e um soldado do Regimento de Infantaria Ligeira de Durham recolheu-a. Quando ia entregá-la ao sujeito, percebeu que não era bem uma cédula de dinheiro, mas um bilhete escrito em alemão.

Ele relatou isso aos seus superiores, descobriu-se que o homem não era aleijado coisa nenhuma, mas sim um agente bastante ativo, ou "caixa de correio" para os espiões alemães das redondezas, cujos relatórios ele costumava coletar desta forma, fazendo parecer serem cédulas de dinheiro, para transmitir às linhas alemãs depois que escurecesse.

Ele foi levado a julgamento e fuzilado; e eu guardei esse cartaz como lembrança de um homem corajoso.

Uma proporção enorme do seu êxito na espionagem, naturalmente, depende do disfarce adotado.

Com isso, não me refiro meramente à "maquiagem" física, teatral, mas à capacidade de assumir uma personalidade completamente

[304] Cidade belga, em Flandres, palco de batalhas na Primeira Guerra Mundial: a Primeira (19 de outubro a 22 de novembro de 1914) foi parte da "corrida para o mar"; a Segunda (22 de abril a 15 de maio de 1915) marcou o primeiro uso de gás pelos alemães na Frente Ocidental; a Terceira (31 de julho a 10 de novembro de 1917) é mais conhecida pelo seu foco na cidade de Passchendaele. A Quarta foi a do Lys (9 a 29 de abril de 1918), na contenção da última ofensiva alemã para oeste. E a Quinta, de 28 de setembro a 2 de outubro de 1918), deu-se no avanço Aliado em Flandres. (www.wikipedia.org)

diferente da sua própria, bem como de reprimir quaisquer pequenos maneirismos que você possa ter, ou de adotar alguns próprios para a ocasião.

Isso pode significar um andar manquejado, um hábito de fungar, uma voz roufenha, etc., etc.

Um ponto muito importante na sua caracterização é modificar sua aparência quando visto pelas costas[305].

Certa vez, eu estava sob a vigilância de um detetive que mudava sua aparência a cada dia; num dia, era um homem com ares de militar; no outro, um inválido com um tapa-olho, e assim por diante. Mas eu o reconhecia como sendo o mesmo homem quando o observava pelas costas e pelo jeito de caminhar.

Às vezes, pode ser necessário fazer uma rápida mudança de aparência, como tive de fazer em mais de uma ocasião.

Vocês sabem como, quando se dirigem a um homem, notam sua gravata mais que qualquer outra coisa – e provavelmente seu chapéu[306].

Um dia, fui entrevistado por um repórter numa estação ferroviária. Poucos minutos depois, descobri que estava próximo ao meu entrevistador no meio da multidão, e ele estava contando o incidente a um colega jornalista, que também estava ansioso por encontrar-me – e eu, por minha vez, estava ansioso por não ser encontrado.

"Ele está lá embaixo, em um dos últimos vagões do trem. Você o identificará de primeira. Ele está usando um chapéu verde, uma gravata vermelha e um terno de sarja azul".

Por sorte, eu tinha um sobretudo cinza no braço, no bolso do qual estava meu boné de viagem e um cachecol. Mergulhando para dentro da sala de espera, fiz uma rápida troca para essa vestimenta, enfiei o chapéu no bolso e cambaleei de volta, com um arrastar de pés como de um

[305] Bem exemplificado no episódio da "farsa de Simla", no capítulo II, páginas atrás.

[306] Convém lembrar que no tempo de B-P os homens usavam paletó e gravata com muito mais frequência que hoje, e muitas vezes com um chapéu.

inválido, bem debaixo do nariz do vigilante repórter, e entrei no meu vagão.

RECONHECIMENTO

O reconhecimento difere da espionagem por ser o trabalho de obtenção de informações sobre um inimigo ou o território sob seu controle, no curso ordinário da prática militar.

A definição de um Esclarecedor foi dada tão longe no tempo quanto 1560, por Maquiavel, na sua *Arte da guerra*:

> Não acho que para vigiar o campo, à noite, eles coloquem sentinelas do lado de fora das trincheiras, já que atualmente usam homens a que chamam Esclarecedores. Toda a força da guarda estava dentro da trincheira. Eles temiam que, com homens destacados fora e com o exército do lado de dentro, poderiam enganar-se ao vê-los entrar, ou poderiam ser oprimidos ou corrompidos pelo inimigo.

Isto significa que usavam Esclarecedores em lugar de sentinelas. Já foi dito: "É rara uma batalha na história que não tenha sido ganha ou perdida em proporção ao valor do reconhecimento prévio".

Apesar de toda essa importância da Exploração, quando entrei no Exército não havia treinamento específico nessa ciência essencial. É verdade que fomos ensinados a desenhar mapas e fazer relatórios, mas não nos ensinaram como obter os dados para eles em território controlado pelo inimigo, nem como realizar o importantíssimo trabalho de obter informações acerca do próprio inimigo.

Já ouvi descreverem o oficial regular britânico daquele tempo como "tão ignorante sobre Exploração quanto um chimpanzé o é sobre patinação".

Eu particularmente fui sugado para a Exploração, como já contei, pelo meu Comandante ao me enviar para coletar informações, porque eu aparentemente havia adquirido o hábito de notar pequenos sinais e tirar significado deles: noutras palavras, Observação e Dedução.

Graças a isso, obtive algumas das mais estimulantes experiências que qualquer soldado poderia desejar, numa espécie glorificada de trabalho de detetive.

O que se segue não é uma fábula, mas algo que realmente aconteceu não faz muito tempo. Um grupo de sábios e exploradores estavam levando a efeito uma expedição científica no interior da Austrália, e chegaram bem perto de um fim trágico na grande terra desértica em que se achavam.

O fato de terem saído dessa vivos deveu-se aos poderes de observação, dedução e engenhosidade de uma mocinha nativa dos seus quatorze anos, com quem se encontraram. Meio mortos pela sede, eles estavam vasculhando a planície atrás de uma gota de água, quando a menina reparou em algumas formigas que subiam pelo tronco de uma árvore, a caminho de um buraquinho na casca. De imediato, ela inferiu que elas estavam entrando ali por algum motivo, e, enfiando um capim pelo buraco, descobriu que havia água no tronco oco. Então, ela tirou alguns pedaços verdes da casca, de modo a formar com eles uma sucessão de canudinhos, os quais ela foi encaixando um dentro do outro e, descendo com esse tubo através do buraco, ela forneceu um instrumento por meio do qual cada um do grupo pôde sugar seu quinhão de água[307].

Não foi o conhecimento de grego ou de matemática complexa[308] que essa eminente equipe possuía que a salvou, mas sim o conhecimento natural de alguém que cresceu dando atenção a coisas essenciais da vida.

Tal como esses sábios, eu também aprendi de um nativo uma lição sobre observação e dedução.

---

[307] Relatado também em *Scouting for boys*, p.216-217 da edição brasileira de 2006.

[308] Referências a dois "fantasmas" escolares de B-P: grego, que no capítulo I ele relata como lhe era avesso, e matemática, em que foi reprovado no exame para Oxford – segundo B-P, o Prof Dodgson, seu examinador, "descobriu aquilo que eu poderia simplesmente ter-lhe contado, que Matemática era um assunto sobre o qual eu sabia pouco ou nada (*Memories of India*, p.17)".

Isso aconteceu quando eu fazia o reconhecimento de forças inimigas na Matabelelândia, muitos anos atrás[309].

Cedo numa manhã, meu rastreador zulu[310] e eu cavalgávamos através de uma planura aberta, coberta de capim, quando deparamos com as pegadas de algumas mulheres a encaminhar-se para umas montanhas a algumas milhas de distância, onde acreditávamos que o inimigo estava escondido.

Uma folha de mahobahoba[311] estava caída no chão, a uns dez metros fora da trilha. Não havia árvores nas imediações, mas sabíamos que havia algumas dessas numa aldeia distante umas quinze milhas na direção de onde vinham os rastros.

O "sinal" indicava que essas mulheres teriam vindo dessa aldeia, trazendo a folha com elas, e prosseguido em direção às montanhas.

A folha estava úmida e com cheiro de cerveja nativa, e inferimos daí que as mulheres estavam transportando potes de cerveja nativa sobre a cabeça, e as aberturas dos potes, como de costume, foram tapadas com maços de folhas.

A folha havia caído e sido soprada uns dez metros fora da trilha. Mas não havia vento desde as cinco da manhã, e agora eram sete horas.

Assim, lemos as informações de que um grupo de mulheres tinha trazido bebida durante a noite, desde a aldeia, para o inimigo nas montanhas, onde teriam chegado por volta das seis. Os homens provavelmente teriam começado a beber de imediato (pois a cerveja fica amarga se ficar guardada por muito tempo) e, à hora em que chegássemos lá, estariam sonolentos por efeito do pileque; então, teríamos uma oportunidade favorável de reconhecer suas posições[312].

---

[309] Rebelião Matabele, 1896-97.

[310] Provavelmente, B-P se refere a Jan Grootboom, a quem já se referiu como "um dos melhores *Scouts* que já viu".

[311] *Combretum imberbe*, árvore de madeira de lei típica da África Austral, parente do baobá (www.wikipedia.org).

[312] Também relatado em *Scouting for boys*, p.187-188 da edição brasileira de 2006.

Procedemos de acordo com essa informação, e nosso êxito foi completo.

De alguma forma, não parece correto que esta ciência da observação e dedução, que constitui um atributo tão valioso no caráter de um homem, não tenha ainda sido incluída no currículo escolar – exceto em escolas que adotaram o treinamento Escoteiro.

Para começar, ela tem um grande valor educacional para o garoto ou a menina, de acordo com uma autoridade que diz:

A OBSERVAÇÃO desenvolve em grau notável a prontidão e eficácia dos sentidos; pela prática continuada, o golpe de vista se torna mais rápido e mais forte; assim também ocorre com a audição, e com os sentidos do olfato e do tato.

A DEDUÇÃO promove, de maneira ainda mais eficaz, a prontidão da mente por meio do desenvolvimento do poder de raciocínio, imaginação, pesquisa paciente, bom senso e memória.

É uma ciência que tem o benefício adicional de ser interessante e cheia de atrativos para o jovem, pois, uma vez que tenha sido apresentado a ela, ele se lança ao seu estudo com avidez crescente, e vai praticá-la por si mesmo.

E assim também o fazem os mais velhos.

O valor prático desse tipo de educação em prover mais uma qualidade ao caráter de um homem é incalculável, não importa que caminho de vida ele escolha. Quer ele escolha Direito ou Medicina, exploração ou pesquisa, negócios ou vida militar, trabalho policial ou caça de animais de grande porte, ou o que quiserem, sua utilidade se mostra todos os dias.

É essencial para ele, se for buscar conhecimento sobre fatos concretos, ou se for interpretar a personalidade de alguém, ou ingressar de maneira simpática nos sentimentos de outras pessoas; ou se for gozar os muitos pequenos prazeres que a Natureza oferece ao olhar perspicaz; e se ele de fato pretender fazer pleno uso dos talentos que Deus lhe deu.

Doutra feita, durante o cerco de Mafeking, tivemos uma quinzena de contato próximo com as trincheiras dos bôeres, distantes coisa de uns

sessenta metros. Por fim, fizemos um esforço determinado para entrar nas suas instalações, principalmente cavando nosso acesso até a trincheira de comunicação[313] que levava do seu espaldão[314] avançado até a base.

No meio da nossa empreitada, por volta das três da manhã, ouvimos os bôeres fazendo uma bulha considerável, chamando uns aos outros para se retirarem, e podíamos ouvi-los seguindo pela trincheira de comunicação, assim deixando, evidentemente, vazia a sua linha de frente.

Meus homens estavam loucos de alegria, e ansiosos por correr para lá e tomar posse da posição, mas eu os impedi.

Observação: por que o inimigo sairia da posição fazendo alarde, quando seria de se esperar que o fizesse exfiltrando-se em silêncio?

Dedução: havia algo suspeito e era necessária cautela.

Então, enviamos à frente dois Esclarecedores confiáveis para descobrir o que havia. Eles entraram na trincheira de comunicação e estavam tateando seu caminho por ela rumo ao espaldão recém-abandonado, quando descobriram que a parede da trincheira estava úmida ao toque, e logo descobriram que um fio acompanhava a trincheira por dentro da parede, e que acabara de ser coberto com lama, na evidente intenção de ser escondido.

Cortamos o fio, e então fomos seguindo-o até a trincheira principal, onde ele chegava a uma belamente instalada mina de uns cem quilos de nitroglicerina, que nos teria mandado pelos ares se tivéssemos ido com o grupo todo.

Não satisfeitos com esta descoberta, pegamos a ponta do fio e enrolamos uns bons noventa metros de excelente fio de cobre, com o qual

[313] Caminho escavado no solo que é usado para interligar pontos-fortes (trincheiras ou espaldões). Uma trincheira de comunicação rasa é chamada sapa.

[314] Espaldão: tipo de fortificação de campanha, geralmente escavada no solo, que se destina a acomodar uma arma de emprego coletivo (canhão, morteiro, metralhadora, lança-mísseis).

agora poderíamos plantar minas, usando a nitroglicerina em porções menores.

Nossos homens lançaram três vivas à Rainha, enquanto nossos amigos lá do outro lado tentavam deflagrar a carga, praguejando contra a má sorte nesse acionamento tão demorado.

RASTREAMENTO

De tudo que venho dizendo sobre observação, vocês provavelmente podem perceber quão importante é a arte de rastrear para as missões de reconhecimento.

Já se disse que o reconhecimento sem rastreamento é como pão com manteiga sem o pão. Para um Esclarecedor, rastrear torna-se um hábito; subconscientemente, ele fica o tempo todo procurando e interpretando sinais, mesmo quando envolvido com outras tarefas.

Um Esclarecedor está conduzindo uma coluna, talvez por uma trilha, para surpreender um *kraal*[315] distante umas quinze milhas. Longe, no capim à esquerda da trilha, ele percebe a marca definida de um dedão do pé, e á direita uma marca de calcanhar, feitas recentemente (o capim ainda está dobrado) por um homem a correr (marcas fortes dos dedos dos pés em intervalos longos), seguindo diagonalmente no mesmo rumo que a coluna, e fazendo isso em sigilo (saltando por cima da trilha para evitar deixar nela seu rastro).

O Esclarecedor para e diz que é inútil ir adiante – eles já sabem que estamos a caminho.

Este e outros incidentes desse tipo ocorrem a cada minuto do dia com o Esclarecedor treinado.

A exploração é uma arte que você pode continuar praticando para sempre, e apesar de você continuar a se aperfeiçoar nela, um homem branco raramente atinge o ápice de proficiência dos rastreadores nativos,

[315] Aldeia com cercamento ou paliçada.

como os do Sudão ou os bosquímanos[316] da África Austral, os gonds[317] na Índia ou os negros da Austrália, que são criados para isso desde a infância, usando rastros como seu noticiário e como seu guia infalível na caça e na guerra.

Onde o homem branco ganha pontos é na aplicação de sua inteligência para ler o significado dos rastros.

Quando eu saía em missões de reconhecimento com Fred Burnham[318], ele era mais rápido que eu em perceber "sinais", mas ao indicá-los para mim, ele perguntava: "Eis aí, Sherlock[319], o que você consegue fazer com isto?".

Infelizmente, nós britânicos fazemos muito pouco uso dessa arte, tanto no treinamento militar quanto no civil; então, quando saímos em missões, por não estarmos habituados a rastrear, frequentemente negligenciamos fazê-lo, mesmo quando o terreno diante de nós se apresenta como um livro aberto, cheio de informações.

Fui mandado juntar-me a uma coluna em marcha na Matabelelândia e, cavalgando ao lado do Comandante, notei rastros recentes de nativos, evidentemente circulando em nossa vizinhança. Isso me deixou tão intrigado que perguntei ao Coronel se seus Esclarecedores lhe haviam trazido alguma informação. Ele respondeu que não havia destacado Esclarecedores, porque não valia a pena cansar homens e cavalos num território em que não se avistava nenhum inimigo.

---

[316] Conjunto de grupos étnicos do norte da África do Sul, Botswana e Namíbia.

[317] Nativos da região do mesmo nome, no atual estado indiano de Uttar Pradesh (onde fica Muttra, que serviu de parada ao 13º de Hussardos).

[318] Frederick Russell Burnham (1861-1947), explorador norte-americano. Prestou serviços ao Exército britânico na Campanha Matabele (1896-97), quando trabalhou com B-P, após a qual retornou aos EUA; voltou a servir aos britânicos na Guerra Anglo-Bôer, e participou da criação da *Boy Scouts of America* (www.wikipedia.org). Os matabeles o apelidaram "aquele que enxerga no escuro".

[319] Referência ao detetive Sherlock Holmes, da obra literária de Sir Arthur Conan Doyle, que reconstituía os crimes a partir de pequenas evidências. B-P diria, no *Scouting for boys*, que os Escoteiros deveriam desenvolver o "Sherlock-holmismo".

Fiquei horrorizado, e garanti-lhe que se ele não os via, em breve os sentiria, já que até onde eu podia ver eles nos haviam cercado.

Misericordiosamente, eles não nos atacaram, e mais tarde eu soube deste *Impi*[320], quando eles se renderam, que haviam deixado a coluna passar por aquela parte do território sem ser incomodada porque eles não queriam atrair atenção para sua presença ali, onde estavam obtendo boa alimentação; mas, tendo visto a coluna vagueando por ali com seu Comandante montado à frente, apelidaram-no "o carneiro com cincerro liderando seu rebanho".

"Sinais" não consistem meramente em pegadas, mas também pistas de qualquer tipo que podem ser descobertas pelos sentidos. Assim, um fósforo que se acende no alto de uma encosta no meio da noite e que informa que aquela altura está em poder do inimigo é um "sinal".

Eu fui um pouco rebaixado em minha alardeada capacidade de rastreamento por uma jovem na Inglaterra. Era a filha do falecido Lord Meath[321]. Quando caminhávamos pelos jardins da *Sion House*, ela de repente apontou para umas pegadas no caminho e perguntou-me o que elas significavam.

Indulgentemente, respondi: "Um gato comum, de jardim, passou recentemente por aqui".

"Sim, até eu poderia dizer isso", ela replicou, "mas eu posso ir além e dizer a cor do gato – o senhor consegue?".

Posto assim à prova, pus-me ao trabalho para examinar qualquer galho ou ramo que pudesse ter prendido um pêlo do animal, pelo mesmo princípio pelo qual Zadig[322] pôde dizer que um cavalo ruão de dezesseis palmos de altura havia passado por um bosque.

Mas com toda a minha busca, não consegui achar nenhuma pista que indicasse a cor do tal gato. Minha companheira olhou para o rastro

---

[320] Unidade de combate nativa.

[321] Reginald Brabazon (1841-1929), político, diplomata e filantropo anglo-irlandês. Foi Comissário Escoteiro para a Irlanda (www.wikipedia.org).

[322] Personagem de um conto de Voltaire (*Zadig, ou O destino*).

novamente, bem de perto, e disse: “Sim, não me enganei. Era um gato escama-de-tartaruga[323]”.

Examinei o chão ainda mais minuciosamente, mas não tive nenhum sinal que me ajudasse. Por fim, dei-me por vencido. Perguntei: “Como chegou à cor?”, e ela respondeu: “Eu vi o gato”.

Um bom exemplo de rastreamento por um rastreador egípcio foi quando, ao retornar de um dia de exercício no deserto, descobri que havia perdido meu binóculo. Trouxeram um rastreador, que examinou as patas de meu cavalo e observou atentamente seu jeito de pisar quando o cavalguei para lá e para cá, para sua inspeção.

Como eu ia montado à testa de um Regimento, era muito provável que os meus rastros tivessem sido bastante sobrepostos por outros. Entretanto, lá se foi ele, cheio de confiança, e por fim retornou trazendo o binóculo. Ele foi capaz de identificar os rastros do meu cavalo mostrando onde eu me separara para ir sozinho observar as operações em campo, reconhecendo-os entre os muitos outros na planície, e que acabaram levando-o ao binóculo.

Grande parte do trabalho de um Esclarecedor é feita à noite. Reafirmo, esta é uma arte que requer muita prática de um tipo que raramente podemos ter em territórios civilizados. Pessoalmente, acredito ter feito mais trabalhos noturnos do que diurnos quando no serviço ativo, e com muito mais certeza quando estava engajado em ações de reconhecimento.

A razão disso é que em operações na Matabelelândia e Zululândia, de qualquer forma, era preciso fazer seu caminho até próximo à posição inimiga sob a cobertura da escuridão, e então ficar escondido durante o dia, num local de onde se pudesse observar os procedimentos do inimigo sem ser visto, exfiltrando-se dali depois que a noite caísse.

---

[323] No original, *tortoise-shell cat*. Escama-de-tartaruga, ou casco-de-tartaruga, é uma cor de pelagem que quando ocorre é predominante nas fêmeas. É uma pelagem que combina cores que não o branco, misturadas próximo ou em manchas maiores. As cores presentes podem ser vermelho (ou laranja, amarelo ou creme) e preto (ou marrom, chocolate ou cinza) (www.wikipedia.org).

Frequentemente seguia-se a isso ser preciso então guiar uma coluna em deslocamento à noite, e colocá-la em posição para um ataque ao nascer do dia. Dava para sentir a tremenda carga de responsabilidade sobre os ombros de quem executava essa tarefa, com o temor de tomar um caminho errado ou conduzir a tropa inteira para uma emboscada.

Esse tipo de trabalho de guia exige cada grama de concentração que se possa colocar nele. Não costumo ser rude, mas nunca em minha vida fui tão rude com alguém como quando um jovem oficial, julgando que eu parecia solitário caminhando isolado por ali, adiantou-se para me alcançar e, cheio de boa intenção, começou um papo animado e brilhante. Minha resposta não foi nada cortês, e ele voltou ao seu lugar em forma um tanto ofendido.

Pontos de referência à noite são bem diferentes dos que tomamos durante o dia, e isso é algo que o iniciante não costuma perceber. Então, há aqueles guias infalíveis, as estrelas – infalíveis até a noite importante, quando elas invariavelmente estão encobertas pelas nuvens[324]; e então você agradece a Deus por ter também registrado os pontos de referência.

JAN GROOTBOOM[325]

"Ele tem a coragem de um homem branco na pele de um negro[326]".

[324] Conforme nossa velha conhecida Lei de Murphy, que B-P chamava "lei natural da perversidade (*Memories of India*, capítulo II)", uma vez que o Capitão (USAF) Edward Murphy – a quem a lei é atribuída – ainda não era nascido.

[325] Baden-Powell refere-se a ele como zulu; na verdade, sua etnia era xhosa, natural da região oriental da Colônia do Cabo. Na Campanha Matabele, destacou-se como um corajoso e habilidoso *scout*, a serviço das forças britânicas (www.scoutwiki.org.za). No atual Zimbabwe, Jan Grootboom é tido como traidor, pois auxiliou nas operações repressivas da potência colonial. Grootboom, em afrikaans, é o nome dado ao baobá, literalmente "grande (groot) árvore (boom)".

[326] Essa afirmação corresponde à expressão racista usada no Brasil "ser um negro de alma branca". Essa frase de B-P pretendia ser um elogio, num tempo em que se acreditava em hierarquia racial como "justificativa" para a submissão dos povos não-brancos aos europeus.

Foi com tal caráter que Jan veio a mim na Rodésia[327]. Ele era um zulu que recebera alguma educação escolar e tinha larga experiência, tendo viajado e se misturado com europeus do tipo certo[328].

Apesar de conhecer bem a Zululândia[329], eu era novato na Rodésia e pouco conhecia de seu povo, e portanto precisava de um guia e companheiro de Exploração realmente confiável.

Quando você está selecionando um homem para uma missão como essa, na qual sua vida dependerá dele, e também se deve considerar que às vezes ele terá de confiar em você para manter-se vivo, essa seleção não é coisa que se faça levianamente.

É tão problemático quanto escolher um cavalo – ou uma esposa[330]. Muita coisa fica na balança por causa disso.

Mas no meu caso não havia tempo para um ensaio completo ou teste preliminar com prováveis candidatos, e tive de aceitá-lo com base em sua reputação, "pelo valor estampado[331]". Aconteceu de a reputação e a estampa me inspirarem confiança, e nunca tive motivo para arrepender-me da escolha. A descrição mencionada acima encaixa-se nele perfeitamente; ele demonstrou ser o homem mais corajoso que já conheci[332].

---

[327] Atuais Zimbabwe e Zâmbia.

[328] Com isso, B-P quer dizer, que não eram dados ao alcoolismo e às trapaças em geral.

[329] Região na parte oriental da África do Sul, do sul do rio Tugela ao norte do rio Pongola. Desde 1993, constitui a província de KwaZulu-Natal, da República Sul-Africana.

[330] Não se entenda aqui que B-P coloque a esposa no mesmo nível que um cavalo. Ele se refere a escolher alguém em quem confie e que a confiabilidade seja recíproca, pois conviverão muito proximamente e dependerão um do outro em momentos críticos.

[331] Expressão idiomática do inglês, de comprar algo pelo "*face value*", o valor estampado no selo, cédula ou moeda (sem tomar em conta a eventual desvalorização). Comprar confiando no que se apresenta à nossa vista.

[332] Não obstante, B-P já usou esse superlativo para referir-se a outro homem, noutras circunstâncias: um *ghazi* afegão que, de espada em punho, arremeteu morro abaixo contra uma força britânica. Esse episódio do *ghazi* é relatado neste livro, no capítulo VI; em *Rovering to success*; em *Memories of India*, capítulo XII; e em *Adventures and accidents*, capítulo XIV.

Muitos camaradas, em sua primeira missão no ultramar, mostram-se muito ávidos por calçar sua "superioridade" e olhar com desprezo os "pretos". Os mais experientes, que já partilharam o perigo e a aventura com os nativos, conhecem seus melhores aspectos e logo de cara reconhecem o "pata-tenra" cru no novato que os subestima.

Assim, eu lhes conto sobre Jan Grootboom.

Para cumprir nossas missões, ele e eu saíamos a cavalo de nossos postos avançados tão logo caía a noite. Isso nos possibilitava atravessar uns quarenta quilômetros de trajeto em tempo hábil para nos ocultarmos próximo à posição inimiga ao alvorecer, e então certificarmo-nos de sua localização exata, observando suas fogueiras à medida que eles as iam acendendo para cozinhar a refeição matinal.

Havia muito trabalho de Sherlock Holmes a ser feito em nossas missões.

Por exemplo, certa manhã, tivemos alguma dificuldade em infiltrar-nos por entre as sentinelas avançadas inimigas e, por essa forma atrasados, não chegamos antes do dia clarear ao terreno mais perigoso, próximo ao seu acampamento principal.

Quando achamos um bom esconderijo para nós e nossos cavalos, dividimos turnos para examinar a posição inimiga.

Mas Jan não era muito habituado a escaladas, e como todo o nosso trabalho acontecia entre morros rochosos, eu descobri que, com meus calçados com solas de borracha, eu conseguia mover-me com mais rapidez que ele, e, de fato, também mais que o inimigo – como já lhes relatei.

Graças a isso, o inimigo acabou por conhecer-me bem; deram-me o nome *Impeesa* – a fera que se esgueira na noite.

Uma noite, nós havíamos rastejado até próximo de um ponto-forte inimigo e estávamos lá esperando acenderem suas fogueiras matinais para nos certificarmos de suas posições. Então, a primeira fogueira foi acesa, depois outra, e mais outra. Mas antes que meia dúzia delas tivessem se acendido, Jan resmungou: "Esses brutos estão preparando uma armadilha para nós".

Naquela hora, não entendi o que ele quis dizer, mas ele disse: “Fique aqui enquanto vou lá espiar”.

Ele tirou toda a roupa, deixando-a empilhada, e enveredou pela escuridão, praticamente nu. Evidentemente, ele ia visitá-los para ver o que estava acontecendo.

A pior parte da espionagem é que ela faz você estar sempre desconfiado, mesmo de seus melhores amigos; então, assim que Grootboom desapareceu numa direção, eu me afastei em outra, levando comigo os cavalos, e me coloquei entre alguns rochedos numa pequena elevação, onde eu podia ter alguma chance se ele tivesse qualquer intenção de me trair e voltar trazendo os matabeles para me capturar.

Por uma hora ou mais fiquei ali, enquanto o sol se elevava, até que finalmente avistei Jan rastejando de volta pelo capim – sozinho. Envergonhado por ter duvidado dele, rastejei de volta até ele e encontrei-o sorrindo de uma orelha à outra, satisfeito, enquanto vestia novamente suas roupas.

Ele disse que descobrira, como esperava, uma emboscada armada para nós. O que o fez desconfiar foi que as fogueiras, em lugar de se acenderem em diversos pontos espalhados pela encosta simultaneamente, tinham sido acendidas em sequência contínua, uma após a outra, aparentemente por um homem percorrendo a área para acendê-las.

Isso despertou nele a suspeita, e ele presumiu que o inimigo esperava que estivéssemos por perto, e intentava atrair-nos para examinar o local mais de perto.

Ele mesmo avançou para o meio deles por uma rota tortuosa, da qual pôde perceber um grupo deles deitados no capinzal, próximo à trilha que nós provavelmente teríamos usado se prosseguíssemos.

Então, ele os desbordou sem ser visto e, chegando a um local próximo do ponto-forte, voltou para junto do grupo, fingindo ser um deles; e, conversando com eles, descobriu quais eram suas intenções a nosso respeito, e também quais eram seus planos para o futuro próximo.

Quando se separou deles, ele caminhou ousadamente em direção ao ponto-forte e, uma vez fora de suas vistas, esgueirou-se por entre as rochas e silenciosamente fez o trajeto de volta até onde eu estava.

Uma tarefa como essa, levada a efeito com sangue-frio, com a certeza da morte se falhasse, exigia uma forma bem elevada de coragem – mais alta ainda do que aquela do soldado que avança numa carga, no auge da excitação da batalha.

Muitas e muitas vezes Jan arriscou sua vida em condições parecidas.

Quando, ao fim da campanha, deixei a Matabelelândia, separamo-nos como grandes amigos.

Três anos depois, em meio à Guerra dos Bôeres, eu comandava uma coluna num fim-de-mundo no Transvaal, quando me disseram que um nativo queria ver-me.

Era Jan. Ele fizera todo o caminho desde a Matabelelândia e através do território bôer, e chegou ao acampamento com um esplêndido cavalo e uma excelente mula, além de dois fuzis de primeira ordem e farta munição.

Quando nos encontramos, por um instante nenhum de nós pôde falar, e algum sujeito descortês tirou uma foto nossa. Simplesmente, cada um de nós ostentava um enorme sorriso.

Quando lhe perguntei como conseguira chegar ali tão bem equipado, ele disse que tinha ouvido falar que eu estava no Transvaal, e partiu a pé para vir ao meu encontro; e, no caminho, veio se apropriando de alguns cavalos, fuzis e munições do inimigo, artigos que ele mostrava com satisfação.

Quando deixei a África do Sul, Jan foi trabalhar com George Grey[333], famoso caçador de leões e um grande amigo meu. Jan serviu-o

[333] George Grey era irmão de Lord Edward Grey, Ministro das Relações Exteriores britânico de 1905 a 1916. Morreu em 1911, em consequência dos ferimentos infligidos por um leão numa caçada a cavalo, no Quênia, quando os dois tiros que deu na fera foram insuficientes para impedir seu ataque (https://www.magzter.com/stories/Mens-Interest/Rifle/Ross-Rifles).

bem, e acabou sendo morto defendendo-o. O próprio Grey, mais tarde, veio a ser morto por um leão.

Sim, Jan provou ter o valor de um homem branco – mesmo que com a pele negra.

CAPÍTULO V
SERVIÇO MILITAR

BOMBARDEADO PARA DENTRO DO EXÉRCITO[334]

A segunda bomba de minha vida estourou em cima de mim uns quatro meses após eu deixar a escola. Eu estava a bordo do *Gertrude*, um iate pertencente ao Professor Acland[335], Professor Régio de Medicina em Oxford, um velho amigo de meu pai e que era seu "simétrico" como Professor Saviliano de Geometria. Um dos convidados a bordo era o Deão[336] de Christchurch, o célebre e bem-apessoado religioso, o idoso Dr. Liddell[337].

Certa manhã, o Deão aproximou-se de mim com a notícia que, de acordo com o jornal, um homônimo meu havia passado no concurso para o Exército. E ali estava, preto no branco, o meu próprio nome!

Bem, o Conselho do Exército não pode me expulsar agora, então eu posso confessar que eu praticamente entrei no Serviço por artifício; quer

---

[334] Fazer um concurso e ser nele aprovado não é exatamente "ser lançado dentro de uma profissão"; mas talvez B-P tenha dito isso significando que não tinha grandes expectativas de passar no concurso, menos ainda de ser bem classificado como foi – segundo lugar para Cavalaria, quarto para Infantaria. Sua sorte foi que os seis melhores classificados podiam optar por fazer a formação no corpo de tropa (em 8 meses, como no nosso Núcleo/Centro de Preparação de Oficiais da Reserva) e não na Academia Militar; para B-P, faria muita diferença por causa do custeio (as despesas de servir na metrópole eram muito mais elevadas).

[335] Henry Wentworth Dyke Acland (1815-1900), médico e professor de Anatomia e Medicina em Christchurch (Oxford). Fundador do Museu de História Natural da Universidade de Oxford. Dedicou-se também a estudos sobre a saúde pública, tendo participado da comissão real para a legislação sanitária para Inglaterra e País de Gales em 1869 (www.wikipedia.org).

[336] O Deão, ou Decano, é o dignitário ou responsável máximo por um órgão colegial da Igreja. Christchurch é uma das faculdades constituintes de Oxford, e também catedral da Diocese de Oxford.

[337] Henry George Liddell (1811-1898) foi Deão de Christchurch de 1855 a 1891. Estudou em Charterhouse e em Oxford. O Dr. Liddell, junto com o Professor Acland, revolucionou o estudo da Arte e da Arqueologia, levando essas disciplinas a serem encaradas com seriedade em Oxford. O Professor Charles L. Dodgson (sim, aquele que reprovou B-P em matemática), sob o pseudônimo Lewis Carroll, escreveu o livro *Alice no País das Maravilhas* para Alice (1852-1934), filha do Deão Liddell (www.wikipedia.org).

dizer, eu entrei por meio de um exame, mas uma prova não é de forma alguma uma verificação justa das capacidades de um sujeito.

Quando compareci para fazer a prova de admissão ao Exército, eu naturalmente não estava muito esperançoso de passar. Na verdade, encarei a coisa toda com tanta leveza quanto fazer um teste de trote a cavalo num percurso[338].

Na matéria de Euclides[339], eu nunca consegui superar a *pons asinorum*[340], mas com um pouco de astúcia eu respondi às questões pelo método Loisette[341] – o sistema Pelman[342] daquele tempo – e engajei-me em memorizar os vários livros de Geometria Euclidiana requeridos para o exame do Exército. Meu sucesso foi completo, apesar de o real

[338] No parágrafo seguinte, B-P se contradiz. Empenhar-se num método de memorização para ser capaz de fazer um concurso é um grau de esforço pouco condizente com "encarar com leveza (*airily*, no original) a coisa toda". No imaginário da época, não era considerado próprio de cavalheiros esforçar-se. Bons resultados deviam ser vistos como devidos ao talento, dado por graça divina ou pelo "bom nascimento". Não muito diferente do *self-marketing* dos anos 1990-2000, quando o profissional faz parecer que o que realiza é feito "facilmente, graças ao talento", sem deixar que se saiba quanto de real esforço se coloca para atingir proficiência. A contrapartida é a valorização da qualificação do profissional (numa anedota, o sujeito discrimina na nota do serviço: "apertar um parafuso, R$ 1,00; saber qual parafuso apertar e quanto, R$ 999,00"), que alguns tentam minimizar, dizendo que o profissional fica "pagando mistério, supervalorizando o serviço".

[339] Euclides de Alexandria (360-295 a.C.), matemático e professor grego, conhecido como o "Pai da Geometria". A geometria só se expandiu para além do campo euclidiano no século XX.

[340] A "ponte dos asnos" é uma expressão que indica um raciocínio, proposta ou conjunto de propostas que, embora perfeitamente demonstradas, permanecem mal compreendidas. É referida ao teorema do triângulo isósceles: "os ângulos opostos a lados iguais de um triângulo isósceles são eles próprios iguais; inversamente, se dois ângulos de um triângulo são iguais,os lados a eles opostos são iguais (www.wikipedia.org)".

[341] Método de memorização do livro *Assimilative memory, or How to attend and never forget*, escrito pelo professor Alphonse Loisette, pseudônimo do norte-americano Marcus Dwight Larrowe (1828-1899), que o teria plagiado de um sistema mnemônico já existente; Mark Twain foi um que recebeu esse treinamento mnemônico (https://en.wikipedia.org/wiki/Mnemonic_major_system).

[342] Sistema de treinamento da mente e da memória desenvolvido nos anos 1890, por William Joseph Ennever, dado em curso por correspondência pelo Instituto Pelman. Entre seus usuários famosos, estão o Primeiro-Ministro Herbert Asquith, B-P e o romancista Rider Haggard.

significado daqueles problemas ter sido, como continua a ser até hoje, um livro trancado para mim[343].

OUTRA DICA PARA PASSAR EM EXAMES

Bem cedo na minha carreira no Exército, eu me engajei na produção escrita, escrevendo um manualzinho para uso pelos meus homens, intitulado *Reconnaissance and Scouting*[344]. Mais tarde, quando fui submetido a exames para promoção sobre o tema "Reconhecimento", o examinador perguntou se era eu o autor do manual sobre o assunto, e teve a decência de me aprovar sem nenhuma outra questão.

Assim, para qualquer candidato a exames que tenha dúvidas quanto à sua capacidade de ser aprovado em algum tema em particular, meu conselho é que escreva um livro sobre isso e deixe que o examinador saiba ser você o autor. Material para o livro pode ser obtido, é claro, dos muitos outros livros existentes sobre o tema[345]!

NO ESTADO-MAIOR

No devido tempo, ocupei uma função no Estado-Maior, na humilde condição de Ajudante-de-Ordens do General Henry A. Smyth[346], Comandante-em-Chefe na África do Sul.

Quando chegou ao Regimento[347] a notícia de que eu fora designado para essa comissão, os homens do meu Esquadrão presentearam-me com um certificado floreado, impresso em cetim branco, no qual eles generosamente me davam seus bons votos de sucesso. Expressões de estima dos subordinados para seus oficiais são rigorosamente proibidos;

---

[343] O apelo a métodos de memorização deve ter-se baseado em seu frustrante resultado nos exames para Oxford.

[344] Publicado em 1884.

[345] Obviamente, referenciando suas fontes. "Copiar de um autor é plágio; de muitos, é pesquisa" – desde que você atribua a autoria a quem é devida.

[346] Henry Augustus Smyth (1825-1900), irmão de dona Henrietta. Comissionado Segundo-Tenente de Artilharia em 1843, serviu na Guerra da Crimeia (1854-56). Comandante-em-Chefe na África do Sul em 1886; organizou a repressão à rebelião de Dinizulu (1888). Governador da Colônia do Cabo em 1889, e Governador de Malta de 1890 a 1893.

[347] 13º de Hussardos.

no entanto, eu pergunto: o que você pode fazer quando a coisa está ali, literalmente sendo enfiada em suas mãos? De qualquer modo, é um dos meus pertences pelo qual até hoje tenho o maior carinho.

Minha experiência prévia de trabalho de Estado-Maior tinha sido quando, na Índia, eu havia sido temporariamente designado para fazer parte do Estado-Maior do Duque de Connaught, quando Sua Alteza Real era Oficial-General em Comando da Divisão em Meerut. Nunca houve três líderes militares mais diversos em seus respectivos métodos e caracteres que os três sob cujas ordens servi direta e pessoalmente.

Sir Baker Russel, um ousado líder de Cavalaria, não sabia uma única voz de comando prescrita no Manual de Ordem Unida, mas ele se lançava à ação com um conhecimento instintivo do que era necessário, e com ousadia e determinação levava a missão a cabo, quer o combate fosse no campo contra um inimigo, quer fosse no papel, com as “autoridades”.

O Duque de Connaught, com mais ampla experiência no mundo, tinha o dom extraordinário de ver o lado humano de todo empreendimento. Ele percebia até onde seus oficiais e seus soldados podiam ir, e por sua simpatia pessoal e capacidade de lembrar-se de cada pessoa com quem entrava em contato, obtinha o trabalho em equipe apaixonado e devotado de quantos serviam sob seu comando.

Meu novo chefe, Sir Henry Smyth, era tão próximo do oposto de Sir Baker Russell quanto se poderia imaginar. Muito lento e meticuloso em sua deliberação, ele examinava a questão ou plano de todos os pontos de vista, em princípio e em detalhe, com um olhar imparcial, e livrou-se muitas vezes de incorrer em erros fatais, graças ao seu ponderado pensamento preditivo e uso da experiência.

Bem, para um jovem oficial aprendendo seu trabalho de Estado-Maior, esses instrutores deram uma liderança valiosa, desde que se tivesse o bom senso e a energia para segui-la.

A VIDA DE UM AJUDANTE-DE-ORDENS

A vida no Estado-Maior no Cabo[348], sob um General benquisto e uma dama popular[349], foi uma experiência muito feliz e agradável. Dificilmente seria algo que se pudesse chamar serviço militar, mas havia muito serviço de Quartel-General, mais especialmente porque, como o posto de Secretário Militar estava temporariamente vago, fui mandado exercer também essas funções em acréscimo às minhas de Ajudante-de-Ordens. Isso me deu o mais valioso treinamento e experiência no trabalho de Estado-Maior[350].

No meu tempo livre eu tinha fartura de ocupações, já que era o Secretário Honorário[351] do Clube de Polo, para o qual promovi festas e gincanas, com o intuito de levantar fundos para fazer o campo de jogo e os pavilhões.

Então, além de dar uma mãozinha nas peças teatrais, Menestréis de Pierrette, Sociedade de Desenho, etc., eu fui *second whip* e, por uma curta temporada, *Master of Foxhounds*[352] do Cabo.

Nesse tempo, o Governador do Cabo era Sir Hercules Robinson[353], que viria a ser Lord Rosmead. Ele era um típico Governador Colonial,

---

[348] Colônia do Cabo, na África do Sul.

[349] O General Smyth casou-se com Helen Constance Greaves (1845-1932) em 1874. Não tiveram filhos.

[350] Ao menos no do Estado-Maior Pessoal, que envolve a assistência direta ao Comandante, e do qual fazem parte o Ajudante-de-Ordens e o Secretário. As funções no Estado-Maior Geral envolvem as Seções de Pessoal, Inteligência, Operações, Logísitca e, mais modernamente, Assuntos Civis.

[351] Devido à condição de militar e Ajudante-de-Ordens do Governador. O Secretário Honorário cuida das tarefas administrativas do clube de caça à raposa.

[352] Termos usados na caça à raposa. O *Master of Foxhounds* é que coordena as atividades esportivas da caça à raposa, cuida da manutenção dos canis, por vezes acompanha o *huntsman* (que dirige os cães) e trata dos gastos das caçadas, e tem a palavra final sobre todas as questões no campo. O *whip* é o auxiliar do *huntsman*, e tem a função de manter a matilha de cães juntos (daí derivar, no inglês, o uso do termo com o significado de "disciplinador"), impedindo que briguem entre si ou dispersem a atenção (www.wikipedia.org).

[353] Hercules George Robert Robinson (1824-1897), primeiro Barão de Rosmead, cursou Sandhurst (2º Tenente em 1843) e deixou o Exército em 1846 para ingressar no serviço civil. Foi Governador de Hong Kong (1859-65), Ceilão (1865-72), Nova Gales do Sul (Austrália) (1872-79), Fiji (1874-75) e Nova Zelândia (1879-80), e Alto Comissário para a África Austral e Governador da Colônia do Cabo (1881-89 e 1895-97). Elevado a barão em 1896, Casado em 1846 com Nea Arthur Ada Rose D'Amour Annesley (www.wikipedia.org).

bem britânico, um diplomata e um esportista, e conseguia parecer-se com as três coisas.

Lady Robinson, por sua vez, parecia uma típica duquesa, majestosa e bem segura de suas próprias ideias. E ela foi a causa de uma das mais terrificantes experiências que já tive, e que por sorte superei.

Eu queria garantir seu patrocínio para um concerto que eu estava organizando, e entrei em contato com a Casa do Governador para esse fim. Eu era um jovem oficial muito tímido, e até o último minuto tive esperança de que ela não estivesse em casa. Mas ela estava, e fui anunciado e posto para dentro.

Apesar de usá-los para me escrutinizar, Sua Graça não precisava dos *lorgnettes*[354] para ver que eu estava poderosamente encabulado. Ela me fez passar por uma cerrada sabatina a respeito dos meus sentimentos com relação a cada uma das muitas jovens encantadoras do Cabo, e pareceu considerar-me cada vez menos à medida que íamos percorrendo a lista sem nenhuma descoberta estimulante.

Por fim, quando eu estava reduzido a um trapo nervoso, ela perguntou: "E quanto a esse concerto? Você vai cantar alguma das suas imitações de uma *prima donna*[355]?". Pensando em agradá-la, respondi que sim. "Então cante agora", ela ordenou.

Não havia como sair dessa. Travei, hesitei, mas tinha de fazê-lo. Vocês conseguem imaginar? Sozinho e desamparado sob aquele olhar impiedoso, comecei miseravelmente a cantar em meu ridículo falsete aquelas sequências e trinados que me haviam feito considerar-me um herói quando no palco.

Agora havia muito pouco do herói em mim. Mas aos poucos eu fui retomando o jeito na ação, e estava no meio de um *tour de force* que chegava às notas mais altas da minha extensão vocal, quando a porta se abriu e entrou um criado, seguido por um pomposo mordomo trazendo

---

[354] Pequenos binóculos, geralmente usados para assistir peças teatrais e óperas, para enxergar detalhes do que se passa lá no palco.

[355] Papel feminino principal numa peça musical (geralmente ópera).

chá. Eu não sabia se devia parar, ou o que fazer. O que eu mais queria era que a terra se abrisse e me engolisse. Na condição em que estava, levei minha apresentação ao fim com mais um ou dois compassos, e, valendo-me de toda minha capacidade dramática, expliquei a ela, para gáudio do mordomo, que era essa espécie de coisa que poderíamos esperar presenciar no concerto.

Então ela me serviu chá, e logo descobri que por baixo daquele exterior (para mim) aterrorizante, havia uma alma cheia de bom humor e um coração cheio de generosidade.

No todo, eu estava agora num tipo de atmosfera bem diferente da vida militar, e por algum tempo foi uma mudança bem agradável. Na verdade, era bem divertido, uma farra regular, quando... Bang, veio uma bomba!

ZULULÂNDIA

Um telegrama alarmante chegou da Zululândia, dizendo que os Usutus se haviam rebelado. Eles haviam desafiado a polícia; alguns soldados haviam sido enviados de Natal para reforçar a força civil, e forçados a retirar-se com baixas. No geral, a vaca estava indo para o brejo[356].

O Governador de Natal (e incidentalmente da Zululândia[357]) estava com a mente perturbada. Ele queria mais tropas como reforço, mas sendo por título o "Comandante-em-Chefe" de Natal, não queria generais militares metendo o bedelho. Entretanto, o General Smyth via que, se era para ter tropas lá, deveria haver transportes, suprimentos, organização, hospitais e remonta, e cada hora de atraso significaria uma expansão da rebelião; por isso, sem maiores delongas, ele despachou todas as ordens necessárias e prontamente embarcou com seu Estado-Maior para Natal e a Zululândia.

[356] No original, "*the fat was in the fire*". Mesmo sentido, para dizer que a situação estava se deteriorando.

[357] Atualmente província de KwaZulu-Natal.

Aqui, novamente minha sorte entrou em ação[358]. A função de Secretário Militar estava vaga, aguardando por um oficial superior[359] para ser designado da Inglaterra. Fui designado para exercer essa função nesse ínterim, apesar de ainda não haver atingido esse posto.

O Estado-Maior era constituído por:

Comandante-em-Chefe: Tenente-General Henry Augustus Smyth

Ajudante-Geral: Coronel Curtiss, CMG[360].

Adjunto do Ajudante-Geral: Major Gordon.

Secretário Militar: Capitão Baden-Powell.

Ajudante-de-ordens: Capitão H. Robinson.

Oficial Comandante do Corpo de Serviços do Exército[361]: Coronel Christie.

Oficial-Médico-Chefe: Coronel-Cirurgião Faught.

Comandante dos Contingentes Nativos: Coronel Sir Frederick Carrington.

JOHN DUNN

Nunca me esquecerei de meu primeiro encontro com um exército zulu[362]. Eu seguia com nossas tropas em marcha pela Zululândia, quando nos encontramos com um grupo de guerreiros com um homem branco cavalgando à sua frente. Era John Dunn, seguido por alguns de

---

[358] Baden-Powell buscou, quanto pôde, oportunidades para estar no serviço em campanha, ou, como ele se refere, *active service*. Não tendo conseguido aprovação no concurso para a Escola de Estado-Maior (*Staff College*), suas chances de promoção só poderiam realizar-se pelo serviço em operações reais. A demonstração de força na Bechuanalândia, com o 13º de Hussardos sendo força de dissuasão, em 1884, foi uma esperança frustrada para B-P quanto a isto, pois não houve combate (assim explica Tim Jeal, em sua biografia de B-P). Mas as operações na Zululândia, Ashanti e, especialmente, Matabelelândia, supririam essa necessidade – e, claro, Mafeking, que o alçaria ao generalato.

[359] De Major para cima.

[360] Condecoração: Companheiro da Ordem de São Miguel e São Jorge.

[361] Comandante da Logística da força em campanha.

[362] Povo sul-africano que vive em territórios que hoje são da África do Sul, Moçambique, Zimbabwe, Lesoto e Suazilândia.

seus chefes. John Dunn[363] era um velho mercador escocês, que viveu desde garoto entre os zulus, e eles tinham por ele tanto amor e confiança, por sua honestidade e coragem, que ele se tornou o principal conselheiro de Cetywayo.

Mesmo quando os zulus deflagraram a guerra contra os britânicos e Cetywayo, julgando-se invencível[364], esperava invadir e capturar toda Natal, nenhuma ameaça foi dirigida a Dunn. Ele chegou a tentar convencer aquele grande chefe de que seu levante estava fadado a terminar em desastre.

Se alguém do seu próprio povo tivesse ousado dizer-lhe isso, Cetywayo o teria matado prontamente, mas ele tinha um respeito muito grande por Dunn.

De qualquer modo, ele não aceitou o conselho, e viveu para arrepender-se quando seu vasto exército foi finalmente esmagado na batalha de Ulundi, e ele mesmo foi feito prisioneiro.

---

[363] John Robert Dunn (1834-1895) passou a infância em Port Natal/Durban. Órfão na adolescência, viveu próximo ao rio Tugela. Seu convívio com os zulus granjeou-lhe confiança e respeito entre muitos chefes. Sendo capaz de habilmente balancear os interesses coloniais e os dos zulus, veio a ser conselheiro diplomático do rei Cetywayo (Cetshwayo). Recebeu terras, gado e muitas esposas (pelo menos uma branca e quarenta e oito nativas), tendo 117 filhos. Quando Cetshwayo desencadeou a Guerra Anglo-Zulu em janeiro de 1879, Dunn evadiu-se e trabalhou como oficial de Inteligência para os britânicos. Após a derrota zulu em Ulundi, com o aprisionamento de Cetshwayo, a Zululândia foi posta sob a autoridade britânica e dividida entre 13 chefes, entre os quais Dunn, cujas terras eram as mais extensas e que serviam de zona-tampão entre os britânicos e os outros chefes zulus. Quando Cetshwayo retornou do exílio em 1883, todos os chefes zulus, incluindo Dunn, foram colocados numa reserva com 40 km², próximo ao rio Tugela. Na rebelião de 1888, liderada por Dinizulu (Dinuzulu), filho de Cetshwayo, Dunn e sua tribo novamente ficaram ao lado dos britânicos (www.wikipedia.org).

[364] Após a batalha de Isandlwana (22/01/1879), na qual mais de 1300 britânicos foram mortos. Um dos poucos que conseguiram fugir ao massacre foi Horace Smith-Dorrien (1858-1932), que chegaria a comandar o II Corpo de Exército nos meses iniciais da Primeira Guerra Mundial. Segundo Bryan Perrett (*Last stand! Famous battles against the odds*. London: Cassell, 1991, p.85), Cetshwayo não chegou necessariamente a julgar-se invencível após Isandlwana. Considerando a proporção de baixas infligidas britânicos X zulus em Isandlwana e Rorke's Drift, percebeu que os britânicos acabariam vencendo, como aconteceu em 04/07/1879, em Ulundi.

Foi após essa derrota que a Zululândia foi dividida em oito províncias por Lord Wolseley[365], e cada província posta sob a autoridade de um Chefe diferente – um dos quais foi John Dunn.

Quando nos encontramos com John Dunn, ele informou que estava trazendo seu *Impi*, ou Regimento, para juntar-se à nossa força em nosso avanço contra o restante da nação zulu.

UM *IMPI* ZULU

Pouco depois, ouvi um som ao longe, que de início pensei ser um órgão a tocar em uma igreja, e por um momento pensei que nos estávamos aproximando de uma missão religiosa atrás da crista da colina.

Mas quando chegamos à crista, vimos movendo-se em nossa direção, desde o vale abaixo, três longas colunas de homens, marchando em fila e cantando um hino maravilhoso enquanto marchavam[366].

Tanto a vista quanto o som impressionavam profundamente.

Os próprios homens pareciam esplêndidos. Em geral eram camaradas belos, fortes, musculosos, com rostos belos e animados numa rica cor de bronze, e engenhosamente adornados com penas, peles, e rabos de vaca.

Usavam pouco do que se chamaria roupa, e seus corpos marrons estavam untados com óleo e assemelhavam-se a estátuas de bronze. Nas cabeças, usavam coberturas de penas de avestruz, e usavam saiotes balouçantes de caudas de raposa e tiras de pêlo, enquanto ao redor de seus joelhos e cotovelos estavam atados rabos de vacas brancos, como sinal de que estavam em trilha de guerra.

---

[365] Famoso pela supressão dos levantes ashanti, Sir Garnet Wolseley (1833-1921) combateu na Crimeia e no Motim dos Sipaios; foi Diretor de Intendência do Exército. À época da Guerra Anglo-Bôer (1899-1902), era o Comandante-em-Chefe do Exército. Seu cuidado com a logística, levando muito a sério que não faltasse nenhum item necessário ao bom cumprimento de uma missão (de reservatórios de água até óculos de sol), tornou popular em seu tempo a expressão "*all Sir Garnet*", referindo-se à preparação minuciosa do provimento às tropas. Na Segunda Guerra Mundial, essa meticulosidade seria atribuída ao Marechal Bernard Law Montgomery, com a expressão *the full Monty*.

[366] *Een-gonyama*, que B-P adotaria para os Escoteiros.

Portavam enormes escudos de pele de boi no braço esquerdo, cada regimento com escudos de sua própria cor, enquanto na mão direita levavam duas ou três azagaias de arremesso, para lançar contra um inimigo, e uma azagaia de lâmina larga para estocadas, que reservavam para o combate corpo-a-corpo; e no cinto vinha pendurada uma clava[367] ou machado, para fins de finalização[368].

Com quatro grandes *impis* desse tipo contra nós, sentimo-nos sortudos por ter, de qualquer modo, uma força assim do nosso lado, especialmente sob o comando de um homem como John Dunn. Ele e seus Esclarecedores foram de valor inestimável.

Além dessas, nossas forças eram constituídas por destacamentos das seguintes unidades:

6º Regimento de Dragões de Inniskilling.

Artilharia de Montanha.

Fuzileiros de Inniskilling.

Regimento North Staffordshire.

200 Basutos a cavalo.

Uma Tropa de voluntários a cavalo.

UMA COLUNA VOLANTE

O General, ao chegar ao território, não perdeu tempo em pôr-se ao trabalho. Seguindo-se ao sucesso do Major McKean na região sul, ele fez estabelecer uma linha de postos fortificados a fim de evitar que o inimigo retornasse para lá, e deu organizou ataques aos diferentes *impis* hostis por partes, antes que pudessem completar sua concentração.

Mas a primeira e mais urgente missão era efetuar o socorro a Mr. Pretorius, um magistrado que estava sob sítio dos zulus em sua casa.

---

[367] *Knobkerry*, clava com uma bola na extremidade.

[368] Golpe de misericórdia. Saul David, em *Military blunders* (p.265-267), ao relatar a batalha de Isandlwana, explica que o escudo tinha mais ou menos o comprimento do seu portador e podia chegar a um metro de largura. Explica, ainda, que, finda a batalha, os guerreiros zulus percorriam o campo de luta para despir e abrir o ventre dos mortos, de modo a libertar os espíritos, que viriam assombrá-los se isso não fosse feito.

Imediatamente, foi formada uma coluna volante para esse fim, constituída por quatrocentos homens da Infantaria Montada e dos Dragões, dois canhões, duzentos basutos e policiais nativos, e dois mil zulus de John Dunn.

Esta força foi posta sob o comando do Major McKean[369], e ele me tomou para seu Chefe de Estado-Maior.

Partimos em 7 de julho e cobrimos as primeiras cinquenta milhas [80 km] em dois dias, com o inimigo circulando ao nosso redor, de início não ousando atacar, mas no segundo dia carregaram contra nossa retaguarda, matando quatro dos nossos homens. No entanto, foram facilmente repelidos.

Após essa luta, veio uma noite molhada e imunda, que permanecerá sempre em minha lembrança. Viajávamos com equipamento aliviado, sem barracas, mas com umas poucas carroças puxadas por mulas levando nosas rações e a forragem.

McKean e eu bivacamos sob uma dessas carroças, mas foi só um abrigo muito do fajuto, pois o solo debaixo de nós era de lama macia e encharcada, e muito fria, enquanto a chuva escorria continuamente entre as tábuas do fundo da carroça, caindo sobre nós num fluxo constante.

Demos um jeito de acender uma fogueira ali perto, e para lá nos mudamos, sentando-nos junto a ela com nossas mantas impermeáveis sobre a cabeça.

Um dos nossos zulus veio da luta carregando às costas uma garota ferida. Era surpreendente que um zulu salvasse alguém do lado adversário, então perguntamos a ele qual o motivo; ele informou que se tratava de sua sobrinha, que estava numa cabana próximo da linha de tiro, e uma bala perdida a havia atingido no estômago e atravessado.

Não tínhamos médico na nossa força, então McKean e eu a tomamos aos nossos cuidados. Ela era bem corajosa, e ficou ajoelhada, ereta, quando lhe dissemos para fazer isso, de modo a podermos tamponar os buracos e enfaixá-la. Sua única vestimenta era um cinto de

[369] Major A. C. McKean, do 6º Regimento de Dragões de Inniskilling.

contas e um colar de contas pretas e brancas. Então, conseguimos um bom saco de milho, grande e de tecido grosso e, fazendo nele buracos para passar sua cabeça e braços, vestimo-la com ele e procuramos colocá-la confortável junto ao fogo. Então, preparamos um pouco de sopa e, depois de dar a ela, deixamo-la aos cuidados do tio, enquanto nos retirávamos para nosso dormitório sob a carroça, a fim de tentar dormir um pouco.

Sob a carroça, a gente se deitava sobre um dos lados na lama tentando sentir-se aquecido, e a imaginação viajava longe. Mas quando seu quadril se cansava e você se virava para o outro lado, você encontrava a nova lama tão fria e úmida que ficava sem a menor vontade de repetir a manobra. A chuva que se derramava em cima de nós deixava tudo molhado, é verdade, mas produzia pelo menos um bom resultado, que era lavar boa parte da lama que era continuamente aspergida sobre nós pelas mulas, piqueteadas ao redor da carroça e patinhando nas poças. Foi uma noite animada.

Então, após algum tempo, a pobre garota perto do fogo começou a gemer. Levantei-me e fui ver como ela estava passando. Lá estava ela, nua novamente, com a chuva caindo sobre ela e o tio encolhido com o saco sobre seus ombros, fumando um cachimbo. Parti furioso para cima dele e acertei-lhe um pontapé antes que ele desaparecesse na escuridão levando consigo o saco.

McKean veio e deu uma ajuda para tentar deixar a garota mais confortável. Pusemos seu capote impermeável sobre ela e demos-lhe mais um pouco de sopa. Mas ela morreu antes do amanhecer.

Tínhamos de partir bem cedo, antes do dia clarear, então ele e eu a pusemos num buraco feito por um aardvark[370], preenchendo-o o melhor que podíamos, e jogamos por cima uma grande pilha de arbustos espinhosos, para manter as hienas afastadas.

[370] Mamífero africano comedor de formigas e cupins, semelhante ao tamanduá.

Antes de sepultá-la, tomei a liberdade de levar seu colar como lembrança, e ele me foi bem útil posteriormente[371].

Fomos bem-sucedidos em socorrer Pretorius, e o encontramos em seu posto, bem fortificado, e abarrotado com uma multidão de comerciantes com suas esposas e crianças, e nativos amigos dos arredores. Ele havia resistido exitosamente a um ataque pesado, mas perdeu quarenta mortos e quatorze feridos antes de conseguir repeli-lo. Ele mesmo fez alguns disparos bem certeiros, matando dois homens sob uma certa árvore de *Euphorbia*, que constatamos, ao medir a distância, estar mais de oitocentos metros distante do forte.

Aperfeiçoamos suas fortificações e deixamos uma pequena guarnição para protegê-lo, e retornamos ao Quartel-General levando conosco as mulheres e crianças brancas.

Trouxemos também um ou dois nativos que haviam sido feridos seriamente na defesa de Pretorius, e um mercador que havia escaapdo miraculosamente quando sua carroça foi capturada pelos zulus. Ele tinha dois ferimentos na perna.

Na condição de médico amador da força, passei o tempo bastante ocupado, lidando com os feridos, dos quais alguns ferimentos não haviam recebido curativos ou qualquer espécie de cuidados desde que foram infligidos.

Uma das mulheres brancas também estava muito doente com disenteria; então, no geral passei por um estágio bem cheio de prática.

MAORI BROWN[372]

---

[371] Eileen Wade, em seu *The Piper of Pax*, de 1924, refere um evento desse "posteriormente":

> Um incidente conexo a este ocorreu um ano depois, quando B-P estava retornando com o General Smyth. Uma companheira de viagem era a Srta. Colenso, filha do Bispo, que estava a caminho de casa para peticionar ao Parlamento pela liberação de Dinizulu.
> Ela estava tarefada, reunindo evidências contra as forças militares, mas no curso da conversa ela contou a B-P que tinha ouvido uma história de gentileza para com a filha de um chefe zulu, que fora atingida durante um combate e recebido socorro médico por alguns oficiais. Neste ponto da conversa, B-P apresentou o colar (tradução livre de Fernando A. L. Camargo).

Outro momento, mais de trinta anos depois, foi o uso das contas desse colar *isiqu* como símbolo do treinamento de Chefes Escoteiros, a Insígnia de Madeira, a partir de 1919. Como B-P escreveu este livro em 1933 e pensando nos Escoteiros, o mais provável é que esse "posteriormente" se refira à IM.

[372] George Hamilton-Browne (1847-1916). Tendo fracassado nos exames de admissão para Sandhurst, começou no Exército como condutor, na Royal Horse Artillery. Em 1866, foi para a Nova Zelândia, onde

Um oficial branco em nosso contingente nativo era bem conhecido África do Sul afora como Maori Brown, um aventureiro realmente durão, filho de um general e pertencente a uma boa e antiga família da Irlanda. Ele teve uma vida de inigualáveis aventuras, se metade das que ele contava fossem verdadeiras.

Após ser educado para o Exército, ele se meteu em várias complicações, e teria sido abandonado por seu pai se não fosse pela intervenção de outro velho general. Eles concordaram com uma reconciliação. Ele foi convidado a almoçar com os dois cavalheiros em seu Clube, para comemorar a ocasião; recebeu um sermão; prometeu reformar-se; todo mundo apertou-se as mãos e jurou amizade ao brindar com uma taça de vinho do Porto. Então Brown, numa espécie de oferta ao mesmo tempo de paz e de agradecimento, ofereceu um charuto ao seu pai e ao outro general. Quando eles os acenderam simultaneamente, ambos explodiram com um estrondo. Ele havia esquecido que tinha misturado na caixa alguns charutos explosivos para pregar uma peça em um amigo.

Essa foi a última gota d'água para ele, e pegou o próximo navio para a Nova Zelândia. Lá, ele conseguiu tornar-se Oficial de Polícia, e estava indo bem, até que ocorreu um caso de assassinato, no qual um branco, conhecido seu, tinha sido morto por alguns maoris desconhecidos.

Com uma equipe policial, ele estava indo a toda pressa para o local, quando, no mato, deu de cara com uns três ou quatro nativos que estavam vestindo as roupas do homem morto.

---

participou da Guerra Maori (as Guerras Maori duraram de 1845 a 1872, motivadas por conflitos quanto à ocupação de terras – www.wikipedia.org), quando ganhou seu apelido. Foi para a Austrália em 1870, depois foi para os EUA participar das Guerras Indígenas, combatendo contra os sioux. Em 1877, foi para a África do Sul e combateu na rebelião de Cetshwayo (1879). Tomou parte na Expedição da Bechuanalândia (1884-85), uma demonstração de força da qual o 13º de Hussardos tomou parte (com B-P em seus quadros). Participou da operação na Zululândia em 1888 e das duas Guerras Matabeles (1893 e 1896-97)
(https://www.britishempire.co.uk/forces/armycampaigns/africancampaigns/zuluwar/georgehamiltonbrowne.htm).

Seguindo o princípio do *Bis dat qui cito dat*[373], ele os prendeu e fuzilou naquele local e momento, sem maiores processos e julgamentos. Por esse tipo de resolução pronta, ele foi expulso da polícia.

Então, ele vagueou para a África do Sul, onde passou por uma maravilhosa série de aventuras nas Guerras Kaffir[374] e na mineração de ouro, e finalmente teve sobre si a atenção daquele celebrado combatente sul-africano, Sir Frederick Carrington, que o encarregou de seu contingente de recrutamento nativo.

Durante essa pequena campanha, eu achei nele um companheiro encantador.

Anos mais tarde, na Inglaterra, vi um parágrafo num jornal, no qual dizia que um tal Coronel Brown estava passando dificuldades e encontrava-se sob os cuidados do Exército da Salvação[375] no East End[376] de Londres. Fui visitá-lo e constatei que era o meu velho amigo, acamado com febre e bem envelhecido, mas ainda capaz de sorrir. E ele tinha bons motivos para sorrir, pois uma dama, uma generosa amiga do Exército da Salvação, ao saber dos seus apuros passou a vir visitá-lo frequentemente, e no fim das contas eles se casaram e viveram felizes para sempre.

A ESCADARIA DO SALÃO DE BAILE

Várias pequenas colunas de tropas foram enviadas pelo território afora assim que toda resistência organizada estava no fim, de modo a fazer o “rescaldo” e receber rendições e armas. Aqui e ali houve pequenas escaramuças, mas via de regra os usutus prontamente se entregaram.

---

[373] Latim: “Quem dá rápido dá em dobro”.

[374] As Guerras Kaffir ou Guerras Xhosa foram uma série de nove guerras ou levantes entre 1779 e 1879, entre o Reino Xhosa e os europeus, na parte oriental da Província do Cabo (www.wikipedia.org). Kaffir, ou cafre, é termo não muito lisonjeiro, pelo qual os muçulmanos se referiam aos pagãos da África ao sul do Saara.

[375] Instituição caritativa internacional cristã, criada em 1865 por William e Catherine Booth (www.wikipedia.org).

[376] Área pobre da capital britânica.

Quando eu estava acompanhando uma dessas missões de reconhecimento para arrebanhar gado, cheguei à borda de um alto penhasco coberto de mato denso.

Enquanto eu olhava para o vale lá embaixo, para ver o que teria acontecido com alguns esclarecedores inimigos em cujo encalço íamos, meu ordenança de súbito bradou: “Cuidado, olhe para trás!”

Virei-me de um salto e lá estava a esplêndida figura de um guerreiro zulu, em toda a glória da reluzente pele marrom e o cocar com plumas brancas que valeu aos zulus o apelido “*Tyokobais*”.

Com seu grande escudo de couro de boi e suas brilhantes azagaias, ele compunha uma bela figura. Ele surgira de sob uma reentrância do penhasco para me pegar, mas, vendo que eu estava acompanhado, não parou para conversar e mergulhou de volta na cobertura. Pude vê-lo, e a um outro, correndo e subindo por uma espécie de trilha na base do penhasco, e fui acompanhando-os do terreno acima, com minha pistola pronta, e não demorou para que eles cruzassem um trecho de terreno rochoso aberto, dando-me uma chance de alvejá-los.

Mas não aproveitei tal chance. Eu queria ver onde eles estavam indo, e pouco depois eles desapareceram no que evidentemente era a entrada de uma caverna. O meu amigo em particular teve seu escudo engarranchado num arbusto durante a fuga e preferiu deixá-lo para trás a tê-lo como empecilho.

Então, acompanhado de meu ordenança, desci pela trilha e peguei o escudo.

Acompanhando a trilha, descobri que, em lugar de uma caverna, o que havia era uma profunda fenda ou vala na face do penhasco, que seguia diretamente para a planície lá embaixo.

Quando olhei para dentro da fenda, meus olhos depararam-se com uma visão estranha. O lugar estava lotado de rostos marrons, com olhos arregalados e dentes brancos, de centenas de mulheres e crianças, refugiados escondendo-se de nós. Lá embaixo, mais perto da planície, havia uma multidão de guerreiros, evidentemente esperando por um ataque daquela direção. Eu havia chegado pela porta dos fundos!

Mandei meu ordenança basuto proclamar aos usutus que a luta agora havia terminado, e que nenhum mal lhes seria feito se eles se rendessem calmamente, e do fundo do meu coração eu calorosamente esperava que assim o fizessem. Justo nesse momento, nossa equipe de flanqueamento apareceu, movendo-se ao longo da base do penhasco, e isso os ajudou a se decidirem, com a determinação já abalada pela feliz coincidência de nossa inesperada aparição pela retaguarda. Então eles pediram "*Pax*".

Então desci, fazendo meu caminho por entre eles. Parece que as mulheres pensaram que isto seria o começo do massacre, e começaram a gritar e empurrar-se para se colocarem fora do meu alcance. Na confusão, um garotinho moreno caiu de uma pedra sobre a qual fora colocado, então, eu, com toda a naturalidade, apanhei-o do chão e o pus de volta no lugar, dando-lhe algo com que brincar. Isto teve um efeito miraculoso; o burburinho foi morrendo; de boca em boca foi correndo a informação, e fui capaz de ir me espremendo pelo caminho sem outros problemas.

Um dos meus companheiros lá embaixo, vendo-me nessa ação, gritou, perguntado: "Como está por aí?", ao que respondi: "Tal qual o espreme-espreme em um baile em Londres", e dessa observação espirituosa a fenda passou a ser conhecida como "a Escadaria do Salão de Baile".

Por fim, Dinizulu refugiou-se em seu reduto, Ceza Bush. Se ele se tivesse disposto a resistir lá, teríamos um trabalho bem duro para tomá-lo, já que era tudo rochedo, mato denso e cavernas, em terreno montanhoso de encostas íngremes.

O que aconteceu foi que ele levantou acampamento[377] e, poucos dias depois, entrou no território sob nossa administração e rendeu-se[378].

JOHN DUNN EM CASA

Antes de partir da Zululândia pela conclusão das operações, fiz uma visita cheia de interesse à casa do grande caçador e chefe tribal, John Dunn. Mangete, como o lugar é conhecido, consistia de três casas próximas entre si, num belo jardim. Ele morava em uma das casas, e outra era ocupada por um grupo de suas esposas e filhos.

Vimos algumas delas. As damas eram negras, filhas de vários chefes reais que, na condição de Chefe, cabia-lhe desposar[379]. Todas vestiam roupas europeias. As crianças eram mestiças e, em muitos casos, praticamente brancas. Ele tinha uma escola funcionando lá para elas, administrada por uma diretora branca.

Dunn tinha duas outras residências, Inyazone e Ingoya.

Jantamos por volta das seis e meia da tarde. O único serviçal era um zulu nu que, para a ocasião, vestia uma camiseta curta – bem curta. Dunn aparentava estar muito quieto, um tanto triste e também um pouco

---

[377] Dinuzulu transpôs a fronteira para o território bôer e, dias depois, retornou a Natal, onde se entregou. Foi julgado, e condenado ao exílio em Santa Helena, de onde retornou em 1897. Em 1906, foi acusado de ser o mentor de outra rebelião (a rebelião de Bambatha), preso em 1908, e posto em liberdade em 1910. Faleceu em 1913, sendo sucedido como rei por seu filho Solomon kaDinuzulu. Dinuzulu kaCetshwayo sucedeu o pai como rei aos 16 anos, em 1884, e a rebelião de 1888 deveu-se à insatisfação com a divisão das terras e a administração britânica (www.wikipedia.org). Dinuzulu e Baden-Powell nunca se encontraram pessoalmente. Por volta de 1950, a Associação Escoteira do Reino Unido deu difusão a uma versão segundo a qual Dinuzulu teria dado o colar de contas de madeira a B-P, porque parecia um tanto inadequado o futuro fundador do Escotismo ter transformado um butim de guerra em um dos elementos simbólicos do Movimento. Mas, dado que tal versão é invalidada pelo relato do próprio protagonista, não tinha como se sustentar. E nos seus trinta e poucos anos de idade, o então Capitão Baden-Powell nem sonhava em vir a envolver-se com alguma espécie de movimento juvenil, para o qual acabaria aproveitando vários suvenires e saberes colhidos ao longo da vida militar.

[378] Houve, inclusive, um incidente no qual uma força comandada por B-P atacou um grupo de zulus que já havia transposto a fronteira. Submetido à Corte Marcial por "assassinato em país amigo", B-P escapou à condenação ao apresentar, em sua defesa, os mapas disponíveis para o Exército que, desatualizados e imprecisos, indicavam o local da ação de B-P como estando dentro do território sob administração britânica.

[379] Sua esposa branca era Catherine Pierce, que, por sinal, sobreviveu-lhe (faleceu em 1905). Suas esposas nativas eram de vinte e três clãs diferentes – assim, Dunn tinha, pelo matrimônio, uma grande rede de alianças (www.wikipedia.org).

surdo. Mas era capaz de ver e apreciar uma piada quando alguém a contava. Sua visão rápida e clara era uma característica notável.

Li parte de sua autobiografia após o jantar. Era muito interessante ler sobre a quantidade de caça que ele costumava ver no território no qual operamos e onde raramente vimos algum animal[380].

John Dunn, apesar de sua condição de muito casado, era um homem muito religioso e muito escocês!

FIM DO ESPETÁCULO

No todo, a campanha foi outro exemplo da futilidade de ter a autoridade dividida entre mandatários civis e militares uma vez que se tenha convocado a força militar.

No que dizia respeito a nós, soldados, foi por todos os modos uma experiência muito útil para os oficiais jovens, entre os quais estavam o futuro Marechal-de-Campo Lord Allenby (Dragões de Inniskilling)[381], General Sir M. Rimington, e General Sir Archibald Murray.

Quanto a mim, aproveitei plenamente a excursão, que me trouxe não apenas valiosa experiência, mas também uma promoção, pois, uma vez que as autoridades continuavam a objetar que eu não poderia ocupar o cargo de Secretário Militar sendo meramente um Capitão, o General replicou que, como eu havia cumprido tais incumbências no serviço em campanha, eu demonstrara evidentemente estar plenamente qualificado e que, portanto, para superar essa dificuldade, fariam melhor em promover-me a Major – e foi o que fizeram!

---

[380] Nada de se estranhar. Com grandes quantidades de humanos dispostos a matar circulando pelo território (matar tanto uns aos outros, quanto potencial caça), os animais buscam outras paragens mais sossegadas. Durante os tempos da guerra civil em Angola (1975-2002), regiões outrora conhecidas pela abundância de animais como elefante, palanca-negra ou leão não mostravam bicho nenhum.

[381] Edmund H. H. Allenby (1861-1936), que posteriormente combateu na Guerra Bôer e na Primeira Guerra Mundial. Nesse conflito, comandou uma divisão de Cavalaria na Frente Ocidental, a qual se distinguiu na Primeira Batalha de Ypres. Na Segunda Batalha de Ypres, era o comandante do V Corpo de Exército. Comandante do 3º Exército no Somme (julho 1916). Sempre procurou ideias que pudessem ajudar a romper o impasse da estacionária guerra de trincheiras. Em junho de 1917, foi designado para comandar as forças nas campanhas do Sinai e Palestina, substituindo Sir Archibald Murray. Apoiou as operações do contingente irregular árabe organizado por T. E. Lawrence no interior das atuais Arábia Saudita e Síria (www.wikipedia.org).

Assim, pela quarta vez, fui promovido antes do tempo; e ainda tem gente que diz que não existe sorte[382]!

Após a passagem pela África do Sul, fui por três anos Secretário Militar e Oficial de Inteligência[383] em Malta; um trabalho fascinante.

Então, estacionado na Irlanda com meu Regimento[384], lancei sobre mim mesmo uma bomba que teve fortes repercussões em minha carreira.

Num dia de exercício de campo, mandei alguns de meus homens rebocarem ramos de árvores numa estrada de terra, de modo a atrair a atenção do inimigo[385] para a poeira, enquanto eu ia capturar seus canhões.

O truque deu certo, mas foi observado pelo Comandante-em-Chefe, Lord Wolseley, e para meu susto ele mandou me buscarem. Eu já esperava uma exoneração sumária do Exército por me meter a engraçadinho, mas, para minha surpresa, ele me elogiou grandemente pela astúcia.

Pouco depois, ele mandou chamar-me ao War Office, e informou que me havia selecionado para ir para a África Ocidental, a fim de levantar e comandar um contingente nativo para a Expedição Ashanti.

---

[382] São critérios de promoção a antiguidade e o merecimento. A antiguidade é dada pela classificação em cursos regulares e tempo no posto; o merecimento, por pontos obtidos em qualificações adicionais e conceito. No caso, B-P se refere a ter sido promovido por merecimento, e não por antiguidade. No início da carreira, por ter ido fazer a formação no corpo de tropa, ganhou dois anos de antiguidade sobre os que foram para a Academia Militar; o curso de Instrutor de Tiro e a designação para Ajudante do 13º de Hussardos valeram-lhe também promoções em avanço (foi promovido a Capitão em 1883, e seu companheiro de ingresso "Tommy" Dimond só o seria em 1884). Sorte, mas um bocado de cálculo também; como dito noutra nota mais acima, se não fosse a oportunidade do *active service*, a carreira de B-P, sem passar pelo *Staff College*, estagnaria.

[383] A Seção de Inteligência tem por missões: a coleta e processamento de informações, de modo a prover o Comando de conhecimentos sobre terreno, clima, forças amigas ou neutras, forças inimigas (composição, localização, efetivo, poderio, características, intenções), frente interna (espiões, traidores ou subversivos); e o levantamento das possibilidades adversas de um plano de operações (papel de "advogado do diabo": e se...?).

[384] Em 1893, o Gen Smyth pediu sua passagem para a Reserva, pondo termo ao seu período como Governador de Malta; B-P, então, retornou ao 13º, que nesse tempo teve parada na Irlanda.

[385] O 13º de Hussardos, nessa manobra, estava no papel de OPFOR (força oponente, figuração inimiga).

"Não é exatamente uma missão de Cavalaria", explicou ele, "mas é uma em que você pode usar sua sagacidade".

COM UM CONTINGENTE RECRUTADO NATIVO EM ASHANTI

Ao desembarcar em Cape Coast Castle[386], tendo comigo como assistente o Capitão Graham, DSO[387], do 5º de Lanceiros, pus-me ao trabalho para organizar um contingente de oitocentos guerreiros nativos, de oito diferentes tribos da região[388], cada tribo formando uma Companhia, sob o comando de um Rei.

PIONEIRISMO

A missão de minha força era ir adiante do corpo principal[389], composto por tropas brancas e da Índia Ocidental, fazer o reconhecimento no território com alguns dias de adiantamento, e certificar-me dos movimentos e localização do inimigo. Tínhamos também de atuar como engenheiros[390], abrindo uma trilha e fazendo uma via carroçável através da selva, para ser seguida pelas tropas; e isso mostrou ser trabalho árduo.

---

[386] Esse edifício, na cidade ganense de Cape Coast, foi inicialmente uma feitoria e entreposto de escravos operado pelos portugueses. No século XVIII, após a Guerra dos Sete Anos, tornou-se sede do governo britânico na colônia da Costa do Ouro. Após a independência de Gana, passou a ser um museu (www.wikipedia.org).

[387] Distinguished Service Order: condecoração militar britânica.

[388] Eileen Wade, na sua biografia do Chefe, conta que B-P empenhou nativos de diversos povos por saber que na Terceira Guerra Anglo-Ashanti (1873-74) a força comandada por Sir William Butler, com 12 oficiais brancos e um contingente krobo, que tinha a missão de flanquear Kumassi e fazer o ataque em coordenação com a força principal comandada por Sir Garnet Wolseley, viu-se, na véspera do ataque, desertada pelos krobos. Seguindo o conselho de Sir Garnet, Baden-Powell empenhou guerreiros de diversas tribos, no velho princípio de "dividir para governar": se alguma desse para trás, teria as outras consigo (www.wikipedia.org).

[389] O grupo comandado por B-P, portanto, era o que se chama destacamento precursor, que tem justamente a missão de reconhecer o trajeto, marcar o itinerário e montar a infraestrutura necessária para o grosso da tropa em deslocamento. O comandante da força era Sir Francis Scott. Ao final dessa operação, 18 europeus haviam morrido, todos por doença, inclusive o príncipe Henry de Battenberg, genro da rainha Victoria (www.wikipedia.org).

[390] No original, *pioneers*. *Pioneer* (Pioneiro) era como se chamavam os militares de Engenharia, notadamente pontoneiros e sapadores, que tinham o encargo de construir meios de transposição de obstáculos. O termo "pioneiria" adotado no Escotismo, em inglês, é *pioneering*, justamente por derivar das construções rústicas (de abrigos e meios de transposição) que B-P viu serem feitas nessa expedição.

A cada onze quilômetros [sete milhas], ou coisa assim, devíamos montar estações de descanso para as tropas, o que quer dizer que abríamos uma grande clareira na mata e erigíamos barracões de madeira cobertos de sapé, com longos jiraus de bambu para os homens deitarem sobre eles. Também construíamos depósitos, onde os suprimentos podiam ser armazenados, e ao redor do conjunto levantávamos paliçadas para defender a posição, se preciso fosse.

Tivemos nossos pequenos motins aqui e ali[391] – os pontoneiros[392], por exemplo, recusando-se a marchar num dado dia por alegarem não terem recebido sal suficiente em sua ração –, e então era preciso enviar outra Companhia para aprisionar o Rei deles e por alguma forma fazê-los serem razoáveis.

Os primeiros a se amotinarem foram os integrantes da minha guarda pessoal, homens importados de Serra Leoa. Eu tinha saído do acampamento para uma caminhada levando minha carabina, ao longo da trilha pela qual viéramos, e no caminho de volta deparei com meus oito latagões trotando rumo à costa.

Eles fizeram alto, horrorizados com esse inesperado encontro, e como estavam em fila indiana na trilha, fiz o cano de minha carabina de repetição olhar para eles e mandei-os fazer meia-volta e marchar retornando sobre seus passos, ou a carabina começaria a "falar".

Quando chegamos ao acampamento, chamei Ali, meu ordenança haussá[393], e coloquei-os presos sob seu encargo.

Um haussá tem um caráter bem diferente da média dos homens da costa ocidental africana, e goza considerável prestígio entre os outros povos, tal como os zulus entre outros *kaffirs* da África do Sul.

---

[391] *Adventures and accidents*, de B-P, capítulo VII. Ele relata que tinha consigo dois instrumentos de persuasão: o "chicote-falante", que diz nunca ter precisado usar em ninguém na expedição, apenas a ameaça de seu uso teria feito os krobos porem fim à greve; e uma carabina Colt-Burgess modelo 1883 (apelidada *Isikwakwa*), de 12 tiros, da qual uma demonstração feita antes da partida deu a entender que não seria saudável ela precisar falar com alguém.

[392] Pontoneiro: construtor de pontes.

[393] Grupo étnico do oeste da África.

Da minha barraca, eu observava com interesse seu procedimento com os prisioneiros.

Ele abateu uma pequena árvore, de modo a ficar uns trinta centímetros acima do solo, e fez todo o grupo de oito homens sentar-se no chão e passar as pernas por sob a árvore, com os pés saindo do outro lado; então, cada homem tinha de flexionar-se para a frente e tocar os dedos dos pés com os das mãos; então, o haussá vinha e amarrava cada polegar ao respectivo dedão do pé.

Essa foi sua ideia para guardá-los, e ele os deixou assim para passarem a noite. Os prisioneiros, no entanto, bolaram um jeito para obter a soltura – ou assim pensaram. Um deles começou a uivar de modo lancinante a plenos pulmões, e, quando ele se cansava, o uivo era assumido pelo próximo, e assim sucessivamente. Eles esperavam que isso me incomodasse tanto que eu acabaria por ordenar que fossem postos em liberdade.

Mas antes que eu pudesse sugerir algum remédio, o próprio haussá já havia encontrado um. Ele cortou uma varinha fina de cana, foi até o cantor e golpeou-o nas costas, e então posicionou-se junto ao próximo, pronto para vergastá-lo no instante em que começasse o canto.

A cantoria cessou como por encanto e não foi retomada.

O efeito moral deste pequeno episódio sobre o resto de minha força foi excelente.

COMO GINGER FOI DADO POR MORTO

Meu oficial branco baixou por febre[394], e foi substituído por outro, que por sua vez foi substituído por outro, até que eu tive não menos que cinco substituições, mas tive sorte suficiente para eu próprio escapar de ficar doente. E eu tinha tanto que fazer que na verdade não tinha tempo para ficar doente.

[394] Malária. Sir Garnet Wolseley recomendara a B-P usar mosquiteiro duplo e fumar cachimbo, para manter os mosquitos longe. B-P conta (*Adventures and accidents*) que quando seu fumo para cachimbo ficou úmido, logo nos primeiros dias dessa marcha, largou-o de lado e contou só com os mosquiteiros – e a fumaça das fogueiras de acampamento, claro. Mosquitos são guiados até seus alvos pelo calor; daí encontrarem as falhas nos mosquiteiros para passar através deles.

Uma ocasião, eu tive "Ginger" Gordon, do 15º de Hussardos, servindo sob meu comando, e encarreguei-o de parte da minha coluna, a fim de abrir uma estrada paralela à minha, distante uns cinco ou seis quilômetros, com o intuito de flanquear o inimigo, que segundo relatos, estava se agrupando em Kumassi.

No sertão, e estando muito adiante do trem de suprimentos[395] do Exército, não podíamos manter uma mesa muito luxuosa. Então, foi um luxo enorme quando um dia meus Esclarecedores deram jeito de adquirir um cabrito.

Pensando em partilhar esse luxo com Gordon, mandei uma porção para ele por um mensageiro nativo, com uma etiqueta presa ao embrulho, na qual estava escrito: "Major Gordon", e a data em que o cabrito foi morto.

O procedimento usual seria ele rubricar a etiqueta e enviá-la de volta, indicando que havia recebido o presente em segurança. No entanto, o mensageiro não conseguiu encontrar-me ao retornar, uma vez que eu já me havia movimentado da localização anterior; mas, encontrando alguns membros da vanguarda da força principal, ele entregou a etiqueta ao oficial em comando. Este, ao ler: "Major Gordon, morto em 14 de abril", com uma rubrica ininteligível baixo, que evidentemente autenticava essa informação, enviou mensagem ao Quartel-General relatando que o Major Gordon tinha sido morto.

Então, comecei a receber mensagens urgentes perguntando onde tinha ocorrido o combate e por que eu não havia enviado relatório, e levou algum tempo para esclarecer a confusão causada por aquele pequeno pedaço de papel.

A expedição foi bem-sucedida em sua missão de tomar Kumassi e aprisionar[396] o Rei Prempeh[397]. Isto foi conseguido sem derramamento de

---

[395] Não exatamente um "trem" ferroviário, mas o comboio de suprimentos – no caso, de carregadores nativos e carroças.

[396] *Adventures anda accidents*, capítulo IX.

[397] Prempeh I (1870-1931), reinou de 1888 até sua morte, se bem que tendo passado um período exilado. Em *Rovering to success*, B-P relata o estratagema de Prempeh, no julgamento, para ter tempo

sangue, principalmente mercê do rápido movimento de nossas forças e por superar o inimigo pela manobra. Foi posto fim ao sacrifício humano e, deixando de ser "o Lugar do Sangue", Kumassi é agora uma cidade moderna e movimentada.

A Grande Bacia das Execuções, que eu trouxe da sagrada Bantama[398], pode agora ser vista no *Royal United Service Museum*, em Whitehall.

A VIAGEM DE VOLTA

A última marcha foi feita parcialmente à noite, de modo a possibilitar-me pagar e dispensar meu exército ao amanhecer, assim que chegássemos a Cape Coast Castle.

Então, com vistas a filar um bom café da manhã, fui a bordo do navio-hospital *Coromondel*. Deram-me calorosas boas-vindas e, enquanto eu estava sentado numa cadeira de convés aguardando pelo desjejum, livre enfim de toda a responsabilidade que tivera sobre os ombros, quietamente caí no sono. Não acordei senão no dia seguinte, descobrindo estar numa cama em uma cabine confortável.

Por fim, deram-me minha passagem para casa nesse mesmo navio, não como paciente, mas como convidado do capelão, um velho colega de escola. Fui testemunha de um incidente cômico, para encerrar a campanha.

Na chegada às docas de Londres, um grande navio entrou nelas bem à nossa frente, e quando fez isso, a banda no cais atacou *See the conquering hero comes*[399], e um monte de generais e oficiais de Estado-Maior do War Office entraram em forma sobre um tapete vermelho para recepcioná-lo enquanto se dava a atracação.

---

de ponderar suas respostas nas inquirições: manter na boca uma grande castanha e tirá-la ao fim da enunciação de cada pergunta.

[398] B-P relata este episódio em *Adventures and accidents*, capítulo XIII. Ele conta que, ao primeiro contato com a Bacia, achou-a de tamanho perfeito para uma banheira, e se dispunha a tomar um banho; mudou de ideia quando soube do que se tratava.

[399] Trecho do oratório *Judas Macabeu*,de Haendel.

Sendo nosso navio rebocado para o lado oposto da doca, a banda subitamente parou de tocar e os músicos, bem como os generais e a oficialidade, puderam ser vistos correndo pela doca, afobadamente deixando o primeiro navio para dar a volta e nos dar as boas-vindas. Tinha havido um pequeno engano.

Aconteceu que o primeiro navio era o transporte que trazia da África do Sul, como prisioneiros, os oficiais e praças implicados na Incursão do Dr Jameson[400], para serem julgados e punidos na Metrópole. "Heróis conquistadores" e tapetes vermelhos não se enquadravam bem nesse caso.

> Instaurar as ideias e a administração britânica sobre todo esse novo território (Ashanti) promete trazer belos retornos em termos comerciais e financeiros... É uma vantagem nada desprezível para nossos comerciantes descobrir em Ashanti um novo mercado que, se adequadamente organizado, deve absorver, dentro de poucos anos, provavelmente algo como dois ou três milhões de libras anuais em produtos britânicos. Sobretudo, ao instaurar, por esse modo, firme e definitivamente, a paz da Rainha sobre este grande território nativo em lugar do degradante, desmoralizante e pauperizante regime até então dominante, traremos para talvez quatro ou cinco milhões de nativos todas as vantagens da pacífica indústria e comércio, e os elevados princípios de ordem, justiça e boa vontade para todos os homens – que, afinal, são os princípios norteadores ensinados por nossa sólida religião nacional. (*Policy and wealth in Ashanti*, 1896, por Sir George Baden-Powell)

[400] O *Jameson Raid* foi uma tentativa infrutífera de promover uma rebelião em Johannesburgo para substituir o presidente bôer Paul Kruger por um mais simpático aos interesses britânicos. O grupo de 510 homens partiu de Mafeking em 29 de dezembro de 1895, invadindo o Transvaal. Em 2 de janeiro de 1896, a força foi derrotada e aprisionada pelos bôeres. O episódio é bem relatado por Saul David, em *Military blunders*, p.73-85.

A profecia de meu irmão[401] provou hoje sua veracidade. Ashanti é atualmente uma florescente colônia do Império, e Kumassi uma cidade moderna, com sua ferrovia, luz elétrica, cinemas e carros.

O VELHO SOLDADO E O NOVO

Tive sorte suficiente para servir tanto com soldados de serviço militar de longa duração [*Long Service*], como com os de serviço militar breve [*Short Service*][402].

Faltou pouco para eu chorar quando vi um grupo de praças, cujo tempo de serviço expirara, a partir de trem, deixando meu Regimento quando completaram doze, e alguns vinte e um, anos de serviço ao Exército. Esplêndidos companheiros, no máximo da condição militar, espertos, limpos, eficientes e cheios de *esprit de corps*, orgulhosos de si próprios e de seu Regimento.

Posso ainda lembrar-me da maioria deles, pelo nome e fisionomia, ainda que já se tenham decorrido cinquenta anos dessa ocasião.

Eles eram bem diferentes do soldado de hoje, um tipo diferente, treinado de maneira diferente.

O soldado de serviço breve de hoje é educado para ser uma parte inteligente da equipe, sua disciplina vem em grande medida da consciência, de modo que ele em geral é mais sóbrio e de melhor conduta, e um combatente individual mais inteligente que seu predecessor.

O soldado antigo era treinado para atingir um determinado padrão, por meio de um longo processo de disciplina, para ser um dente na engrenagem da máquina[403], fiel como um cão ao seu oficial e tão dependente dele quanto um cão de seu dono.

---

[401] Sir George Baden-Powell (1847-1898), graduado em Direito por Oxford, foi membro do Parlamento de 1885 a 1898 e escreveu numerosos memoriais sobre administração colonial. Teve dois filhos, Maud (1895-1981) e Donald (1897-1973); Donald, então com 9 anos de idade, foi "ordenança" de B-P no acampamento experimental de Brownsea, em 1907 (JEAL, 1991).

[402] Até a Primeira Guerra Mundial, o serviço breve era de 12 anos e o longo, de 21. Depois, adotou-se como padrão o breve.

[403] Ainda refletindo algo dos exércitos do século XVIII e guerras napoleônicas, quando o soldado tinha de manter seu lugar na formação, para proporcionar volume de fogo ou para resistir à carga inimiga, ou para ser parte do volume de força numa carga.

Mas mesmo nessa máquina padronizada podia-se achar personalidades individuais, peculiares.

No meu esquadrão havia, entre outros, um grande velho personagem, o Ferrador Gauld, um escocês que se juntara a nós, oriundo do 92º Highlanders[404]. Era um camarada corpulento e sério, que não se abria com todo mundo e passava seu tempo livre pacificamente a tricotar meias.

Mas se em raras ocasiões ele era levado a se exaltar, tinha um punho que era como uma marreta. Uma destas ocasiões aconteceu quando nosso Regimento foi repentinamente movimentado para uma nova localidade, a fim de substituir um que fora removido de lá por rixa com sua unidade vizinha[405].

Na noite em que nos instalamos em nosso novo aquartelamento foi quando Gauld se exaltou. Ele estava dando um calmo passeio, observando o novo acantonamento, quando foi abordado por três homens do outro Regimento. Mas ele os nocauteou todos, e trouxe um deles como troféu.

Descobriu-se, então, que seus atacantes não tinham sabido que ocorrera a troca de Regimentos, e confundiram-no, como cavalariano, com algum dos seus antigos adversários.

A fama de sua bravura espalhou-se de imediato, e ganhou para o nosso Regimento a mais completa admiração por parte de nossos vizinhos – e uma aterradora quantidade de cerveja para Gauld.

[404] Regimento de infantaria. Mas, como sua especialidade era ferrador, poderia servir em qualquer tropa em que houvesse cavalos.

[405] Como nas rixas entre colégios, por vezes podia ocorrer rivalidade entre Forças (Marinha X Exército) ou entre unidades. Uma exacerbação nociva do *esprit de corps*.

CAPÍTULO VI
MATABELELÂNDIA

Após o show ashanti, eu estava aquartelado com meu Esquadrão do 13º de Hussardos, em Belfast.

Um dia, recebi um telegrama do General Sir Frederick Carrington, dizendo que ele havia sido designado a serviço para a África do Sul, partindo dentro de três dias; se eu pudesse juntar-me a ele, ele me levaria como seu Chefe de Estado-Maior[406].

Era 29 de abril, e ele partiria em 2 de maio.

Parti de imediato e, enquanto a caminho, enviei um telegrama para meu Coronel no Quartel-General do Regimento, em Dundalk, informando que eu estava a caminho da África do Sul e solicitando sua permissão – não era exatamente o procedimento ortodoxo[407], mas desculpável sob as circunstâncias – ao menos, era o que eu pensava.

O Coronel não me chamou de volta, e assim eu fui; e tenho uma enorme dívida de gratidão para com esse Comandante, pois, sem que eu então soubesse, fui para a melhor aventura de minha vida.

O motivo para esse súbito chamado do General Carrington era que a tribo matabele, na África do Sul, havia se rebelado, e seus guerreiros estavam assassinando os colonos brancos por lá.

---

[406] Segundo Eileen Wade, Sir Frederick Carrington teria envidado a B-P um ofício informando que sua passagem já fora reservada no *SS Tantalon Castle* e determinando que fosse para Southampton para embarcar nesse navio em 2 de maio (WADE, 1924; WADE, 1975).

[407] Um comandante menos benevolente que Sir Baker- Russell teria enquadrado B-P, na melhor hipótese, por transgressão disciplinar de ausência sem autorização (AWOL – *Absent Without Leave*), e na pior, por crime militar de deserção.

Os matabeles[408] eram originalmente zulus que, sob a chefia de ‘Mzilikatzi[409], fulho de Matshobane, haviam sido enviados numa expedição de rapina pelo rei zulu Tshaka[410], em 1847.

Tendo seu ataque falhado, seria de se esperar que eles retornassem, conforme o costume, e que fossem desarmados e tivessem seus pescoços quebrados pelas mulheres da tribo. Nesta ocasião, eles não viram isso da mesma maneira, e escolheram não retornar, mas sim emigrar, por si mesmos, sem terem os pescoços quebrados, rumo ao norte, até encontraram um território adequado para se instalarem.

Por fim, eles o encontraram no que é hoje conhecido como Rodésia do Sul, onde, tendo dizimado os pacíficos habitantes makalaka e tendo se apoderado de suas mulheres e gado, instalaram-se em Gubulawayo[411] e constituíram uma nova tribo.

Isso foi em 1850.

‘Msilikatsi, um excelente velho guerreiro, faleceu em 1868 e foi sucedido por Lobengula. Em 1888, Rhodes[412] obteve um acordo com Lobengula para tomar posse e colonizar a Mashonalândia[413], território

---

[408] Ou ndebeles. Os britânicos diziam “matabeles” pela dificuldade em pronunciar o nome.

[409] Msilikatsi ou Mzilikazi (1790-1868), chefe zulu, que, rebelando-se contra o rei Shaka (recusou-se a entregar o gado capturado numa expedição punitiva contra outra tribo), emigrou para o norte e fundou o reino matabele. Matshobane, seu pai (morto em 1820), era chefe da tribo zulu khumalo. B-P comete aqui um anacronismo, pois Shaka morreu em 1828. O reino ndebele/matabele consolidou-se entre os anos 1820-1850. Lobengula, sucessor de Mzilikazi, fez generosas concessões aos bôeres e a Cecil Rhodes, e tratava com dureza outros povos, como os mashonas/tshonas (makalaka, nome usado pelos ndebele para seus escravos ou tribos conquistadas) (www.wikipedia.org).

[410] Shaka (1787-1828) foi o responsável pela união de diversos subgrupos que formaram a nação zulu. Considerado o responsável pela estruturação do exército zulu e suas manobras. Assassinado e sucedido por seu meio-irmão Dingane, que por sua vez foi derrotado por Mpande em 1840.

[411] Gubulawayo, Gobuluwayo, Buluwayo, Bulawayo: referem-se ao mesmo lugar, Bulawayo, capital da Matebelelândia e atual segunda maior cidade do Zimbabwe.

[412] Cecil Rhodes (1853-1902), colonizador e homem de negócios britânico, fundador da *De Beers Mining Company*. Promotor do expansionismo imperialista britânico, era conhecido pelos nativos africanos como “o homem que devora nações inteiras no desjejum”. Negociou pessoalmente com os líderes matabeles o fim da rebelião (www.wikipedia.org).

[413] Porção norte e nordeste do atual Zimbabwe. O lado leste é a Manikalândia, o sudeste é Masvingo e há as Midlands, área central do país.

que fica a leste da Matabelelândia. Assim, em 1890, ele estabeleceu esse território sob o governo de seu amigo, o Dr. Jameson[414]. Mas os matabeles não conseguiram se desfazer do hábito de fazer razias em seus vizinhos, e continuaram a incursionar atravessando a fronteira, e finalmente lançaram-se ao combate e mataram membros da Polícia da Mashonalândia.

Por fim, em 1893, o Dr. Jameson organizou uma contraofensiva com os colonos brancos da Mashonalândia, e após alguns duros combates com os matabeles, capturou o *kraal* principal de Lobengula em Bulawayo. Lobengula fugiu para o norte acompanhando o rio Shangani até entrar em contato com uma parte descansada de seu exército, liderada por M'jaan e Gamba, que estivera longe fazendo incursões e não havia retornado a tempo para participar do combate contra os britânicos.

O Major Wilson[415], com um destacamento avançado de trinta e quatro homens montados, da coluna do Major Forbes[416], foi em perseguição de Lobengula no intuito de capturá-lo, mas por azar, alcançou-o justamente quando ele havia acabado de alcançar seu corpo descansado de guerreiros.

Por azar maior, o rio[417] que eles haviam acabado de cruzar teve uma enchente à sua retaguarda, cortando a possibilidade de sua retirada para a coluna principal.

---

[414] Leander Starr Jameson, médico e colonizador, que empreenderia o fracassado *Jameson Raid* de janeiro de 1896.

[415] Major Allan Wilson (1856-1893), escocês, comandou a malfadada *Shangani Patrol*, com elementos da Polícia Montada da Mashonalândia e da Polícia de Fronteira da Bechuanalândia (www.wikipedia.org).

[416] Major Patrick Forbes (1861-1918), da British South African Police. Graças às metralhadoras Maxim, derrotou os matabeles nos combates de Shangani e Bembezi, ocupando Bulawayo quando da fuga de Lobengula. Jameson enviou-o com uma coluna de 200 homens em perseguição a Lobengula, e desta destacou a patrulha comandada por Wilson, que atravessou o Shangani. Com a cheia do rio (talvez uma cabeça d'água ou *flash flood*), não pôde acudi-lo ante o ataque de três mil matabeles, além de ter de haver-se ele próprio com outra força atacante (www.wikipedia.org).

[417] O rio Shangani. Esse episódio ficou conhecido como "a Patrulha do Shangani".

Então, cercados por uma horda de guerreiros invictos, apesar de terem combatido com bravura até o fim, todos os homens da patrulha foram mortos.

O relato de sua resistência final tornou-se um épico na história do território[418], e seus restos mortais foram sepultados próximo aos do próprio Rhodes na "Vista do Mundo", nos montes Matopo[419].

Nityana, o Chefe que liderou o último ataque contra eles, assim relatou o fim de Wilson:

> O Induna[420] estava enfeitiçado. Atiramos nele com seis fuzis e ele ainda combatia. Um homem ferido entregava a ele uma nova arma o tempo todo. Mas afinal o matamos, e os feridos que não podiam mais lutar simplesmente cobriam os olhos quando os trespassávamos com as azagaias. Ah! Eles não morrem como os mashonas. Eles nunca choram ou gemem. São Homens.

Isso foi em 1893, e Lobengula morreu dois meses depois, um fugitivo no meio do mato[421].

A SEGUNDA CAMPANHA NA MATABELELÂNDIA

Chegamos agora a 1896, quando os matabeles se haviam acalmado e tinham esperança de ser a invasão britânica do território apenas uma operação temporária, como eles próprios tinham o hábito de fazer.

Ao descobrirem que os britânicos pretendiam permanecer por lá, levaram o dilema ao Mlimo – seu deus –, a quem, por sucessivas gerações,

---

[418] Foi colocada em paralelo com a resistência final (*last stand*) de Custer em Little Bighorn (1876), dos espartanos nas Termópilas ou do Álamo (Texas, 1836).

[419] Em 1894, os integrantes da patrulha foram sepultados nas ruínas da cidade de Great Zimbabwe. Rhodes expressou, em seu testamento, o desejo de que eles fossem sepultados perto de seu túmulo nos montes Matobo. O traslado foi feito em 1904, e construído um monumento no local. A "Vista do Mundo" é um lugar de relevância espiritual para os shonas e ndebeles, denominado Malindidzimu (a montanha dos espíritos), no atual Parque Nacional das Matobos, 50 km ao sul de Bulawayo. Lá foi sepultado também o Dr. Leander Starr Jameson (www.wikipedia.org).

[420] Líder, comandante de grupo de guerreiros.

[421] Foi a chamada Primeira Guerra Matabele.

eles costumavam consultar para obter conselho nas emergências nacionais.

Esse oráculo dava suas instruções numa certa caverna nos montes Matopos, e também em dois ou três outros lugares na Mashonalândia.

Desta vez, seu conselho foi que os guerreiros matabeles deveriam encaminhar-se para Bulawayo em determinada noite, e massacrar os brancos do lugar, e depois disso, sair e matar os colonos isolados em suas fazendas.

O plano foi mal conduzido devido à impaciência dos guerreiros quando a caminho do local de encontro, já que não puderam resistir à tentação de matar alguns fazendeiros quando passaram junto às suas habitações. Entretanto, alguns destes conseguiram fugir e evadir-se para Buluwayo, e dar aviso do ataque iminente. Entre os que escaparam estava Selous, o célebre caçador de grandes animais, que tinha uma fazenda a uns 50 km de Buluwayo.

Os cidadãos em Buluwayo formaram um forte *laager*[422] defensivo na Praça do Mercado, e congregaram-se todos dentro dele para prover segurança contra o ataque. Os matabeles, chegando à cidade durante a noite, descobriram tudo às escuras e anormalmente silencioso, e suspeitaram que isso pudesse ser alguma espécie de armadilha.

Assim, eles não se aventuraram a entrar na localidade e satisfizeram-se em destruir fazendas da periferia e assassinar quaisquer brancos isolados com quem se encontrassem. Enquanto isso, os colonos organizaram-se em unidades de combate, montadas e a pé, e conduziram ousados ataques contra o inimigo, onde e quando acharam possível.

Enquanto isso, forças de socorro foram sendo constituídas entre os residentes de Salisbury[423], na Mashonalândia , e pelo Coronel Plumer[424]

---

[422] Fortificação improvisada usando carroças dispostas em círculo.

[423] Atual Harare.

[424] O Marechal-de-Campo Herbert Plumer (1857-1932) ingressou no Exército na mesma ocasião que B-P, só que cursou Sandhurst. Esteve com B-P novamente na Guerra Anglo-Bôer, com uma coluna móvel visando a impedir os bôeres de entrar na Bechuanalândia. Na Primeira Guerra Mundial, comandou o V Corpo de Exército britânico na Segunda Batalha de Ypres (abril de 1915) e, em maio de 1915, assumiu o

na Colônia do Cabo, e era para assumir o comando dessas forças e da situação em geral que o General Carrington tinha agora sido chamado.

A estação ferroviária mais próxima de Buluwayo era Mafeking – 945 quilômetros distante – e a estrada subsequente era um pesado caminho arenoso, sem água pela maior parte do trajeto. Carros de boi eram os únicos meios de transportar mercadorias pesadas e, considerando sua costumeira velocidade de três quilômetros por hora, era naturalmente um esforço prolongado levar suprimentos de víveres e munição, equipamento e material hospitalar até o *front*.

Como se essas limitações não bastassem, irrompeu um surto de peste bovina[425] que varreu o território, de tal modo que equipes inteiras de bois de carro morreram nos caminhos, e centenas de carroças foram abandonadas ao longo da estrada.

De Mafeking, o General, com seu Estado-Maior (constituído pelo Coronel Vyvyan[426], como Ajudante-Geral Adjunto, Capitão Ferguson como Ajudante-de-Ordens, Coronel Briggs como Intendente-Geral e eu como Chefe do Estado-Maior), seguiu em carruagem, uma velha e bem estragada diligência tracionada por oito mulas, em nossa longa jornada.

Levamos dez dias E NOITES para chegar a Buluwayo, a viagem mais cansativa que já suportei. Pegávamos mulas descansadas nas estações de posta a cada 25 km ou coisa assim. O que era de espantar era que, apesar de estarmos em território inimigo, os matabeles nunca interferiram no tráfego nessa estrada. A razão que eles posteriormente deram para isso foi que eles supunham que, se deixassem aberta uma rota de retirada, o povo de Buluwayo ficaria feliz por poder aproveitá-la para escapar do território.

---

comando do Segundo Exército (em substituição a Horace Smith-Dorrien, desafeto do Comandante da BEF, Sir JohnFrench). Em junho de 1917, foi em seu setor que ocorreu a batalha de Messines, iniciada com a explosão de dezenove grandes minas escavadas sob as trincheiras alemãs e que produziram cerca de dez mil baixas (www.wikipedia.org). Foi membro do Conselho da Sede Central dos Escoteiros.

[425] Doença viral, atualmente erradicada.

[426] Conforme relata Tim Jeal, Courtenay Bouchier Vyvyan (1858-1941) esteve com B-P depois, em Mafeking, e foi encarregado de comandar as defesas da cidade.

Não estava em seu programa que nós viéssemos a usá-la na direção oposta.

Imediatamente ao chegarmos a Buluwayo, instalamos nosso escritório e começamos a organizar as coisas.

Houve alguns combates no distrito[427] e os matabeles acabaram por retirar-se para seu grande ponto-forte nos montes Matopo.

Esses montes eram um trecho de terreno acidentado, com pilhas de rochedos de granito que em muitos casos chegavam a uns duzentos e quarenta a trezentos metros de altura, cheios de cavernas e de ravinas profundas meio ocultas na vegetação de cactos e árvores de mahobahoba e baobás.

O distrito estendia-se por uns 80 km de comprimento por uns 32 de profundidade, e era o terreno mais deplorável pelo qual se imaginaria lutar.

Aqui o inimigo escondia seu gado e suas mulheres, e ocupava fortes posições defensivas, não apenas em um, mas em meia dúzia de lugares diferentes. Apesar de termos muitos nativos amigos e fartura de voluntários brancos para atuar como Esclarecedores, descobrimos que as informações que eles traziam eram tão carentes de dados de interesse militar, que se mostravam de pouco uso para nosso planejamento tático, e por fim o General mandou-me fazer o reconhecimento das posições, repassando minhas incumbências do ofício para meu auxiliar mais habilidoso, Coronel – atualmente, Sir Courtenay – Vyvyan.

Essas missões de reconhecimento vieram a ser a mais feliz aventura de minha vida, apesar de serem um bocado árduas.

Nesse trabalho, em algumas ocasiões eu operei associado ao Major Fred Burnham[428], o batedor norte-americano, cujas aventuras são

---

[427] Inclusive, em junho de 1896, B-P comandou uma força de 200 homens que atacou e desbaratou um *impi* de 1500 matabeles, no combate de Umgusa, que é relatado em *Adventures and accidents* e também referido por Eileen Wade.

[428] Frederick Burnham, Frederick Selous e Jan Grootboom foram, na campanha matabele, os grandes mestres de Baden-Powell nas técnicas do *Scouting*.

relatadas de maneira bem completa em seu livro *Scouting in two continents*.

Os montes Matopo distavam uns 56 km de Buluwayo.

Meu procedimento usual, após um ou dois ensaios, era sair com um auxiliar, de modo a percorrer a metade do caminho ainda com a luz do dia. O restante de nossa jornada teria de ser feito no escuro, de modo a escapar à observação, sendo nosso plano ocupar uma posição antes do alvorecer, de onde poderíamos observar, sem sermos vistos, as atividades do inimigo e obter os dados possíveis sobre sua posição e força.

Isso era melhor avaliado pelas fogueiras que eles acendiam de manhã cedo, para cozinhar.

O resultado era que isso nos capacitava a locar as diferentes posições mantidas pelo inimigo e então atacá-las por partes.

Esses ataques exigiam métodos pouco ortodoxos, devido ao terreno muito peculiar em que tínhamos de operar. As elevações que formavam os pontos-fortes eram compostas principalmente por rochedos gigantescos sobrepostos, em cujo meio havia muitas cavernas naturais e túneis, e em alguns deles, fontes de água.

Assim, o inimigo permanecia a maior parte do tempo fora de vista, e seguro contra o fogo de artilharia com buracos para retraimento em várias direções.

Nosso contingente nativo de Rapazes do Cabo[429] era particularmente apto para o tipo de combate requerido para a limpeza dessas cavernas. Sob o comando do Major Robertson, um antigo Highlander, eles intrepidamente rastejavam para dentro de lugares onde até mesmo os anjos temeriam penetrar, e operavam com a baioneta como sua arma preferida.

[429] Os *Cape Boys*, ou *Cape Corps*, eram uma tropa nativa, da Província do Cabo, que se mostrou altamente eficiente. Desempenharam papel fundamental poucos anos depois, na defesa de Mafeking (JEAL, 1991) e se destacariam na campanha da África Oriental, na Primeira Guerra Mundial.

Aliás, esse Corpo tinha o apelido de “Esperança Abandonada[430]”, porque, apesar de terem fuzis e baionetas, não havia equipamento suficiente para supri-los com cinturões e bainhas para os sabres; em consequência, mantinham sempre os fuzis com as baionetas fixas, o que lhes dava uma aparência de levarem as coisas bem a sério.

E assim, com alguma luta bem dura, pouco a pouco fomos vencendo a resistência nos Matopos.

UWINI

Acabei sendo posto em comando de uma coluna volante com o intuito de limpar o território de bandos dispersos dos matabeles.

Uma das missões de minha coluna era capturar, se possível, um dos dois Mlimos que estavam incitando o povo a lutar contra nós. O Major Watts teve sucesso em capturar um deles, Makoni, e o homem foi submetido a julgamento e executado. O Major Burnham abateu outro a tiro.

Por esse tempo, minha coluna deu de encontro com o terceiro, chamado Uwini, que, com cerca de um milhar de homens, mantinha alguns *kopjes*[431] fortificados. Propusemo-nos a atacá-los seriamente, e ao tomar o primeiro forte perdemos quatro homens, mas após um excitante combate em escuros túneis subterrâneos, nossos homens capturaram o próprio Chefe, ferido mas ainda desafiador.

Havia vários crimes imputados a ele, incluindo o assassinato de pelo menos dois homens brancos. Nós o submetemos a julgamento pela Corte Marcial, ele foi considerado culpado e sentenciado à morte.

Poucos dias depois, chegou a surpreendente ordem do Governador da África do Sul, indicando que eu deveria ser julgado por uma Corte Marcial, como responsável pela execução de Uwini, já que eu havia assinado sua sentença de morte, e orientando que eu deveria ser posto sob prisão.

---

[430] Isso porque a baioneta, arma para o combate corpo-a-corpo, era a “opção final” quando o combate não se resolvia pelo uso das armas de fogo.

[431] *Kopje, Kop ou Koppie*: pequena elevação, outeiro.

Sir Frederick Carrington telegrafou ao Governador em resposta, requerendo que "o Coronel Baden-Powell fosse poupado da indignidade da prisão, como um oficial que tão excelentes serviços tem prestado", mas que uma Corte de Inquérito[432] seria instaurada.

Isto aconteceu, no devido tempo, em Gwelo. A acusação contra mim era que, tendo prendido um malfeitor, eu deveria tê-lo encaminhado ao posto policial mais próximo, a fim de que fosse julgado pelas autoridades civis.

Em minha defesa, apoiei-me no argumento legal de que, de acordo com a Lei Militar, eu tinha o poder para exercer meu próprio julgamento se estivesse a mais de cem milhas distante de autoridade superior.

Eu estava distante mais de cem milhas [160 km] de meu General, e a mais de mil milhas [1600 km] do Governador, mas ainda assim, se eu estivesse a apenas cinquenta milhas, teria agido da mesma forma, dado que a punição sumária na presença de seu próprio povo trouxe a excepcional oportunidade de esmagar sua crença no Mlimo. Isso também obteve a sua rendição, e portanto salvou muitas vidas que se poderiam perder, tanto entre nossos homens quanto entre os do inimigo, se tivéssemos de continuar com o ataque contra os oito *kopjes* sucessivos que formavam o ponto-forte.

Claro, a Corte considerou-me "inocente", e fui liberado sem nenhuma mancha em meu caráter, como antes.

Se o Governador não estava satisfeito comigo, meu General estava, e ele me contou em privado que me havia recomendado para a CMG[433]. Mas ela nunca chegou – exceto sob outra forma!

Alguns anos depois, quando voltei à África para a Guerra Bôer, um homem veio a mim na Cidade do Cabo e perguntou: "O senhor recebeu aquela CMG pela execução de Uwini?". E quando, rindo, eu lhe respondi que não, ele tirou de seu pulso um bracelete de arame, que me deu.

[432] No Brasil, é o que chamamos um IPM – Inquérito Policial Militar.

[433] Companheiro da Ordem de São Miguel e São Jorge, condecoração britânica.

Dizendo: “Eis aqui, então – o bracelete que Uwini usava quando o fuzilamos. Eu fiz parte do pelotão de fuzilamento”.

Contei o caso de Uwini de forma bastante completa, porque ilustra o fato de haver uma comichão que às vezes acomete homens investidos de autoridade e que os incita a querer continuar manejando os cordões, mesmo quando virtualmente tenham passado a responsabilidade de conduzir o show ao homem que está no terreno.

Ocasionalmente, vê-se acontecer isso com generais, o que pode ser um pouco mais desculpável, mas não é algo simplesmente risível – em verdade, pode ser bem danoso – quando governadores metem o bedelho, como o fizeram em ocasiões como aquelas na Zululândia, em que retardaram nosso ataque contra Dinizulu, ao erroneamente acusar um oficial de matar cidadãos de uma potência amiga[434], e depois na Matabelelândia, determinando a prisão de oficiais e criticando a direção tática do Oficial-General em Comando.

Mesmo políticos à caça de popularidade por vezes sentem essa comichão e é-lhes permitido ter poder de voz efetivo em casos como o do Coronel Dyer[435], na Índia, e o do General Gough[436], na França.

---

[434] Aqui B-P se refere ao incidente a que se faz menção em nota anterior, relacionada às operações contra Dinuzulu, quando B-P perseguiu seus partidários atravessando a fronteira da República Sul-Africana. Sua defesa foi baseada na alegação de os mapas distribuídos estarem incorretos.

[435] Brigadier-General Reginald W. Dyer (1864-1927), responsável pelo Massacre de Amritsar, em abril de 1919, quando a força sob seu comando abriu fogo contra uma multidão que fazia uma manifestação pacífica, resultando em 379 mortos e mais de 1200 feridos. A repercussão do caso levou o Exército Britânico a reavaliar suas medidas de ações contra agitações civis, no sentido de empregar *o mínimo de força sempre que possível* (www.wikipedia.org).

[436] O General Hubert de La Poer Gough (1870-1936) foi um dos comandantes britânicos da Primeira Guerra Mundial. Ingressou em Sandhurst em 1888, e pertenceu à Cavalaria. Combateu na Guerra Anglo-Bôer. No começo da Primeira Guerra Mundial, comandou a 3ª Brigada de Cavalaria; em setembro de 1914, foi nomeado comandante da 2ª Divisão de Cavalaria e, de abril a julho de 1915, da 7ª Divisão de Infantaria. Em julho de 1915, foi designado comandante do I Corpo de Exército, que em setembro desencadeou o ataque em Loos (no qual o gaiteiro Daniel Laidlaw, Escoteiro, conquistou sua Victoria Cross), que abriu a Segunda Batalha de Ypres. Combateu na Batalha do Somme, durante a qual foi constituído o V Exército, sob seu comando, e que combateu na Terceira Batalha de Ypres (também conhecida como Passchendaele). Quando da Grande Ofensiva alemã de março de 1918, o maior peso do ataque caiu sobre o setor do V Exército, que, apesar das carências, conseguiu evitar um desastre. Gough, entretanto, foi destituído em 5 de abril e feito de bode expiatório por Lloyd George.

Não seria um problema se esse tipo de intromissão tivesse apenas o lado burlesco, mas há, claro, o perigo de que a possibilidade de ser lançado sobre o braseiro [ser publicamente execrado] e ter a carreira arruinada por esse tipo de influência externa não deixe de influenciar muitos oficiais quando lidando com alguma situação, na qual acabam ficando com um olho voltado para as consequências que podem sofrer, em lugar de concentrar-se de todo coração na conduta correta para o problema que têm nas mãos.

Joseph Chamberlain[437] foi um modelo para outros que se proclamam e intitulam estadistas, quando me disse, certa vez em que eu lidava com algumas dificuldades na África do Sul: "Não tenha medo de fazer aquilo que sente ser o correto. Nós (o Ministério das Colônias) o apoiaremos".

Assim é que deveria ser. Uma vez que você tenha selecionado um homem para uma missão de confiança, confie nele. Se ele não for bem-sucedido, não faça dele um bode expiatório para o que, na realidade, foi seu próprio erro em fazer uma má escolha.

Por fim, os matabeles se renderam, mas sua rendição foi tornada, por alguns biógrafos de Cecil Rhodes, num evento um bocado mais dramático do que aquilo que a realidade dos fatos foi.

MASHONALÂNDIA

Nem bem acabáramos de reprimir a rebelião na Matabelelândia, outra rebentou na Mashonalândia[438], pondo em campo mais uns vinte mil homens contra nós, enquanto os brancos armados naquele território não passavam de dois mil; mas chegaram tropas regulares da Colônia do Cabo, a comando do Coronel Alderson, e não demorou muito para que o levante fosse debelado logo antes da chegada da estação das chuvas.

---

[437] Joseph Chamberlain (1836-1914) foi um empresário e estadista britânico. De 1895 a 1903, foi Ministro das Colônias. Seu filho, Neville Chamberlain (1869-1940) foi Primeiro-Ministro de 1937 a maio de 1940.

[438] Segundo Eileen Wade, esse levante na Mashonalândia foi instigado por matabeles que procuraram continuar a luta "terceirizando-a" aos mashonas.

Nesta pequena campanha[439], perdemos 187 mortos e 188 feridos, enquanto 264 civis brancos foram assassinados.

Ao término da campanha, o General e eu viajamos de volta da Mashonalândia para a costa, com Cecil Rhodes. Um incidente curioso ocorreu quando chegamos a Umtali. Esta cidade havia sido construída e ocupada com a noção de que no mais curto prazo a ferrovia vindo de Beira[440] chegaria a ela, mas então descobriu-se que as dificuldades de engenharia impediriam a linha de passar a menos de 30 km distante.

Isso, naturalmente, aborreceu os habitantes, e quando lá chegamos eles informaram ao Sr. Rhodes que pretendiam atacá-lo por esse motivo.

Ele, no entanto, lidou com o problema de forma original, como era seu costume. Um de cada vez, ele chamava os proprietários à sua sala, assegurava-se de saber de cada um quanto havia gastado em sua propriedade, entregava-lhe um cheque naquele valor e o mandava embora para instalar-se na nova municipalidade que estava planejada para ser erguida numa localidade vizinha à ferrovia.

Quando veio para o almoço naquele dia, Rhodes perguntou: “Alguém quer comprar uma cidade? Acabei de comprar esta aqui, completa com casas, hotel, igreja e cadeia. Alguma oferta?”.

ADEUS AO 13º DE HUSSARDOS

Quando cheguei de volta da Campanha Matabele, juntei-me ao meu Regimento, o 13º de Hussardos, em Dublin. Cheguei de manhã cedo, tomei um banho, e ao despir-me para isso, tirei de meu pescoço um pequeno amuleto que me havia sido dado por meu cavalariço irlandês, Martin Dillon, quando de minha partida para a campanha, no ano anterior. Ele me havia pedido tão encarecidamente para usá-lo, porque

[439] Dessa campanha, B-P trouxe como lembrança o berrante de chifre de kudu que foi usado no acampamento de Brownsea, na inauguração de Gilwell Park e na abertura do Jamboree da Maioridade (1929). O berrante foi doado a Gilwell Park. Assim relatou E.E. Reynolds.

[440] Cidade portuária no norte de Moçambique.

tinha sido especialmente abençoado pelo seu padre, que eu fiz isso, para satisfazê-lo.

Como disse, eu o tirei ao entrar na banheira, e ao vestir-me novamente, não consegui encontrá-lo em lugar nenhum.

Nessa manhã, quando reencontrei o velho Dillon, contei-lhe desse misterioso desaparecimento, e ele não ficou nem um pouco surpreso, mas simplesmente observou que isso era bem natural. O talismã só me havia sido dado para garantir a preservação de minha vida durante a campanha e, tendo cumprido sua missão, ele agora naturalmente desapareceu.

De todo modo, nunca mais vi o amuleto, apesar de fazer buscas as mais minuciosas.

Eu só estivera no Regimento tempo suficiente para comprar um novo uniforme quando, de repente – bang! –, veio outra bomba.

Eu tinha recebido uma comissão provisória de Tenente-Coronel pela Campanha Ashanti, e uma comissão provisória de Coronel pela Campanha Matabele; em consequência, apesar de nos registros do Regimento eu constar como Major, abaixo do Tenente-Coronel Comandante e do Major Subcomandnte, eu era mais antigo que ambos, o que era de certa forma uma anomalia.

Isso não me havia passado pela cabeça até que o Coronel mandou me chamar um dia e informou que eu tinha sido designado para comandar o 5º Regimento de Dragões da Guarda.

De fato, era uma bomba que vinha sobre mim, mas procurei desviá-la dizendo a ele: “Não quero ir. Prefiro ficar aqui no Regimento”.

Entretanto, ele me explicou que, na condição de Coronel, era-me impossível permanecer onde estava, então eu tinha de partir.

Deixar meu velho Regimento foi, provavelmente, um dos momentos mais amargos de minha vida.

Eu havia servido lá por vinte e um anos, os melhores anos de minha vida, e partir era um duro golpe, especialmente o real ato da partida, que foi pior do que eu esperava.

Arranjei com meu criado de maneira que eu saísse de fininho de manhã bem cedo, antes do desjejum; e, para que isso ocorresse sem chamar atenção, ele deveria ter uma charrete junto à porta dos fundos do meu alojamento, já carregada com toda a minha bagagem, de modo que eu pudesse escapulir sem ser visto.

Quando estava tudo pronto, eu me esgueirei pela porta dos fundos para encontrar minha charrete ali, com o Sargento-Mor Regimental sentado sobre a caixa e conduzindo a Banda, que também estava presente, todos os homens do meu esquadrão atrelados a longas cordas, e o Regimento inteiro ali para fazer o meu bota-fora pelo portão do quartel!

E lá fomos nós, na experiência do maior nó na garganta que já tive.

Meu último vislumbre do quartel mostrou cobertores sendo acenados de todas as janelas, e por todo o trajeto através das favelas e ruas de Dublin seguiu esse insano cortejo, que por fim depositou-me na estação, com uma aclamação de despedida.

Graças a Deus pude voltar ao Regimento alguns anos depois, como seu Coronel-em-Chefe, cargo em que ainda permaneço, tendo assim completado cinquenta e seis anos de vínculo com os velhos *Lillywhites*[441].

5º DE DRAGÕES DA GUARDA

Minhas bombas vinham caindo sobre mim em rápida sucessão. Nem bem eu chegara em casa de Ashanti, recebi ordens de ir para a Matabelelândia, e agora eu mal me instalara em casa de novo quando recebi essa ordem de ir para a Índia.

Apelei, requerendo a concessão de uma licença, dado que duas campanhas um bocado exigentes cumpridas em sucessão deixaram-me um bocado esgotado.

Mas disseram-me que meu serviço junto ao 5º era urgentemente necessário, e que eu tinha de partir imediatamente, mas assim que eu

[441] Diz-se de algo branco e imaculado como um lírio. O apelido vem dos lírios-brancos, símbolo do Regimento (www.britishempire.co.uk). Outros regimentos também receberam esse apelido.

tivesse endireitado as coisas por lá, poderia pedir quanto de licença quisesse.

Então, lá fui eu.

Cedo descobri, após chegar a Meerut, que com aquele excelente grupo de oficiais e graduados, eu não teria dificuldade em ter o Regimento na ponta dos cascos[442], tão logo eu conseguisse conhecê-los e eles, a mim.

Não há trabalho na Terra, ao menos que eu saiba, tão encantador como o de ser o Coronel de um Regimento, especialmente se, como ocorreu comigo ao comando de Sir Bindon Blood[443], seu General simpatiza com suas manias.

Encontrei, tanto nos oficiais quanto nos praças, uma equipe responsiva de militares perspicazes, e entre nós adotamos algumas novas linhas de treinamento para desenvolver a eficiência. Essas experiências foram tanto interessantes quanto produtoras de resultados úteis.

DOMÍNIO DO HOMEM

O domínio do cavalo é desenvolvido naturalmente, já que é primariamente o grande objetivo de todo Regimento de Cavalaria, mas, além disso, promovíamos a habilidade da "maestria sobre os homens", que era ocasionalmente um assunto deixado de lado, dado que, afinal, o cavalo é apenas o instrumento capaz de levar o homem ao combate. É o homem, sua aptidão física, sua eficiência, seu espírito, que é importante.

Um homem só pode ter bom domínio sobre o cavalo se ele tiver afeição pelo seu cavalo. Ele só pode ser um bom soldado se gostar da vida militar. De modo similar, um oficial só pode ser um bom condutor de homens se gostar dos seus homens.

---

[442] Nas melhores condições, "tinindo".

[443] Bindon Blood (1842-1940) foi comissionado oficial de Engenharia em 1860. Serviu na Índia, Afeganistão e Zululândia. Combateu na Guerra Anglo-Zulu de 1879. Combateu na Segunda Guerra Anglo-Afegã, em 1882, época de seu primeiro encontro com B-P, que fez o esboço do campo de batalha de Maiwand. Quando B-P foi designado para comandar o 5º de Dragões, Sir Bindon Blood era o Comandante do Distrito de Meerut. Combateu na Guerra Anglo-Bôer.

Por condutor de homens não quero dizer um feitor de escravos, mas sim alguém que, como o mestre do cavalo, consegue ter seus homens nas melhores condições para o combate. Isso envolve mantê-los em boa forma e alimentados, mas não aborrecidos[444], e deve dar a eles o espírito que os mantenha animados, perspicazes e leais.

Qualquer tolo pode emitir vozes de comando, mas para ser um *líder* bem-sucedido, é preciso ser um mestre de homens.

Conhecendo, pela minha própria vivência, o valor de ter responsabilidade lançada sobre mim pelo meu Coronel quando eu ainda era um jovem oficial, levei esse princípio adiante em sua plenitude com os jovens oficiais de meu Regimento, e ao organizar os praças em pequenos grupos de combate, atribuía-se responsabilidade aos graduados mais modernos, como sendo eles a espinha dorsal da disciplina e da eficiência.

Quando fui comandante de Esquadrão, adotei como costume, apesar de estritamente contrário aos regulamentos, ver cada homem do meu Esquadrão privadamente e a sós em minha sala. Eu o punha à vontade, dando-lhe algo para fumar ou deixando-o tomar chá comigo; e, ao longo da conversa comum, eu conseguia que ele me contasse o que o levara a entrar para o Exército, como tinha sido sua vida anterior, quais eram suas ambições, quem eram seus familiares, e daí por diante. Desta forma, era possível entrar em contato próximo e amigável com cada indivíduo, e, ao acolher suas confidências, conquistava sua confiança.

Apenas como exemplo, descobri a que nível surpreendente eles consideravam as opiniões e sentimentos de seus pais.

Tenho absoluta convicção de que é o contato pessoal entre o oficial e o praça individualmente que produz a disciplina mais forte, a disciplina que vem de dentro, mais que qualquer disciplina imposta de fora pelos regulamentos e pelo medo da punição.

---

[444] No original:"...*fed but not fed up*...", jogo de palavras intraduzível, daí que em português pode parecer não haver conexão entre "alimentados" e "aborrecidos".

A febre entérica estava fazendo devastação entre as tropas em Meerut, e, tendo dado atenção a todas as providências sanitárias no aquartelamento, incluindo o abastecimento de água e o importantíssimo item de manter as moscas fora das cozinhas e manter esses lugares imaculadamente limpos sob a supervisão de oficiais brancos, cheguei à conclusão de que possivelmente os homens estariam contraindo o germe ao comprar lanches no comércio nativo.

Então, um dia fiz um pronunciamento perante o Regimento e sugeri que, a título de experiência, eles se abstivessem de ir ao *bazaar* nativo por uma quinzena, e verificassem se isso traria algum efeito sobre a condição geral de saúde no Regimento.

Expliquei que não queria fazer disso uma ordem geral, porque eles não eram crianças, mas homens conscientes, e eu deixava a questão em suas mãos.

Poucos dias depois, um praça deu entrada no hospital muito machucado, mas ele não quis por modo algum revelar como obteve os ferimentos. Veio a transpirar depois que ele tinha ido ao *bazaar*, contrariamente à vontade geral do Regimento, e o Regimento, em consequência, expressou o seu descontentamento.

O resultado do experimento, entretanto, pareceu mostrar que estávamos no caminho certo, por isso fiz iniciar a operação de nossa própria padaria, dirigida por um sargento que havia trabalhado no ramo e sabia fazer todo tipo de iguarias.

Tínhamos também nossa própria fábrica de água gaseificada e limonada, e instalamos uma sala de lanches, onde os homens podiam obter refeições leves em qualquer ocasião e ceia quente à noite.

Além disso, em direta oposição aos regulamentos, eu permitia aos homens tomar uma caneca de cerveja ao jantar, se assim o desejassem, e com isso não havia mais necessidade de fazer sua costumeira peregrinação à cantina e ficar lá matando o tempo a bebericar no bar.

De fato, nosso sargento da cantina veio a mim um dia e disse que ninguém tinha ido lá naquele dia, e que nesse ritmo bastaria a ele um

assistente, em lugar de dois, para manter o funcionamento no futuro. Dei-lhe de presente um par de luvas brancas para marcar a ocasião.

Também montamos um laticínio regimental, com nosso próprio rebanho de vacas e um sargento encarregado de garantir a mais escrupulosa higiene. Fazíamos nossa própria manteiga e esterilizávamos o leite e o creme. Essa indústria nos proporcionou boa entrada de dinheiro. Tínhamos até clientes externos para comprar de nós seu leite e sua manteiga.

O leite indiano produz uma manteiga bem branca, então costumávamos acrescentar um pouco de açafrão para dar a ela uma aparência mais cremosa. Um dia, o pote de açafrão entornou e a manteiga ficou com uma rica cor amarela. Isso conquistou muitos dos nossos clientes, que passaram a pedir mais e mais daquela adorável manteiga amarelinha, e nós os satisfizemos usando liberalmente o pote de açafrão, mas, claro, cobrando dois *pence* a mais por libra de manteiga – pela mesmíssima manteiga! Não é que o açafrão fosse tão caro assim, mas já que eles gostavam dela – bem, vocês entendem o que quero dizer.

No entanto, a maneira mais importante pela qual nosso laticínio nos deu lucro foi pela notável redução de doenças no Regimento. Isso nos ajudou a fazer boa figura quando, no fim do ano, tivemos de apresentar nossos relatórios sobre as alterações no regimento (crimes, transgressões disciplinares, estado sanitário, etc.).

Não houve casos de alcoolismo, e apenas umas poucas transgressões de menor gravidade. Isso causou estranheza às autoridades no Ministério da Guerra, que disseram ao nosso General que o Regimento, sem dúvida, estava mascarando fatos.

Nosso General, plenamente conhecedor de nossos arranjos internos, oficiou de volta dizendo que, mesmo se o Regimento estivesse escondendo suas ocorrências de crime, não tinha como esconder as mortes, e estas estavam no mesmo nível, bem abaixo, quando comparadas às informadas por outros Regimentos, nos quais a febre entérica cobrava suas grandes quantidades de vítimas.

Incidentalmente, mantive registro dos casos de febre entérica à medida que iam ocorrendo, anotando em qual bangalô de alojamento tinham acontecido, se esse bangalô tinha telhado de palha ou de telhas, quanto o seu piso estava acima do nível do solo, de que direção vinha o vento predominante, etc. Podia parecer uma coisa tola de se fazer, mas mesmo no breve período de observação de dois anos começamos a alcançar alguns dados definitivos; e quando saímos de Meerut, o General entregou esses relatórios de observações aos Oficiais Médicos, para que dessem continuidade.

EXPLORADORES REGIMENTAIS

Iniciei uma sistemática de organizar e treinar Esclarecedores no Regimento, que acabou por ser adotada de forma generalizada por todo o Exército.

Eu obtive autorização do Quartel-General do Exército para que aqueles homens que tivessem se dedicado a passar pelo treinamento usassem no braço um distintivo que indicasse serem Esclarecedores. Para esse emblema, escolhi a flor de lis, que marca a extremidade norte da agulha da bússola, uma vez que o Esclarecedor deve ser um homem capaz de mostrar o caminho como se fosse a agulha de uma bússola.

Lord Haldane[445] informou-me mais tarde que este esquema de formação de Esclarecedores tinha sido adotado por todo o Exército e que, para encorajar sua obtenção, os homens que fossem aprovados em seus exames para Esclarecedores receberiam uma gratificação de dois *pence* diários. Ponderei que dois *pence* por dia, na forma de um distintivo para ostentar, faria a coisa funcionar com menos despesas. Os homens fariam de tudo para obter uma insígnia dessas – criaturas vaidosas que somos!

Nosso trabalho de Exploração era feito tanto de dia quanto à noite. Para dar aos homens prática, obtive permissão para que eles participassem das manobras do Exército, em Attock[446]. Eles teriam de ir

[445] Sir Richard Burton Sanderson Haldane (1856-1928), político, advogado e filósofo escocês (www.wikipedia.org).

[446] Cidade localizada no norte da província de Punjab, no Paquistão.

desmontados, já que essas manobras se desenvolviam inteiramente em terreno montanhoso. As companhias Pathan[447] dos regimentos indianos foram enviadas para atuar como figuração inimiga usando seus próprios métodos de combate, que numa certa ocasião acabou sendo realista demais, e muito perto de ser um combate verdadeiro[448].

No primeiro dia, meus Esclarecedores ficaram um tanto surpresos em descobrir que as operações cessavam ao cair da noite, e o General Comandante ficou igualmente surpreso que a noite era justamente o tempo de eles se lançarem ao trabalho. Até então ele tinha pensado que era o tempo de dar repouso aos seus homens, mas, diante da sugestão que lhe deram, ele achou que seria uma boa ideia proporcionar-lhes algumas operações noturnas, e por fim ele se manifestou como impressionado e satisfeito com o trabalho de reconhecimento feito pelos Esclarecedores e pela boa qualidade das informações que eles puderam fornecer. Ele ficou também espantado com sua independência, por levarem tudo de que precisavam em uma mochila às costas, e cozinharem suas próprias refeições onde e quando fosse preciso.

Além disso, os Esclarecedores eram mensageiros altamente qualificados, usando bicicletas regimentais[449], o que lhes permitia deslocar-se rápida e silenciosamente, economizando o físico dos cavalos.

Naturalmente, todo Esclarecedor tinha de ser capaz de atravessar cursos d'água a nado com seu cavalo.

RÁPIDA MOBILIZAÇÃO

Outra inovação que introduzimos foi ter um Esquadrão sempre em condição de apronto operacional, apto a movimentar-se para alguma

---

[447] Ou Pashtun. Grupo etnolinguístico localizado principalmente no leste e no sul do Afeganistão e, no Paquistão, nas províncias da Fronteira Noroeste e do Baluchistão.

[448] B-P conta isso em *Memories of India*, capítulo XV.

[449] Nessa transição do século XIX para o XX, e até a Segunda Guerra Mundial, muitos exércitos adotaram tropas dotadas de bicicletas. Um tipo de bicicleta militar usada ao tempo da Primeira Guerra Mundial tinha alforjes ou um bornal preso ao quadro, presilhas para o fuzil ou outras armas, e podia até mesmo ter, no lugar do pneumático, um aro metálico com molas entre ele e a roda. O Exército Suíço é uma força moderna que também emprega operacionalmente bicicletas.

missão de combate com poucas horas de aviso. Cada Esquadrão cumpria o rodízio dando o seu turno de um mês, tendo os homens e os cavalos no efetivo pleno, com as folhas de pagamento dos homens e demais documentos em dia, tendo disponíveis munições, víveres, etc. – e as espadas afiadas.

Este último item despertou a ira das autoridades do Serviço de Material Bélico, porque o regulamento dizia que as espadas deveriam ser mantidas bôtas até que se fizesse necessário para ação real, quando então deveriam ser afiadas pelo armeiro regimental.

Estimei que tal afiação, considerando a equipe disponível para fazê-la, levaria de duas a três semanas a se completar. Então, passei a ter homens treinados em cada Esquadrão como afiadores, e os próprios soldados foram treinados individualmente na conservação da eficiência de suas lâminas após terem sido afiadas.

É preciso apenas recordar o caso dos Carabineiros na ocasião em que irrompeu o Motim em 1857, quando, com espadas bôtas, eles foram chamados, de supetão, para reprimir os amotinados da Cavalaria Indiana, que habitualmente mantinham seus sabres afiados como navalhas.

"Uma desgraça tão grande quanto uma espada cega", é um dito costumeiro da Cavalaria Indiana.

Vez por outra eu dava o alarme de mobilização para o "Esquadrão de serviço", com a ordem de embarcar no trem com suprimentos para três dias e deslocar-se para um destino desconhecido. Isto costumava ser feito da maneira mais completa em cada detalhe, inclusive com a Banda a tocar acompanhando o Esquadrão até a estação, ao som de *Auld Lang Syne*[450] quando o trem partia.

[450] Tradicional canção de língua inglesa – na verdade, na variação linguística escocesa, com os versos de Robert Burns, usada, frequentemente, como canção de despedida (nos países anglófonos, é muito usada na passagem de ano – como o nosso *Adeus, ano velho*). O Movimento Escoteiro adotou-a como tal, cada língua dotando-a de versos próprios.

Às vezes o deslocamento era de apenas umas centenas de metros e retornando, noutras a saída daria uma hora ou coisa assim de percurso pela ferrovia, para então desembarcar e acampar.

Desta forma, o Regimento inteiro era mantido em condições para rápida mobilização.

A CAVALARIA INDIANA

Fui afortunado o suficiente nessa época para comandar Brigadas de Cavalaria em diversas manobras, e por isso adquiri uma grande estima e admiração pela Cavalaria Indiana, da qual os seguintes Regimentos estiveram sob meu comando em diferentes ocasiões: 1º, 4º, 5º, 13º, 14º e 18º de Cavalaria Bengali, e o 15º de Multanis. Estes últimos eram camaradas esplêndidos, de ar selvagem, e ainda agora os vejo, com os olhos da memória, a sair das fileiras para correr a toda a pressa atrás de uma lebre que apareceu diante do Regimento, com os soldados a lançar neles seus *pugarees*[451].

Construí uma grande afeição pelos oficiais indianos dos Regimentos de minha Brigada.

FRONTEIRA NOROESTE

O que faz ser mais entusiasmante o serviço militar na Índia é o fato de sempre haver alguma agitação acontecendo numa parte ou outra da Fronteira Noroeste.

Sir Bindon Blood, que foi nosso General em Meerut, viveu um pouco dos combates mais pesados nessa fronteira, e era um grande crente no uso da Cavalaria, mesmo naquele território montanhoso, pois entre as linhas de cumeada havia vales e planícies nos quais se podia combater.

Portanto, apesar de eu ter mais de um ano de experiência no Afeganistão e no Baluchistão, senti que deveria aprender mais sobre essa forma de combater, se possível.

Por esse motivo, compareci às manobras de fronteira em Attock. Além disso, tendo recebido um convite de Sir Bindon, que acabara de

[451] Turbante, ou faixa usada ao redor da copa do chapéu.

concluir uma dura campanha para lá do Passo Malakand, movimentei-me com a maior pressa para aproveitar essa oportunidade.

Cheguei ao Passo Malakand apenas para descobrir que ele estava em Dargai, mas fui acolhido hospitaleiramente pelo General Jefferys, que comandava aquele posto (mal podia eu imaginar que dentro de um ano ele estaria morto e eu, como o Coronel mais antigo, seria indicado para ocupar seu lugar de Major-General. Na realidade, só vivi esse generalato por quatro dias, designado pelo Quartel-General em Simla, pois minha promoção foi cancelada pelo Ministério da Guerra lá em Londres, sob o argumento de que eu era jovem demais para essa posição!)[452].

O Passo Malakand, agora uma posição pesadamente fortificada, tinha sido capturado pelos britânicos dois anos antes, e quatro meses antes de minha chegada resistiu a um tremendo esforço por parte dos chefes tribais tentando retomá-lo.

A luta prolongou-se, quase sem interrupção, por quatro dias e noites, e durante esse período em muitas ocasiões o inimigo chegou ao combate corpo-a-corpo com nossos homens.

Micky Doyne, que anteriormente fora Capitão no 13º comigo, e tempos depois veio a ser promovido a Coronel Comandante do 4º de Dragões da Guarda, deu um jeito de escapulir do seu comando e se disfarçar de soldado no KOSB[453], só para "estar na ação".

Sir Bindon levou-me ao lugar de seis diferentes batalhas travadas nessa campanha, e mostrou-me onde ele havia empregado a Cavalaria com efeito mortífero em duas delas, e onde Fincastle e Adams[454]

---

[452] Um oficial pode ser designado para exercer função relativa a posto superior ao seu, mas geralmente é em caráter provisório (e a de B-P, pelo que ele diz, foi bem provisória – 4 dias!); os vencimentos continuam a ser os do seu posto efetivo e ele tem direito à continência correspondente ao cargo *enquanto nele estiver*.

[453] Regimento de infantaria britânico: King's Own Scottish Borderers.

[454] Tenente Alexander Edward Murray Fincastle (1871-1962) e Tenente-Coronel Robert Bellew Adams (1856-1928) receberam a Victoria Cross pela ação no combate de Nawa Kili, em 17/08/1897, na Campanha do Tirah; com outros companheiros, resgataram um oficial ferido (Tenente R. T. Greaves, Lancashire Fusiliers) que estava cercado por inimigos (e que foi morto por uma bala durante essa ação)

conquistaram a Victoria Cross por resgatarem o corpo de Greaves, que havia se distanciado de seus homens na perseguição do inimigo em fuga.

Sir Bindon levou-me, então, à ponte sobre o rio Swat e ao forte que a protegia, Chakdara, onde ocorreu a heroica defesa feita por trezentos *sikhs*[455], durante seis dias e noites, contra contínuos ataques por doze mil homens das tribos afegãs.

Em Chakdara, havia muitas ruínas de templos budistas, e os seus entalhes eram evidentemente modelados nas esculturas gregas (eu trouxe comigo uma bela pequena cabeça).

Enquanto escavava uma valeta de drenagem ao redor de sua barraca, um soldado desenterrou um anel de sinete grego, e algumas moedas gregas foram descobertas nos arredores, o que tendia a indicar que esse foi o local onde Alexandre, o Grande, cruzou o Swat quando de sua invasão da Índia, em 327 a.C.

Pouco depois de meu retorno a Meerut, recebi um telegrama em 4 de janeiro, de Sir Bindon Blood, dizendo: "Teremos uma caçada de faisões no dia 7. Espero que venha conosco".

Eu li as entrelinhas e parti imediatamente para Nowshera, a estação mais próxima de Mardan e Dargai.

Acabei alcançando o general e sua coluna em Sanghao. Lá, tive calorosas boas-vindas de muitos amigos.

Na manhã seguinte, estávamos todos acesos bem cedo, para um espetacular ataque ao Passo Sanghao[456].

Estávamos em um vale estreito diante de uma vertente rochosa bem íngreme, de uns seiscentos metros de altura, ao longo de cuja crista podíamos ver hordas de homens das tribos com seus estandartes, vinte e nove deles, aguardando nosso ataque. Eles haviam construído pequenos fortes de pedra, ou *sangars*, ao longo da cumeada, que eram

---

(www.wikipedia.org). O Tenente Hector Lachlan Stewart MacLean estava nesse grupo que resgatou Greaves, e foi morto durante a ação. A VC foi-lhe outorgada postumamente em 1907.

[455] Adeptos do sikhismo, fundado no Punjab pelo guru Nanak.

[456] No atual Paquistão.

excelentes alvos para nossos canhões. Estes mantiveram-se bombardeando-os pesadamente, enquanto nossas tropas faziam seu ataque e escalavam as alturas em diversos pontos.

Na nossa encosta, o lado "de cá" do vale, estavam os canhões e os Buffs[457], que, com suas salvas de longo alcance, conseguiam manter baixo o volume de fogo do inimigo enquanto acontecia o avanço.

O inimigo, entretanto, desdenhava de abrigar-se, e grupos deles mantinham-se a desprender grandes rochas e rolá-las precipício abaixo sobre os atacantes.

No curso desse combate, presenciei o ato mais corajoso que já vi. Um dos nossos projéteis destruiu um sangar e, da erupção de pedras e poeira, emergiram três figuras vestidas de azul, que, aparentemente, ficaram bem aborrecidas com esse insulto. Pareciam dizer: "Acabou a brincadeira para vocês!".

Começaram a investir encosta abaixo para atacar toda a força britânica. Fogo pesado foi dirigido sobre eles, quando dois dos homens pararam, pensaram melhor e voltaram correndo e se esquivando para transpor a crista. Mas o terceiro homem continuou a vir, uma visão esplêndida, com suas amplas roupas azuis esvoaçando atrás de si e uma grande espada reluzente na mão.

Lá vinha ele correndo e saltando num ritmo assombroso, quando chegou a um pequeno penhasco, onde teve de fazer uma pausa e procurar uma rota por onde pudesse transpor. Mas ele deu seu jeito e lá veio novamente, destemido, saltando de um rochedo para outro. Podia-se ver borrifos de poeira levantando-se à sua volta, mas isso não o deteve, até que de repente ele tropeçou e caiu.

Mas isso foi só por um instante; evidentemente, ele havia sido atingido, mas já estava enfaixando um ferimento na perna. Então ele apanhou a espada e, agitando-a contra nós, continuou a vir, mancando, mas determinado a chegar ao encontro. Era uma grandiosa e patética visão a deste único sujeito audacioso, avançando sozinho contra toda a

[457] Apelido do regimento Royal East Kent.

multidão inimiga. Nossos homens à sua frente pararam de atirar nele, não sei se por admiração ou por ordem, mas um minuto ou dois depois ele tropeçou para frente, rolou e aquietou-se, como um montinho enrodilhado – morto.

Quando, mais tarde, subimos a vertente, passei por ele onde estava, e tive a satisfação de ver que algum dos soldados indianos que tinham ido adiante havia, em admiração por ele, estendido e coberto o corpo.

Antes de o bombardeio por aviões entrar na moda, nossos inimigos do outro lado da fronteira e nossas próprias forças combatiam com apreço e admiração mútuos.

O Waziristão[458] é um exemplo, hoje. Antes, era o território mais turbulento, e foi forçado a se pacificar, por meio da instalação de postos fortificados, comandados por simpáticos oficiais de sólido caráter. Abriram-se estradas e estabeleceram-se mercados. Mas o bombardeio, levando à morte de mulheres e crianças, produziu um amargo ressentimento, que será bem mais difícil de subjugar.

Depois deste breve interlúdio em Malakand, retornei ao meu Regimento com conhecimentos mais atualizados sobre os métodos de combate na fronteira e do que se requeria da Cavalaria por lá.

Apesar de o Regimento não estar no topo da lista para ser empenhado em campanha na Índia, eu sentia que, se alguma emergência surgisse durante o verão, durante minha ausência, as autoridades tinham de saber que o 5º de Dragões da Guarda era a unidade com maior grau de apronto e que poderiam empregá-lo de acordo com a necessidade.

Eu não esperava que esses preparativos que fiz acabassem por encaixar-se perfeitamente no que era necessário, quando veio o repentino chamado por tropas para a África do Sul alguns meses depois, e o 5º de Dragões foi o primeiro a receber a ordem de partida.

---

[458] Região montanhosa do noroeste do Paquistão, fazendo fronteira com o Afeganistão (www.wikipedia.org).

Entrementes, minha licença foi-me concedida e fiz as malas, antegozando um longo período de repouso em casa. Um telegrama seguiu-me em minha viagem para a Inglaterra, o que aumentou a minha alegria na ida para casa, uma vez que nele dizia que o Comandante-em-Chefe, Sir George White, havia enviado suas congratulações ao 5º de Dragões da Guarda[459], por ter sido reportado como a melhor das unidades, de todas as armas, estacionadas na Índia.

O EXÉRCITO COMO UNIVERSIDADE

Suponho que alguns me dirão, como resultado do que disse páginas atrás, que eu devia envergonhar-me de manifestar orgulho por treinar homens para serem assassinos.

Disseram-me isso uma vez, e em minha resposta eu até concordei que *deveria* sentir-me envergonhado, mas, ao mesmo tempo, eu não estava. Argumentei que havia um outro lado para essa questão. Lord Allenby disse: "Soldados não fazem guerras. Os políticos fazem as guerras, e os soldados as terminam".

Shalimar, escrevendo na *Blackwood's Magazine*, cita um soldado americano que diz: "A guerra *não é* o inferno, e qualquer camaradinha jovem que pense assim está morto do pescoço para cima. Não sei de sensação mais gloriosa, em terra ou no mar, que a de liderar – especialmente sob a batuta tão segura de um General como "Stonewall" Jackson[460] – uma centena de homens como os meus em combate; e naqueles dias eu era mais orgulhoso e feliz do que se fosse sobrinho do Rei da Inglaterra".

Mas para além desse *glamour* aparente, além da camaradagem e da esportividade, além da aventura de abrir caminho e de combater em cantos remotos do mundo – cada um dos quais com seu próprio forte apelo a qualquer homem de sangue nas veias –, há um chamado mais

[459] O 5º, entre outras ações de combate, participou do combate em Néry, em 1º de setembro de 1914, no qual a Bateria "L" da Royal Horse Artillery retardou o avanço alemão o suficiente para permitir às forças britânicas repeli-lo, ganhando tempo para que se realizasse o "milagre do Marne".

[460] Thomas "Stonewall" Jackson (1824-1863) foi um dos generais confederados de melhor fama, durante a Guerra Civil Americana.

alto e uma oportunidade para o oficial, que é a da educação de milhares de rapazes que passam por suas mãos, para o futuro exercício da cidadania em prol de sua pátria.

Uma vez, o *Kaiser* alemão[461] me disse que o valor da conscrição[462] na Alemanha não estava tanto em garantir ao Exército um fluxo seguro de soldados, mas sim, em dar aos jovens do país uma educação continuada em qualidades como lealdade, patriotismo, obediência, autodisciplina, respeito próprio, espírito de equipe, pontualidade e sentido de dever, tudo isso contribuindo para formar o melhor caráter em seus cidadãos, e que jamais lhes poderia ser instilado doutra forma após deixarem a escola.

O Exército é a melhor Universidade que temos para educação pós-escolar, para uma grande quantidade de nossos futuros cidadãos. Aqui, pelo menos eles ganham, em acréscimo ao seu conhecimento escolar, desenvolvimento da saúde física e do vigor, e muitas qualidades valiosas com as quais podem encarar a vida e servir à comunidade.

Portanto, o oficial tem em suas mãos um poder de grande valor, tão grande quanto o de qualquer educador ou clérigo para desenvolver em seus homens os melhores atributos para fazê-los bons cidadãos.

De tudo que comentei, a esta altura vocês já perceberam que minhas tendências militares não se encaixavam inteiramente nas rotinas usuais de Ordem Unida e Tática, mas direcionavam-se mais particularmente para a Exploração e o Domínio do Homem. Aqui está a explicação – e a desculpa – para muitas das linhas de ação que adotei posteriormente.

---

[461] Wilhelm II.

[462] Serviço militar obrigatório.

CAPÍTULO VII
A GUERRA SUL-AFRICANA

MISSÃO NA ÁFRICA DO SUL

Eu estava em casa, em Londres, recém-chegado da Índia em junho de 1899, curtindo o que considerava minha bem merecida licença, quando, ao almoçar no Clube Naval e Militar, nova bomba foi lançada sobre mim.

George Gough, Ajudante-de-Campo de Lord Wolseley, sentado a uma mesa nas imediações, subitamente veio através do salão e disse-me: "Pensei que o senhor estivesse na Índia. Acabei de enviar-lhe um telegrama dizendo para vir, pois o Comandante-em-Chefe quer vê-lo".

Com tanta frieza quanta meu autocontrole pôde mostrar, respondi: "Bem, aqui estou"; e após o almoço descemos juntos para o Ministério da Guerra, e uma vez mais apresentei-me na sala de Lord Wolseley.

Ele tinha uma queda por surpreender os outros, e era melhor que você não se deixasse apanhar na surpresa. Creio que era o seu jeito de julgar o caráter dos homens, e precavi-me adequadamente para não ser apanhado desprevenido, se conseguisse evitar.

Nesta ocasião, ele disse: "Quero que você vá para a África do Sul".

Com o ar de um mordomo bem treinado, eu disse: "Sim, senhor".

"Muito bem, você pode partir no próximo sábado" (era segunda-feira)?

"Não, senhor".

"Por que não"?

Conhecendo bem as tabelas de horários dos navios para a África do Sul, respondi: "Não há navio partindo no sábado, mas posso ir no que parte na sexta-feira".

Ele rompeu numa gargalhada e prosseguiu para explicar-me que havia risco de guerra com os bôeres, e ele queria que eu fosse lá sem fazer alarde e constituísse dois batalhões de Fuzileiros Montados e organizasse as Forças Policiais na Fronteira Noroeste da Colônia do Cabo, em prontidão para o caso de surgirem problemas.

Ele já havia designado meu Estado-Maior, que teria como Chefe Lord Edward Cecil[463], dos Grenadier Guards, e como Subchefe o Major Hanbury Tracy[464], dos Royal Horse Guards.

Então ele me perguntou qual seria meu endereço antes de embarcar, e eu disse que caso ele não quisesse minha presença em Londres, eu poderia estar em Henley para assistir à regata.

"E quanto a equipamento"?

"Tenho tudo o que é necessário, e a África do Sul é um lugar civilizado".

Então, ele levou-me para ver Lord Lansdowne[465], Secretário de Estado para a Guerra [Ministro da Guerra], que me concedeu o altissonante título de "Comandante-em-Chefe da Forças da Fronteira Noroeste".

Tendo recebido minhas instruções, já naquela noite eu havia formulado mentalmente meu plano de campanha.

Enquanto eu caminhava (quase dançando) para casa, parei sob uma cobertura na rua, para aguardar a passagem do trânsito, e constatei que meu vizinho era o Sargento-Mor Manning, do meu Regimento, em gozo de licença em casa.

Eu lhe contei que estava de partida para a África do Sul, e ele implorou para levá-lo comigo. Eu lhe disse que não tinha autoridade para designar um Sargento-Mor. Ele respondeu que eu tinha autorização para levar um ordenança, e ele poderia ir nessa condição, e ajustamos isso naquela hora e lugar, no meio da rua.

---

[463] Edward Herbert Gascoyne-Cecil, KCMG, DSO (1867-1918). Iniciou o oficialato nos Grenadier Guards em 1887. Foi Ajudante-de-ordens de Kitchener na campanha egípcia de 1896. Na repressão à Rebelião dos Dervixes, participou das batalhas de Omdurman e Atbara. Em Mafeking, organizou o Corpo de Cadetes, cujo desempenho nas tarefas auxiliares vivamente impressionaria B-P. De 1912 até o fim da Grande Guerra, foi Conselheiro Financeiro do Ministério da Guerra. Faleceu na Suíça em dezembro de 1918, vítima de tuberculose.

[464] Algernon Henry Charles Hanbury-Tracy (1871-1915). Serviu em Uganda, Abissínia e na Guerra Bôer. Morto na França em dezembro de 1915, na Primeira Guerra Mundial.

[465] Lord Henry Charles Keith Petty-Fitzmaurice, Marquês de Lansdowne (1845-1927). Foi Governador-Geral do Canadá, Vice-Rei da Índia, Ministro da Guerra e Ministro do Exterior.

Desnecessário é dizer que ele não permaneceu muito tempo como ordenança, mas eu o fiz *Regimental Sergeant Major* do primeiro Regimento que conseguimos recrutar; posteriormente, ele se tornou Ajudante e, finalmente, Major.

Eu tinha ordens de constituir dois batalhões de Fuzileiros Montados, provê-los de montarias, equipamento e suprimentos com a menor demora possível e a menor exposição possível.

Para esse fim, o Coronel Plumer e o Coronel Hore[466], com alguns oficiais e graduados do serviço imperial, seriam enviados para juntar-se a mim nessa empreitada, e eu teria de constituir o restante dos quadros com homens do território que mostrassem aptidão.

Eu também deveria encarregar-me da Polícia da Rodésia[467] e Bechuanalândia[468] e organizá-la como parte da minha força.

Mas eu tinha que ser o mais discreto possível quanto a esses preparativos, pelo risco de precipitar a guerra ao despertar a animosidade dos bôeres.

O objetivo de minha força e de seu estabelecimento na fronteira noroeste do Transvaal era, na eventualidade de uma guerra, atrair as forças bôeres para longe da costa, de modo a impedi-las de interferir no desembarque de tropas britânicas; secundariamente, proteger nossas possessões na Rodésia e Mafeking, etc. E, em terceiro lugar, manter o prestígio britânico entre as grandes tribos nativas daqueles territórios[469].

---

[466] Herbert Plumer já foi mencionado em nota anterior. No tempo do cerco de Mafeking, comandou a força oriunda da Rodésia, posicionando-se na região de Tuli, de forma a impedir que os bôeres passassem para a Rodésia. Charles Owen Hore (1860-1916), do South Staffordshire, comandou a força do Protetorado da Bechuanalândia ao tempo do cerco de Mafeking. Em agosto de 1900, com os australianos, resistiu ao cerco bôer no rio Eland. Morreu durante a Primeira Guerra Mundial.

[467] Rodésia: compreendendo partes dos atuais Botswana, África do Sul e Zimbabwe (a Rodésia do Norte veio a ser a atual Zâmbia).

[468] Atual Botswana, independente em 1966.

[469] Para que os nativos, diante da briga entre os colonizadores, não viessem a ter ideias de aproveitar para se rebelarem.

O Estado-Maior que me foi dado era totalmente novato para a África do Sul. Eu teria preferido escolher eu mesmo meus oficiais do Estado-Maior, se isso me tivesse sido permitido antes de deixar a Inglaterra, de modo a ter comigo homens que conhecessem a África do Sul e homens que eu conhecesse pessoalmente. Se você dá a um homem a responsabilidade por uma tarefa, você deve, se pretende ser justo com ele, permitir-lhe escolher suas próprias ferramentas.

Entretanto, na Rodésia[470] encontrei muitos veteranos com quem já servira antes, e entre os que me foram posteriormente enviados da Inglaterra havia um grupo excelente, que incluía alguns camaradas que tinham experiência sul-africana, como o Cel Plumer, o Cel Vyvyan, o Maj Godley[471] e o Cap McLaren[472].

A missão da minha força era manter a fronteira ocidental do Transvaal[473], desde Vrijburg (na Colônia do Cabo) até Bulawayo (na Rodésia), uma distância de cerca de 650 milhas, com dois Regimentos de Fuzileiros Montados (se conseguíssemos constituí-los) e uns 400 policiais, mas sem quaisquer tropas regulares[474].

A ferrovia, na maior parte de seu percurso, passava próximo à fronteira do Transvaal, e uma grande parcela do território era praticamente um deserto habitado apenas pelas tribos nativas.

Percebi que distribuir homens ao longo da fronteira seria fútil, então o Cel Plumer assumiu a missão de recrutar seu Regimento na

---

[470] Nas viagens que fez entre África do Sul e Rodésia, buscando ambientar-se para a campanha que viria, B-P estreou uma nova ferramenta de trabalho: uma máquina de escrever. Eileen Wade relata que ele ficou encantado com o brinquedo novo, que lhe permitia escrever mesmo a bordo de uma diligência ou trem em movimento.

[471] General Sir Alexander John Godley (1867-1957). Comandou forças neozelandesas na Primeira Guerra Mundial, e na Guarda Territorial na Segunda.

[472] Kenneth McLaren, "The Boy", o grande amigo de B-P, que também o ajudaria no acampamento experimental de Brownsea.

[473] Província do norte da África do Sul, entre os rios Vaal e Limpopo.

[474] Isto é, dos regimentos existentes no Exército.

Rodésia, enquanto o Cel Hore organizaria o seu em Ramatlabama, dezesseis milhas (uns 26 km) ao norte de Mafeking.

A razão para isso é que Ramatlabama era território imperial, no Protetorado da Bechuanalândia, enquanto Mafeking ficava na Colônia do Cabo, e o governo do Cabo, sendo simpático aos bôeres, não nos permitiria recrutar tropas nesse território.

Incidentalmente, isso veio a mostrar-se uma ajuda em nosso intento de produzir efeito sobre o moral do inimigo, uma vez que Ramatlabama era para os bôeres um lugar de desagradáveis lembranças, porque foi lá que, três anos antes, o Dr Jameson havia organizado sua Incursão contra Johannesburgo[475].

Assim, a constituição de uma coluna combatente montada nessa localidade naturalmente profetizava que poderíamos fazer outra incursão partindo dali para capturar Pretória e o Presidente.

Isso, pelo menos, foi o que o presidente Kruger evidentemente pensou, a julgar pelos seus frequentes telegramas para os comandantes de guarnições fronteiriças, nos quais repetidamente exortava-os a ficarem de olho em Ramatlabama.

Ramatlabama não era mais que um nome, um pequeno ramal da ferrovia; nem cidade havia ali.

Mafeking, por outro lado, era uma cidade com uns dois mil habitantes brancos, a novecentas milhas (1.440 km) da Cidade do Cabo, com oficinas ferroviárias, ramais e armazéns; então, foi para lá que eu trouxe da Cidade do Cabo nossos depósitos de comida, equipamentos, etc.

Quando, por fim, o Cel Hore organizou seu Regimento em Ramatlabama, consegui permissão do Governo do Cabo para postar uma guarda armada em Mafeking, a fim de proteger esses depósitos; mas como o efetivo de tal guarda não foi estipulado, movi todo o Regimento para lá sem demora.

---

[475] O *Jameson Raid*, já mencionado em nota anterior, quando B-P retornou da missão em Ashanti.

Ao mesmo tempo, o recém-constituído Regimento Rodesiano de Plumer, juntamente com a Polícia Sul-africana Britânica na Rodésia, postou-se em Tuli, na fronteira, junto ao vau do rio Crocodile[476], onde a principal estrada do Transvaal entrava na Rodésia.

Dessa forma, no final de setembro ocupávamos dois pontos estrategicamente importantes, que atraíram consideráveis forças dos bôeres por um longo período durante os meses iniciais da guerra. Atraíram mais atenção dos bôeres devido ao fato de ambas as forças serem montadas e, portanto, palpavelmente propensas à ação agressiva, e não meramente à defesa passiva.

Desta forma, esforçamo-nos por levar a termo, tão completamente quanto possível, nossas instruções, que, como vocês devem se lembrar, eram:

1) Atrair as forças bôeres para longe da costa durante o desembarque de tropas britânicas.

2) Proteger os súditos britânicos na Rodésia, Bechuanalândia e Mafeking.

3) Preservar o prestígio britânico entre os bechuanas, matabeles e outras tribos nativas naquelas regiões.

Por fim, poderíamos juntar nossas forças e constituir uma coluna para atacar o Transvaal desde o noroeste, em cooperação com as tropas vindas do sul.

Essa era a ideia geral, mas nesse entretempo – visando a não precipitar a guerra – tínhamos de alistar nossos praças de forma discreta em diversas partes da Colônia do Cabo, Natal e Rodésia, equipá-los, obter remontas e treiná-las, assim como aos homens, reunir nossos suprimentos e transportes, e tudo isso num espaço de três meses com muito pouca ajuda do General ou do Governo local.

[476] O rio Limpopo, assim também conhecido pela grande quantidade de crocodilos, e que faz parte da fronteira entre África do Sul e Botswana.

É preciso lembrar que o treinamento normal do soldado, mesmo quando tudo é provido pronto, costuma levar pelo menos doze meses. Então, isso significava que, no nosso caso, precisava ser feito trabalho enérgico e intensivo por todos. O que é admirável é que, apesar de só termos começado em julho, tínhamos nossa força pronta para o serviço e em campo quando os bôeres declararam guerra em 11 de outubro de 1899.

Não pretendo fatigar vocês com uma detalhada descrição do assim denominado Cerco de Mafeking[477]; mais do que o suficiente já foi escrito sobre isso em livros e jornais da época. A pensarmos num verdadeiro feito de armas, foi apenas uma operação de pequena escala e em grande parte um blefe, mas um blefe justificado pelas circunstâncias especiais[478] e que, ao final, obteve sucesso em seus objetivos.

Os sitiados consistiam de um milhar de homens, recentemente organizados e armados, seiscentas mulheres e crianças brancas, e sete mil nativos. Retivemos ali inicialmente uns 10 mil bôeres a comando de

[477] Apesar de Mafeking ser uma localidade pequena, com uma população pequena, desde há muito a cidade era o centro de comércio e trocas entre a Colônia do Cabo, a Rodésia e o noroeste do Transvaal. Era a grande praça de mercado daquela região, e para os bôeres de conduta mais doméstica e as numerosas tribos nativas dos Protetorados do Norte, era a única cidade conhecida. Por conta disso, ela tinha um valor exagerado aos seus olhos. Sua posse pelos britânicos foi disputada pelos bôeres, que em 1884 a ocuparam. Por isso foi montada a expedição de Sir Charles Warren, que, ao mesmo tempo que lhes oferecia uma ameaça, fez que deixassem o lugar em paz e sem combater.Para os nativos daquelas plagas, era comum a frase "quem tem Mafeking tem as rédeas da África", o que influenciava quanto ao lado a que eles iriam aderir. Mafeking, nó ferroviário, era o ponto de ligação entre a Colônia do Cabo, a Rodésia, Kimberley e Bulawayo. Era o posto avançado para qualquer desses territórios, e um inimigo que atacasse qualquer deles partindo do Transvaal teria primeiro que esmagar ou conter a força que guarnecesse Mafeking, que seria sempre uma ameaça às suas linhas de comunicações e à sua retaguarda. E – o que, em verdade, era mais fortemente sentido pelos bôeres, incluindo o próprio Kruger – tornava possível a uma força vir varrendo todo o caminho até alcançar Pretória e atingir o coração do Transvaal.

[478] Nos primeiros meses de guerra, os bôeres submeteram a cerco as cidades de Ladysmith, Kimberley e Mafeking. E especialmente em dezembro de 1899 e janeiro de 1900, impuseram aos britânicos algumas derrotas significativas; então, o moral na metrópole estava meio abalado, pois um bando de caipiras estava torcendo a cauda do leão britânico.

Cronje[479], e depois efetivos menores sob comando de Sneyman[480], de outubro de 1899 até 17 de maio de 1900.

A DEFESA DE MAFEKING

Depois que o inimigo interrompeu a linha férrea ao norte e ao sul em 11 de outubro[481], sua Artilharia apareceu na Signal Hill, a três milhas da cidade, onde tínhamos um piquete de vigilância.

Este retraiu para a cidade e informou bem a tempo, de modo que me foi possível assistir aos canhões serem colocados em posição e começarem a abrir fogo sobre nós[482].

O primeiro obus caiu bem curto, e enquanto eu assistia a isso de uma esquina da rua, uma menina veio passando por mim de bicicleta. Eu então disse: "Mocinha, é melhor ir para casa e abrigar-se. Os bôeres estão começando a nos bombardear[483]".

Ela disse: "Oh, são conchas[484]? Posso ficar para vê-las"?

---

[479] Piet Cronje (1836-1911), general bôer. Por não ter conseguido submeter Mafeking, foi rebaixado.

[480] Jacobus Philippus Snyman (1838-1925), general bôer que comandou o cerco de Mafeking de novembro de 1899 a maio de 1900.

[481] A linha para o norte acabou sendo mais danificada ainda quando, em 13 de outubro, B-P fez avançar por ela um par de vagões carregados com explosivos, que foram detonados, com o efeito de deixar os bôeres mais cautelosos quanto ao possível uso de minas remotamente acionadas.

[482] Mafeking foi bombardeada durante todos os dias do cerco, e houve, em diversos momentos, incursões de parte a parte – a "defesa agressiva" de B-P contrastou com a passividade dos sitiados de Kimberley até o levantamento do cerco, em fevereiro de 1900. Entretanto, em Mafeking, ambos os lados preservaram o domingo como um dia em que não se faziam ações de guerra.

[483] O bombardeio bôer foi menos eficaz que o desejado porque a maioria das casas em Mafeking era de adobe; por isso, era usual os projéteis bôeres atravessarem as casas sem produzir maiores danos que os buracos nas paredes, indo explodir ao bater no solo, lá adiante. Os *snipers* (atiradores de precisão) eram um risco muito maior.

[484] Esse jogo de palavras só é compreensível em inglês. *Shell* é a concha de um crustáceo, mas é também o nome dado a projéteis de Artilharia (o invólucro da carga explosiva de um canhão ou obuseiro). E o verbo *to shell* é justamente lançar projéteis de Artilharia sobre algum lugar. O *shell-shock* (estado de choque [estupor ou condição de pânico] produzido por ser submetido a um bombardeio de Artilharia) foi um transtorno psicológico tristemente notório na Primeira Guerra Mundial.

Mas eu a fiz ir para casa. Em breve ela aprenderia o suficiente sobre tais "conchas", quando eles acertassem a distância para a cidade[485]. Mas seu espírito destemido era típico daquele que distinguiu todas as mulheres de Mafeking.

Eu estava sempre na expectativa de um ataque noturno, e no intuito de desencorajar tal ação, acendíamos holofotes em toda posição fortificada, quer dizer, fizemos *um* holofote com um grande refletor feito de latas de biscoitos na ponta de um mastro, que apoiávamos no solo e gentilmente girávamos para a direção desejada.

Havia um homem em Mafeking que era representante comercial viajante de lâmpadas de acetileno, das quais ele tinha consigo algumas, além de um pequeno estoque de acetileno; então ele instalou uma lâmpada no refletor com um queimador de acetileno, e certa noite projetou-se um grande clarão de nossa fortificação no Cannon Kopje, com um esplêndido facho de luz que silenciosamente percorreu o campo ao redor. Mais tarde nessa noite, a mesma lâmpada apareceu numa fortificação em um setor completamente diferente nas defesas, e isso se repetiu por algumas noites, a cada vez numa fortificação diferente, para que o inimigo acreditasse que estávamos bem supridos de holofotes, que poderiam ser acionados no momento em que fosse tentado qualquer ataque. Na verdade, em pouco tempo esgotamos nosso acetileno, e não pudemos fazer muito mais nessa direção.

A propósito de inquietar o inimigo à noite, usei um divertido truquezinho de minha própria lavra. Eu tinha um grande megafone de lata, com o qual eu podia me mover até uma das minhas trincheiras avançadas durante a noite, e brincar de ventríloquo para cima do inimigo, uma vez que descobri que a voz chegava facilmente a uns mil metros de distância, e eu dava vozes de comando a uma imaginária equipe de incursão, dando, na voz do oficial, ordens para avançar bem

[485] Quando a Artilharia vai enquadrar um alvo, faz-se um tiro estimado, registrando-se os dados do tiro longo (caiu além do alvo) e do curto (caiu aquém do alvo) para achar o ponto entre eles que se pretende atingir.

silenciosamente, e perguntando ao Sargento Jackson se seus homens estavam todos prontos.

O "Sargento Jackson", então, responderia: "Mande o Soldado Thomas armar baioneta", etc., etc.

Sempre tentamos fazer a noite tão agitada quanto possível para nossos oponentes, e tão calma quanto possível para nós mesmos, pois os homens precisavam de todo repouso que pudessem obter.

SNIPERS[486]

Tínhamos alguns excelentes atiradores de fuzil na guarnição, e esses homens eram destacados para se esgueirarem pelo *veldt*[487] e alvejarem municiadores de Artilharia, oficiais, etc., nas posições inimigas. Eles criaram um método pelo qual cada homem saía duraante anoite, levando consigo uma ferramenta de sapa[488] e uma persiana verde. Chegando ao ponto de onde esperava ter uma boa visão dos espaldões dos canhões inimigos, ele cavava um buraco para se instalar e, quando vinha a luz do dia, ele se acomodava lá dentro com a persiana distendida por cima, de modo a cobrir o buraco, e quietamente dormir ali até entardecer.

Geralmente, por volta do pôr do sol, ele se punha ao trabalho, com o sol por trás e ofuscando o inimigo. Frequentemente ele era capaz de colocar seus tiros com precisão mortífera, enquanto, estando na direção do sol poente, era quase impossível ao inimigo localizá-lo e, portanto, retaliar.

Também chegamos a fazer esse jogo com os nossos canhões, tendo-os movido até razoavelmente próximo do acampamento inimigo durante a noite, ficando escondidos o dia todo e, na hora em que o sol estivesse mergulhando no horizonte a oeste, as peças mandariam sobre eles tiro após tiro durante os poucos minutos de claridade restantes.

---

[486] Atiradores de elite.

[487] Grandes espaços abertos, savanas e campos.

[488] Ferramenta usada para cavar trincheiras e abrigos de campanha, geralmente pá, alvião ou picareta.

Outra brilhante invenção que a necessidade fez nascer para nós foram as bombas[489].

Quando nossos inimigos se entrincheiraram em espaldões próximos à cidade, levamos nossas escavações até perto deles, onde nossos homens poderiam estar abrigados para molestá-los e afinal fazê-los recuar. Para chegar a essas posições, tivemos de cavar sapas[490] profundas.

Assim, gradualmente fomos estabelecendo um sistema regular de trincheiras, meio que na linha da guerra de antigamente. Acabamos chegando a um ponto em que estávamos a menos de trinta metros do inimigo, e ali nos mantivemos por alguns dias até pensarmos em bombas, ou granadas de mão.

Fizemo-las com velhas latas de carne ou de geleia, preenchidas com pólvora ou dinamite e com uma espoleta instalada, e as lançávamos contra as trincheiras dos bôeres. Eles logo replicaram com granadas de mão feitas mais artisticamente. Mas eles não gostaram das nossas e recuaram alguns metros sua trincheira avançada, e lá permanecemos, por uma quinzena, separados por uns meros 60 metros.

Ocorreu ao Sargento Page, que havia praticado pesca marinha dos rochedos em East London[491], a ideia de lançar bombas do extremo de uma vara de pescar, o que ele fez com grande eficácia e com um alcance de quase 90 metros.

Posteriormente, houve gente que gracejou acerca do nosso retorno a métodos medievais de guerrear, com nossas trincheiras e bombas, pouco esperando que dentro de poucos anos os exércitos mais modernos voltariam a usar esses mesmos processos, na Grande Guerra.

---

[489] Granadas de mão improvisadas.

[490] Sapa é uma trincheira de ligação, geralmente de profundidade suficiente para um homem deslocar-se agachado ou engatinhando.

[491] Localidade na África do Sul. Não confundir com a zona leste de Londres (na metrópole), que não é banhada pelo mar.

Com o passar do tempo, naturalmente começamos a ficar ansiosos quanto ao nosso suprimento de víveres; todo mundo estava sob estrito racionamento, e os pobres coitados do meu Estado-Maior tinham de viver em rações menores que as dos praças, de modo a podermos avaliar qual seria o mínimo necessário para nos mantermos ativos, e ao mesmo tempo os praças não poderiam se queixar que os oficiais estivessem vivendo a pão-de-ló enquanto eles morriam de fome.

Incidentemente, aprendemos a economizar bem rigidamente em matéria de comida, e também em criar sucedâneos alimentícios.

Quando um cavalo era morto, sua crina e cauda eram cortadas e mandadas para o hospital, para rechear colchões e travesseiros. As ferraduras iam para a forja, para se transformarem em projéteis. A pele, após extrair os pêlos, era fervida com a cabeça e os pés por várias horas, picada miudinha, e com a adição de um pouco de salitre, era servida como "músculo".

A carne era separada dos ossos e passada num grande moedor, e das suas vísceras fazia-se películas dentro das quais essa carne era enfiada, e cada homem recebia uma linguiça dessas em sua ração.

Os ossos eram então fervidos em uma rica sopa, com a qual se lidava em diferentes cozinhas; depois eles eram triturados até virarem um pó, com o qual se adulterava a farinha. Assim, não havia muita coisa do cavalo que fosse desperdiçada.

Nossa farinha era feita a partir da aveia dos cavalos, moída e peneirada. Mas com todos os nossos utensílios, nunca conseguimos nos livrar completamente das cascas. Entretanto, demos jeito nisso de tal forma que pudemos distribuir diariamente a cada homem um grande biscoito de aveia.

As cascas da aveia eram postas de molho em grandes banheiras de água por muitas horas, ao fim das quais a espuma produzida pelas cascas era removida e dada como ração às galinhas do hospital, enquanto o resíduo formava uma pasta muito parecida com a cola usada para afixar cartazes. Isso era chamado *sowens*, uma comida meio azeda, mas muito salutar e capaz de fazer sentir repleção.

Entre outras, coisas, fornecíamos aos inválidos no hospital um manjar branco especial, que era feito do pó-de-arroz requisitado dos cabeleireiros e farmácias.

DINHEIRO

Como o dinheiro era necessário para pagar salários e pelos bens requisitados, assumimos o controle do dinheiro em espécie no Standard Bank, mas também constatamos a necessidade de emitir nosso próprio papel-moeda. Assim sendo, bolei um desenho para as notas de banco de uma libra e fiz imprimir algumas menores para dois *shillings* e um *shilling*.

Fiz a matriz para a nota de uma libra em um bloco de buxo, feito a partir de um malho de croquet dividido ao meio, o que encaminhei a um Mr Riesle, que fazia entalhe em madeira. Mas o resultado não foi satisfatório do ponto de vista artístico, então usamos essa para a cédula de dez *shillings*, e eu desenhei outra matriz, que foi fotografada, para a cédula de uma libra.

Todas elas poderiam ser trocadas por dinheiro real se apresentadas no prazo de seis meses a partir do fim do cerco. Mas nenhuma delas foi trazida para troca, dado que as pessoas resolveram guardá-las ou vendê-las como suvenires interessantes do cerco.

Assim, o Governo obteve pelo menos seis mil libras, e nos dois anos seguintes ficaram convocando-me para eu me explicar sobre o que supunham ser contabilidade fraudulenta, que nos mostrou tanto no lado do crédito. O sentimento não entrou nos cálculos deles.

SELOS

Também se mostrou necessário emitir selos de postagem para a remessa de cartas no interior das defesas. Ao projetar alguns desses selos, meu Estado-Maior emitiu uma série com a minha cabeça estampada, sem meu conhecimento. Como eles eram apenas para uso local e temporário, não era um problema de grande importância, mas mais tarde vim a ouvir que isso tinha sido um grave caso de lesa-majestade de minha parte, se não de traição, ter a minha própria cabeça

impressa nos selos[492], e que a Rainha estaria muito aborrecida comigo! Bom, se estava, Sua Majestade não deu mostras disso, mas, pelo contrário, enviou-me gentis e reconhecidas mensagens durante e após o cerco, e pessoalmente encaminhou minha promoção a Major-General. É bem divertido ver como os boatos circulam[493].

Grande parte dos louvores que foram despejados sobre Mafeking por conter grandes forças bôeres lá no noroeste num tempo em que eram necessárias no sul, e por reafirmar a presença britânica perante as tribos nativas da fronteira, foi na verdade merecida pelo (então) Cel Plumer e sua coluna rodesiana, cooperando conosco de fora da cidade. Se alguma prova disso fosse necessária, pode ser encontrada nos telegramas capturados dirigidos por Kruger aos seus comandantes diante de Mafeking, nos quais sua ansiedade se mostrava pelos contínuos alertas quanto a "ficar de olho em Plumer a todo custo", e seus repetidos balidos "onde está Plumer?".

O ATAQUE DE ELOFF

Em uma ou duas ocasiões, algumas cartas dos bôeres chegaram a nós de maneira bem pouco ortodoxa, sendo disparadas para a cidade dentro de projéteis de Artilharia. Eram para dar notícias dos amigos às famílias bôeres que estavam dentro da cidade. Em um dos casos, o artilheiro que disparou o obus dizia que apenas desejava ter algo com que beber à nossa saúde. Isso foi tão gentil da parte dele, que enviei-lhe uma garrafa de uísque por um emissário sob bandeira branca.

Quando voltei à África do Sul tem tempos mais recentes, um homem veio a mim em DeAar, e disse que por muitos anos quis me encontrar e agradecer-me pela excelente garrafa de uísque que eu lhe havia mandado: era meu amigo, o artilheiro.

---

[492] Na Grã-Bretanha, cédulas de dinheiro e selos têm a efígie do monarca. Portanto, para quem quisesse "procurar pêlo em ovo", B-P teria cometido crime de lesa-majestade.

[493] As séries seguintes de selos do Cerco tinham como ilustração os garotos mensageiros do Corpo de Cadetes de Mafeking; cédulas de dinheiro tinham imagens relativas ao combate.

Um dia, recebi uma carta do comandante bôer, Sarel Eloff[494], na qual dizia que ele e seus homens se propunham entrar em Mafeking em breve, para jogar críquete conosco.

A isso, respondi: “Presentemente, meu lado está dentro e o seu, no campo. Você precisa nos derrubar antes que seu time possa entrar”.

Não demorou muito para que ele empreendesse seu esforço para realizar isso, mas a tentativa falhou, e o Comandante Eloff e mais de uma centena de seus oficiais e praças foram capturados por nós[495].

O RESGATE

Uma semana após nossa repulsão ao ataque de Eloff[496], Mafeking foi finalmente resgatada, em 17 de maio, pelas colunas de Mahon e Plumer[497] em cooperação.

Recebemos, então, o inspirador telegrama enviado a mim pela Rainha: “Eu e todo o meu Império nos regozijamos pelo levantamento do Cerco de Mafeking, após a esplêndida defesa conduzida por você ao longo de todos esses meses. Entusiasticamente, congratulo-me com você e todos sob sua autoridade, militares e civis, britânicos e nativos, pelo heroísmo e devoção que demonstraram. V.R. & I[498].”.

CAMPANHA NO TRANSVAAL SETENTRIONAL

Depois de deixarmos Mafeking, minha coluna, reforçada por um excelente contingente de australianos e canadenses, avançou para o Transvaal pelos distritos de Zeerust e Rustenburg, e por fim fez a junção com o corpo principal do exército de Lord Roberts, em Pretória.

---

[494] Sarel Eloff (1863-1924), neto do Presidente Paul Kruger, conduziu esse fracassado ataque. Dizia que ia tomar o café da manhã dentro de Mafeking. Realmente, fez isso – como prisioneiro de Baden-Powell.

[495] Esse ataque aconteceu em 12 de maio de 1900, e foi a última tentativa bôer de tomar Mafeking.

[496] Na verdade, cinco dias depois.

[497] Anteriormente, em 31 de março, Plumer tentou furar o cerco e fazer a junção com Baden-Powell, mas foi repelido.

[498] *Victoria Regina et Imperatrix* (Victoria, Rainha e Imperatriz).

É uma longa história sobre muitos deslocamentos, poucos suprimentos, escaramuças menores e muitos incidentes, mas nada que valha a pena aborrecê-los com detalhes.

Um toque cômico foi dado numa ocasião em que surpreendemos a coluna de De Wet[499] em Warmbad[500]. Uma boa quantidade de bôeres foi capturada pelos australianos durante o banho. Os *Diggers*[501], eles mesmos esfarrapados, com muito boa disposição apropriaram-se das roupas de seus adversários, e, vestidos com sobrecasacas e chapéus bôeres, trouxeram seus cativos envoltos em toalhas.

Num recente esboço de minha vida pelo Sr Winston Churchill[502], ele destacou algo que eu até então não havia notado, a saber, que minhas excessivamente alardeadas façanhas na campanha sul-africana haviam atraído sobre mim o desfavor do Alto-Comando do Exército, e que meu "brilhante desfrute de fama e sucesso logo foi obscurecido por uma fria neblina", e que nisso talvez eu tenha sido sortudo, pois, nesse caso, deixei de ser empenhado "naquelas árduas e secretas peparações para a Grande Guerra".

Na verdade, pelos sete anos seguintes à minha participação na campanha sul-africana, fui plenamente engajado pelas autoridades em duas das maiores tarefas de minha vida – uma delas em preparação direta para a Grande Guerra (como os dois próximos capítulos mostrarão) –, e pelas quais recebi muito mais honrarias do que abandonos.

Assim, nunca percebi essa "fria neblina" a que ele se refere.

---

[499] Christiaan De Wet (1854-1922), general e político sul-africano.

[500] Cidade termal, hoje chamada Bela-Bela.

[501] Apelido dado aos australianos e neozelandeses na Primeira Guerrra Mundial.

[502] *Great contemporaries*.

CAPÍTULO XI
A FORÇA POLICIAL SUL-AFRICANA

"Quero que você venha ver-me sem demora, concernente à formação da Força Policial do Transvaal".

Tal foi a bomba que, em 29 de agosto de 1900, explodiu sobre mim num telegrama de Lord Roberts em Belfast (Transvaal), mal eu assumira o comando, em Nylstrom[503], de uma força de todas as Armas[504] com a qual eu pretendia operar nos distritos do norte.

Cumprindo a determinação "sem demora", entreguei meu recém-adquirido comando ao Cel Plumer (o falecido Marechal-de-Campo[505]), que a esse tempo comandava o contingente rodesiano. Ele, por sua vez, foi substituído na antiga função pelo Cel Godley (atual General Sir Alexander Godley).

Na quele dia, havíamos restabelecido a ligação ferroviária com Pretória, tendo utilizado a via e os meios rodantes até tão distante quanto o rio Pienaars[506], onde o inimigo havia explodido as pontes. Mas como não havia locomotivas neste trecho da linha, empregamos juntas de bois para tracionar os trens, enquanto meu irmão que servia nos Guardas Escoceses[507] e se tornou Oficial do Estado-Maior para a Ferrovia, usou um trole ferroviário para o seu trabalho, dotando-o de um mastro e velas!

Durante a viagem para Belfast, rascunhei numa meia-folha de papel minhas ideias para uma Força Policial, cujo efetivo foi calculado de acordo com o tamanho do território, população branca e nativa, centros de mineração e cidades envolvidas. Elas obtiveram aprovação de Lord Roberts.

---

[503] Atualmente chamada Modimolle, no platô de Waterberg.

[504] Infantaria, Cavalaria, Artilharia, Engenharia, mais os serviços de Logística.

[505] Lembrando: B-P escreveu este livro em 1933, e Plumer havia falecido pouco tempo antes, em 1932.

[506] Rio na província de Gauteng, África do Sul.

[507] Baden Fletcher Smyth Baden-Powell (1860-1937).

Alguns dias depois, eu estava em meu caminho para ver Lord Milner[508], o Alto Comissário, na Cidade do Cabo, dado que a Polícia, sendo uma força civil, deveria ficar sob sua direção.

Foi uma longa viagem de trem naqueles dias de pontes destruídas, paradas que duravam a noite toda, interrupções da linha e "desvios", mas aproveitei o tempo para planejar meu esquema em todos os detalhes, em várias folhas de papel, com as estimativas de pessoal, postos e graduações, equipamento, alimentação, cavalos, transporte, trreinamento, distribuição, deveres, finanças, corpo médico, alojamentos, etc.

Para passar o tempo numa longa viagem, experimente fazer o planejamento da constituição de uma força policial; ganha de todos os quebra-cabeças e palavras-cruzadas para fazer as coisas encaixarem.

RECEPÇÃO NA CIDADE DO CABO

Na viagem pelo território, tive uma experiência maravilhosa. Em alguns lugares em que o trem parou, havia grandes acampamentos de linhas de comunicação, e os homens amontoavam-se ao redor do trem para aclamar. Houve um lugar em que chegaram a invadir o vagão para apertar-me a mão, e foi algo similar ao que mais tarde me aconteceria na Rússia.

Pareceu ter-se desencadeado uma súbita mania na multidão, e cada homem parecia querer dar-me alguma coisa como lembrança. Podia ser um cachimbo, uma caixa de fósforos, uma velha faca, dinheiro, qualquer coisa que ele porventura tivesse consigo, e um pobre camarada, descobrindo que seus bolsos estavam vazios, arrancou do peito seu único pertence, a fita de uma condecoração. Ainda a tenho – um grande tesouro – abençoado seja, quem quer que ele fosse!

Na véspera do dia previsto para minha chegada à Cidade do Cabo, fiquei sabendo de uma enervante prova a que seria submetido. O Prefeito e os maiorais iam encontrar-me na estação. Para evitar isso, telegrafei para a Residência do Governo, onde eu deveria me apresentar, dizendo

[508] Lord Alfred Milner (1854-1925), administrador colonial na África do Sul.

que infelizmente eu havia sofrido um atraso e poderia não chegar senão um ou dois dias depois.

Eu sabia que isso seria repassado ao Prefeito, que em consequência adiaria a recepção pelo menos até o dia seguinte, e nesse meio tempo eu poderia me esgueirar para dentro da cidade sem ser notado e "não-recepcionado".

Então, quando meu trem entrou na estação da Cidade do Cabo, eu alegremente empacotei meu equipamento na mochila, pronto para caminhar até a Residência do Governo, ansioso por um banho e um desjejum. Mas – meu Deus, que era aquilo? A plataforma era uma ondulante massa humana, transbordando para os tetos dos trens próximos, toda essa gente aclamando e acenando.

Não tenho senão uma confusa lembrança do que aconteceu em seguida. Creio que foi aberta uma pequena clareira na qual o Prefeito foi capaz de me cumprimentar com um breve discurso, e então eu fui arrebatado para fora, por sobre as cabeças de uma massa rugidora, para fora da estação até a ensolarada Adderley Street. Lembro-me de que dois excelentes camaradas seguraram os bolsos de cada lado dos meus culotes de montaria para evitar que meu dinheiro caísse, e dessa maneira fui conduzido – mais ou menos de ponta-cabeça – através da Cidade do Cabo, todo o caminho até a Residência do Governo. Lá, eu passei, carregado, perante a confusa sentinela, e por fim fui depositado no hall.

O mordomo, chamado às pressas de sua despensa, compareceu à cena para dar de cara com uma figura amarfanhada e suja vestida de cáqui ali de pé, com uma multidão trovejante do lado de fora. Nauralmente, ele olhou para mim naquele momento como se eu fosse o truculento líder de uma revolução.

Mas um mordomo britânico não é nada se não for capaz de manter a dignidade, mesmo na pior das crises, então ele firmemente perguntou o que eu desejava. Eu não sabia o que fazer. Percebi que não era esperado ali até o dia seguinte, e que a Residência do Governo não havia transmitido minha mensagem à cidade. Tudo em que consegui pensar

para balbuciar naquele momento foi: “Posso tomar um banho, por favor?”.

Lord Milner aprovou meu esquema e retornei a Pretória para pô-lo em funcionamento. Eu estava realmente feliz por ter essa incumbência, dado que, muito tempo antes da guerra, eu servira na África do Sul[509] e construíra boas amizades com os sul-africanos de ascendência holandesa. Portanto, era muito desconfortável achar-me em campanha contra eles[510]. Agora, passaria a ser meu dever ajudar na pacificação do território e voltar a ter contato amigável com eles.

A FORÇA POLICIAL NA GUERRA

Dificuldades na organização

Em 22 de outubro de 1900, a Força Policial passou a existir oficialmente, mas antes dessa data já havíamos reunido, do zero, um Estado-Maior e alguns oficiais e praças de várias unidades em campanha, e também assumimos os pequenos contingentes policiais locais que haviam sido constituídos provisoriamente sob as ordens do Gen Ivor Maxse[511].

A missão original com Lord Roberts, em setembro de 1900, era ter uma força de dez mil homens montados, preparados até meados de 1901 para assumir os deveres de polícia do território.

Foi-me permitido sacar, do efetivo do Exército, até uma dada percentagem de oficiais, graduados e praças, aassim como cavalos,

---

[509] Lembrando: a expedição de 1885 e a rebelião zulu de 1888, podendo ainda incluir a rebeião matabele de 1896-97.

[510] Quando os bôeres começaram a usar táticas de guerrilha, os britânicos adotaram o procedimento de tentar cortar-lhes o sustento, removendo famílias de fazendas suspeitas de dar-lhes homizio e suprimento e colocando-as em “campos de concentração” – sim, o nome nasceu nessa ocasião. Apesar de o objetivo não ser o extermínio, como era o dos alemães, houve muitas mortes das pessoas internadas nos campos, pelas condições insalubres.

[511] Sir Frederick Ivor Maxse (1862-1958) ingressou no Exército em 1882. Serviu na Índia, Malta, Egito, Sudão (rebelião mahdista, participou da batalha de Omdurman) e África do Sul (no Estado-Maior de Lord Roberts durante a Guerra Bôer). Na Primeira Guerra Mundial, comandou a 18ª Divisão, que foi das poucas a alcançarem seus objetivos na Batalha do Somme, e o XVIII Corpo na Batalha de Passchendaele; em 1918, foi designado Inspetor-Geral de Treinamento do Exército Britânico (wikipedia).

transporte, uniformes, alimentação, equipamento, tratamento hospitalar, etc.

Tudo muito bonito, mas desde o início essas incumbências começaram a dar falhas.

Minha maior necessidade, claro, eram oficiais especialmente qualificados para organizar. Mas aqueles que solicitei, como Godley, Alderson, Pulteney e outros, não podiam ser dispensados. O Cel John Nicholson[512], anteriormente do 7º de Hussardos, era quem eu particularmente queria como meu braço direito.Ele era Comandante da Polícia Britânica Sul-africana na Rodésia, e naquela ocasião, estava servindo como Oficial de Estado-Maior da coluna cujo comando eu entregara ao Gen Plumer.

Eu o consegui, mas apenas por uns poucos dias, e então ele foi novamente laçado para o serviço no Exército. Só depois de meses é que finalmente consegui obtê-lo.

Nesse entretempo, eu tinha de fazer o melhor possível com os oficiais que conseguisse obter.

Para além de comida e equipamento, o Exército achou-se incapaz de suprir nossas necessidades em uniformes, homens, cavalos, transportes, etc. Mais tarde, foi-nos dito para não obter esses meios das fontes de suprimento do Exército, porque elas já estavam trabalhando ao máximo de sua capacidade.

Em consequência, recaiu sobre nós o encargo de providenciar nosso próprio recrutamento e o transporte desde o além-mar de homens e cavalos, e em grande medida seu equipamento, e de organizar nosso próprio corpo médico e hospitais.

Então, como o tempo passava e a guerra não chegava ao fim como se esperava, nosso objetivo foi alterado, e de força policial nós passamos a ter de preparar-nos em treinamento e organização para sermos uma força combatente em campanha – um par de botas bem diferente.

---

[512] General John Sanctuary Nicholson (1863-1924). Em 1903, sucedeu B-P como Inspetor-Geral da *South African Constabulary*. Na primeira Guerra Mundial, de abril de 1915 a dezembro de 1918 foi comandante da base da Força Expedicionária Britânica em Calais.

Frustrado em meus esforços de obter oficiais do Exército,voltei-me para o acampamento do depósito de pessoal em Stellenbosch. Este era uma espécie de purgatório no qual eram lançados oficiais responsabilizados por “incidentes lamentáveis” durante a campanha, e havia uma quantidade considerável deles aglomerada ali.

Mas eu tinha a consciência de que todo homem comete um erro em um ou outro momento de sua carreira. Como disse Napoleão: “O homem que nunca cometeu um erro nunca fez nada”. Esses homens tinham cometido seus erros, e portanto tinham bastante propensão a não voltar a fazê-lo no futuro, então eu os trouxe. Não me recordo de nenhum momento em que tenha precisado me arrepender por ter tomado essa decisão.

Assim que a existência da Força[513] se tornou conhecida, choveram candidaturas para comissionamentos, em quantidades difíceis de lidar. Foram recebidas cerca de três mil onde se requeria apenas trezentos oficiais. Literalmente centenas da mães apelavam a mim com cartas de recomendação sobre seus filhos, muitas obtendo o apoio de amigos influentes. Era trabalho de tempo integral para um de meus oficiais abrir, identificar e queimar estas cartas.

O trabalho de organizar com uma equipe constituída do zero, e sob acordo constituir e treinar uma força grande e eficiente de homens montados, tanto para o trabalho militar quanto para o policial, no prazo de oito meses, era, sem dúvida, árduo; ao mesmo tempo, era um trabalho interessantíssimo e prazeroso, observando-se que a força tinha de ser totalmente autônoma, com seus próprios órgãos auxiliares para o provimento de alimentação, alojamento, tratamento médico, pagamento, transporte, remonta, investigação criminal, e tudo isso num território distante em meio a uma dificultosa campanha transcorrendo ao redor.

Foi-nos solicitado ter nossa força completa e desdobrada no território, se possível, até junho de 1901. Muito bem, passamos o rastelo para recrutar praças e oficiais onde quer que pudéssemos obtê-los, por

[513] *South African Constabulary*, ou SAC.

todo o Império; vaqueiros da Austrália, fazendeiros da Nova Zelândia, vaqueiros e policiais do Noroeste do Canadá[514], agricultores da Índia e do Ceilão[515], Policiais Reais da Irlanda[516], e tropas territoriais da Inglaterra[517].

Uma notável dificuldade era que, de acordo com nossas maravilhosas leis no Império Britânico, não nos era permitido alistar os homens fora do território em que iriam servir; então, nosso oficial recrutador, na Inglaterra por exemplo, examinava os homens e, considerando-os aptos, entregava-lhes o dinheiro para pagar a passagem para a África do Sul, confiando em sua honra para chegar lá e se alistar. Penso que não tivemos nem um único caso de alguém que tenha abusado dessa confiança.

Por essa época, havia muitas fraudes sendo cometidas no alistamento do Exército, por meio da falsa identidade. Conseguimos evitar isso no recrutamento para a SAC, ao fazer que cada homem, ao ser recebido pelo oficial de recrutamento, imprimisse seu polegar no cartão de identidade. Com esse cartão, então, ele chamava o oficial médico, que fazia o homem "assinar" o cartão uma segunda vez com a impressão do polegar, que era então cotejada com a original para garantir que se tratava do mesmo homem. Daí ele passava para o teste de montaria, novamente assinando a folha de teste da mesma forma, e igualmente para o teste de tiro.

Desse modo, era impossível ao candidato conseguir que alguém passasse nos testes em seu lugar, já que não há dois homens que tenham exatamente as mesmas impressões digitais.

Acrescentando-se a esse contingente britânico, alistamos uns seiscentos bôeres amigáveis e dois mil nativos zulus para o serviço

---

[514] Da famosa Polícia Montada (*North-West Constabuary*).

[515] Atual Sri Lanka.

[516] *Royal Irish Constabulary*.

[517] *Yeomen*.

policial. Um bando bem heterogêneo, mas todos de primeiríssima qualidade.

Treinamento rápido para os homens

Estabelecemos um depósito central de treinamento e quartel-general numa fábrica de dinamite em Modderfontein, localizada entre Johannesburgo e Pretória, e aqui começamos a treinar nossos homens em grupos à medida que iam chegando, pelo nosso patenteado método expedito.

Nenhum outro sistema de treinamento, e certamente não aquele que então se usava no Exército, teria a menor possibilidade de alcançar os resultados desejados no curto tempo em que os obtivemos. Isso foi feito dando aos homens, em grande medida, a responsabilidade de treinarem a si mesmos, e o espírito com que corresponderam, e os resultados que se seguiram, foram um verdadeiro despertar para a maioria de nós.

Responsabilidade descentralizada era o segredo: a cada homem, desde o Comandante de Divisão até o último Cabo encarregado de um grupo, foi atribuída responsabildade, e o elogio ou a censura vinham de acordo com os resultados de seu trabalho.

A disciplina era cultivada de dentro, em lugar de ser imposta de fora. É verdade que nosso método de treinamento era criticado por muitos disciplinadores militares, especialmente por eu ter dito que não queria militares antigos para a SAC. Eu queria jovens inteligentes, que fossem capazes de usar presença de espírito e que não tivessem sido exercitados pela repetição até se tornarem máquinas desprovidas de alma, capazes apenas de agir sob ordens diretas.

Incidentemente, por estarmos numa fábrica de dinamite, pudemos dar aos homens treinamento prático em minagem[518]. Isso trouxe resultados desastrosos para o bôer local que nos supria de leite e que

[518] Minagem: operação envolvendo o uso de minas. Lançar e recolher um campo de minas, ou localizar e neutralizar minas e armadilhas lançadas pelo inimigo.

chegou cedo certa manhã, antes de os cordéis acionadores das minas terem sido desconectados[519].

Treinamento prático para a guerra

Em Modderfontein, ensinamos aos nossos recrutas equitação, tiro de fuzil, ordem unida e tática; ensinamos também como fazer casamatas[520] e trincheiras, que eles construíram ao redor do nosso depósito de pessoal, com emaranhados de arame farpado[521] e outros vários obstáculos.

A umas poucas milhas de Modderfontein, os bôeres haviam se estabelecido em um ponto-forte sobre um *kopje*, que servia de base de partida para suas equipes de reconhecimento ou de incursão[522].

Para a instrução dos nossos recrutas em táticas de campanha e manobras, essa posição constituía um admirável objetivo para nossos ataques, pois podia dar aos rapazes um gostinho da ação sob fogo; assim eles aprendiam a manter a cabeça no lugar e a ter disciplina sob as reais condições de guerra.

Quando considerávamos ter avançado o suficiente, tocávamos "retirada" e praticávamos uma ação de retraimento[523], com os bôeres saindo exultantes com a ideia de ter-nos derrotado.

---

[519] Minas podem ser acionadas de diversas formas: por acionamento remoto, por pressão (quando se pisa ou se coloca um peso sobre a mina), por descompressão (quando se tira o peso de cima da mina) ou por tração (quando se puxa o acionador, geralmente por um cordel de tropeço ou preso a alguma coisa – por exemplo, uma folha de janela que se abra).

[520] Casamata: espécie de fortificação com caráter permanente ou semipermanente, consistindo de uma construção reforçada para resistir a fogos de Artilharia, com seteiras para o disparo de armas desde o seu interior. Trincheira: fortificação de campanha de caráter provisório ou semipermanente, consistindo de uma vala mais ou menos profunda, capaz de permitir aos combatentes atirar de seu interior tendo o solo como proteção contra tiros diretos.

[521] Obstáculo contra tropas a pé e a cavalo, de vários tipos: redes, cavalos de frisa, concertinas, ouriços, cercas.

[522] Uma patrulha de reconhecimento tem o objetivo de coletar informes; uma de incursão tem o objetivo de causar baixas, destruir instalações ou conquistar pontos do terreno.

[523] Retraimento: quando uma força recua mediante ação do inimigo; retirada: quando uma força recua sem ação do inimigo.

Esse roteiro foi conduzido seguidas vezes, até quando, aproximando-se o fim de nossa permanência em Modderfontein, decidimos levar realmente o ataque até o objetivo e conquistar a posição.

A irritação dos bêres por terem sido capturados nessa ocasião não foi nada se comparada à sua fúria quando lhes foi dito que haviam meramente sido usados para nossos recrutas praticarem.

Nossa distribuição

Por sorte, consegui garantir-me os serviços de um grupo de oficiais de primeira categoria, de diferentes ramos das Forças Armadas e de diversas partes do Império. Organizamos a Força em três Divisões autônomas para o Transvaal e a Suazilândia, e uma quarta para o Estado Livre de Orange, cada Divisão acabando por ter um efetivo entre dois e três mil homens, e cada qual descentralizada em sua administração.

Essas Divisões eram comandadas pelos seguintes oficiais: Cel Edwards, 5º de Dragões da Guarda, antigo Comandante da Cavalaria Ligeira Imperial; Cel sam Steele, famoso comandante da Polícia Montada do Noroeste, no Canadá; Cel Fair, 21º de Lanceiros; e Cel Ridley, dos Fuzileiros de Northumberland (depois sucedido pelo Cel Pilkington, antigo Comandante do 19º de Hussardos, das Forças Montadas Australianas). O Maj Wilberforce, do 2º de Dragões da Guarda (Queen's Bays) era o comandante do depósito de pessoal, onde os recrutas e as remontas recebiam treinamento antes de serem alocados nas Divisões.

A remonta estava a cargo do Ten McKenzie, que havia sido meu Oficial de Transportes em Mafeking.

O Departamento Veterinário estava ao comando do Maj Sanderson, da Nova Zelândia.

Uniforme

Desenhei um uniforme para os homens a partir de minha experiência de trabalho em diferentes climas, de um tipo econômico e que diferisse em aparência do uniforme do Exército. Como os oficiais e praças teriam de estar continuamente em serviço, e, portanto, sempre de uniforme, era essencial que este fosse não apenas bem apresentado, mas confortável de usar.

Portanto, adotamos o casaco cáqui com gola alta aberta (lapelas), com camisas cáqui e colarinhos com gravata, em lugar dos colarinhos armados verticais do Exército [estilo mandarim]. Nossa inovação foi posteriormente adotada pelo Exército.

As guarnições [adornos] do uniforme da SAC eram verdes, com listras amarelas, cores nacionais respectivamente do Transvaal e do Estado Llivre de Orange.

Como cobertura, usávamos chapéus Stetson[524] com a aba larga nivelada, o que os distinguia dos usados pelo Exército, com a aba mole e levantada de um lado.

Esses chapéus, que eram importados da América, eram conhecidos no comércio como *Boss of the Plains*, ou padrão "B.P", que gerou a equivocada noção de que teriam alguma coisa a ver comigo.

De modo a marcar ainda mais a diferença da cobertura usada pelo Exército, os chapéus da SAC recebiam um penacho, conhecido comercialmente como "asa de gralha". Apesar de não serem nada mais que penas de galinha tingidas de verde para esse fim, recebi irritados protestos de amantes das aves na Inglaterra por promover o massacre da raça das gralhas.

Em março de 1901, um trem trazendo suprimento de nossos chapéus da SAC foi saqueado pelos bôeres. Temendo que eeles adotassem esses chapéus para seu próprio uso para fins de disfarce, fiz imprimir um aviso em holandês e distribuí-lo pelo território, alertando a todos e a cada um que qualquer indivíduo encontrado usando esses chapéus ilegalmente era passível de ser fuzilado.

Apesar de termos tido centenas de casos de bôeres usando equipamento de soldados britânicos, nunca encontramos algum usando um chapéu da Força Policial.

Além de planejar o que os homens deveriam ter como uniforme, coube-me também desenhar o uniforme para nossas enfermeiras, e, para

[524] Fábrica de chapéus fundada em 1865 nos Estados Unidos, ainda ativa.

um homem, ainda por cima solteiro, tentar ditar o que as damas deveriam vestir era uma iniciativa bem ousada de minha parte.

Eu meio que esperava amotinação uma vez que, entre outras coisas, divergi do costume universalizado das enfermeiras usarem volumosas capas por cima de seus vestidos do uniforme, e em lugar disso dei-lhes sobretudos de brim cáqui parecidos com os usados pelos oficiais. Para minha surpresa, eles ficaram tão populares que as moças, ao serem licenciadas do serviço ativo (o que tinham de fazer ao se casar – e sempre estavam se casando), sem exceção pediam para comprá-los.

Seu uniforme também se provou bem popular, constituindo-se de um vestido marrom modelo holandês, com uma capa de ombros [pelerine] verde com um debrum amarelo, uma touca branca para serviço em recintos fechados, e um chapéu de *cowboy* como o dos oficiais para serviço externo.

Quanto ao pagamento dos homens, nosso princípio era dar-lhes boa paga e serviço curto, e fácil transferência para a Reserva; a ideia era que, tão logo se completasse a pacificação, o contingente ativo da Força Policial poderia ser substancialmente reduzido, e se os homens conseguissem assentar-se no novo território, eles receberiam fazendas com crédito facilitado, e seriam transferidos para a Reserva, sujeitos a serem mobilizados para qualquer emergência nacional.

Seria paga a eles uma taxa de retenção de doze libras anuais, pela qual eles tinham compromisso de apresentar-se para uma semana de serviço no ano, no posto policial mais próximo de sua residência, para manter seus padrões de eficiência no tiro de fuzil e seu conhecimento da legislação policial. A paga era generosa, pelo motivo de os homens não terem permissão para o serviço de longa permanência. Eu sabia – da experiência da *irish Constabulary* – que velhos policiais nunca morrem, e a folha de aposentadoria com esses vigorosos camaradas seria uma carga maior sobre o Tesouro que a própria folha de pagamento do pessoal da ativa.

Remonta

A *South African Constabulary* deveria ser uma força hipomóvel, mas a dificuldade imediata para começar era encontrar os cavalos para mobiliá-la. Todos os mercados de cavalos do mundo estavam sendo sugados à exaustão a fim de prover remonta para nosso grande Exército hipomóvel na África do Sul.

No entanto, eu tinha sido bem-sucedido no passado em prover boas montarias para meu Regimento por adquirir cavalos de um tipo que outras pessoas não queriam; então, tirando proveito dessa experiência, mandei buscar cavalos na Austrália, sete mil deles, de um tamanho um pouquinho abaixo do padrão mínimo da remonta do Exército.

Desta forma, consegui um lote de "baixinhos" muito úteis. Homens baixos e resistentes suportam mais esforço do que os grandes e carnudos (por exemplo, as armaduras que nossos antepassados usavam seriam muito pesadas para a maioria de nós carregarmos hoje, se fôssemos capazes de entrar nelas. Eram homens baixinhos, mas devem ter sido bem fortes para o seu tamanho).

Assim também com os cavalos. Cavalos de pernas curtas, em lugar dos grandes cavalos de galope das tropas militares, eram preferíveis para o nosso trabalho, que consistia principalmente em extensivas patrulhas de longa distância.

As montarias do Exército vindas de além-mar costumavam chegar em bem más condições depois de uma longa e turbulenta viagem marítima, e muitas delas ficavam totalmente esgotadas ao serem enviadas território adentro para o trabalho.

Então, eu oferecia aos Capitães dos navios que traziam os cavalos para a SAC uma libra por cada cavalo que desembarcasse em boas condições. Isso significava uma centena ou duas delas no bolso do Capitão, então era de seu maior interesse ficar abrigado de tempestades, ou abrir as escotilhas de ventilação no calor, e assim por diante; desse modo, nossos cavalos geralmente chagavam a nós em forma de cavalos, não de esqueletos.

Outro aspecto que passava despercebido por algumas das mais altas autoridades era que os cavalos são mais sujeitos a serem afetados

pela altitude que os humanos. A maior parte do nosso trabalho no Transvaal e no Estado Livre de Orange era feita em altitudes de 1200 a 1500 metros ou mais, e forçar cavalos, fragilizados e sem condicionamento pela viagem, para fazer trabalho pesado nessas exigentes altitudes, era rebentar-lhes o coração e matá-los. E realmente, isso os matava às centenas.

Na Força Policial, portanto, alugamos uma fazenda em Natal[525], numa altitude entre seiscentos e mil metros, e ali depositávamos nossa remonta após o desembarque, durante alguns meses, para que os cavalos se aclimatassem, ganhassem condicionamento físico e fossem treinados para fazerem seu trabalho.

Desta forma, quando eles iam a campo, estavam aptos para as exigências que lhes eram feitas, e isso era justo não apenas para os cavalos, mas também para os homens que os cavalgavam.

Mas fomos desonestos o bastante para não mencionar as remontas em nossos relatórios até que estivessem aclimatadas; se assim não fosse, as autoridades do Exército nos ordenariam colocá-las em campo, e com isso em pouco tempo elas seriam sacrificadas.

Unidades da Força Policial, assim que eram consideradas prontas para o serviço, eram emprestadas ao Exército para serem empregadas como unidades combatentes.

A cada semana fornecíamos a Lord Kitchener empréstimos de homens e cavalos disponíveis para o serviço, mas não mencionávamos as remontas. Eu cheguei a tremer uma vez, quando ele fez uma visita de inspeção a uma fazenda de convalescença do Exército que era muito próxima da minha fazenda da remonta em Natal, e eu me senti muito aliviado quando ele achou que minha reserva oculta de montarias era parte daquele estabelecimento do Exército.

Eu não havia percebido que esse nosso plano era conhecido fora do nosso reservado círculo na SAC, mas quando voltei à Inglaterra

[525] Província na costa oriental sul-africana, atualmente chamada KwaZulu-Natal.

tempos depois e fui convocado a ver o Rei Edward[526], uma das primeiras perguntas que Sua Majestade me lançou foi: “Como é que os seus cavalos da Força Policial tinham mortalidade mais baixa que os dos outros?”.

Havia bem pouco que o Rei Edward não soubesse, mas era difícil dizer como ele chegava a saber.

Lembro também que sua primeira questão dirigida a mim naquele dia, quando me apresentei a ele em uniforme de gala, foi: “Suponho que esta seja a primeira vez que você veste esse uniforme como General. Essas esporas são de ouro ou douradas?”. Ele teve grande interesse em saber que eram de ouro, presenteadas a mim pelo povo de Lewisham.

Itens de vestuário tinham notável importância aos seus olhos, e poucos erros nessa linha escapavam à sua atenção.

Táticas de campanha

Como eu já disse, a organização da Força data de 22 de outubro de 1900, devendo estar pronta em meados de 1901; mas requisições urgentes para seu emprego vieram do Comandante-em-Chefe antes do fim de 1900, e o surpreendente foi que fomos capazes de responder, inadequadamente, é claro, mas não sem produzir efeitos.

De fato, em 12 de outubro, quando estávamos constituindo o núcleo da Força, tivemos nosso primeiro engajamento como unidade combatente em campanha. Foi no Passo de Strydom, no Estado Livre de Orange, no qual nossa pequena força saiu-se bem. Seis bôeres foram mortos, incluindo seu comandante, Brand, e dez feridos foram capturados, sendo nossas baixas cinco mortos e quatro feridos.

A Força veio a ser usada de duas formas principais: uma, como colunas móveis atuando em cooperação com unidades regulares; e a outra, construindo e mantendo linhas de casamatas para impedir ao inimigo deslocar-se sobre certas partes do território.

Como um princípio geral para colunas móveis em campanha, adotamos aquilo que denominamos um sistema triangular, isto é, que a coluna era dividida em três unidades, que se moviam através campo em

[526] Edward VII, sucessor da Rainha Victoria, reinou de 1901 até sua morte em 1910.

um dispoositivo triangular, cada grupo distando cerca de uma milha dos outros.

Assim, a formação estava sempre pronta para ataques inimigos de qualquer direção, com a unidade mais próxima do inimigo tomando a ofensiva, e as outras duas de pronto constituindo-se automaticamente em apoio e reserva.

Os bôeres, vendo um grupo a deslocar-se através campo, geralmente preferiam distrair sua atenção com uma ação diversionária (finta) à frente e o ataque principal pela retaguarda. Mas quando tentaram fazer isso ante uma formação triangular, em mais de uma ocasião descobriram-se em aperto, recebendo fogo de alguma das duas unidades de apoio.

Este dispositivo demonstrou seu valor, particularmente em um engajamento, quando o camandante bôer Erasmus sofreu derrota às mãos da SAC, e Lord Kitchener escreveu uma avaliação favorável sobre essa formação e seu uso.

Para manter a linha do território onde era necessário, bolamos uma forma de trincheira que servia como ponto-forte, sem as limitações do tipo de construção geralmente usado.

Era chamada trincheira “Senso Comum” ou “S.C.”, porque seu formato era como o da letra C ou, alternativamente, da letra S – uma longa e profunda trincheira estreita, com dois metros de comprimento para cada homem em sua guarnição[527].

Em cada face eram feitas seteiras largas e baixas, rente ao solo, e toda a trincheira recebia uma cobertura resistente. Era disfarçada da visão de longe por moitas, capim, etc.; cada disparo pelas seteiras acompanhava a superfície do terreno, assim era eficaz tanto de dia quanto à noite; a trincheira não se mostrava como alvo para a Artilharia, e as seteiras, sendo largas e baixas, davam aos defensores um bom raio de visão enquanto os mantinham a salvo de projéteis.

[527] Do desenho, infere-se que, em lugar de “amarrar” uma determinada direção, como numa casamata, o formato de C ou S permitia, alternativamente, responder pelo fogo a ameaças que não viessem apenas da direção escolhida para ser a frente.

Para tornar nossa linha impenetrável, naturalmente tínhamos de empregar inúmeros artifícios improvisados para atender às peculiaridades locais do terreno, mas geralmente nossas trincheiras fortificadas eram agrupadas em triângulos, de forma que se os bôeres passassem por uma delas, ficariam sob fogo das outras duas; emaranhados de arame farpado os detinham em locais inesperados; fortificações fajutas e acampamentos erigidos com barracas vazias davam informações falsas aos seus esculcas[528] durante o dia; armas disparadas por cordéis de tropeço, lanternas acesas, cães de guarda, etc., eram postados a intervalos entre as fortificações.

Artifícios luminosos de alarme eram feitos com maços de capim seco pendurados em postes, que uma sentinela poderia acender de imediato para dar o alarme e também iluminar o inimigo.

Para garantir que as sentinelas estivessem alertas durante a noite, o oficial em comando piscava uma lanterna do seu posto de comando para os postos de vigia, ao que cada sentinela respondia acendendo um fósforo dentro de uma lata de biscoitos, sendo a abertura desta voltada para o posto de comando, enquanto os lados e o fundo evitavam que a luz fosse visível para o inimigo.

Era uma ideia engenhosa, mas não era nova, pois quando Atenas foi sitiada pelos espartanos, Alcibíades costumava verificar se seus sentinelas estavam acordados por meio de um sinal luminoso, ao qual cada sentinela devia responder.

Assim também Sir Frederick Carrington[529], na campanha contra os basutos, na qual os sentinelas avançados eram postados em pontos de difícil acesso entre cristas e ravinas, de acesso impossível a um oficial de serviço durante a noite, fez empregar o mesmo princípio de sinalização.

Como nos garantimos algum transporte

[528] Esculca: batedor, explorador, esclarecedor. *Scout*.

[529] Que foi comandante de B-P na rebelião matabele (1896-97).

Era bem difícil para nós obter o transporte necessário para suprirmos nossa força, uma vez que o Exército naturalmente havia tomado para si todos os animais e veículos de carga no território.

Um dia, Lord Kitchener disse-me que havia conseguido um homem de primeira classe para comandar uma coluna de fazendeiros britânicos e holandeses leais [ao Império]. Acrescentou que seu nome era Colenbrander. Não pude evitar um súbito sorriso. Lord Kitchener notou e perguntou-me a razão do sorriso. Respondi que conhecia bem Colenbrander, mas que era meio esquisito para mim ouvir mencioná-lo pelo seu nome formal, em lugar do seu mais costumeiro apelido de "Collar' em and Brand' em"[530], adquirido graças a um pequeno vício seu de quando achava algum gado extraviado.

Bem, o velho "Collar' em" e sua força vieram a ficar acampados junto à minha coluna da SAC por um tempo. Eu lhe disse que, além de ser um velho amigo, ele não precisava se agoniar com a ideia de pilhar dos nossos animais de transporte, já que praticammente não os tínhamos e estávamos, em verdade, terrivelmente necessitados de qualquer coisa que conseguíssemos obter. Claro que eu não ia mexer nos dele de forma alguma.

Ele entendeu meu argumento e mostrou-se um verdadeiro amigo. Em pouco tempo tínhamos carroças e animais atrelados à farta passados para nossa linha. Eu jamais soubde de onde vieram, nem jamais perguntei. Bastava-me saber que os tínhamos e que estavam marcados como nossos. Portanto, só podiam ser nossos.

Ouvi dizer do velho Colenbrander, apesar de não saber com que grau de veracidade, que quando a guerra terminou, Lord Kitchener autorizou-o a comprar alguns milhares de cavalos do Exército por um preço bem baixo por cabeça, com a condição de que comprasse uma boa quantidade.

---

[530] "Collar them and brand them": "lace-os pelo pescoço (ou ponha-lhes coleira) e marque-os a ferro", indicando que Colenbrander apoderava-se de gado considerado solto e punha-lhes sua marca, baseando-se na ideia de "achado não é roubado".

Quem sabia da condição financeira precária de Colenbrander naquela ocasião ficou imaginando como ele faria para pagar. Ainda assim, tinham confiança que, de um modo ou de outro, uma dificuldadezinha dessas não lhe atrapalharia o caminho.

Ele deu a volta por cima bastante bem. Por grande sorte, veio uma tempestade de granizo, um ou dois dias depois de ele haver colocado seus cavalos do Exército num curral de pasto cercado. Colenbrander apresentou-se desolado ante Lord Kitchener. Uma grande parcela dos cavalos que ele havia comprado, estando em tão pobres condições, sucumbira à tempestade de neve e granizo, e ele estava arruinado, sem os meios para pagar por eles.

Ele implorou piedade para um velho guerreiro no seu infortúnio, e o apelo não foi em vão.

Mas, apesar de relatórios seguintes dizerem que ele fez uma fortuna com os cavalos que sobreviveram (quase todos sobreviveram), acho difícil acreditar nisso.

O espírito triunfa sobre o impossível

Sempre defendi que, se o espírito certo estiver presente, pode-se chutar fora o "im" da palavra "impossível", e isso certamente se provou verdadeiro nos primeiros tempos da SAC.

O espírito dos oficiais e praças era indomável. Em sua maioria mal alimentados, mal vestidos e alojando-se no abrigo que conseguissem improvisar, eles tocaram em frente. Uma vez deparei com um destacamento fazenndo o trabalho de cavar trincheiras sob contínua e pesada chuva, vestidos como vieram ao mundo, de modo a conservar seca sua única muda de roupa.

Um extrato de uma de minhas cartas ao General-Ajudante[531] diz: "Nossos cavalos estão em boa forma, hospital e transporte organizados e funcionando bem. Nossos homens estão vestidos de farrrapos e fazendo um bocado de trabalho realmente pesado, com incursões noturnas e

[531] Chefe do Serviço de Pessoal do Exército.

emboscadas. Não descansam há onze meses, *e ainda assim têm ânimo e entusiasmo pelo serviço em campanha*".

Assim, a despeito de todas essas dificuldades, em junho de 1901 a Força Policial tinha um efetivo de 8.000 homens do contingente final estabelecido de 10.000, montados, equipados, treinados e fazendo serviço efetivo em campo.

Mandado para casa como inválido

Infelizmente, eu mesmo pifei por essa época. Eu havia me empenhado duramente na tarefa todo dia e toda noite desde minha chegada ao território em julho de 1899. Os médicos balançaram suas cabeças sobre mim e disseram que eu tinha que tirar uns meses de licença, e fui mandado de volta para casa. Ao chegar a Southampton fui avisado que havia uma enorme recepção à minha espera em Londres, mas as autoridades estavam atentas; arranjaram para mim um vagão logo junto da máquina e precursores que levaram a correspondência antes da balsa para Londres, e deram ordens ao condutor para parar e desembarcar-me em Woking.

Lá, arranjei as coisas para ficar quietinho junto ao meu irmão oficial dos velhos tempos, o "Garoto" MacLaren, até que eu pudesse escapar para sossegados alojamentos campestres.

Em Balmoral

Pouco depois, arrisquei-me a voltar a Londres e comecei a abrir minha correspondência, no meio da qual outra bomba explodiu sobre mim, na forma de um convite do Comando do Exército para vir imediatamente para passar o fim de semana em Balmoral.

Parti de Londres num trem noturno, via Aberdeen, para Ballater (cuja pronúncia descobri que era "Bahleter").

Logo após minha chegada, o Coronel Davidson, Chefe das Estrebarias Reais, levou-me para um passeio pelos terrenos do Castelo. Ele e eu havíamos viajado juntos para a Índia no *Serapis*, em 1876[532].

[532] Conjecturas deste tradutor: teria Davidson se associado a B-P e "Tommy" Dimond em suas traquinagens a bordo do *Serapis*, como balançar as redes dos outros para fazê-los enjoar (como registrou a Sra Wade em *The Chief*)? Ou teria sido uma das "vítimas" dessa primeira noite?

Depois, naquela tarde, o Rei Edward mandou-me chamar ao seu escritório, onde me fez sentar e mantivemos longa e animada conversa informal.

Após algum tempo, ele tocou uma campainha e ordenou ao serviçal: "Peça à Rainha para vir até aqui". Aos meus ouvidos, parecia algo saído de *Alice no País das Maravilhas*.

Por fim, a Rainha Alexandra entrou, trazendo consigo seu netinho, o atual [1933] Príncipe de Gales[533].

Ajoelhei-me e beijei sua mão, ou pelo menos tentei, mas foi-me dito que conseguir isso era um feito muito raro, já que ela tinha um hábito de recolher a mão no momento crítico, fazendo que o indivíduo beijasse apenas seus próprios dedos, bobamente apresentados. Foi o que aconteceu no meu caso.

O Rei e a Rainha perguntaram-me muitas coisas sobre Mafeking, sobre Lady Sarah Wilson, Ronnie Moncrieff, a atual situação na guerra, o valor das tropas coloniais, e tudo sobre a *South African Constabulary*.

Foi uma conversa longa e muito amigável. Por fim, com algumas poucas palavras particularmente gentis de agradecimento e congratulações, o Rei entregou-me minha condecoração como *Companion of the Bath* e a Medalha da Guerra Sul-Africana, e disse-me que eu deveria ficar para um feriado de uns dois dias em Balmoral.

E também, quando eu estava deixando o Castelo dois dias depois, o Rei veio ao hall para ver minha partida, e presenteou-me com uma bengala como suvenir.

Então, chamando-me de lado, ele começou a falar numa voz séria, que naquele momento mandou meu coração para dentro das botas, e disse: "Preciso falar seriamente com você. Observei você nas refeições e notei que você não come o suficiente. Quando se trabalha tanto como você, é preciso cuidar do organismo. Estou enviando com você um pouco de carne de cervo para tentá-lo a comer mais. Não esqueça – coma mais".

---

[533] À época em que B-P escreve, o Rei é George V. Em janeiro de 1936, esse netinho, já com 41 anos de idade, se tornaria o Rei Edward VIII (1894-1972), e abdicaria em dezembro desse ano, sendo sucedido pelo irmão, George VI (1895-1952), pai da Rainha Elizabeth II (1926-2022), que foi *Girl Guide*.

E com um lampejo genial no olho, ele riu, e calorosamente apertamos as mãos.

Raramente conheci anfitrião mais alegre ou mais gentil. Um dia ou dois mais tarde, escrevi ao Cel Davidson privadamente para contar-lhe isso, e ele foi e mostrou minha carta ao Rei e à Rainha!

Viajei durante aquele dia e noite para a Cornualha, a fim de ficar com uns amigos em Fowey. Na noite seguinte, um deles disse: "Você não tocaria algo para nós no seu violino?".

"Violino? Não possuo tal coisa".

"Possui, sim. Nós o vimos chegar com sua bagagem".

Subi ao meu quarto para olhar e lá, embaixo da minha cama, estava uma bela caixinha parecida com uma maleta de violino, contendo o farnel de anca de cervo dado pelo Rei.

De volta à África do Sul

Por fim, os médicos consideraram-me novamente apto para o serviço e, apesar de ainda não ter expirado meu prazo de licença médica, eu estava de volta à África do Sul no final do ano (1901).

Ao chegar a Johannesburgo, constatei que o Quartel-General da SAC estava agora estabelecido de forma permanente naquela cidade. Escrevi para casa, dizendo: "É bom estar de volta ao trabalho. Nós (a SAC) somos agora uma espécie de potência na região, e estamos fazendo um excelente serviço em todas as direções".

Tínhamos tantos casos de bravura individual entre oficiais e praças que era difícil obter reconhecimento adequado para todos pelas autoridades do Exército, especialmente porque havia tantos casos em que eles não eram regularmente vinculados a unidades do Exército. Então, apesar de termos três VCs e um considerável número de DSOs e DCMs[534] outorgadas a membros da SAC, considerei desejável instituir nossa própria Medalha de Bravura, e esta passou a ser uma condecoração altamente valorizada na Força.

[534] Victoria Cross, Distinguished Service Order e Distinguished Conduct Medal: condecorações militares britânicas.

Falando em VCs, temos dois “recordes” na SAC entre os oficiais, a saber, o Major Martin Leake, VC, que conquistou uma segunda Victoria Cross na Grande Guerra, e o General-de-Brigada E. Wood, DSO, a quem foi posteriormente outorgada a DSO em três outras ocasiões durante a Grande Guerra[535].

Nos nossos primeiros dezoito meses de existência, tivemos frequentes escaramuças com os bôeres, tanto que, pelos começos de fevereiro de 1902, eles haviam perdido por nossas mãos: 93 mortos, 117 feridos, 543 capturados, 154 rendidos, 3.578 cavalos, 248 muares, 910 bois de carro, 184 carroças, etc.

Nossas novas responsabilidades

Nosso trabalho como força militar chegou ao fim em 7 de junho de 1902, quando se fez a paz com os bôeres em Vereeniging.

A SAC foi de imediato liberada de suas missões militares, para assumir aquelas de policiamento civil. Uns dez dias depois, Lord Kitchener deixou a África do Sul rumo à Inglaterra, mas antes de partir ele enviou pelo telégrafo seu “caloroso reconhecimento à boa conduta, resistência e bravura pelas quais a SAC se destacou. Oficiais e praças suportaram adversidades, isolamento e perigo, com entusiasmo e bom humor, e mereceram a afeição e respeito das demais Forças. A SAC tem agora a grande e nobre missão de ser para os habitantes um expoente do caráter britânico, e Lord Kitchener não podia deixar o bom nome de nossa nação em melhores mãos”.

A pacificação de nossos até então inimigos era, sem dúvida, uma tarefa da mais alta importância, e não era das mais fáceis.

De fato, cheguei até a ousar sugerir a Sua Excelência que a alguns dos líderes bôeres, principalmente Botha, Smuts, Delarey e De Wet, poderiam ser oferecidas comissões na Força Policial, sendo a ideia de que com isso eles sentiriam não perder relevância perante seu povo, e seriam ainda mais leais ao novo regime e menos inclinados a aceitar tentadoras

[535] Usualmente, quando uma condecoração é concedida novamente (ou seja, por ação similar à que valeu a primeira outorga), ela recebe uma palma, barra ou equivalente. Exceto no caso da VC.

ofertas que lhes vinham sendo feitas por sensacionalistas inescrupulosos na Metrópole, para que viessem dar palestras na Europa[536].

Pelo longo tempo de conhecimento, eu tinha apreço e grande admiração pelo bôer médio. Ele estava agora intensamente suspeitoso e esperto, e suas mulheres, duas vezes mais; ele ainda estava cheio de uma apreensão muito natural quanto a quão longe poderíamos ir em matéria de represálias e vingança, uma vez que o tivéssemos desarmado. Ele tinha um certo senso de dignidade própria que se ressentiria de qualquer familiaridade.

Ao mesmo tempo, qualquer sinal de nossa parte visto como busca de agradá-lo seria interpretado como fraqueza, e ele começaria a fazer presunções em cima disso. Então, tínhamos de ser poderosamente jeitosos e exibir um firme senso de justiça e dever, aliado à compreensão humana.

Bem, era naturalmente óbvio para todos que essa era a melhor linha de ação a adotar, mas colocar isso realmente em prática por meio de nossos policiais, agindo individualmente, cada um em seu próprio passo, era um tanto problemático.

Ao transmitir minhas ordens à Força para suas novas missões, citei o conhecido discurso de Abe Lincoln[537] ao término da Guerra Civil Americana[538], já que suas palavras se encaixavam bem na situação presente:

"Sem malícia para com ninguém, com caridade para todos, com firmeza no que é certo, e Deus nos ajude a ver o que é certo, terminemos o trabalho em que nos empenhamos; para pôr curativos nas feridas da nação, para cuidar daquele que arcou com o peso da batalha, e de sua viúva e seus órfãos, para fazer tudo aquilo que permita alcançar e

[536] Além das tentadoras ofertas que os bôeres receberam, ainda durante a guerra, de apoio (diplomático e militar) de "potências amigas" – a saber, a Alemanha de Wilhelm II, que acabou recuando ante o risco de deflagrar uma grande guerra; esta só viria em 1914.

[537] Abraham Lincoln (1809-1865), presidente dos Estados Unidos de março de 1861 até seu assassinato em 14 de abril de 1865, assinou a emancipação dos escravos.

[538] Logo após a rendição dos sulistas em Appomattox, 9 de abril de 1865.

preservar uma paz justa e duradoura entre nós mesmos e para com todas as nações".

Os homens responderam nobremente à ocasião e, cuidadosamente instruídos por seus oficiais, despojaram-se do seu ódio guerreiro e assumiram seu papel de pacificadores bem-dispostos, com uma adaptabilidade que me arrisco a crer ser essencialmente britânica.

Como Sir John Fortescue[539] escreveu em *The Empire and the Army*: "Não é apenas com chumbo e aço que o soldado britânico consolidou o Império. Ele sabe como fazer a guerra quando lhe é exigido, mas sabe também como fazer a paz... Ele domina aquela linguagem universal que emerge da simples boa natureza e da gentileza do coração".

Os próprios *burghers*[540] haviam se dividido em facções que amargamente combatiam umas às outras, entre aqueles que se renderam e aqueles que resistiram até o fim.

Os nativos, como eu já disse, ansiavam por obter butim onde pudessem. Aventureiros brancos e maus-caracteres de várias nacionalidades estavam se aproveitando da condição intranquila do território, e as invasões de terras e roubos de gado eram empreendidas em larga escala.

O comércio ilegal de bebidas alcoólicas e o contrabando de armas prosseguiam, e gafanhotos estavam devastando as fracas colheitas.

Assim, as demandas que recaíam sobre a SAC eram muitas, variadas e urgentes.

Mas tanto os oficiais quanto os praças iniciaram o cumprimento de suas missões com entusiasmo e determinação, e em breve tinham esses vários males sob controle.

Um exemplo notável dessa prontidão e versatilidade ocorreu no início de nossa carreira nas funções de polícia, quando houve uma corrida ao ouro nos campos auríferos de Lataba. O Cel Steele,

---

[539] John William Fortescue (1859-1933), historiador militar britânico

[540] Genericamente, "cidadão"; no caso da África do Sul da época, bôeres não pertencentes ao exército regular.

comandando a Divisão B, tinha experiência de corridas ao ouro no Klondyke, portanto conseguiu deter este tumulto com o estabelecimento de um posto policial no próprio local, com um escritório de registro e normas elaboradas para regulamentar a corrida quando o fluxo chegou lá poucos dias depois.

Pouco depois, chegou uma ordem urgente do Alto Comissário para que enviássemos policiais para o local; e quando foi descoberto que já havíamos tomado todas as providências em antecipação e com um fundamento bem pragmático, recebemos muito cordiais agradecimentos do Departamento de Mineração.

Nas nossas ordenações, pus uma nota no sentido de que os membros da Força Policial, se locados nos distritos, deveriam buscar e identificar todas as sepulturas de homens mortos na guerra [Anglo-Bôer] e restaurá-las, e ter como parte de suas missões mantê-las em boa conservação.

Deveriam fazer isso não apenas para os britânicos mortos, mas também "para nossos antes inimigos, os bôeres, que tombaram lutando corajosamente por sua causa e que igualmente merecem nosso respeito".

O Cel Steele, Comandante da Divisão B, era um canadense, e uma grande personalidade. Ele subiu na hierarquia desde praça até tornar-se Comandante da Real Polícia Montada do Noroeste. Ele tinha feito um árduo trabalho com muitas excitantes experiências no território do Yukon.

Após a Guerra Bôer, visitei-o no Canadá, e, mostrando-me as ruínas do Forte Garry em Winnipeg, ele relatou que estava de sentinela do portão quando o Coronel Garnet Wolseley chegou para conferenciar com Mr Smith, administrador da Hudson Bay Company no forte. Esse Mr Smith mais tarde veio a ser conhecido como Lord Strathcona[541].

Era a época da Rebelião de Riel[542]. Correu a história de que, quando Riel finalmente subiu ao patíbulo para ser enforcado, discursou para a

[541] Portanto, o futuro Comandante do Exército britânico e o futuro Alto Comissário do Canadá.

[542] Rebelião de Red River, no Canadá, ocorrida em 1869-70. Louis "David" Riel tentou separar as terras de Manitoba da recém-criada Confederação do Canadá. A expedição comandada por Wolseley fez que

multidão dizendo que, apesar de ser enforcado, ele, como Cristo, se ergueria novamente três dias após ser sepultado e os guiaria para renovar a revolução.

O policial encarregado da execução pronunciou-se depois dele, e recordou aos ouvintes que, no caso aludido, eram soldados romanos que montavam guarda, mas que nesta ocasião era a Real Polícia Montada do Noroeste que o fazia, e que Riel *não* se levantaria novamente. De fato, ele não o fez.

Quanto aos homens da SAC, uma autoridade bem qualificada para julgar disse que eles constituíam "a melhor unidade de tal efetivo que o mundo já viu", e eu bem pude acreditar nessa pessoa. Todos os homens eram altamente selecionados, e os vadios eram dispensados sem piedade (cheguei a excluir onze oficiais e trezentos praças de uma tacada só, mandando-os de volta para casa).

Quase dois milhares dos homens eram oriundos de escolas públicas[543]. Com um pessoal dessa categoria, era possível fazê-los comprometerem-se por sua honra e confiar neles para cumprir suas missões em seus dispersos postos avançados.

As promoções aconteciam, ao máximo possível, por mérito. Estabelecemos um sistema pelo qual um bom policial ou graduado podia ascender até o oficialato na Força. O candidato tinha de passar por uma

Riel buscasse refúgio nos Estados Unidos. Voltou ao Canadá em 1885, liderando a Rebelião do Noroeste, sendo preso, julgado, condenado e executado.

[543] A consideração sobre os atributos da área afetiva desenvolvidos nas escolas britânicas encontra, como mais notória referência, a frase atribuída ao Duque de Wellington: "A batalha de Waterloo foi vencida nos campos esportivos de Eton", significando que a vida comunal e a prática desportiva nas escolas desenvolvia nos rapazes atributos de lealdade, tenacidade, coragem, espírito de corpo.

prova de procedimentos padrão[544] e deveres no campo, economia do interior[545], equitação, e regulamentos policiais.

Então, ele se tornava um oficial em estágio probatório, com o título de *Cornet*[546]. Ele era agregado a quatro diferentes Esquadrões sucessivamente, por um período de três meses em cada um.

Ao término do ano, ele tinha de passar por um exame mais aprofundado em devres policiais, conhecimento de veterinária, registros documentais e contabilidade, etc.

Um relatório sobre ele tinha de ser feito por cada um dos quatro Comandantes de Esquadrão sob cujas ordens ele tivesse servido, e cada um tinha de dizer se gostaria ou não de tê-lo designado permanentemente para seu Esquadrão. Se tudo fosse satisfatório, o *Cornet* tornava-se então apto para ser promovido a Tenente.

O Rei Edward e a África do Sul

Após fazer-se a paz, formulou-se a pergunta, que desde então vem sendo frequentemente feita, se, de modo a fazer justiça a todas as partes, os britânicos não teriam sido um tanto prematuros em transferir o governo do território para mãos pouco experimentadas.

O Rei Edward, simpático mas dotado de visão de longo prazo, disse em1906, quando Winston Churchill explicou as propostas de Campbell-Bannerman[547] para o autogoverno na África do Sul, que “esperava que as

---

[544] A expressão inglesa *drill* pode significar tanto a ordem unida como sequências padronizadas de procedimentos (aliás, a ordem unida é uma vertente dessas sequências) – por exemplo, o *drill* de inspeção primária no atendimento pré-hospitalar, ou o *drill* para pôr o cavalo em apronto para a missão, ou o *drill* de combate a incêndio. Na dúvida, o tradutor optou por usar o entendimento mais abrangente, por ver, dos escritos de B-P, que ele preferia que a ordem unida se reduzisse ao mínimo necessário – portanto, apesar de ser conhecimento básico numa corporação militar ou paramilitar (como a SAC), é de menor relevância para o cumprimento de missões distantes em campo, onde as habilidades de sobrevivência contam muito mais.

[545] Para conhecer o que gerava a subsistência dos habitantes das regiões afastadas.

[546] *Cornet* é “corneta”; apesar de B-P usar esse termo, pode-se suspeitar que tenha querido dizer *Coronet*, que, sendo uma pequena coroa (diadema), faria mais sentido como símbolo para um aspirante a oficial a serviço do Império. Pois os corneteiros, em geral, são praças (Cabos ou Soldados).

[547] Henry Campbell-Bannerman (1836-1908), Primeiro-Ministro britânico de 1905 a 1908.

apaixonadas esperanças de Churchill de sucesso se realizassem, mas rogava-lhe lembrar que era um território recém-conquistado, e não uma colônia longamente estabelecida buscando o autogoverno, e ele achava um pouco arriscado para a supremacia britânica conceder prematuramente o autogoverno".

"No que isso vai dar?", prosseguiu Sua Majestade, profeticamente. "Serão os britânicos ou os bôeres a ter a maioria?".

Ele pressionou Churchill a pôr o país antes que o partido na decisão desses assuntos.

Quando Mr Asquith[548] propôs Lord Gladstone[549] para suceder Lord Selborne[550] como Alto Comissário, o Rei Edward escreveu: "Não há ninguém melhor? Os líderes na África do Sul foram consultados?".

Em 19 de outubro de 1907, o Governo do Transvaal ofereceu ao Rei Edward o diamante Cullinan[551] "como penhor da lealdade e vínculo do povo do Transvaal à pessoa de Sua Majestade e ao Trono".

Quanta diferença teria sido feita na história da África do Sul se o Rei tivesse podido fazer uma visita pessoal ao território!

O trabalho da Força Policial recebe reconhecimento

Mr Chamberlain, Secretário de Estado para as Colônias [Ministro das Colônias], referiu-se em elevados termos à SAC na Câmara dos Comuns, em 1903. Ele disse:

> Atribuo extrema importância à *South African Constabulary* como uma grande influência civilizadora e unificadora. Pode ter sido considerada no passado exclusivamente por sua capacidade militar, e de fato ela se distinguiu na guerra sob comando militar, e algumas das mais corajosas pequenas ações da guerra conferiram o maior crédito a essa Força.

---

[548] Herbert Asquith (1852-1928), Primeiro-Ministro britânico de 1908 a 1916.

[549] Herbert John Gladstone (1854-1930), estadista britânico.

[550] William Waldegrave Palmer (1859-1942), político britânico.

[551] Descoberto em janeiro de 1905; o maior diamante já encontrado, pesando aproximadamente 621 g. recebeu o nome em homenagem a Thomas Cullinan, dono da mina Premier, de onde foi extraído.

Depois ele explicou quão difícil era levar um novo governo central ao contato direto com as populações do fundo do *veldt*, mas que por meio da ação da SAC, contatos simpáticos haviam sido conseguidos.

"Repetidas vezes", disse ele,

> eu descobria, ao conversar com os policiais, e com os fazendeiros também, que aqueles, aprendendo a língua do país, iam se tornando amigos da população, eram bem-vindos em cada casa de fazenda, prestavam pequenos serviços aos moradores, levavam cartas e encomendas, davam informações e resolviam disputas. Tanto era assim, que recebi uma séria queixa de um Juiz Residente, que seu trabalho estava quase se tornando uma sinecura em consequência da ação de um Sargento da SAC, que estava pacificando todas as dificuldades sem precisar trazer-lhas (risos). Posso simpatizar com o Magistrado, mas sou forçado a dizer que não posso deixar de expressar minha inteira aprovação à ação desse Sargento da Força Policial.

Deixo a Força Policial

Minha própria ligação com a Força chegou a um súbito fim no começo de 1903.

Recebi o anúncio de ter sido designado Inspetor-Geral de Cavalaria para a Grã-Bretanha e a Irlanda.

Aí estava outra bomba! Uma promoção que eu nunca esperara, especialmente considerando que eu já estava empregado em serviço ativo na África do Sul.

Imediatamente, pus-me à disposição de Lord Milner, dado que eu estava servindo sob suas ordens, para verificar se eu deveria aceitar essa designação ou não.

Ele respondeu muito generosamente, mostrando que tal designação era, como ele assim a chamou, a "Faixa Azul[552]" da Cavalaria, e, como a SAC estava agora funcionando muito bem, eu poderia aceitá-la com a consciência limpa.

---

[552] Significa "a mais cobiçada", "a de maior prestígio".

Com sentimentos misturados de entusiasmo e pesar, aceitei. Fiz um circuito de despedida de minhas Divisões e, por fim, entreguei o Comando da SAC ao coronel Nicholson.

Foi só então que percebi quão difícil era alguém separar-se de sua própria criação, mas minha tristeza era temperada pelos gentis cumprimentos que recebi, não apenas da Força Policial, mas também de amigos, tanto civis quanto militares, tanto britânicos quanto bôeres.

Como consolo, recebi um maravilhoso elogio de Lord Milner, escrito de próprio punho, à eficiência e valor da Força, e também um muito elevado reconhecimento da parte de sir Arthur Lawley, Governador do Transvaal.

O fim da SAC

As pessoas na Metrópole pouco souberam do que a força Policial fez pelo Império na África do Sul e, infelizmente, pouco se importaram. Poucos anos depois, quando o território foi passado incondicionalmente para ser governado por políticos locais, a Força foi reduzida, e oficiais e praças foram expelidos das fileiras para "se virarem na vida", sem nenhuma ajuda ou simpatia da Metrópole.

Fazia uns cinco anos que eu havia deixado a Força quando isso aconteceu, e deles eu recebi um patético telegrama de despedida: "*Morituri te salutamus*" ("Nós, que vamos morrer, o saudamos") – ao qual respondi: "*Phoenix ex cineribus resurgat*" ("Que a fênix se reerga das cinzas"), com a fraca esperança de que a Força pudesse ser de alguma forma reorganizada.

Isso veio a acontecer muito parcialmente, mas com um grande acesso de oficiais de origem holandesa no lugar dos que foram dispensados.

De qualquer modo, a Polícia Sul-Africana, como é agora conhecida, e como eu a vi no ano passado, é um excelente corpo construído sobre o que restou das tradições da SAC. Portanto, até certo ponto, ela ressurgiu.

Em muitas partes do Canadá, África, Austrália e Grã-Bretanha, existem Associações da SAC, que congregam os ex-membros da Força e

que se reúnem anualmente em 22 de outubro, para trocar reminiscências e preservar o velho espírito de lealdade e boa camaradagem.

Quando chegou a Grande Guerra, eu me ofereci para reunir os antigos oficiais e praças da SAC para constituir um regimento, completo com suas reservas e unido pelo espírito e pela tradição, e acostumado ao serviço em campanha.

Lord Kitchener considerou a ideia com muita simpatia, mas acabou por descartá-la. Ele considerava que esses homens seriam muito mais valiosos se fossem distribuídos como um fermento entre os soldados mais jovens, nos diferentes batalhões que estavam sendo constituídos.

CAPÍTULO IX
INSPETOR-GERAL DA CAVALARIA

Foi com enorme desconfiança que encarei a provação de assumir essa "Faixa Azul" do serviço na Cavalaria, que implicava, como de fato aconteceu, responsabilidade pela eficiência da Cavalaria, tanto do Exército regular quanto da força Territorial na Grã-Bretanha e na Irlanda, bem como da Cavalaria no Egito e na África do Sul.

Uma missão bem grande!

Meu primeiro passo, ao assumir meus deveres, foi *educar a mim mesmo* tão vastamente quanto possível nos mais atualizados métodos de emprego da Cavalaria[553].

Com esse intento, primeiramente visitei, pessoalmente, as Escolas de Cavalaria da França, Alemanha, Áustria, Bélgica, Itália e Estados Unidos; depois, as manobras de Cavalaria na França, Alemanha e Itália, de modo a ver os resultados de seu treinamento aplicado na realidade do campo em grande escala.

ESCOLAS DE CAVALARIA

Quando visitei a Escola de Cavalaria em Saumur, na França, fiquei espantado com o bom treinamento versátil que se dava lá aos oficiais de Cavalaria.

Não se restringia meramente à equitação, conhecimento veterinário e administração dos cavalos, como usual em outras Escolas de Cavalaria, mas incluía reconhecimento, engenharia de campanha, história militar, táticas e estratégia.

[553] Lembrando que, como explicado em nota anterior, B-P não foi aprovado no concurso para a Escola de Estado-Maior e, em consequência, não fez esse curso; então, para familiarizar-se com esses conhecimentos do generalato na alta administração do Exército, precisou "papirar (estudar)" – e muito – por conta própria.

O treinamento em Saumur era tão prático, que acabamos obtendo autorização para enviar um ou dois dos nossos oficiais para serem treinados lá[554].

Na Alemanha, passei um período interessantíssimo na Escola de Cavalaria, em Hanover. Aqui, por ordem do *Kaiser*, eles mantinham uma matilha de cães de caça como parte da equipagem. Como não havia raposas nessa parte do país, informaram-me que eles eram usados para caçar porcos.

O *KAISER*

Em Darmstadt, quando eu entrava em meu vagão, no trem especial que nos levaria às manobras, uma voz atrás de mim chamou-me pelo nome, sem nenhum prefixo (título), e com uma boa pronúncia de inglês, e fiz meia-volta, dando de cara com o *Kaiser*. Ele estava genial, cheio de ditos sábios, fazendo-me muitas questões sobre temas ligados à Cavalaria, e nunca deixando de cobrir minhas respostas com alguma crítica superior – e, às vezes, isso não vinha mal.

PASSOS PARA O DESENVOLVIMENTO

Após visitar a maioria das Cavalarias da Europa e América, convoquei uma Conferência de Oficiais sobre os passos para o desenvolvimento que eu propunha para nossa Cavalaria. Recebi opiniões favoráveis do Duque de Connaught, de Sir Evelyn Wood, Lord French e Lord Chesham (representando os Territoriais). Também do Cel Rimington (Inniskilling Dragoons), Cel Lumley (11º de Hussardos) e Cel Fowley (21º de Lanceiros), todos aprovando de modo geral as ideias apresentadas.

Estas ideias incluíam itens como:

Um: atribuição de responsabilidades aos oficiais subalternos, desejável sob as novas condições de trabalho.

Dois: pequenos grupos permanentes dentro da Tropa [subdivisão do Esquadrão], para atribuição de responsabilidades e eficiência.

Três: formação em fileira única.

---

[554] O intercâmbio de alunos em escolas de formação/aperfeiçoamento/especialização é prática usual entre Forças Armadas de nações amigas. Este tradutor, sendo brasileiro, fez um curso de "topo de carreira" no Exército dos Estados Unidos, em 1999-2000.

Quatro: formação triangular em duplo escalão, como princípio geral, mas não como regra inflexível.

Cinco: Escola de Cavalaria para treinar os oficiais na equitação, reconhecimento, etc.

Seis: sinais manuais em acréscimo aos toques de clarim e às vozes de comando, para coordenar os movimentos.

Sete: Esclarecedores (*Scouts*) qualificados para comporem um núcleo permanente sob um oficial qualificado como Esclarecedor.

Domínio do cavalo

A Guerra dos Bôeres, com seus aterradores índices de baixas em equinos, bem poderia ter-nos levado a pensar se os britânicos, afinal, eram mesmo os melhores manejadores de cavalos do mundo.

Tem havido algumas dúvidas sobre isso, mesmo nos dias da Guerra Peninsular, quando, enquanto os animais da Cavalaria britânica eram levados à exaustão, os dos nossos aliados hanoverianos conseguiam ser mantidos em boas condições.

Era uma questão de fé, ou de tradição, considerar que nós, britânicos, éramos, *par excellence*, uma nação de cavaleiros, mas nem sempre a tradição é lá muito confiável.

Muito antes de haver alcançado os postos de Oficial Superior [Major, Tenente-Coronel, Coronel], eu já vinha estudando publicações de Cavalaria de outros países. Eu recebia *La Revue de Cavalerie* e era membro honorário da Associação da Cavalaria de Fort Leavenworth, nos Estados Unidos. Não tínhamos nenhuma publicação de Cavalaria na Grã-Bretanha.

Além disso, eu havia presenciado a execução de percursos longos no Continente [Europeu]. Apesar de toda a nossa experiência na África do Sul, não tínhamos como competir com os estrangeiros nesta prática[555].

[555] Do que aqui é dito, depreende-se que, por situar-se a Grã-Bretanha numa ilha, B-P considera que tentar fazer ali treinamento de longos percursos seria algo como querer fazer uma maratona (42 km) numa pista de corrida dentro de um estádio (400 m).

Equitação, como então a entendíamos, significava a capacidade de manter-se colado no dorso de um cavalo. Não incluía, como deveria, o domínio sobre o cavalo.

O mestre de equitação daqueles tempos usualmente era mais um "durão" do que um cavaleiro, e ele treinava tanto seus homens quanto seus cavalos muito calcado nessa mesma linha, a saber, levando-os ao ponto de ruptura pelo que hoje se poderia chamar métodos bastante duros e regras arbitrárias.

Não lhe importava se um oficial recém-incorporado fosse um dos mais promissores jogadores de polo do Regimento, ou um cavaleiro caçador de raposas; suas observações para ele invariavelmente seriam: "Alongue os estribos três furos, abaixe os calcanhares e sente-se ereto como um soldado. Não suporto vê-lo sentado como uma maldita galinha choca".

Mudamos tudo isso. Um resultado do aperfeiçoamento então introduzido no treinamento do domínio do cavalo seria visto na Grande Guerra, quando o trabalho da Cavalaria, na Palestina por exemplo, em comparação com aquele de que éramos capazes na África do Sul alguns anos antes, mostrou uma maravilhosa evolução.

Naquele território desprovido de água, os cavalos das três divisões hipomóveis marcharam setenta e duas horas sem receberem água após a terceira batalha de Gaza, e ainda estavam capazes de serem empregados.

Os Territoriais (Yeomanry) de Lincolnshire deslocaram-se por oitenta e quatro horas sem água; os Territoriais de Dorset percorreram sessenta milhas (96 km) em cinquenta e cinco horas sem água. Nas operações finais, a 5ª Divisão de Cavalaria cobriu 550 milhas (880 km) em 38 dias.

Domínio do homem

O cavalariano é de pouca serventia sem seu cavalo, posto que o domínio do cavalo é parte integral de ser cavalariano. Mas igualmente o cavalo é de pouca serventia sem seu humano, daí ser o domínio do homem essencial para os oficiais, como descrito no Capítulo VII.

Até então, havíamos quase exagerado o valor de termos cavalos em boas condições ao ponto de negligenciar o de termos homens igualmente em boas condições para cavalgá-los. Entretanto, o domínio do homem é comparativamente mais fácil, sob o predominante espírito de camaradagem que permeia a Cavalaria.

A camaradagem entre oficiais e praças é forte, graças ao seu interesse esportivo comum sobre o cavalo. Assim, quando finalmente demos início à Escola de Cavalaria, ela se tornou não meramente uma escola de equitação, não meramente uma escola de montaria, mas também de difusão daquela energia impulsionadora da equipe que constitui o "Espírito da Cavalaria".

Tal espírito é valioso, não apenas para os militares dessa especialização, mas para todo o Exército. Cheguei à constatação desse fato ao conversar com o Rei Albert da Bélgica[556] após a Grande Guerra, quando, ao comentar sobre a redução dos Regimentos de Cavalaria em nosso Exército[557], ele disse que, no Exército belga, manteve a Cavalaria com efetivo pleno, a despeito das críticas quanto ao seu valor na guerra moderna[558], e a despeito de sua indubitável despesa, unicamente pela razão de ser ela o lugar onde se cultiva o espírito de luta para todo o Exército.

Pessoalmente, sinto que a Cavalaria tem um valor adicional por suprir não apenas o espírito agressivo, mas também aqueles valores de

---

[556] Albert I (1875-1934), coroado em 1909. Assumiu o comando do Exército belga na defesa de seu país contra a invasão alemã de 1914, ficando também conhecido como "o Rei Cavaleiro". Permaneceu em La Panne (atual De Panne), próximo ao *front*, durante toda a Grande Guerra.

[557] Um exemplo bem próximo de B-P foi que, em 1922, o seu velho 13º de Hussardos foi amalgamado com o 18º, tornando-se o 13º/18º Regimento de Hussardos – o qual, após a morte de B-P e já totalmente dotado de viaturas blindadas, tomaria parte, por exemplo, no desembarque na Normandia (Operação Overlord) em 06 de junho de 1944.

[558] O uso de metralhadoras, com seu grande volume de fogo, passou a tornar cargas de Cavalaria hipomóvel, em campo aberto, ações verdadeiramente suicidas – algo que as potências imperiais, particularmente a Grã-Bretanha, deveriam ter aprendido da repressão às rebeliões coloniais, especialmente na Rebelião dos Dervixes, no Sudão (1884-1898). Superar os obstáculos da *no man's land*, enfrentar vantajosamente ninhos de metralhadoras e prover apoio de fogo aproximado como "Artilharia móvel" eram alguns dos propósitos que levaram à introdução do *tank* em 1916.

lealdade e patriotismo, e é nesse aspecto que vejo o Exército como uma escola de valor inestimável para a nação, para inculcar o espírito correto na flor da nossa juventude.

Amenidades do Ministério da Guerra

Nestas notas, pareço estar de birra com o Ministério da Guerra. Estou certo de que os que lá trabalham hoje não terão para comigo nenhuma má vontade pelas minhas críticas, pois estas não se dirigem a eles, mas a seus predecessores de muito tempo atrás.

Agora as coisas são bem diferentes.

Mas mesmo naqueles dias, os potentados que então lá estavam receberam meus ataques afavelmente – considerando tudo.

Em mais de uma ocasião, descobri que a correspondência oficial[559] não dava tanto bom retorno quanto um sorriso. Por exemplo, quando comandei uma Divisão de Territoriais[560], foi emitida uma Ordem ao Exército no sentido de cada Batalhão dever ser provido de duas metralhadoras[561] e da equipagem de cavalos para tracioná-las.

As armas foram fornecidas, e com elas belos cavalos. Mas os arreios necessários para juntar os dois não foram previstos. Assim, as armas permaneceram, estúpidas e ociosas, por semanas, enquanto os cavalos em seus estábulos enchiam a pança de toneladas de forragem do governo. "Mas jamais a dupla se haveria de juntar[562]".

---

[559] Partes, memorandos e ofícios. A parte é um documento pelo qual o subordinado se dirige ao superior na mesma organização militar; o memorando é um documento que vai do superior para os subordinados; e o ofício circula entre entes administrativos diferentes.

[560] Em 1907, B-P foi promovido a Lieutenant-General, deixou o cargo de Inspetor-Geral da Cavalaria e foi designado para comandar a Divisão Northumberland de Territoriais.

[561] No fim do século XIX e começo do XX, as metralhadoras em geral ainda eram movidas sobre carretinhas.

[562] No original: "*But never the twain did meet*". B-P parafraseou um trecho famoso de Kipling, da *Ballad of East and West*, de 1892: "*Oh, East is East, and West is West, and never the twain shall meet*" (www.wikipedia.org); como expressão na língua inglesa, significa que duas coisas (como o Oriente e o Ocidente) são tão diferentes que jamais teriam algo em comum.

Escrevi para o Ministério da Guerra vez após outra, implorando por pelo menos um pedacinho de arreio. Acusava-se o recebimento, mas nenhuma ação era tomada. E o tempo passava, sem resultado.

Um dia, tive uma ideia brilhante. Escrevi ao Ministério solicitando que cancelassem meus requerimentos anteriores, e dizendo que havia entendido o que eles queriam dizer ao considerar o arreamento desnecessário. Eu agora estava treinando os cavalos para darem marcha à ré para empurrar as armas com as ancas de modo a pô-las em ação, como no desenho anexo.

Isso funcionou. O desenho gerou um pouco de diversão nos altos escalões e rodou o Ministério, até instigar alguém a perguntar se essa ideia fundava-se em fatos e se realmente não tínhamos arreios.

Assim, não demorou muito para que o departamento encarregado do arreamento, que até então não recebera atenção, recebesse convocação oficial para cooperar e enviar-nos o que nos faltava.

Inspeções

Até eu ser designado para o cargo, o Inspetor-Geral da Cavalaria sempre cumprira seus encargos de uma forma cavalheiresca. Ele enviava o devido aviso meses antes a cada Regimento, para informar a data em que faria sua inspeção anual da unidade, dando toda a programação daquilo que pretendia ver cada Esquadrão fazer, e determinando que todos os oficiais deveriam estar presentes para a inspeção.

Deste modo, cada um sabia o que era esperado que fizesse, e cada Esquadrão punha-se ao trabalho para praticar aquele item específico das tarefas militares no qual seria examinado. De fato, a coisa tinha virado uma espécie de jogo.

O Esquadrão tinha de sair-se com perfeição no assunto designado e o Inspetor-Geral tinha de descobrir falhas nele. Se ele conseguisse, vencia – se não, o Regimento vencia.

Bem, quando eu era Capitão, eu havia percebido essa situação e descobri também que era de bom-tom deixar o Inspetor-Geral ganhar; assim, tendo sido avisado que meus estábulos seriam inspecionados, fiz que tudo estivesse limpo como novo, trançados de palha para baixo,

cavalos abastecidos com água alguns minutos antes da chegada do General (para deixá-los roliços), etc., etc. Tudo que envolvesse lustrar e polir foi feito; as apostas pareciam todas a favor da vitória do Esquadrão.

Mas cuidei para que assim não fosse. Uma lanterna de um estábulo foi deixada, pendurada, cheia de teias de aranha, empoeirada e imunda.

O Inspetor-Geral percorreu as instalações, fuçando à procura de falhas sem encontrar nehuma, e ficando cada vez mais inquieto por ver suas chances de vitória diminuírem, cada oficial e praça na ponta dos pés de ansiedade.

Ele já havia quase terminado de atravessar o estábulo quando seu olhar caiu sobre a lanterna. Então veio a explosão. “Bom Deus, que é aquilo? Raios, homem” – e daí por diante. Então, sob um bom fluxo de imprecações, sua ira gradualmente foi cedendo, ante a percepção de que ele vencera, e seu tom mudou para o do benevolente vencedor.

“É uma pena, meu caro jovem, que tenha havido essa mancha no que eu poderia dizer que de outra forma teria sido um estábulo do mais alto nível; seus cavalos estavam bem, seus homens estavam bem, sua forragem estava boa, e tudo o mais, mas na verdade, aquela lanterna – bem, você tratará disso, não é mesmo?”.

E o grande personagem foi embora plenamente satisfeito consigo mesmo e com sua vitória, enquanto uma grande onda de alívio passava por cada homem no estábulo, pois sentíamos que nós também não havíamos perdido.

Sim – inclino-me a pensar que o tato, mais que o mérito, ganhou o dia com alguns inspetores. Era mais ou menos a mesma história que com exames escolares. Novamente; a inspeção de um general não era um verdadeiro teste da eficiência de um Regimento.

Quando me coube ser Inspetor-Geral, eu não me incomodava com programações e não infectei os pobres coitados dos oficiais com a “febre da inspeção”, pois minha prática era mais de deslocar-me e ficar hospedado com os Regimentos por alguns dias, e vê-los nos seus afazeres e lazeres ordinários do dia-a-dia. É possível ter uma percepção bem mais

justa e prática da sua eficiência, e garanti um entusiasmo bem maior por parte dos oficiais quanto a algumas novidades que eu queria testar.

Era o toque pessoal, mais que os memorandos oficiais, que produzia os resultados.

Eu não pressionava para que todos os oficiais estivessem presentes em minhas inspeções, já que era pelos *resultados* do seu trabalho que eu os julgava. A condição do Esquadrão me dava com boa precisão a medida das qualidades dos seus oficiais.

Em consequência, apesar de não haver ordem quanto a isso, bem poucos oficiais deixavam de estar presentes. Por um lado, eles não se importavam de ser julgados em sua ausência, e por outro, com o aumento da responsabilidade que lhes foi dada, havia um correspondente entusiasmo e desejo de mostrar seus Esquadrões como prontos para a ação.

Em um dos meus memorandos aos oficiais, eu disse:

> "Um grave perigo pende sobre nosso país, evidente para qualquer um que viaje e esteja em contato com o pensamento militar no estrangeiro. Nosso negócio na Cavalaria é tornar nossa Arma a mais perfeita máquina de combate de seu tipo, de modo a compensar por sua excessiva fraqueza em quantidade. Essas quantidades não podem ser supridas no rompimento de uma guerra... a Cavalaria é a força, entre todas as outras, que tem de estar pronta no primeiro dia das hostilidades. Temos de fazer isso por meio de trabalho sistemático e paciente – e não tão lentamente que fiquemos para trás, pois nossos vizinhos estão pressionando para avançar nessas mesmas linhas".

No decurso de minhas inspeções, descobri incidentalmente que em muitos casos os aquartelamentos de Cavalaria eram totalmente inadequados para ocupação.

Em um caso, em Norwich, pus em relatório que as instalações estavam em condições deploráveis. Ninguém deu atenção. Em meu relatório no ano seguinte, declarei: "Aquartelamento nas mesmas condições insatisfatórias de antes, exceto que desde então uma cozinha desmoronou".

Enquanto eu inspecionava os Greys[563] no aquartelamento de Piers Hill, Edinburgh, perguntei, como de costume: “Alguém tem alguma queixa a fazer?”.

Um soldado respondeu, de maneira bastante ofendida, dizendo: “Sim, Senhor. Eu costumava dormir em uma cama no extremo mais distante do alojamento e agora recebi ordens de dormir aqui. Não quero mudar de lugar, porque naquela extremidade eu conseguia olhar através de um belo buraco no piso para enxergar meu cavalo em sua baia logo abaixo”.

Ele me conduziu para verificar o “belo buraco”, e não havia dúvida de que dali ele tinha uma excelente vista do seu cavalo estabulado no andar de baixo.

Relatei este incidente ao Ministério da Guerra, e acrescentei o fato de que quando os alojamentos do piso superior recebiam faxina, os cavalos, qualquer que fosse a condição climática, tinham de ser postos no exterior para evitar que recebessem um chuveiro de água suja, o que, apesar de talvez não ser algo de maiores consequências em outros Regimentos, era notório no caso dos Greys.

Em 5 de maio de 1907, meu período como Inspetor-Geral da Cavalaria chegou ao fim. Alguns dos meus camaradas cavalarianos deram um jantar de despedida em minha homenagem, ao qual estiveram presentes:

---

[563] Royal Scots Greys, Regimento escocês de Cavalaria. O marco originário do Regimento é o recrutamento de três esquadrões de dragões em 1678, que em 1681 foram oficialmente reunidos sob o nome *Royal Regiment of Scots Dragoons*. Como usavam cavalos cinzentos, eram chamados *Grey Dragoons* e, por fim, *Scots Greys (2nd Dragoons)* (oficializado em 1877). A denominação durou até 1971, quando, amalgamados com o 3º de Carabineiros, passaram a ser chamados *Royal Scots Dragoon Guards*. Combateram na Guerra dos Sete Anos (1749-56), na batalha de Waterloo (1815), na Crimeia (1854-56) – tomaram parte na Carga da Brigada Pesada, que deu a vitória aos britânicos na Batalha de Balaclava (25/10/1854) –, na Guerra dos Bôeres (quando chegaram a pintar seus cavalos cinzentos de cáqui, para camuflagem no *veldt*) e nas duas Guerras Mundiais (na Segunda, já como unidade blindada, com seus “cavalos de aço” Lee, Grant e Sherman, na campanha do deserto, na Itália e no noroeste da Europa).

Sir Douglas Haig[564] – Inspetor-Geral da Cavalaria, Índia

Sir John Maxwell – Chefe do Estado-Maior para a Inspetoria-Geral das Forças

Coronel Fanshawe – Comandante de Brigada

General Julian Byng[565] – Comandante de Brigada

Coronel O. Lumley – Comandante de Brigada

Coronel Allenby[566] – Comandante de Brigada

General Rochfort – Royal Horse Artillery

General Benson – Serviço de Remonta

General Rimington – Comandante de Brigada

Coronel R. Lindley – Escola de Cavalaria

General Scobell – Inspetor da Cavalaria

General Fenwick – Royal Horse Guards

General Birkbeck – Serviço de Remonta.

Meu A.A.G. (Assistant Adjutant General – Adjunto do General-Ajudante[567]) era Lord Errol, dos Royal Horse Guards, e meus Ajudantes-de-Ordens eram Harvey Kearsley, do 5º de Dragões da Guarda, Owain Greaves, dos Royal Horse Guards, e Tom Marchant, do 13º de Hussardos.

Fiquei tremendamente comovido por essa inesperada expressão de seu afeto, acompanhada como foi por numerosas cartas expressando aprovação pelos passos que havíamos dado para modernizar a Cavalaria. O ponto alto dessas manifestações foi uma carta que o Duque de Connaught me enviou, na qual ele foi gentil o bastante em dizer coisas que me fizeram enrubescer de orgulho e satisfação.

---

[564] Viria a comandar as forças britânicas na Frente Ocidental, na Primeira Guerra Mundial, em substituição a Sir John French (a partir de 1915).

[565] Viria a comandar o 3º Exército Britânico, na Primeira Guerra Mundial, e ocuparia função como dirigente no Escotismo.

[566] Como general, na Primeira Guerra Mundial serviu na Frente Ocidental e, depois, no Oriente Médio, comandando a bem-sucedida campanha na Palestina e patrocinando a Revolta Árabe orquestrada pelo Coronel Thomas E. Lawrence.

[567] General-Ajudante: Oficial-General encarregado da administração do pessoal.

Os “passos” aludidos, em resumo, eram estes:

- Estabelecimentos provisórios foram abolidos, e os Regimentos, postos em adequadas condições de trabalho.
- Remonta trazida à compatibilidade com a dotação das unidades.
- Constituição de Brigadas permanentes.
- Redução nas despesas dos oficiais.
- Novo Manual de Exercícios com sistemática de treinamento aperfeiçoada.
- Maior responsabilidade atribuída aos oficiais de Esquadrão e Tropa.
- Treinamento qualificativo para Esclarecedor e dotação autorizados.
- Distribuição de novo fuzil, com táticas de fogo aperfeiçoadas.
- Estabelecimento da Escola de Cavalaria para oficiais e graduados.
- Prática de mobilização instituída em todos os Regimentos.
- Treinamento de cavalos e domínio do cavalo seguindo novo fundamento.
- Desenvolvido treinamento dos graduados em tática.
- Desenvolvimento do domínio do homem e do Espírito da Cavalaria.

Eu pessoalmente não merecia esses generosos louvores, já que nosso sucesso deveu-se ao comprometido trabalho de equipe dos oficiais de Cavalaria.

Agora que é tarde demais para eu ser demovido, não me incomodo por confessar que pessoalmente eu era totalmente inadequado, tanto física quanto intelectualmente, para o cargo de Inspetor-Geral da Cavalaria.

Fisicamente, porque eu, de longa data, tinha uma perna fraca como resultado de um acidente de tiro no Afeganistão[568], e mais recentemente eu havia rompido a cartilagem e os ligamentos do outro joelho, de modo que ambas as pernas estavam como fiapos e isso me impedia de ser, como deveria, um exemplo de equitação de grande resistência.

Intelectualmente, eu era deficiente porque não havia passado pela Escola de Comando e Estado-Maior, e meu conhecimento sobre estratégia e história militar limitava-se ao bom senso e à admiração pelos métodos de Oliver Cromwell[569].

Felizmente, nessa difícil conjuntura eu tive o apoio de Douglas Haig, que era minha contraparte como Inspetor-Geral da Cavalaria na Índia. Éramos amigos pessoais, em constante comunicação, e de completo acordo em nossas ideias, e assim eu tenho uma dívida para com ele por muita pesquisa e conselhos práticos.

Douglas Haig era único. Era um cavaleiro de primeira classe (não o Hindenburg cavalgando um cavalo com pescoço de cisne, como ameaçava ser o projeto apresentado para seu memorial em Londres); era cheio do espírito da Cavalaria com uma mente rápida e resoluta, e ao mesmo tempo era um sério estudante da ciência militar, uma combinação que nesse tempo era muito rara num oficial de Cavalaria, e que foi a nossa salvação na Grande Guerra.

A feliz coincidência de ele estar em condições de tornar-se Comandante-em-Chefe naquela crise foi o maior golpe de sorte para nossa nação.

Talvez um resultado da Grande Guerra possa tender a mostrar o serviço militar como um sistema educacional em si mesmo, tanto para

---

[568] O então Tenente Baden-Powell conseguiu realizar a proeza de dar um tiro de revólver na própria perna. B-P relata esse episódio, a remoção da bala e um susto passado com o leopardo de estimação do Residente britânico de Kabul, em *Memories of India* (capítulo IX).

[569] Oliver Cromwell (1599-1658) foi um político britânico que liderou os parlamentaristas na Guerra Civil Inglesa, que depôs a monarquia (1649) e, como Lorde Protetor, governou o Reino Unido até morrer. Foi sucedido pelo filho Richard, que não conseguiu manter a situação e foi deposto em maio de 1659. Em 1661, houve a Restauração, com a entronização de Charles II.

oficiais quanto para praças, e apesar de algumas Armas serem conhecidas como o lado científico do Exército[570], para mim não há dúvida de que o treinamento dado ao oficial de Cavalaria por sua prática em campo desenvolve em alto grau aqueles aspectos do caráter como rápida avaliação e ação pronta e determinada, e outras qualidades afins que levam à construção de um líder na guerra.

Se houvesse necessidade de provas, bastaria olhar para os nomes daqueles que lideraram nossos exércitos em campanha, a grande maioria dos quais ganhou sua experiência na Arma montada: French, Haig, Allenby, Byng, Horne, Plumer, Gough, Rimington e tantos outros.

TERRITORIAIS

O termo do meu mandato como Inspetor-Geral da Cavalaria não foi o ato final do meu serviço, apesar de ter-me colocado, como Lieutenant-General (Tenente-General)[571], no topo da hierarquia da Cavalaria, uma posição que eu jamais visualizara, nem nos meus sonhos mais loucos – e, de fato, nem mesmo desejara.

Agora eu havia sido colocado em meio-soldo.

O costume era que o indivíduo permanecesse em meio-soldo por quatro anos, e se nesse tempo não surgisse nenhuma outra nomeação, poderia aposentar-se com a pensão autorizada para o seu posto.

Por essa época, Lord Haldane era o Ministro da Guerrra, e ele estava considerando a questão de qualificar nossas reservas militares por meio da organização de Corpos de Treinamento de Oficiais Territoriais. Ele me convidou para hospedar-me com ele em Cloan para conversar sobre esses assuntos, e enquanto estive lá ele me perguntou se eu me incomodaria de assumir o comando de uma Divisão Territorial[572], e de

[570] As Armas de Artilharia e Engenharia (e, mais modernamente, Comunicações).

[571] Um Major-General era usualmente comandante de uma Divisão; um Lieutenant-General, de um Corpo de Exército; um General, de um Exército; e para Grupo de Exército, vinha o Field Marshal.

[572] Algo nessa linha seria também o "Novo Exército" idealizado por Lord Kitchener para inchar o diminuto Exército britânico, com os *Pals Battalions*, batalhões constituídos por recrutas com formação militar básica e em grande quantidade, recrutados nas mesmas localidades (ou próximas), o que, esperava-se, contribuísse para fortalecer o espírito de corpo (refletindo-se no espírito de luta), por serem seus integrantes amigos ou mesmo parentes. Os *Pals Battalions* começaram a chegar à linha de

testar quaisquer ideias que eu pudesse ter para aprimorar o treinamento desses quadros.

Isso não contaria como uma comissão regular para mim, pois esse comando era para um Major-General, e eu era Tenente-General. Mas, como oferecia trabalho, e trabalho de um tipo interessante, prontamente aceitei a oferta, e sabendo alguma coisa dos planos alemães, constatei a urgente necessidade de tornar nossas reservas eficientes para o serviço em campanha, e não meramente no papel.

Fui designado para comandar a Divisão de Northumbria, que incluía Northumberland, Durham, North Yorkshire e East Yorkshire. Aqui encontrei homens esplêndidos com quem trabalhar, mais particularmente aqueles vindos dos distritos mineradores. Eles eram meio rudes, mas eram esportistas leais e camaradas corajosos.

Tivéramos como nossos adversários na Guerra Bôer homens que nunca tinham passado por um único dia de ordem unida em toda sua vida, e ainda assim eram eficazes no campo contra nossas tropas treinadas, graças à sua inteligência individual, ímpeto e vontade de obter sucesso.

Então, foi nessa linha que tentei desenvolver nosso treinamento em minha Divisão. Eu tinha um automóvel feito sob encomenda, que era ao mesmo tempo dormitório e escritório, e nele eu continuamente percorria minha Divisão, entrando em contato pessoal com cada unidade e estudando as condições locais sob as quais ela teria de funcionar. Organizei “batalhas” de fim de semana, às quais o comparecimento era voluntário, mas que tinham maior efetivo presente que a média das formaturas obrigatórias.

É claro, a disputa está no sangue dos homens daquelas regiões. Então eles costumavam promover apostas sobre os resultados desses combates. Isso demandava o emprego de árbitros particularmente bons: e isso novamente serviu para elevar o padrão da liderança dos oficiais.

---

frente em 1915. O lado negativo disso foi que, na carnagem em massa da Frente Ocidental na Grande Guerra, cidades inteiras ficavam de luto.

ALERTAS DA GRANDE GUERRA[573]

Vi-me numa situação delicada certa vez, por causa de uma conversa com o meu Estado-Maior sobre as possibilidades de uma invasão alemã.

Os alemães tinham como certo que a melhor oportunidade para uma invasão da Inglaterra seria dada pelo feriado bancário de agosto em qualquer ano, quando estaríamos menos preparados. Determinei que o feriado bancário seria uma ocasião propícia para praticar a mobilização de nossas unidades, e, no intuito de explicar isso e o plano alemão, dei uma palestra para meus oficiais.

Isso trouxe a exigência de minha demissão por parte de alguns membros da Câmara dos Comuns (um dos quais veio a ser um Ministro do último governo), mas, o que era muito mais importante, atraiu sobre mim algumas iradas cartas anônimas vindas da Alemanha, e também notícias de amigos particulares por lá, que a minha designação para aquele distrito em particular[574] como Tenente-General (em lugar do usual Major-General) havia causado consideráveis comentários em círculos militares[575].

Portanto, tínhamos posto o dedo na ferida.

Quando fui acusado de descrente perante o Parlamento por causa disso, tomei o trem noturno para Londres e expliquei a Lord Haldane que

---

[573] Com a escalada das tensões no continente europeu, que resultariam na Grande Guerra, B-P fez publicar, já em 1913, um manual para que os Escoteiros acima de 14 anos que nisso se interessassem pudessem conquistar a especialidade de Atirador: *Marksmanship for boys*. Não que B-P buscasse instilar o espírito assassino nos jovens; mas o que entendia era que, com uma ameaça a se aproximar, seria melhor que alguns deles obtivessem proficiência em algo que contribuísse na defesa da nação. Publicou também outro manual, este destinado principalmente às formações Territoriais: *Quick training for war*, com algumas dicas práticas envolvendo tática, fortificação de campanha e reconhecimento.

[574] Uma faixa da costa leste da ilha da Grã-Bretanha, fazendo frente para o Mar do Norte, exposta a uma frota que saísse dos portos alemães – portanto, plausível para ataques marítimos e, mesmo, uma invasão.

[575] Nomear um oficial para uma comissão que usualmente seria para um posto abaixo do seu, geralmente, dá margem a duas possibilidades: uma, de punir esse oficial; ou outra, de atribuir importância a esse comando ao ponto de designar para ele um oficial mais antigo e mais qualificado, com grau hierárquico que superaria quaisquer objeções por outros comandantes do mesmo nível.

a minha palestra que foi relatada era apenas algo dado privadamente aos meus oficiais[576], e jamais deveria ter aparecido na imprensa, e que eu queria pedir desculpas por toda a agitação que causou na Câmara.

Para minha surpresa, ele respondeu que estava encantado, e que era uma boa coisa que os olhos das pessoas fossem abertos para o fato de que havia perigo vindo da Alemanha.

Era um fato que as pessoas na Inglaterra não podiam e não queriam acreditar que a guerra na Europa poderia vir novamente, e olhavam de modo complacente a Alemanha a se armar e a construir uma esquadra que não teria outro objetivo senão confrontar a nossa própria[577].

Elas viam Lord Roberts e outros que tentavam abrir-lhes os olhos para o próximo perigo como fanáticos[578].

Foi uma sorte para o país que o Exército não estava cego, e tinha sua força mobilizável, pequena e "desprezível[579]" como era, pronta para a emergência quando a guerra foi lançada sobre nós[580].

---

[576] Como B-P explica, era uma "hipótese de guerra", um "fundo de cena" para ambientar os integrantes de sua Divisão quanto ao porquê de treinarem para guarnecer aquela parte do território.

[577] Nos anos pré-guerra, a Grã-Bretanha fez vários acordos com outras potências (inclusive a Alemanha) com o intuito de observar alguma proporcionalidade entre o poder naval dos outros e o seu, tentando prevenir alguma contestação ao seu domínio dos oceanos.

[578] Talvez "alarmistas" fosse o termo mais adequado.

[579] À época da eclosão da Grande Guerra, os alemães, com seu enorme exército de conscritos, preocupavam-se muito mais com o efetivo do exército francês, que, além dos soldados metropolitanos, poderia ainda trazer tropas coloniais; o exército britânico, profissional e com um efetivo infinitamente menor – especialmente a *British Expedidtionary Force* desdobrada na fronteira franco-belga –, era chamado pelos alemães "aquele desprezível (*contemptible*) exercitozinho". Por isso, os veteranos da Primeira Guerra Mundial eram também chamados "*Old contemptibles*".

[580] A *British Expeditionary Force* (BEF), consistindo inicialmente de apenas dois Corpos de Exército, foi desdobrada na França logo quando a Grã-Bretanha se declarou em guerra. Seu comandante, o Marechal Sir John French, mostrou-se pouco inclinado a empenhar a BEF no combate contra a maré invasora alemã – mas as circunstâncias o sobrepujaram. O II Corpo, comandado por Smith-Dorrien, conduziu uma eficaz ação retardadora contra os alemães nas semanas iniciais, na qual os combates de Mons, Le Cateau e Néry entraram para o rol de ações destacadas na história do Exército Britânico. O I Corpo era comandado por Douglas Haig. Ambos os Corpos cresceriam em efetivo até se tornarem Exércitos. Smith-Dorrien seria exonerado após a Segunda Batalha de Ypres (Sir John não gostava dele), e Haig viria a ser o Comandante da BEF quando French, por sua vez, fosse exonerado no final de 1915.

O REI EDWARD E MINHA APOSENTADORIA

Mas por essa época, outra bomba caiu em cima de mim. Foi a irrupção do Escotismo, a partir de uma sugestão que eu havia feito[581], mas que produziu uma tal colheita de Escoteiros por todo o país, que as demandas sobre meu tempo e energias cresceram numa extensão tal que me obrigaram a ponderar se era justificável eu prosseguir no serviço militar ou se deveria assumir esse novo rebento e organizá-lo.

O Rei Edward convidou-me a ir a Balmoral, e lá ele conversou longamente comigo sobre a questão dos Escoteiros e, apesar de o movimento ainda estar embrionário, o Rei mostrou crer firmemente em suas possibilidades, e instigou-me a prosseguir com isso. Então, mais tarde, quando essa dúvida se ergueu em minha mente, se eu seria capaz de desenvolver ambos os trabalhos adequadamente, chegou aos ouvidos do Rei que eu estava considerando a perspectiva de aposentar-me do Exército, e ele de imediato mandou um recado perguntando se era esse o caso, dizendo que ele achava pouco sábio de minha parte deixar o serviço quando, como ele expressou, eu tinha acabado de firmar o pé na escada[582].

Mas no dia seguinte, tendo refletido mais completamente sobre o caso, ele concordou que, tendo em vista as possibilidades que se apresentavam ante o Movimento Escoteiro e a necessidade de sua organização, seria, por fim, o mais acertado de minha parte renunciar à continuação da carreira no Exército e devotar-me a essa obra.

UMA INVESTIDURA INSTANTÂNEA

Em relação à minha visita a Balmoral, eu tinha ido lá para receber de Sua Majestade a honra de ser cavaleiro, como Cavaleiro Comandante

---

[581] Lembrando: a proposta inicial de Baden-Powell era que o programa dos *Boy Scouts*, os jovens exploradores, seria um acréscimo de programa para instituições que já lidavam com a educação de jovens, e não um novo movimento juvenil. A explosão do surgimento de Tropas Escoteiras mostrou que, querendo ele ou não, uma "coisa" diferente, com vida própria, estava se constituindo e que, assim sendo, teria de ter uma organização própria.

[582] Ou seja, poderia aparecer uma promoção de Lieutenant-General para General. Mais ou menos como se, no Exército Brasileiro, fosse uma promoção de General-de-Divisão a General-de-Exército.

da Ordem Vitoriana (KCVO, Knight Commander of the Victorian Order). Eu havia chegado no fim da tarde, e foi-me dito que a investidura aconteceria no dia seguinte, mas quando eu me vestia para o jantar, Legge, o Mestre de Equitação do Rei, entrou correndo no meu quarto e disse que Sua Majestade queria condecorar-me *imediatamente*, e apressou-me para que fôssemos ao seu camarim.

Meu diário registra: Enquanto estávamos do lado de fora da porta, o Cel Legge removeu as minhas miniaturas de medalhas[583] e espetou dois alfinetes de segurança na frente de minha túnica, ao mesmo tempo em que chamava um valete para trazer uma almofada e outro, uma espada.

Pareciam os preparativos para uma execução.

Então entramos no recinto.

O Rei, vestido à maneira das Highlands, apertou-me a mão, sorrindo sagazmente, e manteve-se segurando minha mão enquanto me dizia que, pelos meus muitos serviços no passado e especialmente pelos meus atuais na organização dos Escoteiros para o país, ele propôs-se fazer-me KCVO.

Então ele se sentou e eu me ajoelhei sobre a almofada à sua frente, o Mestre de Equitação entregou-lhe a espada, e ele a bateu sobre meus ombros, pendurou a cruz em meu pescoço e enganchou a estrela da Ordem sobre a minha túnica[584], e deu-me a mão a beijar. Então, rindo, ele disse que seu valete colocaria a fita da condecoração da forma correta para mim, e saímos.

(Por estranho que pareça, outro dia, quando fui pendurar meu chapéu pela primeira vez na Câmara dos Lordes, o porteiro que me recebeu recordou-me que era ele o mesmo valete que me havia ajudado, e que naquela noite eu havia dormido no quarto vizinho ao do Rei.)

---

[583] As condecorações podem ser usadas em vários formatos: a medalha propriamente dita, a barreta (que substitui a medalha em ocasiões menos formais), a roseta (geralmente usada em traje civil) e a miniatura (usada em traje civil ou com determinados uniformes de gala).

[584] Portanto, havia a medalha e o colar.

Essa operação atrasou-me por alguns minutos e, quando desci para o estúdio, encontrei todo mundo à minha espera, e aqueles possuidores da Ordem Vitoriana formaram uma espécie de pequena Guarda de Honra dentro do aposento, esperando para apertar-me a mão. Foi tudo muito embaraçoso – e muito divertido.

Mais tarde, descobri que a razão para essa pressa exagerada foi que os cartões da mesa do jantar haviam sido impressos com antecedência, e o oficial de Estado-Maior encarregado disso supôs que eu seria investido naquele dia, e não no próximo, e havia, portanto, me assinalado como "Sir Robert", e foi para fazer que o cartão estivesse correto que o Rei teve que fazer a sagração sem mais demora!

A rapidez do Rei Edward em perceber deslizes em detalhes do vestuário era proverbial, e tive uma experiência disso naquela noite. Ele tinha de prontidão, atrás de sua cadeira, um criado egípcio que era um artista na preparação de café. Ele estava vestido com uma belíssima libré, mas o Rei, aparentemente tendo olhos na nuca, de repente resmungou em francês uma reprimenda para o homem. Este saiu da sala a toda pressa – havia deixado de colocar suas condecorações. Em poucos minutos estava de volta, apenas para encarar uma bronca ainda maior: ele as havia posto do lado errado do peito!

Após o jantar, o Rei Edward chamou-me de lado e fez-me sentar com ele no sofá, para conversarmos uma meia hora sobre meus Escoteiros.

Nessa época, o Movimento mal tinha dois anos de existência, mas havia se espalhado com rapidez. No dia anterior eu havia estado em Glasgow para um encontro ao qual 5640 rapazes estiveram presentes, e no mês anterior, 11 mil haviam comparecido ao encontro no Crystal Palace[585].

[585] Estrutura de metal e vidro originalmente erigida no Hyde Park (Londres), para receber a Grande Exposição de 1851. Após ela, foi transferido para Sydeham Hill. Esse encontro no Crystal Palace, em 1909, foi aquele em que pela primeira vez se registrou a presença de meninas, o que levou o Fundador a dar início ao Movimento das Guias.

Sua Majestade perguntou-me tudo sobre nossos objetivos e métodos, e expressou sua grande crença em que o Movimento era bem aquilo que o país necessitava. Disse ele que haveria de crescer para tornar-se uma grande e valiosa instituição, e que ele gostaria de passar em revista os Escoteiros no ano seguinte, em Windsor Park. Ele concordou com minha sugestão de que os jovens que se esforçassem e passassem em testes especiais de eficiência recebessem o título de "*King's Scouts*[586]".

Eu era um homem feliz quando fui dormir naquela noite.

O FIM DE MINHA VIDA NÚMERO UM

Ao protocolar meu requerimento para aposentar-me do Exército, levantou-se a questão quanto à minha pensão. Para meu horror, disseram-me que a Previdência Real não dava provimento à pensão para alguém de minha idade [à época, cinquenta e três anos].

Minhas promoções tinham sido tão rápidas que eu cheguei a Tenente-General aos cinquenta anos, enquanto a Previdência não permitia pensão nesse posto antes dos sessenta e dois.

Tive uma sorte fenomenal, claro, por obter promoção direta em cada ponto da hierarquia, dessa forma:

Comissionamento direto como oficial, em lugar de cursar previamente os dois anos em Sandhurst.

Foi-me concedida antecipação de dois anos como Segundo-Tenente por ser aprovado no concurso, com honras de Primeiro-Tenente.

Como Primeiro-Tenente e Ajudante [Encarregado de Pessoal da unidade], fui promovido a Capitão supranumerário.

Como Capitão, servi como Secretário Militar em campanha[587] e promovido provisoriamente a Major.

Como Major, na Expedição Ashanti, fui promovido provisoriamente a Tenente-Coronel.

---

[586] No reinado de Elizabeth II, entre 1952 e 2022, o título era "*Queen's Scout*".

[587] Repressão à rebelião de Dinuzulu.

Como Tenente-Coronel na Matabelelândia, fui promovido provisoriamente a Coronel.

Como Coronel na Guerra Bôer, recebi promoção especial a Major-General à idade relativamente precoce de quarenta e três anos.

Daí ter-me tornado Tenente-General aos cinquenta.

No fim das contas, fizeram-se arranjos para que minha pensão fosse assegurada.

Fui designado Coronel Honorário do meu antigo regimento, o 13º de Hussardos, e o Rei então conferiu-me o título *Knight Commander of the Order of the Bath* (KCB).

Ian Hamilton[588], ao cumprimentar-me, escreveu: "[A honraria] Nunca chove, mas derrama-se, e em você derramou-se ao ponto de lhe darem um Banho".

Foi sofrido dar este último passo para deixar a Força que tanto amei, apesar de ao mesmo tempo eu não me importar de tirar meu pé da escada, pois eu não tinha ambição de subir mais. Eu não era feito para ser um General [posto acima de Tenente-General]. Eu gostava mais de ser um oficial de corpo de tropa, em contato direto com meus subordinados.

Não foi pequeno consolo receber do Ministro da Guerra uma carta que ele me enviou, expressando gentilmente sua pena por o Exército perder-me, ao que acrescentou: "… Mas sinto que a organização dos seus Escoteiros tem uma projeção tão importante para o futuro, que provavelmente o maior serviço que você poderá prestar ao seu país será devotar-se a isso".

E assim terminou minha Vida Número Um.

[588] Ian Hamilton (1853-1947) seria o comandante das forças britânicas na malsucedida operação em Galípoli.

CAPÍTULO X
VIDA NÚMERO DOIS – OS ESCOTEIROS E AS GUIAS

Agora eu inciava minha segunda vida neste mundo.

Deixei definitivamente o serviço ativo do Exército em 1910. Agora eu estava me acomodando para ser um bom cidadão, como Guardião na *Mercer's Company*[589] (nota: um *Mercer*, como um poeta, nasce feito, não se faz); e o Movimento Escoteiro tinha-se iniciado, e estava se firmando e expandindo amplamente.

Assim, apesar de essa prometer ser a tarefa mais árdua de minha vida, foi ao mesmo tempo a mais fácil, já que encontrei em todas as pessoas ligadas ao Movimento o mais entusiasmado apoio.

Em 1912, tudo estava indo tranquilamente e bem, quando, do céu limpo, um tipo inteiramente novo de bomba subitamente me atingiu em cheio[590]!

DUPLO ARREIO

Foi assim que aconteceu. Durante minha primeira vida, eu tinha o meu tempo bem plenamente preenchido, com pouco ócio para pensar em assuntos tão estranhos quanto casamento; de fato, cheguei a ser alvo de gozação do meu melhor amigo "Ginger" Gordon, do 15º de Hussardos, por ser um solteirão convicto; e quando eu disse que não tinha desejo de me casar e que tinha certeza de que ninguém desejaria casar-se comigo, ele me encarou com ar inquiridor por um tempo, e então observou, com o riso dos que sabem: "Você será laçado pelo pescoço quando menos esperar, velhinho!".

Ao longo da minha prática na ciência do rastreamento, exercitei-me na arte de deduzir o caráter de uma pessoa pelas suas pegadas e jeito

---

[589] Instituição beneficente fundada em 1394, mantida principalmente pelos fabricantes e comerciantes de tecidos. B-P foi Mestre da instituição em 1914. A entidade deu grande apoio às demandas financeiras do Movimento Escoteiro.

[590] No original: "caught me in the midriff", que seria bem no diafragma; um golpe no diafragma (no meio do corpo) geralmente tira o ar do indivíduo.

de andar. Rastreadores nativos pelo mundo afora leem o caráter assim como as ações ou intenções de quem deixou os rastros; por exemplo, dedos espalhados indicam um mentiroso, pisada mais forte com a parte externa do calcanhar indica espírito aventureiro, e por aí vai[591].

Nessa pesquisa, cheguei à conclusão, por exemplo, que 46% das mulheres eram muito aventureiras com uma perna e hesitantes com a outra, ou seja, propensas a agir impulsivamente.

Então, quando eu me deparava com uma exceção, ela capturava minha atenção.

Percebi uma exceção assim numa garota – uma completa estranha para mim e cujo rosto não cheguei a ver – que caminhava de um modo que explicitava ter ela honestidade de propósito e bom senso, tanto quanto espírito de aventura.

Notei que era acompanhada por um cachorro *spaniel*.

Isso foi quando eu ainda estava na ativa do Exército e, na ocasião, ia entrando no aquartelamento de Knightsbridge. Não pensei mais nisso.

Dois anos depois, a bordo do meu navio rumo às Índias Ocidentais[592], reconheci o mesmo jeito de andar numa outra passageira. Quando fomos apresentados, eu disse ter certeza de que ela morava em Londres. Errado. Minha dedução falhou. Ela morava em Dorsetshire!

"Mas a senhorita não tem um *spaniel* marrom e branco?"

"Sim (registre-se a surpresa)".

"Nunca esteve em Londres? Perto do aquartelamento de Knightsbridge?"

---

[591] A época de B-P era uma em que se procurava todo tipo de processo que permitisse identificar padrões de comportamento que pudessem indicar o caráter de uma pessoa. A observação do jeito de andar e dos tiques nervosos, a caligrafia, os traços faciais e/ou a disposição corporal, tudo isso com vistas a dar alguma previsibilidade à conduta das pessoas, pensando, principalmente, em antecipar-se à prática criminosa. A fisiognomonia, pseudociência cujo maior profeta foi o médico legista Cesare Lombroso, pretendia identificar o caráter criminoso pelos traços faciais – o que já fez alguns indivíduos fora do padrão de beleza serem levados como "suspeitos", enquanto outros de bem-proporcionados traços ficavam impunes como vigaristas e mesmo homicidas.

[592] Antilhas e Bahamas. B-P estava, por esse tempo, fazendo viagens de inspeção a Associações Escoteiras pelo mundo afora.

"Sim, há dois anos".

Então nós nos casamos – e temos vivido felizes desde então[593].

Assim começou minha segunda vida, e com ela os Escoteiros e as Guias.

ORIGEM DOS ESCOTEIROS E DAS GUIAS[594]

O grau da notoriedade lançada sobre mim pela falta de perspectivas nas apreciações da Guerra dos Bôeres deu-me alguma ansiedade. Foi tudo tão inesperado, imerecido e não procurado.

Poderia haver algum propósito mais elevado por trás disso? Era um chamado para mim? Poderia ser utilizado para algum fim benéfico? Em caso positivo, como poderia eu agir para isso?

Essas eram as perguntas que se arremessavam sobre mim.

Elas começaram a dar-me suas próprias respostas por meio das cartas que jorraram sobre mim enquanto eu ainda estava na África do Sul entre 1901 e 1903, vindas de rapazes e garotas de diferentes partes do Império. De alguma forma, eu havia pessoalmente atraído seu interesse e estava, sem ter buscado isso, em contato com esses jovens.

Lord Allenby ficou surpreso um dia ao descobrir que seu filhinho, junto com sua governanta, havia subido em cima de uma árvore para emboscá-lo.

A moça explicou que havia frequentado a Casa de Educação de Miss Mason, onde fora treinada com o uso de meu manual militar *Aids to Scouting for NCOs & Men*[595], que lá era empregado como manual para ensinar observação e dedução.

Essa foi a primeira indicação que tive, por parte de alguma autoridade, de que a Exploração [a prática do *Scouting*] era educativa.

---

[593] Olave Saint-Clair Soames (1889-1977) casou-se com B-P em outubro de 1912. Os filhos vieram em 1913 (Peter), 1915 (Heather) e 1917 (Betty), e o casal viria também a adotar as três filhas da irmã de Olave (JEAL, 1991).

[594] As *Girl Guides*.

[595] B-P publicou o manual em 1899, pouco antes de ir para a África do Sul.

Aqui parecia estar uma oportunidade de fazer algo, se eu apenas soubesse o que fazer e fosse capaz de malhar o ferro enquanto ainda estivesse quente.

Então, às várias perguntas e aos apelos das associações de rapazes por "mensagens", respondi com tantos conselhos e sugestões quantos podia dar em meu tempo atarefado, e eles eram geralmente baseados nos feitos de exploradores e mateiros, como heróis para os meninos.

Sobre fumar, por exemplo, escrevi:

"Um Esclarecedor, ou qualquer um cuja vida dependa da firmeza dos nervos, de bom fôlego, e da agudeza de seus sentidos da visão ou do olfato, via de regra não se disporá a fumar, porque sabe que isso é prejudicial a esses sentidos. Por esse motivo é que o grande Esclarecedor americano, Major Burnham, não fuma, assim como o grande caçador africano F. C. Selous[596].

Fumar prejudica você ainda mais quando jovem do que quando velho. Portanto, um rapaz, se não for um *tolo*, evitará fumar, Pois não sabe quando será preciso que ele trabalhe como Esclarecedor ou em outras tarefas nas quais precisará ter a mente clara e os nervos firmes".

Escrevi dúzias de cartas deste tipo, sobre este e outros assuntos nos quais os rapazes queriam sugestões, e isso me fez sentir que os rapazes ansiavam por uma liderança e estavam dispostos a aceitá-la.

Foi então que eles *me* deram essa liderança, que pôs um fim à minha vida de soldado e deu início à segunda em 1910.

NECESSIDADE NACIONAL POR TREINAMENTO DO CARÁTER

Como Ajudante e como Oficial-Comandante, tive centenas de rapazes passando por minhas mãos como recrutas. Eles eram produtos típicos da média da educação de nossas escolas.

É apenas pelos seus resultados, e não pelos seus métodos, por melhores que possam ser, que a educação deve ser julgada.

Este é um ponto que muitas vezes se perde de vista.

---

[596] Frederick Burnham e Frederick Courteney Selous, companheiros de B-P na Campanha Matabele e que, com Jan Grootboom, foram grandes mestres na técnica do *scouting*.

Esses resultados apresentaram simpáticos rapazes, capazes de ler e escrever, bem-comportados e afeitos à disciplina, podendo tornar-se facilmente soldados que se apresentam muito bem em formaturas – mas sem individualidade ou força de caráter, lastimavelmente com pouca criatividade, iniciativa ou ânimo para a aventura.

As condições da vida moderna, com sua artificialidade, estavam tornando-os membros do rebanho, com tudo sendo-lhes dado pronto e com o fetiche "segurança primeiro" sempre diante dos olhos.

Estou falando, é claro, de condições de mais de vinte anos atrás [ou seja, década de 1910]. Podemos ter esperança de que a educação de lá para cá tenha melhorado – e acredito que tenha – quanto a preparar nossos rapazes e garotas, menos para passar em exames padronizados do que para fazerem o melhor uso de suas vidas como cidadãos em prol do Estado.

Mas a educação tem sérias dificuldades com que lutar hoje, na forma do aumento do instinto de manada, de ensinamentos indesejados oriundos de uma imprensa domingueira sensacionalista, de cinemas imorais, de acesso fácil a prazeres baratos e mórbidos, e à jogatina.

Com a expansão moderna de cidades, aldeias e fábricas, de grandes rodovias asfaltadas e das linhas de telégrafo, telefone e eletricidade por todo o país, a civilização está empurrando a natureza para cada vez mais longe do alcance da maioria, até que a percepção de suas belezas e maravilhas, e de nossa própria afinidade com a criação divina, se perca na vida materialista da multidão, com suas deprimentes condições de trabalho e a busca alucinada pelo prazer entre esquálidas barreiras de alvenaria feitas pelo homem.

O artificial está afogando o natural em nossa vida; graças a automóveis, bicicletas e elevadores, nossos membros, assim como nossas mentes, vão atrofiar-se for falta de exercício, e nossos filhos se enfraquecerão no cérebro e nos músculos.

O VALOR EDUCACIONAL DO TREINAMENTO DO ESCLARECEDOR NO EXÉRCITO

Bem, ao treinar nossos rapazes para serem soldados no Exército, tínhamos de sanar algumas das deficiências em seu caráter, e preencher as lacunas deixadas em sua educação desenvolvendo neles os vários atributos necessários para torná-los *homens* com quem se podia contar. Tínhamos de inculcar neles muitas boas qualidades que não são ensinadas nos livros-texto escolares, tais como coragem individual, inteligência, iniciativa e espírito de aventura. E fizemos isso, não por meio da ordem unida ou da instrução imposta, mas por meio da volta à natureza e às habilidades mateiras, levando os homens tão próximo quanto possível das condições primitivas, para aprender a rastrear, a ter golpe de vista para ler o terreno, observação tanto noturna quanto diurna, aprender a tocaiar e a esconder-se, improvisar abrigos e obter alimentação e sobreviver por si próprios.

Este programa provou ser tão atraente para esses rapazes que nunca houve falta de voluntários para o treinamento.

Um sinal notável dessa popularidade foi que onde costumávamos perder alguns jovens pela deserção, devido ao tédio da vida de quartel e continuada ordem unida, descobrimos que esses casos passaram a ser realmente muito raros.

Os resultados do treinamento aplicado aos praças mostraram-nos em pouco tempo que havíamos incidentalmente feito aflorar neles algo mais do que a habillidade e valor como Esclarecedores do Exército. Descobrimos que eles haviam desenvolvido uma boa medida de orgulho pelo seu trabalho, confiança em si mesmos, e um senso de responsabilidade e confiabilidade, e outras qualidades aptas a colocá-los num nível mais elevado de virilidade, respeito próprio e lealdade.

A APLICAÇÃO DO TREINAMENTO DE ESCLARECEDOR AO TREINAMENTO PARA A CIDADANIA

Durante a Defesa de Mafeking, Lord Edward Cecil, meu Chefe de Estado-Maior, teve a ideia de empregar os garotos da cidade para ocupar

o lugar dos homens empenhados como enfermeiros, mensageiros[597], etc., e assim liberá-los para o serviço nas trincheiras.

Os garotos foram devidamente organizados em um corpo, sob o comando de um dentre eles, o Cabo Goodyear[598], e cumpriram suas missões satisfatoriamente em todos os sentidos, e com a maior coragem, ainda que sob fogo.

A forma conscienciosa como eles fizeram seu trabalho abriu meus olhos para o fato de que os garotos, se receberem responsabilidade e lhes for depositada confiança para fazerem suas tarefas, podem ser tão confiáveis como se fossem adultos.

Essa foi uma importante lição para mim.

Em 1904, como resultado dessas observações, esqueleteei algumas ideias para o treinamento de rapazes em linhas semelhantes às dos Esclarecedores no Exército.

Em 1905, fui convidado por Sir William Smith para inspecionar os Corpos da sua *Boys' Brigade*[599] em Glasgow, no vigésimo-primeiro aniversário de sua criação.

Quando vi essa esplêndida reunião de uns seis mil rapazes, e soube quanto o movimento se havia difundido, meus olhos se abriram para mais uma característica dos garotos, a saber, que eles viriam com entusiasmo, aos milhares, por sua própria vontade, para serem treinados naquilo que o treinameno tivesse de atraente para eles.

Vi tamabém que centenas de adultos estavam dispostos a sacrificar seu tempo e energia no serviço de treinar esses jovens.

Nenhuma teoria poderia ter antevisto este desenvolvimento.

---

[597] Ou seja, em funções não-combatentes. Empenhar os garotos em ações conexas ao combate, além de ir contra os princípios de B-P, era, já naquele tempo, crime de guerra.

[598] Warner Goodyear (1887-1913), filho do ex-prefeito de Mafeking, Cap Charles Goodyear.

[599] A Brigada de Rapazes foi o primeiro movimento uniformizado para jovens, fundada em Glasgow, em 1883, por Sir William Alexander Smith, tendo em seu programa acampamentos, fanfarras e ações religiosas (boys-brigade.org.uk). Metade dos jovens participantes do acampamento experimental de Brownsea era oriunda da *Boys' Brigade*, e quando o Escotismo se estabeleceu, vários jovens pertenceram a ambas as organizações. Sir Williamfoi quem propôs a B-P adaptar aquele manualzinho de Cavalaria como *Scouting for boys*.

Quando Sir William me contou que tinha nada menos que cinquenta e quatro mil rapazes na Brigada, cumprimentei-o pelo magnífico resultado de seu trabalho; mas como pensei melhor, não pude evitar de acrescentar que, conssiderando a quantidade de garotos disponíveis no país, deveria haver, no intervalo de vinte anos, dez vezes esse efetivo nas fileiras, se o programa que lhes ofereciam fosse suficientemente variado e atraente.

Ele perguntou como eu o tornaria mais atraente, e eu contei como o treinamento de Esclarecedor se mostrara popular entre os jovens na Cavalaria, e que algo desse tipo poderia mostrar-se igualmente atrativo para esses garotos mais jovens, enquanto seu propósito poderia ser facilmente redirecionado da guerra para a paz, uma vez que o desenvolvimento do caráter, saúde e virilidade era sua base, e essas qualidades eram tão necessárias num cidadão quanto num soldado.

Ele cordialmente concordou com minha ideia e sugeriu que eu escrevesse um livro destinado aos garotos nas linhas de *Aids to Scouting*.

Então, nas poucas horas vagas do meu trabalho como Inspetor-Geral de Cavalaria, pus-me ao trabalho para dar forma à minha ideia, pois aqui parecia estar o trabalho esperando pela minha minha mão, no qual aquela detestável notoriedade em que incorri[600] poderia agora encontrar emprego útil.

O Acaso, o Destino, ou como queiram chamar, levou-me bem nessa época a alojar-me em casa de Sir Arthur Pearson, e lá descobri sua ampla bondade de coração e simpatia pelas crianças e jovens em aflição, à qual se acrescentava um devotado patriotismo.

Aqui estava o homem pelo qual eu procurara, e confiei a ele minhas ideias sobre esse novo treinamento para os garotos. Ele de pronto me deu pessoalmente todo encorajamento e a ajuda de sua equipe; e dele veio também alguém que desde aquele dia até hoje tem sido meu braço direito: Sir Percy Everett.

[600] Lembrando: em decorrência do Cerco de Mafeking.

Antes de publicar o livro proposto, fiz uma experiência completa do esquema por meio de um acampamento para testar seu programa.

A Sra Van Raalte convidou-me a usar sua ilha, Brownsea, na baía de Poole, para esse fim, já que eu estava ansioso por obter um local de acampamento longe de estranhos, imprensa, repórteres e outras "pragas", onde eu pudesse fazer a experiência sem interferência.

E lá, testei a proposta, com garotos de todas as classes sociais e tipos, juntos e misturados[601].

O resultado foi de acordo com o que eu previra, e publiquei *Scouting for Boys*[602].

A ESTRUTURA

Para construir um esquema, seja para um discurso, um livro, ou um movimento, você precisa:

1. Estabelecer claramente seu OBJETIVO diante de você.
2. Num movimento para garotos, o próximo fator essencial é torná-lo *atraente* para eles.
3. Daí, é preciso elaborar um *código* definido para sua conduta.
4. E então, constituir uma *organização* adequada gerida por líderes competentes.

Objetivo. Nosso objetivo era melhorar o padrão de nossos futuros cidadãos, especialmente no CARÁTER e na SAÚDE. Era preciso pensar nos principais pontos fracos em nosso caráter nacional e fazer algum esforço para erradicá-los, substituindo-os por virtudes equivalentes onde o currículo escolar ordinário não pudesse supri-las. Atividades ao ar livre,

---

[601] O acampamento experimental de 1º a 7 de agosto de 1907, no qual os 20 jovens distribuídos nas Patrulhas Corvo, Lobo, Maçarico e Touro foram as "cobaias". Os que exerciam a função de *Patrol Leader* (Monitor) usavam uma flor-de-lis costurada na manga, como os *Scouts* do esquema de treinamento de B-P no Exército.

[602] Publicado inicialmente em seis fascículos quinzenais (janeiro-abril de 1908); a partir da segunda edição, em volume único. De tempos em tempos, recebeu modificações introduzidas pelo autor – por exemplo, uma seção sobre "proficiência no tiro" só apareceu na primeira edição; a história de Jack Cornwell entrou nas edições publicadas a partir de junho de 1916; e as caricaturas com versos sobre Joãozinho Pata-tenra (Tommy the Tenderfoot), a partir de 1918.

trabalhos manuais e serviço ao próximo, portanto, eram a vanguarda do nosso programa.

Atratividade. Todo o esquema foi então planejado a partir do princípio de ser um JOGO educativo; uma recreação na qual o garoto, sem perceber, seria conduzido a educar-se. Como chamaríamos isso? Há muito significado em um nome. Se tivéssemos chamado o movimento pelo que era, uma "Sociedade para Difusão de Atributos Morais", não seria exatamente o que faria os garotos virem correndo. Mas batizá-lo *EXPLORADORES* (Escotismo) e dar ao garoto a oportunidade de ser um *Scout*[603] embrionário era outra coisa. Seu inerente instinto gregário seria atendido tornando-o membro de uma "Tropa" e de uma "Patrulha". Dê-lhe um uniforme para vestir, com Insígnias para conquistar e exibir no uniforme pela proficiência nas técnicas – e você o terá fisgado.

Sob o termo *Scout*, pode-se colocar como heróis a admirar homens como os mateiros, exploradores, caçadores, marinheiros, aviadores, pioneiros e os homens das fronteiras.

As habilidades mateiras podem ser trazidas ao alcance até mesmo do garoto urbano, por meio dos jogos de tocaia, rastreamento, acampamento, construção de instalações em campo (pioneirias), cozinha de campo, corte de lenha e outras atividades de ar livre.

Todas estas práticas são capazes de atrair sua atenção, e ao mesmo tempo podem desenvolver nele saúde, resolução de problemas, inteligência, habilidades manuais e energia.

Código de conduta. A literatura sobre os cavaleiros da Idade Média é atraente para todos os meninos e traz um apelo ao seu senso moral. Seu Código da Cavalaria incluía Honra, Autodisciplina, Cortesia, Coragem, Altruísmo no senso de Dever e Serviço, e a orientação da Religião. Estes e outros bons atributos seriam prontamente aceitos se incorporados numa Lei Escoteira.

---

[603] *Boy Scout*, portanto, sendo a versão "garoto" do Esclarecedor, apto a aventurar e a cuidar de si mesmo em terrenos inóspitos.

A Lei Escoteira. Assim, a Lei Escoteira não foi construída como uma lista de NÃOS[604]. A proibição geralmente incita à sua violação, já que desperta o espírito de desafio em todo garoto (ou homem) de sangue quente. O garoto não é governado pelo "não faça", mas guiado pelo "faça". Portanto, a Lei Escoteira foi elaborada como um guia para suas ações, muito mais do que como uma forma de reprimir suas faltas. Ela simplesmente descreve o que é de bom proceder e o que se espera de um Escoteiro.

1. A honra para o Escoteiro é ser digno de confiança.
2. O Escoteiro é leal.
3. O Escoteiro tem o dever de ser útil.
4. O Escoteiro é amigo de todos.
5. O Escoteiro é cortês.
6. O Escoteiro é amigo dos animais.
7. O Escoteiro obedece às ordens.
8. O Escoteiro sorri e assobia em todas as adversidades.
9. O Escoteiro é econômico.
10. O Escoteiro é limpo no pensamento, na palavra e na ação.

A Promessa. De uma carta que recebi de um garotinho em 1902, vim a perceber que um garoto assume um bom grau de comprometimento com uma promessa, se ele a faz (fico imaginando se esse correspondente ainda estaria vivo hoje[605]).

Isto é o que ele escreveu: "PROMETO-lhe de todo coração nunca tocar em bebidas fortes nem fumar. Seja o senhor um soldado corajoso e eu também serei. Afetuosamente, H. V. Halifax, N. S.".

Então, introduzi para o Escoteiro uma pequena e solene Promessa, mais fácil de manter que um juramento, na na qual ele se compromete a FAZER O SEU MELHOR POSSÍVEL para:

[604] Podemos lembrar que 80% dos Dez Mandamentos bíblicos são "não-damentos".

[605] Lembrando: 1933, depois de haver passado pela Grande Guerra e pela Gripe Espanhola.

1. Cumprir seus deveres para com Deus e a Pátria (não meramente ser leal, que implica um estado de espírito, mas FAZER alguma coisa).
2. Fazer uma boa ação para alguém todos os dias (dever para com o próximo).
3. Obedecer à Lei Escoteira[606].

Escoteiros do Mar.

Tendo, em minha infância, sido educado por meus irmãos com muitas atividades no mar e tarefas a bordo dos vários pequenos iates que nossa família teve de tempos em tempos, constatei o extraordinário valor desse tipo de treinamento.

Ele trazia à tona várias qualidades, numa extensão que nenhum treinamento baseado em terra conseguiria alcançar.

Além do desenvolvimento da saúde física, familiarizava o jovem com os riscos e durezas inerentes à navegação no mar em quaisquer condições de tempo, e exigia dele o exercício da coragem e da cautela, combinadas à disciplina, autoconfiança e capacidade de improvisação, tudo isso tendendo a torná-lo um *homem*.

Assim, instituímos uma modalidade de Escoteiros do Mar no Movimento[607], que acabou por provar seu valor cinco anos depois, quando nosso país foi envolvido na Grande Guerra. O Movimento foi capaz de atender à convocação do Governo e assumir a vigilância da costa, desse modo liberando o pessoal da Guarda Costeira para o serviço embarcado.

Organização.

De início, os Escoteiros foram organizados em Tropas de até trinta e dois membros, subdivididas em Patrulhas de oito.

---

[606] Dever para consigo mesmo, já que a Lei Escoteira orienta para as condutas de cada Escoteiro.

[607] Em 1909, com seu manual *Sea Scouting and Seamanship for Boys* sendo escrito pelo irmão mais velho, Warington Baden-Powell.

Após alguns anos, foram distribuídos, aproximadamente de acordo com a faixa etária, por razões de desenvolvimento psicológico, em três Ramos, a saber:

Lobinhos – 8 a 11 anos – em Alcateias compostas por Matilhas de seis membros, com líderes dentre os garotos.

Escoteiros – 12 a 17 anos – em Tropas compostas por Patrulhas de seis a oito membros, com líderes dentre os garotos.

Pioneiros (*Rovers*) – 17 ½ em diante – em Equipes [Clãs] compostas por Patrulhas[608] com líderes.

Juntando as Seções dos três Ramos forma-se um Grupo, sob a direção de um Chefe de Grupo (*Group Scoutmaster*).

A quantidade de jovens numa Alcateia ou Tropa, preferencialmente, não deve exceder trinta e dois. Sugeri este valor porque, ao treinar jovens eu mesmo, constatei que dezesseis era a quantidade com que eu dava conta de lidar – no que concerne a orientar e desenvolver o caráter individualmente. Entendo que outras pessoas podem ser duas vezes mais capazes do que eu, daí atribuir um total de trinta e dois.

ANÁLISE DO ESQUEMA DE TREINAMENTO ESCOTEIRO

1. CARÁTER E INTELIGÊNCIA		2. SAÚDE E VIGOR FÍSICO	
QUALIDADES DESEJADAS	POR MEIO DE	QUALIDADES DESEJADAS	POR MEIO DE
INTELECTUAIS		SAÚDE	
Observação Dedução	Exploração Técnica mateira, etc. Rastreamento		Responsabilidade pela própria saúde Higiene, continência sexual, temperança, etc. Campismo
CÍVICAS		VIGOR FÍSICO	

[608] Das referências de B-P, Império Britânico em 1933. O funcionamento dos Clãs, em geral, é por equipes de trabalho/interesse, constituídas como “força-tarefa” para cada projeto.

Jogo leal Disciplina Liderança Responsabilidade Respeito pelos direitos alheios	Jogos em equipe Jogo em equipe Trabalhos em Patrulha Vida em Patrulha Corte de Honra		Desenvolvimento fisico Jogos Natação Jornadas Escaladas Atividades na natureza
MORAIS			
Honra Cavalheirismo Autoconfiança Coragem Capacitade de divertir-se Autoexpressão pela arte Pensamentos elevados Religião	Lei Escoteira Trabalho Escoteiro e atividades Apreciação da Natureza Observação da Natureza, estudos, astronomia, etc. Bondade para com os animais Serviço ao próximo		

As qualidades individuais, tendo sido assim desenvolvidas, são colocadas em associação para o bem da comunidade.

3. HABILIDADES MANUAIS E DESTREZAS		2. SERVIÇO E CIDADANIA	
QUALIDADES DESEJADAS	POR MEIO DE	QUALIDADES DESEJADAS	POR MEIO DE
Habilidades técnicas Inventividade	Hobbies Testes de proficiência técnica	Altruísmo Dever cívico Patriotismo Serviço à Pátria	Boa Ação Pronto-socorrismo

	Reconhecimento por meio de distintivos, etc. em mais de 60 tipos de estapas de progressão + especialidades	Serviço à Humanidade	Salvamento de vidas Combate a incêndios Corpo de atendimento a acidentes
OBS: Além de promover a eficiência e ocupação para o tempo ocioso, esta divisão ajuda a encaixar "a peça quadrada no furo quadrado" na escolha da carreira.		Serviço a Deus	Serviços em hospitais Trabalho "missionário"

O Chefe Escoteiro

Assim, a ideia do Escotismo parecia ótima, no que dizia respeito aos garotos, mas, por mais entusiasmados que eles pudessem estar para pô-la em ação, havia a crucial questão de obter liderança adulta para organizar sua administração na prática.

Em grande medida, essa questão foi resolvida pelos próprios meninos. Eles tiveram o bom senso de reconhecer que era necessário ter Chefes adultos, e procurarm entre os homens de suas respectivas vizinhanças até encontrar aqueles dispostos a serem seus líderes.

Observei pessoalmente o esplêndido e devotado trabalho voluntário dos líderes adultos da Brigada de Rapazes, e então notei que havia em nosso povo uma quantidade considerável de homens com espírito patriótico que se dispunham a sacrificar seu tempo e lazeres para assumir o cuidado dos meninos.

Mas eu jamais poderia prever a extraordinária resposta que foi dada por tais homens ao chamado do Movimento Escoteiro.

A eles é que se deve o notável crescimento e os resultados alcançados até o presente.

Eu havia estipulado que a posição de Chefe Escoteiro não seria nem a de um professor, nem a de um Oficial-Comandante, mas antes aquela de um irmão mais velho *entre os rapazes*, não separado ou acima

deles, mas ele próprio juntando-se a eles nas atividades e partilhando seu entusiasmo, e assim, estando em posição de conhecê-los individualmente, ser capaz de inspirar o seu esforço e sugerir-lhes novas diversões quando sua medida do pulso dos jovens indicar que a atratividade de qualquer onda atual estivesse mostrando sinais de desgaste.

O termo "Chefe Escoteiro (*Scoutmaster*)" não é novo. Era um antigo título inglês usado por Cromwell, que tinha *Scoutmasters* [esclarecedores experimentados] em seu exército, e seu grupo de Inteligência ficava sob o comando de um *Scoutmaster-General*.

Uniforme

O uniforme é um grande atrativo para um garoto, e quando ele se assemelha ao de um mateiro, leva-o na imaginação diretamente a ligar-se com aqueles desbravadores de fronteiras que são heróis para ele.

O uniforme também constrói fraternidade, uma vez que, sendo universalmente adotado, encobre todas as diferenças de classe social e de país[609].

O uniforme Escoteiro, além do mais, é simples e higiênico (algo muito na moda atualmente), aproximando-se dos trajes de nossos ancestrais[610]. Isto nos é recordado quando canatamos ao redor do fogo de conselho, com a melodia de *Men of Harlech*:

De que vale usar suspensórios,
Coletes e calças e botas com cadarços,
Polainas, ou chapéus que se compra
Em lojas da Brompton Road?
Para que servem camisas de algodão,

[609] Ainda assim, o "uniforme" tinha variações devidas à disponibilidade e preço dos tecidos. Como exemplo, o lenço, que B-P inicialmente tencionava fosse verde para todos, acabava sendo feito com o tecido que houvesse para atender à Tropa que se formava, o que acabou sendo um fator de identidade local, que até hoje se mantém vivo na possibilidade de as Unidades Escoteiras Locais terem seu lenço próprio, diferente dos demais.

[610] Ao falar do tecido do uniforme relacionando-o aos "ancestrais", B-P indica ser preferível o brim ou o algodão cru ao algodão fino usado em roupas sociais – claro, é um tecido mais resistente para trabalhos e aventuras.

Botões que sempre acabam esquecidos?
Essas coisas simplesmente apodrecem,
Muito melhor é o brim.

What's the good of wearing braces,
Vests and pants and boots with laces,
Spats, or hats you buy in places
Down in Brompton Road?
What's the use of shirts of cotton,
Studs that always got forgotten?
These affairs are simply rotten,
Better far is woad.

Ligas

Outro item pequeno e, ainda assim, importante do uniforme Escoteiro é sua parte *Honi soit* – as ligas[611]. Estas destinam-se não apenas a cumprir seu usual mister de impedir que os meiões deslizem pelas pernas abaixo, mas também, sendo feitas com a mesma lã das meias, proveem material para remendar buracos quando estes venham a ocorrer. As faixas nas terminações indicam o Ramo a que pertence o usuário, sendo vermelhas para os Pioneiros e verdes para os Escoteiros.

A Insígnia do Esclarecedor

Anos atrás, pouco após o início do Escotismo, alguns críticos acusaram o Movimento de ser militarista.

Sempre que algo novo é iniciado, tendem a aparecer pessoas que se esticam até a ponta dos pés[612] para descobrir falhas naquilo, frequentemente antes mesmo de saberem do que se trata.

Neste caso, elas disseram que o Movimento Escoteiro havia sido projetado para ensinar os meninos a serem soldados, e citaram como

[611]Quando fala do *Honi soit*, faz referência à Ordem da Jarreteira e seu lema *Honi soit qui mal y pense*. No tempo do Fundador, como não havia tecidos elásticos (neste parágrafo, dá a entender que as meias eram de lã), as meias precisavam das ligas para serem mantidas no lugar.

[612] No original: "*people who get up on their hind legs*", como o animal curioso que fica sobre as patas de trás para enxergar de mais alto.

prova que o símbolo do Movimento era, como o descreveram: “Uma ponta de lança, símbolo de batalha e derramamento de sangue”.

Por telegrama, perguntaram-me o que eu tinha a dizer sobre isso. Respondi: “O símbolo é a flor-de-lis, o lírio, o emblema da paz e da pureza”.

Mas não foi por esse motivo que ele foi adotado para os Escoteiros. Na Idade Média, Charles, Rei de Nápoles, usou a flor-de-lis como seu emblema devido à sua ascendência francesa.

Foi em seu reinado que flavio Gioja, o navegador, construiu a bússola naval como um instrumento prático e confiável. No painel (limbo) da bússola, há as letras iniciais de Norte, Sul, Leste e Oeste. Em italiano, o Norte era chamado Tramontana.

Por isso, ele pôs um T maiúsculo para marcar o Norte. Mas, em homenagem ao Rei, ele fez um desenho combinando a letra T com a flor-de-lis do Rei. Desde então, a direção Norte passou a ser universalmente mostrada por esse símbolo, em mapas, cartas e bússolas.

O verdadeiro significado a ser lido da insígnia com a flor-de-lis é que ela aponta na direção certa (e para o alto) sem se desviar nem para a direita nem para a esquerda, pois qualquer desvio faria voltar para trás. As estrelas nas duas pétalas laterais representam os dois olhos do Lobinho, que já se abriram antes de ele passar a ser Escoteiro, conquistando sua insígnia de Segunda Estrela[613]. As três pontas da flor-de-lis lembram ao Escoteiro as três partes de sua Promessa – Dever para com Deus e a Pátria, Ajuda ao próximo e Obediência à Lei Escoteira.

O lema

O lema do Escoteiro é “Esteja preparado (*Be Prepared*)” [Sempre Alerta]. Foi adaptado, assim como boa parte do uniforme, da *South African Constabulary*. Os homens dessa Força escolheram esse lema para si, em parte porque falava de sua prontidão para assumir qualquer

[613] As etapas de Lobinho incluíam a Primeira Estrela e Segunda Estrela (correspondendo à Segunda e Primeira Classe do Escoteiro); simbolizavam a abertura dos olhos do Lobinho em sua progressão.

missão a qualquer tempo, e em parte porque trazia à lembrança as minhas iniciais[614].

A flor-de-lis tornou-se o símbolo do Escotismo em quase todos os territórios do mundo.

De modo a distinguir uma nacionalidade de outra, os países costumam sobrepor à flor-de-lis seu próprio emblema nacional.

Isto pode ser visto no caso dos Estados Unidos, onde a águia e o brasão nacional estadunidense ficam em primeiro plano, tendo ao fundo a flor-de-lis da Fraternidade Escoteira Mundial. E que perdure longamente!

O nó

Abaixo da flor-de-lis e do lema, pende um pequeno cordão com um nó atado. Esse nó, como aquele que você faz no seu lenço ocasionalmente, é um lembrete diário para o garoto de que ele tem de fazer uma boa ação para alguém.

O bastão Escoteiro

Por falar em apontar o caminho, há outro ponteiro que usamos na maioria das Tropas Escoteiras, na forma do bastão Escoteiro.

É um equipamento de grande valia – de fato, quase uma necessidade para encontrar seu caminho em terreno difícil à noite.

Alguns bastões unidos por amarras podem constituir uma ponte bem útil sobre um córrego, ou podem ser construídos como uma torre de observação ou de sinalização, ou como um mastro de bandeira. Bastões podem ser usados como uma barreira para conter multidões ou para fazer macas a fim de transportar pessoas feridas ou o material de acampamento de dois Escoteiros.

Insígnias de proficiência (especialidades)

Os garotos não são os únicos a gostarem de ostentar insígnias. Ouvi falar de homens adultos que arriscariam, e mesmo chegaram a arriscar, suas vidas para obter uma medalha.

---

[614] No emblema original, havia um listel posicionado sob a flor-de-lis, cujo formato, com as pontas para cima, deveria lembrar o sorriso do Escoteiro (sorrir e assobiar em quaisquer circunstâncias). Nos primeiros emblemas, no listel estava escrito "*Boy Scouts*"; posteriormente e em outros países, o lema.

Então, apesar de poder ser considerado imoral apelar para esse toque de vaidade do garoto, instituímos distintivos de especialidades que qualquer jovem pode conquistar se tomar a si o desafio de qualificar-se e passar em testes para eles. Esses distintivos são concedidos mediante a demonstração de competência em atividades como carpintaria, natação, pronto-socorrismo, etc., etc. Há quase sessenta[615] diferentes temas, dentre os quais cada jovem deve ser capaz de descobrir um ou mais que lhe sejam adequados.

Dessa forma, ele é encorajado a adotar um hobby, e geralmente um jovem que pratica hobbies não desperdiça seu tempo[616].

Além do mais, há apenas um parâmetro pelo qual um jovem é avaliado quanto a estar apto para receber uma especialidade, que é a quantidade de *esforço* que ele empenhou nesse trabalho. Isso dá encorajamento direto ao jovem menos dotado ou atrasado – o garoto em quem o complexo de inferioridade foi cultivado por múltiplas falhas. Se ele é alguém que tenta, não importa quão desajeitadamente, seu examinador pode conferir-lhe seu distintivo, e isso costuma inspirar o garoto a continuar se esforçando, até que conquiste outros distintivos e se torne normalmente capaz.

A insígnia mais importante é a Insígnia Cornwell por Bravura, instituída em memória do antigo Escoteiro Jack Cornwell[617], VC, morto a bordo do *HMS Chester* na Batalha da Jutlândia, na Grande Guerra.

O REI EDWARD E OS ESCOTEIROS

Após ter escrito meu livro *Scouting for Boys*, naturalmente pensei que as organizações juvenis o usariam para seu trabalho, e que haveria

---

[615] Em 2023, no programa adotado pela união dos Escoteiros do brasil, mais de seiscentas especialidades estão disponíveis, cada qual com três níveis de proficiência.

[616] B-P menciona a importância dos hobbies também em *Scouting for boys* e em *Rovering to success*.

[617] O episódio de Jack Cornwell passou a constar nas edições do *Scouting for boys* de 1916 em diante. John Travers Cornwell, apontador do canhão de vante do cruzador *HMS Chester*, morreu dois dias após a batalha, em consequência dos ferimentos recebidos. Foi a terceira pessoa mais jovem a receber a Victoria Cross. A Insígnia Cornwell é outorgada pelas Associações Escoteiras do Reino Unido e da Commonwealth a membros juvenis que se destaquem por ações de bravura. Na edição brasileira de 2006, está na p.273.

pouco mais para eu fazer sobre isso. Mas não demorou muito para que, já na primavera de 1909, eu descobrisse que, à margem de tais organizações, centenas de rapazes estavam constituindo Tropas Escoteiras por conta própria.

Foi em 1909 que o Rei Edward conversou comigo com respeito ao Movimento. Apesar de ainda estar em condição embrionária, Sua Majestade viu-o tão promissor e cheio de possibilidades, que encorajou-me a prosseguir com ele – mesmo que me custasse poupanças duramente amealhadas (e custou).

Então eu me decidi – e levei a coisa adiante.

Foi difundido um convite a todos os Escoteiros para me encontrarem num certo dia no Crystal Palace, e isso resultou num desfile ao qual compareceram mais de onze mil rapazes[618]; a maior aglomeração de jovens que já tivera lugar até então – e o Movimento não tinha nem dois anos de existência!

Isso foi uma espécie de bomba sobre mim.

Vi que não daria conta de fazer as duas coisas, serviço militar e Escotismo. Eu teria de largar um ou outro. Mas qual?

De um ponto de vista pessoal, eu estava com cinquenta e dois anos de idade e era Tenente-General, portanto, bem alto na hierarquia para a minha idade; ao mesmo tempo, seria uma pena deixar esse novo rebento enfraquecer-se e apagar-se, e ainda assim eu não conseguia ver ninguém que pudesse ou quisesse assumi-lo nessa ocasião.

Como eu disse, o Rei questionou-me nesse ponto e, sabendo que ele havia entendido plenamente a ideia, pus-me em suas mãos para dizer que linha de ação seria melhor adotar. Por fim, ele concordou que o experimento Escoteiro era o mais importante.

Assim, renunciei ao serviço ativo do Exército.

---

[618] Esse encontro marca a primeira participação de meninas em atividade Escoteira. B-P, ao deparar com elas, poderia, como seria típico nessa época, simplesmente mandá-las para casa e reforçar que o Escotismo era *para rapazes*. Mas fez diferente: enxergando que o treinamento de tipo Escoteiro era atraente e proveitoso para as garotas, trabalhou para a criação de um "Escotismo para meninas" – as *Girl Guides*. Numa época em que as escolas eram segregadas por sexo, não é de se estranhar que precisassem ser constituídas associações "Escoteiras" também separadas.

Sua Majestade continuou a demonstrar interesse em nosso progresso. Em 5 de maio de 1910, recebi ordem de estar no Palácio de Buckingham entre as três e as quatro da tarde, já que o Rei queria falar comigo sobre a realização de um Rally [grande concentração] Escoteiro em Windsor.

O Marquês de Soveral estava com ele quando cheguei, e esperei numa antecâmara. Quando Soveral saiu, um Estribeiro veio a mim e disse que o Rei não estava se sentindo bem e que apenas queria dizer-me que sua intenção era que acontecesse o Rally dos Escoteiros no Windsor Great Park, em junho.

Justamente antes da minha visita daquela tarde, Lord Islington havia beijado as mãos do Rei por ocasião de sua designação como Governador da Nova Zelândia, e Sir Thomas Robinson, Agente-Geral para Queensland [na Austrália], havia presenteado Sua Majestade com um tinteiro de ouro em nome do governo daquele Estado. Ele foi o último visitante oficial a *ver* o Rei, já que eu apenas pude *ouvi-lo* pela porta aberta.

No dia seguinte, o Rei, apesar de muito indisposto, insistiu em levantar-se e vestir-se. Ele mandou chamar Sir Ernest Cassel e conversou com ele. O cavalo de Sua Majestade, *Witch of the Air*, venceu em Kempton Park naquele dia. Ele recebeu a notícia com alegria por volta das cinco horas, mas à noite teve um desmaio e foi levado para o leito. Às 11:45, faleceu.

O encorajamento que o Rei Edward me deu foi plenamente secundado por Sua Alteza Real o Duque de Connaught, que, vendo as possibilidades do Escotismo, mesmo naqueles dias iniciais, aceitou a Presidência do Movimento e, desde então, tem apoiado apaixonadamente.

De homens proeminentes como Lord Roberts, Lord Rosebery, Lord Grey, Almirante Lord Charles Beresford e outros, recebi as cartas mais encorajadoras, mas a mais encorajadora de todas foi a aprovação experiente e conselhos que recebi de minha mãe. Ela mesma uma educadora, viu maiores possibilidades no Escotismo do que eu poderia antever em meus sonhos.

O Rei George V realizou a revista dos Escoteiros em Windsor Park como fora planejada pelo Rei Edward, e deu frequentemente expressão de seu profundo interesse pelo Movimento[619].

DESENVOLVIMENTO DO ESCOTISMO

Assim começou o Movimento Escoteiro. Sua história e crescimento subsequentes foram bem completamente relatados no livro de Eileen K. Wade, entitulado *Twenty-one Years of Scouting*.

A Guerra

O Movimento ainda era muito jovem, com apenas seis anos de existência, quando rebentou a Guerra. Mas já estava sólido. Os rapazes haviam desenvolvido o espírito correto e estavam todos ansiosos por prestar serviço ao país. Homens e mulheres se adiantaram para assumir os lugares de Chefes Escoteiros que haviam ido para o *front* e, onde esse não apareciam, os próprios rapazes mais velhos assumiam a liderança e continuavam a operar as Tropas.

Pioneiros

Após a Guerra, em 1919, demos início ao Ramo mais velho do Movimento, para Escoteiros com idade acima de dezessete anos e meio, a quem denominamos Pioneiros (*Rovers*). Este Ramo foi gradualmemnte tomando forma sob a direção do Cel Ulick de Burgh, e prometia atender a uma grande necessidade[620]. Em consequência, escrevi um livro chamado *Rovering to Success*, no qual eu disse, muito similarmente ao que fiz no começo deste livro: “Sempre me pareceu muito esquisito que, quando um homem morre, leve consigo todos os saberes que adquiriu durante a vida enquanto plantava aveia selvagem ou conquistava seus êxitos. Ele deixa seus filhos ou irmãos mais novos passarem por todo o trabalho de aprender tudo de novo por sua própria experiência. Por que não poderia ele passar isso adiante, de modo que eles pudessem começar

[619] Em julho de 1911, como B-P relata no capítulo XVIII de *Adventures and accidents*.

[620] Não apenas ao interesse dos jovens que queriam ter “um pouquinho mais” de vida Escoteira após os 18 anos, mas também para, por meio dessa vida Escoteira, em equipe e servindo à comunidade, reintegrar à sociedade de tempo de paz os jovens veteranos da Grande Guerra, ajudando-os a superar os traumas dessa experiência.

bem, a partir da quantidade de bom conhecimento que ele conseguiu, e assim chegar a um estágio mais elevado de eficiência e bom senso desde o início?".

Nesse livro, alerto os jovens sobre os vários recifes contra os quais estão sujeitos a serem lançados em sua jornada pela vida, e esses recifes podem ser sumarizados, de modo geral, em Cavalos (Jogo), Bebida, Mulheres, Espertalhões e Irreligião[621].

O livro prossegue, então, para descrever a organização dos Pioneiros como uma Fraternidade de Animado Serviço ao próximo.

Esse livro, *Rovering to Success*, trouxe-me um retorno tão grande quanto, se não maior, que o de *Scouting for Boys*, dado que induziu uma enorme quantidade de rapazes a escrever para mim pessoalmente e privadamente buscando conselhos.

Tratei essas cartas de maneira estritamente confidencial, e respondi-as eu mesmo com o melhor de minha capacidade. Abriu-me os olhos constatar quão grande é a necessidade de tais conselhos paraa o adolescente, quando tantos deles explicaram que foram deixados na ignorância e tinham vergonha de perguntar aos pais ou aos seus líderes espirituais, mas, tendo lido o livro, vinham a mim em busca de simpatia.

Esses vários documentos humanos apelavam diretamente ao meu coração, pois é espantoso descobrir que eles me adotariam como um padre confessor, quando pessoalmente eu era para eles um completo estranho. Mas aceitei sua confiança.

---

[621] É preciso lembrar que B-P publicou *Rovering to success* em 1922, como "um livro para os rapazes sobre o esporte da vida". E que, ao longo do texto no livro, pode-se perceber que ele apenas usou uma palavra-síntese para os "recifes", não se restringindo especificamente a essa palavra. Ao falar dos Cavalos ou do Jogo, ele discorre sobre a ilusão de buscar o "caminho fácil" dos jogos de azar, em lugar de fazer sua própria vida. No capítulo Bebida, ele trata também de outras drogas e maneiras de atacar a própria saúde. No capítulo Mulheres, ele não manifesta misoginia; pelo contrário, indica ao leitor o respeito para com as mulheres e alerta, sim, para os riscos da promiscuidade e de deixar-se levar somente pela luxúria em lugar de buscar relacionamentos humanos construtivos. Ao tratar dos Espertalhões, enfatiza a necessidade de estar atento e construir seu próprio pensamento e linhas de ação para o serviço à sociedade, em lugar de engrossar o rebanho embaído por belas palavras vazias de ação. E ao tratar da Irreligião, alerta para os riscos do materialismo exacerbado, desconsiderando a natureza e a humanidade, sem necessariamente mandar o leitor ser cristão, mas sim alertando-o para enxergar a beleza da Criação da qual faz parte.

Gilwell

Em 1919, o Sr de Bois McLaren presenteou à Associação Escoteira a propriedade de Gilwell Park, vizinha à Floresta de Epping. Sua ideia era prover um local de acampamento de fácil acesso desde Londres para os garotos das classes mais pobres, mas, vendo que havia edificações adequadas no imóvel, ele aceitou minha sugestão de que deveríamos fazê-lo também o Centro de Treinamento para Chefes Escoteiros, que eu via como um passo da maior importância no desenvolvimento do Escotismo[622].

O Capitão Frank Gidney foi designado Chefe de Campo encarregado do treinamento, e não havia melhor pessoa a selecionar para essa função[623].

É principalmente graças a esse centro de treinamento e ao seu currículo que nossos métodos se tornaram plenamente compreendidos e praticados, não apenas em todo o Reino Unido, mas também em todas as partes do mundo, uma vez que nações estrangeiras já tenham enviado seus representantes para serem treinados em Gilwell e retornarem para seus países a fim de organizarem lá o mesmo sistema.

Administração

Em 1920, a maioria dos países civilizados do mundo havia implantado o Escotismo, e modelado suas organizações de uma forma geral acompanhando a nossa [do Reino Unido]. Com esse amplo desenvolvimento, fez-se necessário descentralizar nossa administração tanto quanto possível.

A Sede Imperial foi dividida em Departamentos, lidando respectivamente com áreas como:

---

[622] Os primeiros ocupantes Escoteiros do recém-adquirido Gilwell Park foram doze *Rovers* que acamparam lá na Semana Santa (17-20 de abril) de 1919 – há uma foto deles diante da *White House*; esse foi o início dos trabalhos de recuperação da propriedade. Gilwell Park foi oficialmente inaugurado coomo instalação Escoteira em 26 de julho de 1919.

[623] De 8 a 19 de setembro de 1919, realizou-se em Gilwell Park o primeiro Curso para Chefes Escoteiros; os concludentes receberam contas do colar zulu que B-P trouxera da África do Sul, dando início à Insígnia de Madeira. O curso teve como diretor Frank Gidney, e B-P deu nele algumas palestras.

Domínios Ultramarinos Britânicos	Treinamento de Chefes
Países Estrangeiros	Publicações
Equipamentos	Finanças
Instituições Afins	Pioneiros
Lobinhos	Escoteiros do Mar

Cada um desses Departamentos era gerido por um chefe selecionado, um homem especialmente qualificado para a tarefa, trabalhando na condição de voluntário.

Crescimento Internacional

Depois da Guerra, um grande encontro de Escoteiros de todos os países foi organizado em Londres, com o intento de aproximar todas as nações por meio do Escotismo e enviar uma mensagem de paz.

Era algo maior do que um Rally, então nós o chamamos Jamboree. Frequentemente me perguntam: "Por que chamar por esse nome?", e minha resposta tem sido: "De que outro nome você poderia chamá-lo?".

Aconteceu no Olympia[624], e durou dez dias. Cerca de doze mil rapazes se fizeram presentes, com grupos representativos vindos de uma grande quantidade de países estrangeiros para o evento.

O evento teve uma popularidade que superou largamente nossas expectativas. Como não havíamos previsto essa possibilidade, nossas acomodações para o público visitante eram muito limitadas, o que nos levou a perder dinheiro, mas ao mesmo tempo construímos uma reputação.

No último dia, representantes de todos os países estrangeiros reuniram-se e elegeram-me Escoteiro-Chefe Mundial, e isso foi comemorado por uma maravilhosa procissão das nações em seus trajes típicos e conduzindo as bandeiras de seus países. Foi um desfile deslumbrante, ao qual foi dado efeito dramático com a presença de duas

[624] O Olympia é um centro de convenções, em Londres, ainda existente e operante cem anos depois.

majestosas damas, representando Britânia e Colúmbia. Disseram-me para desfilar acompanhando-as.

No meio da procissão ao redor da arena, um garoto americano avançou razendo uma cadeira entalhada. Perguntei para que era ela, e ele respondeu que para sentar, então eu me sentei nela ali mesmo.

O Mestre de Cerimônias e os Auxiliares acorreram de todas as direções e fizeram sair o garoto e sua cadeira, já que eu estava atrapalhando todo o espetáculo. Aconteceu que foi uma apresentação não autorizada por parte do garoto, que havia entalhado a cadeira para mim e julgara o momento oportuno para presentear-me!

Honrarias

Certa manhã, voltando de trem de minha casa no campo, eu havia trazido comigo minha correspondência para ler durante a viagem, quando uma bomba me atingiu.

Uma carta com a marcação "O.H.M.S. (*On His Majesty's Service*)" parecia estranhamente um documento de notificação do Imposto de Renda, então eu a deixei para abrir por último. Quando o fiz, vi que era para anunciar que o Rei me havia feito Baronete.

Era uma bomba porque foi algo tão absolutamente inesperado e, até onde eu entendia, tão imerecido, porque todo esse trabalho de organização do Escotismo era uma diversão para mim.

Algumas pessoas gostam de golfe, outras gostam de corridas de cavalos, e eu me dediquei ao Escotismo. Mas eu ser recompensado e receber honrarias por praticar um hobby era muito além de qualquer coisa que eu jamais pudesse imaginar. Nem podia eu me reconciliar com essa ideia até entender que ela significava o reconhecimento do Rei pelo trabalho voluntário deste vasto exército de homens que devotavam seu tempo e energia e, em muitos casos, dinheiro, para treinar rapazes para serem melhores cidadãos de seu país[625].

[625] Em 1921-22, dois Escoteiros selecionados, os Monitores Norman Mooney e James Slessor Marr, fizeram parte da expedição de Sir Ernest Shackleton à Antártica, no navio *Quest*. Mooney deixaria a expedição ainda em Lisboa, mas Marr foi até o final, escrevendo depois o livro *Into the Frozen South*. Shackleton morreu em Grytviken, Geórgia do Sul, em 5 de janeiro de 1922, e a expedição retornou,

ÍNDIA

Nesse mesmo ano, recebemos um telegrama de Lord Chelmsford, Vice-Rei da Índia, convidando minha esposa, que era Chefe das Guias, e eu próprio, para visitar aquele território, e ajudar a estabelecer os Escoteiros e as Guias sobre bases adequadas.

Não foi preciso convidar duas vezes: fomos, e nossa excursão foi muito bem-sucedida e maravilhosamente interessante. Descobrimos haver lá umas seis organizações diferentes a chamar-se Escoteiros, funcionando em linhas bem rudimentares, e muitas delas fortemente impregnadas com política, e todas elas concordando em discordar umas das outras.

Visitamos quase todas as partes do território e vimos um grande potencial, desde que eles conseguissem se juntar e consolidar em um só corpo.

Muitos dos líderes tinham noções completamente distorcidas qquanto aos objetivos do Movimento, e quando fomos conversar sobre isso com eles, mostraram-se receptivos à razão.

Finalmente, a Sra Annie Besant, que encabeçava um contingente considerável, concordou em unir-se ao Movimento principal, e como ela geralmente era respeitada pelos indianos, havia pouca dúvida de que uma ação sua nesse sentido seria um exemplo bastante persuasivo para os demais.

Assim, foi combinado que teríamos um grande Rally (Encontro) de todas as seções do Movimento, e a Sra Besant viria ao centro e faria perante mim a Promessa Escoteira.

Com toda a força dramática de que eu era capaz, chamei-a, na minha maneira mais solene, para repetir comigo as palavras da Promessa Escoteira.

Naquele momento, minha mente deu um branco. Vieram-me muitos outros pensamentos, mas juro que eu próprio não conseguia

---

tendo ele ficado sepultado lá. Entre abril e junho de 1982, as ilhas Falkland e Geórgia do Sul voltariam a ver agitação, com a invasão argentina em abril e a guerra que se sucedeu, pela sua retomada.

lembrar as palavras da Promessa Escoteira! Houve uma pausa embaraçosa. Eu me sentia um completo idiota; engoli uma ou duas vezes e tentei iniciar; mas as palavras não vinham.

Entretanto, a Sra Besant percebeu meu apuro e respondeu nobremente à ocasião. Com toda a habilidade de um experiente "ponto" de teatro, ela me deu a deixa, cochichando as palavras para mim, e eu então as proferia bem alto, com tanta confiança como se eu nunca tivesse vacilado.

Graças a essa Promessa da Sra Besant, os diversos grupos concordaram em amalgamar-se em um único Movimento para toda a Índia, e desde então ele vem seguindo e prosperando, mesmo sob tempos anormalmente difíceis pelos quais o país passou.

Depois, visitamos a Birmânia e o Ceilão[626], e em nossa viagem para casa paramos no Egito e Palestina[627], inspecionando os Escoteiros e Guias em cada país.

KANDERSTEG

Em 1923, nosso Bureau Internacional obteve a posse de um grande chalé em Kandersteg, na Suíça. Este foi transformado em um hostel para Escoteiros de todas as nações. Aqui eles, em grandes ou pequenos números, poderiam alojar-se para fazerem excursões ou escaladas nos arredores. Fica numa região belíssima, e numa localização convenientemente central para a Europa. Nunca deixou de atrair Escoteiros de todos os países o ano todo, e os garotos das mais diferentes nações se encontram ali no mais amistoso espírito de camaradagem.

Mortimer Schiff, um dos faróis da *Boy Scouts of America*, pouco antes de morrer, contribuiu para tornar o local ainda mais agradável, presenteando o Bureau com um terreno vizinho capaz de acomodar uns dois mil jovens acampados.

---

[626] Respectivamente, atuais Myanmar e Sri Lanka.

[627] Nesse tempo, o Egito, conquanto nominalmente independente, estava fimemente na "esfera de influência" britânica (como abrir mão do controle do Mediterrâneo Oriental e do Canal de Suez?). A Palestina, compreendendo os atuais Israel e Cisjordânia, era mandato britânico desde o fim da Primeira Guerra Mundial, com Síria e Líbano sob mandato francês.

Isso deu um tremendo incentivo ao desenvolvimento do Escotismo internacional.

ESCOTEIROS DO IMPÉRIO

Nesse mesmo ano [1923], a Guia-Chefe e eu fomos convidados para ir ao Canadá pelo Conselho Nacional de Educação. Visitamos nove centros, dando palestras e visitando Grupos de Escoteiros e Guias.

Em 1924, organizamos um Encontro Imperial de Escoteiros na Exibição Imperial em Wembley, para a qual arranjou-se um acampamento capaz de alojar 12.500 rapazes. Eles vieram de todas as partes do Império, enquanto 28.000 vieram de trem de várias partes do país, sem falar nos Escoteiros locais e de Londres.

Pode-se ter uma vaga ideia da sua quantidade em desfile pelo fato de ter levado duas horas e quinze minutos para eles entrarem na arena, marchando em testa por quatro[628].

O evento foi de relevância suficiente para que o Arcebispo de York se dirigisse aos rapazes na missa especial de Ação de Graças oficiada no domingo. Foi ainda mais importante porque o Príncipe de Gales, quando lhe foi perguntado se visitaria o acampamento, não apenas aceitou o convite como voluntariou-se para pernoitar no próprio acampamento.

Após ver o Rally, ele jantou com os Dirigentes em sua tenda, e participou do Fogo de Conselho dos garotos à noite. Quando viu os rapazes escoceses dançando o *reel*, ele não resistiu ao impulso e saltando do seu "trono" juntou-se à dança com a maior vivacidade.

Ao retirar-se para sua barraca após o pesado trabalho do dia, quando poderia ter seu bem merecido repouso, ele me chamou para uma longa conversa sobre caça ao javali com lança e outros tipos de caça na Índia e outros lugares.

Sua Alteza Real não soube que teve uma guarda voluntária de Pioneiros, tomando conta de sua barraca. Depois que eu o deixei e me recolhi, um dos Pioneiros veio à minha tenda e perguntou o que eles deveriam fazer. O Príncipe havia saído para uma caminhada; deveriam

[628] Ou seja, o grupamento tinha quatro colunas (fila com um atrás do outro).

segui-lo como escolta? Eles o fizeram da maneira mais discreta, e depois relataram que ele foi falar com o fazendeiro cujas terras estávamos ocupando, e teve uma meia hora de animada conversa com ele antes de ir para a cama.

Quando saí na manhã seguinte, descobri que o Príncipe já estava de pé e, para meu horror, estava cercado de Escoteiros, cada qual com sua câmera e tirando fotos dele.

Ele me disse que não queria mais nenhum fotógrafo após a experiência do primeiro dia, mas aparentemente ele falava de fotógrafos da imprensa, já que, com os garotos, ele estava bem à vontade e parecia quase estar se divertindo, posando para eles e dando-lhes conselhos sobre onde se posicionar para ter a melhor luz – e assim por diante.

Assim, ele se fez amado por esses jovens e, vindo eles dos pontos mais distantes do Império, estabeleceu com eles um toque pessoal de grande valor no longo prazo.

ÁFRICA DO SUL

Em 1925, minha esposa e eu visitamos novamente os Estados Unidos da América para participar da Conferência Mundial das Guias, na qual foi fundado o seu Bureau Mundial.

No outono, viajamos para a África do Sul, para inspecionar os Escoteiros e as Guias. Isso levou sete meses, e foi uma peregrinação intensamente interessante, tanto em reviver lembranças e notar os progressos, quanto em identificar possibilidades para o futuro.

GCMG

Ao retornarmos para casa em 1927, fui surpreendido por ter-me o Rei concedido a alta honraria da Grã-Cruz de São Miguel e São Jorge (GCMG).

Como já contei noutra ocasião, por mais de uma vez – creio que uma três vezes – fui recomendado para receber a CMG (Companheiro da Ordem de são Miguel e São Jorge, apelidada *Colonial Made Gentleman* – Cavalheiro feito nas Colônias) por serviços prestaados em Ashanti, Suazilândia e Matabelelândia respectivamente. O inedeferimento das recomendações provocou o desejo por receber essa Ordem, apesar de eu

geralmente não ter muito gosto por comendas (e, em consequência, acabei por ver-me inundado por elas). Mas a CMG eu realmente cobiçava. E de repente eu me descubro sendo investido com a sua Grã-Cruz.

Escrevi prontamente ao Secretário Particular do Rei, que era meu amigo pessoal, contando-lhe quão encantado eu estava e a razão para isso – e creio que ele correu a mostrar minha carta a Sua Majestade. Não foi muito honesto para comigo, mas de todo modo eu havia expressado sinceramente meu reconhecimento.

O JAMBOREE

1929 viu o maior evento em nossa história Escoteira desde o começo do Movimento, quando abrimos um acampamento para 50.000 Escoteiros de todas as nações, em Arrowe Park, próximo a Birkenhead.

Foi para marcar a chegada à maioridade [21 anos] do Movimento.

O verão de 1929 tinha sido um período excepcionalmente longo de dias ensolarados e seca, até o dia da abertura do acampamento, quando a chuva se derramou torrencialmente, e assim se manteve pelos três dias seguintes.

Essa circunstância, apesar de ter podido arruinar o evento, não o fez. Os garotos mostraram-se superiores a isso, e pareciam ter gosto no desconforto e na lama. Isso certamente foi para eles o mais elevado teste de técnica de campismo e logo se pôde constatar que eles haviam sido treinados da maneira correta, ou seja, na vida ao ar livre.

Não houve adoecimentos, nem reclamações, e amizades internacionais desenvolveram-se por todo lado, em grau notável, entre os milhares que ali estavam.

O Duque de Connaught abriu o acampamento. O Príncipe de Gales compareceu como representante de Sua Majestade, o Rei. Muitos dignitários, tanto estrangeiros quanto britânicos, também visitaram o acampamento.

Novamente, o Príncipe escolheu ficar em barraca como os rapazes, a despeito da molhaceira, e uma vez mais cresceu sua popularidade entre eles.

Sua Alteza Real arremessou outra bomba sobre mim quando anunciou que o Rei achara por bem elevar-me ao Pariato[629], como marca de aprovação de Sua Majestade ao Escotismo e seus propósitos.

Senti-me oprimido por essa nova honraria, e por algum tempo não consegui me decidir quanto a aceitá-la. Em vão argumentei que não fora eu, mas os milhares de Escotistas, quem havia, pelo devotado trabalho, tornado o Movimento aquilo que ele chegou a ser[630].

Essa bomba foi imedatamente seguida por outra vinda dos próprios rapazes, na forma do presente de um automóvel com reboque[631], e um retrato meu feito por Jagger – e por último, mas não menos importante, um par de suspensórios.

A razão para isso foi que esses presentes resultaram de uma subscrição geral por todo o Escotismo, de um *penny* por jovem. Quem tomou essa iniciativa, secretamente, foi a Dinamarca. Para descobrir que tipo de presente me agradaria, abordaram minha esposa e pediram-lhe para descobrir o que eu mais queria, sem me deixar saber o que acontecia.

Seguindo o plano, ela um dia me perguntou do que eu mais gostaria se um presente me fosse oferecido. Eu lhe agradeci calorosamente, mas respondi que não precisava de nada.

Ela então disse: “Mas pense bem, certamente deve haver alguma coisa de que você gostaria”.

---

[629] Par do Reino, com título pleno de nobreza; foi a elevação de B-P de baronete a barão.

[630] Como B-P ia ser barão, tinha de ser barão “de algum lugar”. Considerou, então, que essa honraria, sendo devida ao Escotismo, deveria ter como referência o Escotismo; daí, escolheu Gilwell para ser o seu baronato, tornando-se o Barão Baden-Powell of Gilwell. Em comemoração a esse fato, na Reunião de Gilwell os Escotistas participantes montaram uma representação na qual, segundo o relato de B-P, fizeram uma retrospectiva desde sua ancestralidade mais remota: uma ameba numa bacia d’água, um macaco numa árvore, um troglodita de cérebro diminuto, um guerreiro celta, e por aí afora, da forma mais hilariante.

[631] O automóvel, um Rolls-Royce, foi batizado *Penny Jam Roll* (o Rolls dos *pence* do Jamboree), e o trailer, um escritório conversível em dormitório, foi batizado *Eccles*. O Rolls foi vendido por Lady Olave em 1945, e o trailer está estacionado em Gilwell Park. Eles foram reunidos em 2007, para as comemorações do Centenário do Escotismo, e em 2019, para as comemorações do Centenário de Gilwell Park, depois das quais o proprietário do carro levou-o de volta.

Refleti por um momento, e disse: “Sim, meus suspensórios estão bem desgastados – se você achar por bem dar-me um novo par, ficarei muito grato”.

Assim, no devido tempo os suspensáorios foram presenteados – e também um automóvel e outras coisas.

Que presente maravilhoso, vindo de um milhão e meio de jovens de todo o mundo! E dado, pode-se crer, com devotado entusiasmo e lealdade a uma ideia. Isso faz a gente se sentir muito humilde, muito inadequado para as vastas possibilidades reveladas de promover a paz e boa vontade entre os homens da geração vindoura no mundo.

Eis uma oportunidade para alguém que tenha o poder e a visão para fazê-lo. De todo modo, nós Escoteiros estamos contribuindo com nosso bocadinho para esse grande propósito.

No desfile de encerramento dessa maravilhosa quinzena, os garotos das várias nacionalidades reuniram-se todos misturados e formaram uma imensa roda – um grande círculo com filas de Escoteiros irradiando do centro para o exterior, como os raios. Meu papel, no cubo da roda, era enterrar um machado – o machado da guerra e da inimizade – e então entregar ao primeiro garoto de cada raio uma flecha dourada – símbolo de paz e boa vontade – para ser passada de mão em mão até alcançar o líder de cada contingente nacional, para que ele a levasse ao seu país de origem, de modo que a mensagem do Jamboree fosse conduzida a todas as nações e, lá, posta em prática.

Fiz uma pequena exortação, na qual conclamei todos a carregarem esse símbolo de Paz e Camaradagem para o mundo inteiro, cada Escoteiro individualmente sendo um embaixador de amor e amizade para aqueles ao seu redor.

Claro, quando alguém tenta ser sublime, é certo que o ridículo se apresentará. Dirigi meu discurso a todo o círculo, mas o rapaz que estava em pé bem de frente para mim, e a quem, portanto, tomei por foco para dirigir toda a força de minhas observações, parecia prematuramente indiferente a elas. Presumi que fosse algum estrangeiro que não soubesse

inglês. Descobri depois que era o único garoto dos 50.000 que era surdo-mudo! Minha bela sorte!

AUSTRALÁSIA

No ano seguinte, minha esposa e eu visitamos os Escoteiros e Guias na Nova Zelândia e Australásia e, na viagem para casa, novamente na África do Sul. Foi uma viagem extremamente interessante, se bem que exaustiva, mas ao mesmo tempo valeu o esforço.

A viagem levou uns sete meses e, dentro de uma semana desde nosso retorno à Inglaterra, estávamos de novo viajando para o estrangeiro. Primeiro, para uma Conferência Escoteira Internacional em Viena, depoois para o Moot Internacional com cerca de 2.000 Pioneiros em nossa área de acampamento em Kandersteg, Suíça. Este, o primeiro de seu tipo, provou ser um avanço palpável na promoção da boa vontade internacional por meio do conhecimento pessoal mútuo e camaradagem entre jovens de diversos países. Com esse intuito, temos hoje (1933) no Movimento 2.159.9984 Escoteiros distribídos em 45 diferentes países, e mais alguns milhões de jovens nas populações que já passaram por esse treinamento.

AS GUIAS[632]

Por rápido que tenha sido o crescimento do Movimento Escoteiro, e por surpreendente que tenha sido a medida de sua adoção por países estrangeiros, o Movimento das Guias ultrapassou-o em ambos os aspectos.

[632] Convém lembrar que quando o Escotismo surgiu, em 1907, as escolas eram separadas por sexo. Assim, a criação de um "Movimento Escoteiro feminino" – as Guias –, para atender à demanda das meninas, precisou conformar-se às usanças da época. A coeducação nas escolas veio anos depois, e no Escotismo, ainda bem depois (se meninos e meninas tinham lugares separados para assistir às aulas, quanto mais para acampar). Assim, a Rainha Elizabeth II da Grã-Bretanha (1926-2022) foi Guia. No Brasil, as *Girl Guides* receberam o nome Bandeirantes. Desde fins do século XX, ambas as associações – União dos Escoteiros do Brasil e Federação das Bandeirantes do Brasil – são coeducativas. Inicialmente, B-P atribuiu a coordenação do Guidismo a sua irmã Agnes; mas quando Lady Olave entrou em cena (lembrando: casaram-se em 1912), mostrou-se competente para tomar a frente do Movimento, tornando-se Guia-Chefe em 1918.

"Somos as Escoteiras", foi o anúncio feito com um confiante ar de autoafirmação por uma espevitada pessoinha de uns onze anos, no primeiro Rally de Boy Scouts. Foi no Crystal Palace, em 1909.

Ela foi a porta-voz de um pequeno grupo de meninas vestidas na imitação mais próxima possível dos trajes de seus irmãos, os Escoteiros.

A presença e o evidente entusiasmo dessas garotas abriram-me os olhos para o fato de que ali estava a abertura para uma aplicação subsequente do método Escoteiro para o treinamento do caráter e o autodesenvolvimento.

Nessa época, mais de vinte anos atrás [referência 1933], as mulheres estavam apenas começando a conquistar seu espaço no mundo. Na verdade, o desenvolvimento do caráter era mais necessário a elas que aos seus irmãos, já que elas haviam tido menos oportunidades de fazê-lo em sua vida comparativamente mais recolhida[633].

Elas precisavam desse treinamento para atender às suas crescentes responsabilidades na vida em sociedade; necessitavam dele também em sua condição de mães, para cultivá-lo em sua descendência.

A educação escolar para meninas alcançou um nível mais elevado e que vem consistentemente se aprimorando, mas o problema do treinamento do seu caráter ainda estava sem resposta.

Caráter não pode ser ensinado em sala de aula. Precisa, necessariamente, ser cultivado no indivíduo, e em grande medida decorre do esforço do próprio educando.

Com os Escoteiros, procuramos ajudar os jovens a desenvolver seu caráter por meio do esporte e de aventuras ao ar livre, aos quais um código moral cavalheiresco é conexo. Há muito tempo percebeu-se que as meninas geralmente preferiam ler a literatura destinada aos meninos,

---

[633] Até a Primeira Guerra Mundial, o mais comum para as mulheres era serem consideradas "mães e donas de casa". Os movimentos emancipatórios que vieram crescendo no início do século XX tiveram aceleração graças à ocupação de postos de trabalho por mulheres, durante a Grande Guerra, substituindo maridos, irmãos e namorados que iam para o Exército. B-P percebeu (sem ter, ao que se saiba, conversado com Freud) que, sendo a influência materna fortemente determinante no caráter da criança, as possíveis mães precisavam ter uma sólida formação de caráter – claro que ele teve uma *forte* referência em dona Henrietta.

que histórias dos dramas do Oeste Selvagem atraíam-nas muito mais do que aquelas sobre heroínas em internatos para moças.

Agora, as garotas estavam vindo à frente por sua própria vontade para obter o mesmo tipo de aventuras que seus irmãos.

Isto já se tornou usual – em 1933 – mas era uma grande inovação em 1909.

Entretanto, com esse espírito, encontrando um meio-termo, não foi tarefa muito difícil construir um esquema semelhante em princípios ao dos Escoteiros, diferindo em alguns detalhes para atender às necessidades da vida feminina.

A Srta Charlotte Mason, fundadora da Casa da Educação para treinar professoras, antecipou em certa medida esta proposta, quando adotou como manual para basear seu treinamento um livrinho chamado *Aids to Scouting*[634], que eu havia escrito para jovens soldados. Ela o achou educativo, então, após meu encontro com essas assertivas "Escoteiras", eu comecei a ter esperança em sugerir um movimento feminino irmão do Escotismo. A ele demos o nome *Girl Guides* [Guias].

O termo "Guias" foi escolhido no intento de dar uma ideia de romance e aventura, ao mesmo tempo que indicava também as futuras responsabilidades das garotas em conduzir os homens e educar as crianças no caminho correto.

O objetivo geral do treinamento era similar ao dos Escoteiros, com o senso de serviço ao próximo, enquanto em particular daria às meninas instruções práticas sobre economia doméstica, maternidade, etc[635].

Este objetivo seria conseguido em larga medida pela autoeducação, por meio de recreação ao ar livre em companheirismo sadio. O treinamento aconteceria sob a orientação de uma "Chefe Guia", ou seja,

---

[634] Como já foi mencionado, um manual para o Esclarecedor de Cavalaria, posto a publicar pouco antes do Cerco de Mafeking, mas que os garotos e alguns educadores se dispuseram a usar: aqueles, para brincar; estes, como ferramenta educativa.

[635] Como disse a Sra Wade, "adaptar os princípios Escoteiros a garotas sem fazer delas 'molecas' ou Escoteiros de imitação".

uma mulher que no relacionamento não seria nem uma professora nem uma “manda-chuva”, mas antes uma irmã mais velha.

As Guias, assim como os Escoteiros, foram organizadas em pequenas Companhias com um efetivo de até trinta e duas, de modo a permitir qua cada temperamento individual pudesse ser estudado e educado.

Então, as garotas passaram a ser agrupadas progressivamente por idade, em *Brownies*, *Guides* e *Rangers*.

Nos primeiros dois ou três anos, pouco pôde ser feito quanto à organização das Guias, dado que eu estava bastante imerso no fenomenal crescimento do Movimento Escoteiro; mas nas mãos de um comitê de enérgicas damas, as coisas começaram a tomar forma, e não demorou muito para que o Movimento tivesse sua própria sede, seu uniforme, seu manual, e regras como uma organização estruturada.

O uniforme era um item importante, naão apenas como um atrativo para as garotas, que sem dúvida era, mas porque com ele todas as diferenças de nível social eram escondidas e esquecidas.

Um dos nossos princípios é estender a todos a boa vontade e a tolerância, de tal modo que não se dê consideração a diferenças de classe, país ou credo. Todas são aceitas na sororidade, devendo comprometer-se com nossa política religiosa, que se apoia simplesmente no fundamento básico da maioria das crenças no mundo, a saber, Amor a Deus e Amor ao Próximo. A forma prática pela qual isso é expresso fica a cargo de seus guias espirituais e genitores; é imaterial para nós na medida em que *é praticada*.

Assim, partindo da iniciativa de algumas garotas entusiastas, o Movimento das Guias automaticamente cresceu.

Hoje, as Guias estão em funcionamento em praticamente todos os Estados britânicos do ultramar[636], e na maioria das Colônias e Dependências. Indo ainda mais longe, foi adotado entusiasticamente em muitos países estrangeiros. De tal forma que hoje nossa família conta

[636] *Dominions*: Canadá, Austrália/Nova Zelândia, África do Sul.

com algo como 1.094.000 membros em quarenta diferentes países. Desse total de meninas, umas 885.000 são britânicas.

Olhando para trás sobre o que foi assim conseguido em vinte e um anos, tendo começado do zero, pode-se em certa medida vislumbrar quantas possibilidades se apresentam diante do Movimento nos próximos vinte e um anos. Ele está crescendo continuamente (aumento de 147.990 membros em 1931) e enviando para a corrente da vida dezenas de milhares de jovens anualmente, treinadas no serviço a Deus e ao próximo, e bem desenvolvidas na saúde, no corpo, na mente e no companheirismo.

Assim, em nosso próprio país, se as garotas responderem bem ao treinamento (como parece estar acontecendo), teremos um considerável fermento na população feminina, com mulheres treinadas em economia, cuidados da casa, maternidade, tanto quanto em caráter e eficiência para o trabalho no mundo, e em amizade com suas irmãs em outros países.

Fazia-se frequentemente a pergunta: “Por que Deus enviou a Grande Guerra?”

Possivelmente, para nos trazer à consciência que nem a educação nem a religião estão sendo conduzidas da maneira correta no intuito de criar o homem para o plano mais elevado que lhe foi designado – que a despeito de nossa civilização e de dois mil anos de Cristianismo, não obtivemos mais que um verniz de civilização, e o Cristianismo que proclamamos não é aquele que realmente praticamos em nossas vidas e ações, que o interesse em si próprio e a desconfiança governam o mundo em lugar do amor e da boa vontade.

A Guerra mostrou que as nações civilizadas, em sua maioria, estavam prontas para se lançarem à garganta umas das outras com todo o vigor dos selvagens primitivos.

A Liga das Nações está fazendo tudo o que pode, por consultas mútuas e legislação, para trazer o governo da paz. Mas é muito mais pelo medo das consequências de uma guerra que ela precisava pressionar rumo aos seus objetivos.

E no entanto, a única base consistente sobre a qual se pode construir é o espírito de amor e boa vontade entre as pessoas, em lugar de ciúmes e desconfiança mútuos. Isso só pode ser assegurado por meio da educação da nova geração com uma perspectiva diferente.

Isto soa como um sonho utópico, do qual com razão se poderia rir, se não houvesse aquilo que a experiência que vimos fazendo com os Movimentos dos Escoteiros e das Guias já mostrou – ainda que em pequena escala –: que não é impossível.

Se fomos capazes, em vinte anos, com todas as dificuldades iniciais e o atraso provocado pela maior guerra da história, de treinar aproximadamente nove milhões de jovens, espalhados por quarenta e dois países diferentes, no espírito de tolerância mútua e amizade, só precisamos da patriótica cooperação de homens e mulheres patriotas (e há muitos deles)[637] em todos os países, de maneira a estender o Movimento para influenciar a maior proporção de jovens do mundo.

Não pretendo que o Escotismo e o Guidismo, sozinhos, consigam trazer essa desejada situação – mas eles podem ajudar. Se as igrejas e escolas fizerem seu trabalho, não demorará muito para que possamos ver um tipo mais verdadeiro de civilização e um passo real ser dado para o estabelecimento do Reino Divino da Paz e Boa Vontade sobre a terra.

[637] A redundância é do próprio B-P. No original: "… the patriotic co-operation of patriotic men and women".

CAPÍTULO XI
A GUERRA

Preciso agora voltar até 1914, e contar algo do trabalho dos Escoteiros e Guias daqueles dias.

Quando a Guerra foi declarada, fui apresentar-me a Lord Kitchener[638] e ofereci meus serviços em qualquer função que fosse preciso.

Entretanto, ele expressou sua firme crença nas possibilidades do Escotismo nos bastidores, ao substituir os homens necessários no *front*; e como os médicos não me considerariam apto para o serviço ativo[639], ele me impôs urgência para organizar os Escoteiros para as diversas finalidades em que poderiam ser empregados.

O Movimento, felizmente, estava maduro para tal aventura[640]. Com seis anos de existência, o Movimento Escoteiro obtivera um sólido alicerce de administração descentralizada por todo o Império, e estava forte em efetivos, com muitos Chefes capazes. Por outro lado, a maioria destes, assim como dos rapazes mais velhos, alistaram-se nas Forças Armadas tão logo a guerra foi declarada (dez mil deles jamais retornaram).

Mas seguimos adiante com os próximos mais capazes, e estes, com a responsabilidade lançada em seus ombros, desempenharam-se bem.

Sabendo algo dos planos alemães por causa dos meus anteriores trabalhos de Inteligência, meu primeiro passo foi fazer que todas as pontes, bueiros ferroviários, linhas telegráficas, instalações de abastecimento de água, etc., fossem guarnecidas por equipes de

---

[638] Quando se declarou a guerra, B-P foi apresentar-se a Kitchener, Ministro da Guerra, oferecendo-se para reverter ao serviço ativo. Kitchener respondeu-lhe: “Eu tenho muitos generais para comandar Divisões e Corpos de Exército, mas não tenho outro capaz de liderar os Escoteiros no esforço de guerra”.

[639] Por causa do velho ferimento do Afeganistão, decorrente de um tiro no próprio pé.

[640] Apesar de no original estar “moment”, o contexto do parágrafo indica que era o Escotismo/Guidismo (“movement”) que estava maduro.

Escoteiros, no intuito de impedir quaisquer tentativas de quase cem mil alemães residentes para interferir em nossas comunicações. Vocês devem lembrar que eu havia avaliado que eles teriam intenção de atacar-nos, se possível, num Feriado Bancário, e produzir confusão ao cortar linhas telegráficas e telefônicas.

Os jovens mobilizaram-se imediatamente em suas respectivas localidades e assumiram suas missões de guarda com o maior entusiasmo e prosseguiram nelas até que pudessem ser, alguns dias depois, substituídos pela Guarda Territorial.

Os Escoteiros do Mar fizeram sua memorável mobilização quando o Almirantado convocou os homens da Guarda Costeira para o serviço embarcado.

Foi-nos pedido para substituí-los por Escoteiros do Mar. Isto foi efetivamente feito em poucas horas, e o serviço de vigilância costeira foi assumido pelos Escoteiros, sob comando de uns poucos Suboficiais de Marinha, de John O' Groats a Land's End[641].

Recebemos grandes louvores por nossa mobilização notavelmente rápida – mas havia uma razão para isso.

Ao longo das semanas anteriores, vínhamos planejando realizar um grande acampamento de Escoteiros do Mar e uma regata, na Ilha de Wight, no Feriado Bancário de Agosto. O feriado chegou; os Escoteiros estavam congregados às centenas, organizados em Patrulhas de seis, com equipamento de campo, etc. Nesse momento, veio o chamado para o serviço.

Nossa mobilização foi quase equiparada àquelaa célebre feita pelo Almirante Sir Harry Rawson, da Esquadra do Oceano Índico, quando o Sultão de Zanzibar declarou guerra contra a Grã-Bretanha e sua esquadra (um navio) disparou um ou dois tiros contra um vaso britânico – e foi prontamente posta a pique. Dentro de quarenta e oito horas, toda uma esquadra britânica estava reunida no local, com os navios chegando

[641] De uma ponta à outra da Grã-Bretanha. Land's End é o extremo sudoeste, e John O'Groats, o extremo norte da Ilha.

de várias direções. Tendo isto acontecido antes dos dias das comunicações sem fio, uma mobilização tão rápida produziu muitos comentários, para não dizer ansiedade, por parte de outras nações. O Almirante contou-me que foi insistentemente inquirido quanto ao segredo de sua concentração de forças. Ele declinou de dar tais explicações nessa época, mas confessou-me que alguns meses antes, os vários navios espalhados pela região do Índico haviam combinado de encontrar-se numa certa data em Zanzibar para disputarem um torneio de críquete – foi um azar para o Sultão ter escolhido a mesma data para sua rebelião.

Assim, os Escoteiros assumiram seus postos nos primeiros dias da Guerra, por toda a costa Oriental e Meridional, e cumpriram suas missões de vigilância dia e noite até bem depois do Armistício, quando os Guarda-Costas retomaram suas missões de terra.

Assim, apesar de nosso treinamento ser não-militar e voltado para a paz, nosso lema "Esteja Preparado [Sempre Alerta]" encontrou os Escoteiros e Guias prontos para adaptar-se imediatamente às necessidades da sua Pátria para essa época. Eles forneceram mensageiros e auxiliares de enfermagem uniformizados para as diversas repartições governamentais e para o Ministério da Guerra, assim como, localmente, para hospitais, prefeituras, estações policiais, etc.

Isntalaram e tripularam também alguns Clubes Recreativos e Ambulâncias junto ao *front*, na França.

Tudo isso eles fizeram com um espírito de leal entusiasmo, que não era apenas o entusiasmo momentâneo, mas um capaz de manter um elevado padrão de trabalho por todo o tempo até o fim daquele terrível e desgastante período da Grande Guerra.

CAPÍTULO XII
OLHANDO PARA TRÁS

Quando se ultrapassou o 75º marco quilométrico e se chegou àquela etapa da vida em que você pensa duas vezes antes de decidir se vale a pena mandar fazer um novo casaco, pode-se conceder o luxo de olhar para trás pela estrada percorrida.

Sua inclinação natural será de fazer sermões para alertar outros viajantes dos tropeços no caminho, mas não é melhor assinalar para eles algumas das alegrias ao longo do caminho, que doutra forma poderiam escapar-lhes?

A maior descoberta que atinge você ao olhar para trás é quão rapidamente você chegou a este ponto – quão breve é o intervalo da vida neste mundo. O alerta que se poderia dar, portanto, é que não vale a pena desperdiçá-lo em coisas que no fim das contas não têm importância; por outro lado, também é bom não levar a vida tão a sério como alguns parecem fazer. Enquanto você tem vida, faça-a *feliz. É aí que o sucesso é possível para qualquer pessoa*.

Existem várias ideias sobre o que constitui o "sucesso", por exemplo: dinheiro, posição social, poder, realizações, honrarias, e coisas desse tipo. Mas elas não estão disponíveis para todos – nem trazem elas aquilo que é o verdadeiro sucesso, a saber, felicidade.

A felicidade está ao alcance de todos, uma vez que, quando você pensa bem, consiste simplesmente em contentar-se com o que você tem e fazer o seu melhor possível em favor de outras pessoas.

Como Sir Henry Newbolt resume a ideia: "O verdadeiro teste do sucesso é saber se a vida de uma pessoa foi feliz e se foi uma *que deu felicidade a outros*.

EGOÍSMO

Acredito que os Adoradores do Diabo, no Oriente, sustentam a crença de que o Diabo regerá o mundo por 6.000 anos e Cristo governará por período similar. Parece que agora o Diabo está em seu reinado, e ele

é melhor descrito pelo termo “Egoísmo”, ou falta de visão ampla e compreensiva.

Isso pode ser visto hoje, em todo indivíduo, classe, seita ou nação.

Individualmente, todos nós agarramo-nos às nossas respectivas rotinas, sejam elas o Exército, a vida do clube, esporte, ou outras atividades.

Similarmente, prestamos atenção apenas à nossa classe social.

A educação escolar não tem perspectiva mais ampla que a de produzir acadêmicos.

A religião não tem perspectiva mais ampla que a de produzir clérigos.

O nacionalismo não tem perspectiva mais ampla que cuidar da autodeterminação do seu próprio país.

O Cristianismo, ou a prática do amor com mente aberta, ainda não prevalece neste mundo.

No Escotismo e no Guidismo esforçamo-nos para expulsar o egoísmo ao inculcar no jovem uma visão mais ampla e boa vontade e serviço mútuos.

Não pretendemos que o Escotismo resolva o problema, mas considerando que ele tenha se firmado com tão extraordinária rapidez como uma fraternidade em tantos países diferentes, sem tomar em conta classe, credo ou raça, podemos esperar que de toda forma seja um passo decisivo na direção desejada.

DICAS

Olhando minha própria vida em retrospecto, ao longo dela eu trombei com uma espantosa quantidade de boa sorte. Tive a sorte, por exemplo, de ter vivido na época mais interessante na evolução da história do mundo[642], com seu desenvolvimento acelerado de automóveis, aviões, comunicações sem fio, a descoberta da tumba de Tutankamon, a Grande Guerra e a convulsão mundial, e muito mais.

[642] Os primeiros 60 anos da vida de B-P foram durante a Segunda Revolução Industrial (1850-1945) e durante a “Era do Capital (1848-1875) e a “Era dos Impérios (1875-1914)”.

Além disso, encontrei uma quantidade notável de gentileza por toda parte, não apenas vinda de amigos, mas também de estranhos. Também tive a sorte de poder viver duas vidas distintas – uma como militar e solteiro, a segunda como pacifista e chefe de família; ambas tendo como atributo comum a Exploração, e ambas intensamente felizes.

Isso não quer dizer que eu não tenha enfrentado dificuldades e provações, mas elas foram o sal que deu sabor ao banquete.

Para essas, descobri que um sorriso e um bastão podem levar ajudar você a se sair bem, e em noventa e nove por cento dos casos o sorriso foi o que abriu os caminhos.

(Da próxima vez que você estiver preocupado ou bravo, force-se a levantar os cantos da boca num sorriso – e então descobrirá o valor desta dica).

"De mansinho, de mansinho é que se pega o macaquinho[643]", é a versão oeste-africana de um preceito muito valioso. Uma quantidade assombrosa de homens falha por falta de persistência paciente.

Nunca fui mestre em nenhum ofício, mas fui "quebra-galho" em muitos, e assim aproveitei toda variedade de coisas boas que o mundo tem a oferecer.

Já pensou que a duração da vida adulta de um homem de setenta anos chega a 291.000 horas acordado?

A maioria das pessoas dorme oito horas, quando sete são suficientes.

O homem que tem sete horas de sono ganha *mais de três anos* adicionais de tempo de vida acordado.

Achei uma boa ideia dar a mim mesmo, em imaginação, três anos a mais para viver. Você então sente que precisa ter as coisas feitas dentro desse tempo, quer sejam elas a realização de grande sonhos, ou a conquista da felicidade. O tempo não deve ser desperdiçado.

Os jovens, é claro, não querem ser guiados por velhos ultrapassados, mas ao mesmo tempo eu sei que no meu caso pessoal

---

643 "*Softlee, softlee, catchee monkey*". Aprendido na expedição Ashanti (1895-96).

ganhei muito por estudar o caráter dos chefes sob cujo comando servi de tempos em tempos.

Lord Wolseley[644], por exemplo, dizia: “Prefira usar o seu bom senso antes que as instruções do manual”.

Sir Baker Russell[645] atribuía responsabilidade e confiava em seus oficiais. Também dotado de rápida intuição, tomava decisões rápidas e, estando certo ou errado, levava-as a efeito com ímpeto; enquanto Sir Henry Smyth[646], exatamente o oposto, tomava meticuloso cuidado em pensar na correta linha de ação, até mesmo para usar a palavra exata, então ele nunca cometia um erro.

Cecil Rhodes, por outro lado, tinha uma visão muito ampla, mas era propenso a descuidar de detalhes.

Lord Roberts[647] era um chefe que usava aquela poderosa alavanca, o contato pessoal, e Lord Plumer[648] sempre jogava a partida pensando em seu time sem considerar quaisquer ambições pessoais.

Sir Bindon Blood[649], com toda sua experiência, estava sempre disposto a aprender.

Sir Frederick Carrington[650] soltava contagiantes gargalhadas que despedaçavam qualquer dificuldade quando emergisse.

Esse estudo de personagens vivos me ajudou muito, e aqueles que se interessarem por fazê-lo podem descobrir nele grande utilidade.

---

[644] Ao tempo da Guerra Bôer, Sir Garnet Wolseley era Comandante-em-Chefe do Exército Britânico.

[645] Foi comandante do 13º de Hussardos quando B-P foi oficial subalterno e intermediário.

[646] Tio materno de B-P. B-P foi seu Ajudante-Secretário da rebelião de Dinuzulu (1888) até o término do mandato como Governador de Malta (1890-93).

[647] Comandante das forças britânicas na Guerra Bôer e depois Comandante-em-Chefe do Exército Britânico.

[648] Ao tempo do Cerco de Mafeking, comandou a coluna móvel na fronteira com a Rodésia, articulando-se com a defesa da Mafeking.

[649] Comandou as forças britânicas na repressão a (mais de) uma rebelião dos afegãos.

[650] B-P foi seu Chefe de Estado-Maior na repressão à rebelião matabele (1896-97).

Frequentemente tenho insistido com meus jovens amigos a, quando encarando um adversário, “jogar polo” com ele; isto é, não arremeter sobre ele impensadamente, mas cavalgar lado a lado com ele e gradualmente afastá-lo do seu caminho. Nunca perca as estribeiras com ele. Se você estiver certo, não precisa fazê-lo; se estiver errado, você não pode se dar a esse luxo.

Numa situação difícil, um guia infalível é perguntar a si mesmo: “O que o Cristo teria feito?”, e então fazer isso – tão perto de fazer isso quanto lhe seja possível.

Possivelmente a melhor sugestão resumida de como levar a vida foi a dada pelo meu velho Diretor de escola [em Charterhouse], Dr Haig-Brown, em 1904, quando escreveu sua *Receita para a Velhice*.

Uma dieta leve e frugal,
Liberdade das preocupações financeiras básicas,
Trabalho abundante e pouco ócio,
Mais amor pelo dever que pelo prazer,
Uma mente equilibrada e satisfeita
Com a caridade para com toda a humanidade,
Alguns pensamentos sagrados demais para serem mostrados
À plena luz dos dias comuns,
Um lar tranquilo, uma esposa amorosa,
Filhos, que são uma coroa da vida;
Estas coisas prolongam os anos do homem
Para além do restrito horizonte do salmista.

Olhando para trás em meu “restrito horizonte”, dois pontos brilhantes, dentre muitos, que de imediato e instintivamente vêm à mente são:

Na Vida nº 1, o tempo rude entre bons companheiros no *veldt* tostado pelo sol na campanha matabele; e na Vida nº 2, uma mãozinha quente puxando-me para baixo até que seus dois braços pudessem envolver-me o pescoço, quando, com um suave beijo molhado, ela sussurrava: “Só mais uma história para eu dormir, papai”.

Vesperascit [651]

Escrevo estas páginas sentado em meu jardim, ao final de um dia perfeito de final de setembro, com o avermelhado clarão do poente dando nova tonalidade às luzes e sombras da mata abaixo, e uma névoa violácea se vê sobre as colinas distantes por onde passeei.

Há perfume de rosas no ar – e de madressilva. Uma gralha grasna sonolenta nos olmeiros próximos, respondendo ao distante arrulho de uma pomba. Uma abelha zumbe preguiçosamente ao passar a caminho da colmeia. Tudo é paz na casa ao crepúsculo, antes que a noite caia.

Ela está sentada ao meu lado, no silêncio do companheirismo, tendo partilhado um bocado das fadigas da tarde – e de suas alegrias. É bom vadiar um pouco, de um meio-cansaço honesto, e olhar para trás e sentir que apesar de se ter passado o dia e que, a despeito das limitações, não foi um dia ocioso, e que foi inteiramente aproveitado, e que é uma sorte ter a riqueza de poucas necessidades e ainda menos arrependimentos.

De uma janela em cima vem a risonha conversa das crianças indo para a cama.

Amanhã será o *seu* dia.

Tomara que seja tão feliz como foi o meu, Deus as abençoe.

Quanto a mim – em breve chegará a minha hora de dormir. Portanto –

BOA NOITE!

"Dormir após o trabalho, chegar ao porto após passar por mares tempestuosos, sossego depois da guerra, morte após a vida, realmente dão prazer".

[651] Latim no original. "Chega a noite".

POSFÁCIO

Após percorrer com Baden-Powell sua autobiografia, constatamos que ele era, em primeiro lugar, um bom contador de histórias[652] – daqueles que fazem virar a noite sem perceber, no rabo do fogão de lenha com café e pão de queijo. Podemos ver, também, que ele não foi super-homem (como qualquer de nós, estava sujeito a ficar doente, ferir-se ou morrer, ter medo, raiva e tristeza), nem santo; pelo contrário, ao longo da vida continuou a ser o que se chamaria "um menino atentado" – mesmo quando Comandante do 5º Regimento de Dragões da Guarda, estava disposto a uma molecagem[653], como a "farsa de Simla". Não foi sicofanta nem procurou benesses para si próprio. Como comandante, buscou o bem-estar dos subordinados, mostrando-se mais líder do que chefe. Foi corajoso sem ser temerário. Teve (muitos) lances de sorte para os quais soube preparar-se e aproveitar.

Outros casos divertidos da vida do "Toalha de Banho" podem ser lidos em *Memories of India*, ou em *Adventures and accidents*, ou mesmo em seus relatos da queda de Prempeh e da campanha matabele.

Como o livro termina em 1933, obviamente não há menção à sua morte (em 1941), nem a importantes eventos como a ascensão de regimes totalitários de direita (fascismo na Itália; nazismo na Alemanha; franquismo na Espanha) e de esquerda (comunismo na União Soviética, estendendo-se no pós-guerra à Europa Oriental e várias ex-colônias) que suprimiram o Escotismo até a queda desses regimes; ou aos Jamborees da Hungria (1933) e da Holanda (1937) – o Jamboree da Holanda, último antes da nova guerra mundial, seria a última aparição pública de B-P, que se mudou para Nyeri (Quênia) em 1938. No Quênia, ele aproveitaria muitas oportunidades de fazer disparos em direção de animais: agora não com um fuzil, mas com uma câmera fotográfica.

---

[652] Aliás, mesmo os manuais militares que escreveu estão fartamente recheados de "causos".

[653] Quando, em nossa juventude, lemos este livro, o Clã Pioneiro a que pertenci deu-lhe o título extra-oficial de *76 anos de molecagem*.

Em 1933, B-P escreveu a Mussolini enfatizando as brutais diferenças entre a *Opera Nazionale Ballila* e o Escotismo; poucos anos depois, ao trocar correspondências com o Coordenador da Juventude Alemã, parece ter, ao menos de início, deixado de perceber que as associações juvenis estatais alemãs seguiam na mesma linha que ele criticara em Mussolini: usando ferramentas do Escotismo (atividades ao ar livre, jogos, vida em equipe) para inculcar nos jovens uma ênfase na marcialidade, vigor físico e obediência, hierarquização entre as pessoas para o gozo de direitos (ou mesmo para existir), preparação para a guerra e a submissão (ou extermínio) dos "povos inferiores" – em contraposição ao que o Escotismo propõe, como a construção da autonomia, a liberdade de pensamento e expressão, a igualdade em deveres e direitos (dando o devido desconto à mentalidade imperial, ainda nesse tempo) e a promoção da paz e progresso entre os povos. Posteriormente, ele constataria essa distorção. Como curiosidade, numa lista de "indivíduos a serem eliminados" quando a invasão nazista da Grã-Bretanha fosse bem-sucedida, Baden-Powell era um dos primeiros nomes.

Em 1937, por ocasião do seu 80º aniversário, B-P esteve na Índia, onde novamente o 13º de Hussardos estava aquartelado, para ser homenageado participando da última formatura a cavalo do seu velho Regimento, então em fase de mecanização (recebendo veículos blindados). Inclusive, o 13º/18º de Hussardos (denominação recebida em 1922), alguns anos depois, dotado de carros de combate M4 Sherman, participou dos desembarques na Normandia (Operação Overlord, 06/06/1944). Após o falecimento de B-P, Lady Olave voltou à Inglaterra, prosseguindo como Guia-Chefe Mundial, e, após falecer em 1977, foi sepultada junto ao marido em Nyeri.

Em 2020, a onda de desconstrucionismo histórico e iconoclastia chegou até mesmo a B-P. Sua estátua em Poole chegou a ser ameaçada, e sua memória, atacada. A estátua passou um tempo protegida por tapumes, e alguuns exacerbaram a troca de correspondência com a Alemanha, mencionada acima, para dizerem que B-P era simpático ao

nazismo (curioso, colocar um "apoiador" na lista de sujeitos perigosos a serem eliminados[654], não?).

Quando há conflito, salvo em casos de manifesta perversidade, um indivíduo será bom para um dos lados e um bandido para o outro. Assim, B-P, como integrante do braço armado do Império, tinha a incumbência de manter os povos submetidos nessa condição. Do ponto de vista do Império, foi um leal servidor empenhado na manutenção da ordem; do ponto de vista dos povos coloniais, foi um agente da repressão.

Como militar, Baden-Powell tinha as hipóteses de matar, morrer ou ser ferido como inerentes à natureza da profissão. E ainda assim, não cometeu atos que fossem além das circunstâncias do combate: não destruiu aldeias, não submeteu prisioneiros a torturas, não agrediu não-combatentes.

Além disso, há que se ter em mente que ele foi educado e viveu quase toda sua "primeira vida" no século XIX, em plena "Era dos Impérios" e sob a moral vitoriana. Não faz sentido querer que um homem (no lado dominante de uma potência imperial) vivendo no século XIX tenha os mesmos parâmetros de conduta considerada aceitável no XXI. E ainda assim, mostrou ter uma visão bem mais avançada que a maioria de seus contemporâneos. Por exemplo: em lugar de mandar as "Escoteiras" de 1909 de volta para casa, pôs-se ao trabalho para construir uma versão do Escotismo que atendesse às meninas – algo muito inovador numa época em que se pontificava que "lugar de mulher é dentro de casa". Outro exemplo que o destaca é que, mesmo sendo filho de um ministro religioso anglicano, a vida no Império, em contato com uma enorme variedade de etnias e crenças, deu-lhe uma abertura de pensamento espiritual incomum, especialmente nos parâmetros

[654] A "Lista Especial de Buscas" (*Sonderfahndungsliste* GB) de Walter Schellenberg, parte do plano nazista de invasão da Grã-Bretanha em 1940 (ROBERTS, Andrew. *A tempestade da guerra*. Rio de Janeiro: Record, 2012, p.128-129). Alguns nomes: Winston Churchill; Clement Attlee, Robert Baden-Powell; Norman Angell; Max Aitken; Edvard Benes; Neville Chamberlain; Sigmund Freud (morto desde 1939); Charles de Gaulle; Anthony Eden; Jan Masaryk; Bertrand Russell; Chaim Weizmann (www.wikipedia.org).

“cristãos” de seu tempo; tanto que fez do Escotismo desde o início não um Movimento cristão, mas de livre confissão.

Os seres humanos aprendem por espelhar-se em referências. B-P pode ser considerado uma referência boa ou, no mínimo, divertida. É importante conhecer não apenas os seus “grandes” feitos, mas também o contexto em que ocorreram (até para colocar a “grandeza” nas devidas proporções), e as suas limitações e os erros cometidos, que o trazem de volta à nossa dimensão humana e o tornam passível de ser imitado (ou não) pelos “pobres mortais”.

O Movimento juvenil que “Bathing-Towel” acabou criando vem sobrevivendo a mais de um século compreendendo convulsões, guerras mundiais, guerras ideológicas e religiosas, descolonização, balcanização, ressurgimento de propostas totalitárias, doenças antigas e novas, “limpezas étnicas” e inúmeros outros tipos de conflito, inclusive internos – o que mostra a validade dos seus fundamentos.

O indivíduo que passou pelo treinamento Escoteiro (homem ou mulher) geralmente desenvolve atributos como: saber cuidar de si e conviver com os outros; trabalhar em equipe; lidar com a frustração, ser resiliente e ter persistente paciência para “tentar de novo”; ser moderado em suas necessidades; usar a criatividade para obter o melhor dos recursos existentes; proceder calcado em uma base moral sólida; respeitar o próximo em suas “esquisitices”, sem deixar de fazer-se respeitar; ter a consciência dos seus deveres para com o grupo social e para consigo mesmo. Isso mostra que, desde o início, o Escotismo “rema contra a corrente” do comodismo, da trapaça, da passividade do rebanho, do egocentrismo e da intolerância.

Que os fundamentos desse incrível Movimento continuem a ser o nosso farol para deixarmos o mundo um pouco melhor do que o encontramos.

OBRAS CONSULTADAS

BADEN-POWELL, Robert Stephenson Smyth. **Lições da escola da vida**. Curitiba: Editora Escoteira, 2009.

_____. **Memories of India**: recollections of soldiering and sport. Philadelphia, David McKay Publisher, 1915 (capturado em www.thedump.scoutscan.com).

_____. **Escotismo para rapazes**. Curitiba: Editora Escoteira, 2006.

_____. **Caminho para o sucesso**. Curitiba: Editora Escoteira, 2007.

_____. **The Matabele campaign, 1896**. London: Methuen & Co., 1897 (capturado em www.thedump.scoutscan.com).

_____. **The Downfall of Prempeh**. London: Methuen & Co., 1900 (capturado em www.thedump.scoutscan.com).

_____. **Marksmanship for boys**: the red feather and how to win it. London: C. Arthur Pearson Ltd., 1915 (capturado em www.thedump.scoutscan.com).

_____. **The adventures of a spy**. London: C. Arthur Pearson Ltd., 1924 (capturado em www.thedump.scoutscan.com).

_____. **Aids to Scouting for NCOs and Men**, revised and enlarged edition. London: Gale & Polden, 1915 (capturado em www.thedump.scoutscan.com).

_____. **Adventures and accidents**. London: Methuen & Co., 1934 (capturado em www.thedump.scoutscan.com).

_____. **Cavalry Instruction**. London: Harrison & Sons, 1885 (capturado em www.thedump.scoutscan.com).

_____. **Quick training for war**: a few practical suggestions illustrated by diagrams. Toronto: Bell & Cockburn; London: Herbert Jenkins Ltd., 1914 (capturado em www.thedump.scoutscan.com).

BEAUMONT, Marguerite de. **The wolf that never sleeps**: a story of Baden-Powell. Rochester: Stanhope Press, 1949 (capturado em www.thedump.scoutscan.com).

CASARA, Rubens R. R. **Estado pós-democrático**: neo-obscurantismo e gestão dos indesejáveis. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.

DAVID, Saul. **Military blunders**: the how and why of military failure. New York: Carroll & Graf Publishers, 1998.

DIMMOCK, F. Haydn. **The Scouts' book of heroes**: a record of Scouts' work in the Great War. London. C. Arthur Pearson, Ltd., 1919.

FERGUSON, Niall. **O horror da guerra**: uma provocativa análise da Primeira Guerra Mundial. São Paulo: Planeta, 2014.

HASTINGS, Max. **Catástrofe – 1914**: a Europa vai à guerra. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2014.

HOBSBAWM, Eric. **A era dos impérios**: 1875-1914, 3.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

HOBSBAWM, Eric. **Era dos extremos**: o breve século XX, 1914-1991. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

JEAL, Tim. **Baden-Powell**. Londres: Pimlico, 1991.

KERSHAW, Ian. **De volta do inferno**: Europa, 1914-1949. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

KIPLING, Rudyard. **The jungle books**. London: Penguin Books, 1994.

KNIGHTLEY, Phillip. **A primeira vítima**: o correspondente de guerra como herói, propagandista e fabricante de mitos, da Criméia ao Vietnã. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1978.

LEVISTKY, Steven; ZIBLATT, Daniel. **Como as democracias morrem**. Rio de Janeiro: Zahar, 2018.

PERRRETT, Brian. **Last stand!** Famous battles against the odds. London: Cassell, 1991.

REYNOLDS, E. E. **Our Founder**, Patrol Books nº 19. London: Boy Scouts Association, 1960.

RIBEIRO, Antônio Boulanger Uchôa. **O Chapelão**: histórias da vida de Baden-Powell, 3.ed. Rio de Janeiro: Letra Capital, 2011.

ROBERTS, Andrew. **A tempestade da Guerra**. Rio de Janeiro: Record, 2012.

RUNCIMAN, David. **Como a democracia chega ao fim**. São Paulo: Todavia, 2018.

SAUNDERS, Hilary St George. **The left handshake**: the Boy scout Movement during the War, 1939-1945. London: Collins St James's Place, 1949.

SHAKESPEARE, William. **Henrique V**. Porto: Lello & Irmão, 1955.

SONDHAUS, Lawrence. **A Primeira Guerra Mundial**: história completa. São Paulo: Contexto, 2015.

STEVENSON, David. **1914-1918**: a história da Primeira Guerra Mundial. Barueri, SP: Novo Século Editora, 2016.

WADE, Eileen Kirkpatrick. **The Chief**: the life story of Robert Baden-Powell. London: Wolfe Publishing Ltd., 1975.

_____. **The piper of Pax**: the life story of Robert Baden-Powell. London: C. Arthur Pearson Ltd., 1924.

FILMES

- Gandhi (*Gandhi* – 1983), dirigido por Richard Attenborough.
- O homem que queria ser rei (*The man Who would be king* – 1975), dirigido por John Huston.
- Zulu (*Zulu* – 1964), dirigido por Cy Endfield.
- Esperança e Glória (*Hope and Glory* – 1987), dirigido por John Boorman.